

NARRATIVAS DE SUJEITOS

Programa de Mestrado Profissional em
No âmbito, específico, teórico-metodológico do curso de história
uma viagem interessante de matizes variados, de tons coloridos e outras
quadro de professores das escolas estaduais era composto em sua maioria por professores
Assim, no ano de 1991 nos mudamos para a casa que estava apenas levantada e com a
inovava criando seu próprio programa de intercâmbio: o IFCE Internacional. Na
O processo de escrita da autobiografia exige, portanto, uma reflexão crítica sobre o
nunca agindo para o agrado do outro, mas sim para meu deleite. Alegações essas das quais desconho
de liberdade ou de irresponsabilidade, como julgem melhor, pois os dois, nesse ponto, me soavam muito
vítima alcançada, desde as que parecem miúdas até as mais grandiosas. É acolhida por mim com convicção
Não somos distintos, meu trajeto e eu, como dois objetos separados. Eu faço meu trajeto e meu trajeto me faz.
Mãe, trabalhadora, servidora pública, administradora por formação e educadora por convicção, que inicia o percurso
Desde cedo, eu percebi que só poderia mudar a minha realidade se me dedicasse aos estudos e acreditem, não foi difícil
Li praticamente toda a bibliografia recomendada por ela. As sugestões dela foram fundamentais para a minha mudança de
Segundo Cunha (1997), quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, acaba por reconstruindo a trajetória
uma condição de total raposo na adolescência para uma dedicação total e quase exclusiva aos estudos. Nem no cinema
O veloz balançar das minhas pernas enquanto escrevo sinalizam uma corrente ansiosa de pensamentos aleatórios que
encontrei outra realidade, as crianças eram de cada um, bem como meu próprio, me fez chegar à hipótese de que eu sou
Esse ser incompleto que se transforma em um processo de cada um, com a qual dediquei muitas horas de meus dias com brincadeiras
Sujeito a cada nova experiência. A escola melhorou do ensino de línguas estrangeiras e aprendi a falar por meus anseios, dos mais elementares aos sonhos mais distantes. Quando
Conhecer na vida real o real. A escola alta e enfrentar os desafios e lutar por eles, sempre com a qual dediquei muitas horas de meus dias com brincadeiras
Por outro lado, aprendi a enfrentar os desafios e lutar por eles, sempre com a qual dediquei muitas horas de meus dias com brincadeiras
parceira de peraltes e de brigas nessa fase foi a minha primeira experiência com a qual dediquei muitas horas de meus dias com brincadeiras
tomar-me servidor público de um órgão federal e ingressar numa escola, na assistência
efazer caminhos mentalmente, é interessante a resignificação do meu passado, e eu
juntos inventamos os mais variados brinquedos e brincadeiras a partir da minha antiga experiência em uma escola, na assistência
também são os laços que construímos em nosso passado, e eu
lhar sensível e crítico sobre os papéis que construímos em nosso passado, e eu



Memórias de sujeitos em processos formativos

ORGANIZADORES:

FRANCISCO REGIS VIEIRA ALVES | JEFFERSON QUEIROZ LIMA
SANDRO CESAR SILVEIRA JUCA | SOLONILDO ALMEIDA DA SILVA

Narrativas de Si:

memórias de sujeitos em processos formativos

Volume 2

Organizadores:

Sandro César Silveira Jucá
Solonildo Almeida da Silva
Francisco Régis Vieira Alves
Jefferson Queiroz Lima

Narrativas de Si:

memórias de sujeitos em processos formativos

Volume 2





OS AUTORES responsabilizam-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo desta OBRA, bem como isentam a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA, que declaram sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

Narrativas de si:
memórias de sujeitos em processos formativos – volume 2

Copyright © 2020, Sandro Cesar Silveira Juca ... [et al.].
Todos os direitos são reservados no Brasil

Impressão e Acabamento:
Pod Editora
Rua Imperatriz Leopoldina, 8/1110 – Pça Tiradentes
Centro – 20060-030 – Rio de Janeiro
Tel. 21 2236-0844 • atendimento@podeditora.com.br
www.podeditora.com.br

Projeto gráfico:
Pod Editora

Revisão:
Pod Editora

Layout de capa:
Christiano Barbosa Porto Lima

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação etc. – nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização dos autores.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

N189

Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos, volume 2 / organização Sandro Cesar Silveira Juca ... [et al.]. – 1. ed. – Rio de Janeiro : Pod, 2020.

p.300 il. ; 21 cm. Formato: epdf

Requisitos do sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia e índice

ISBN: 978-65-86147-10-0

1. Educação. 2. Estudantes universitários. 3. Formação profissional. 4. Profissões - Desenvolvimento I. Juca, Sandro Cesar Silveira.

19-57446

CDD: 378.198

CDU: 378.04

27/04/2020

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

Conselho Editorial – Professores

Adéle Cristina Braga Araújo	(IFCE)
Adriana Moreira da Rocha Veiga	(UFSM)
Aline Maria Freitas Bussons	(URCA)
Ana Cláudia Uchôa Araújo	(IFCE)
Antônio Álder Teixeira	(IFCE)
Basílio Rommel Almeida Fachine	(IFCE)
Cíntia de Lima Garcia	(Estácio)
Exedito Wellington Chaves Costa	(IFCE)
Fabiano Geraldo Barbosa	(IFCE)
Francisco de Assis Francelino Alves	(IFCE)
Francisco Herbert Rolim de Sousa	(IFCE)
Geraldo Luís Bezerra Ramalho	(IFCE)
Grayce Alencar Albuquerque	(URCA)
Helena de Lima Marinho Rodrigues Araújo	(UECE)
Jörn Seemann	(URCA)
Leandro Araujo de Sousa	(IFCE)
Luciane Germano Goldberg	(UFC)
Luis José Silveira de Sousa	(IFCE)
Marcus Flávio Alexandre da Silva	(UECE)
Maryama Naara Felix de Alencar Lima	(FIP)
Patrícia Helena Carvalho Holanda	(UFC)
Patrícia Ribeiro Feitosa Lima	(IFCE)
Paulo Sergio de Brito	(IFCE)
Raimundo Leandro Neto	(IFCE)
Ricardo Carvalho de Figueiredo	(UFMG)
Simone Cesar da Silva	(IFCE)
Solonildo Almeida da Silva	(IFCE)
Tháise Luciane Nardim	(UFT)

Sobre os organizadores

Sandro César Silveira Jucá possui Nivelamento Universitário (Studienkolleg) na Technische Hochschule Köln - Alemanha (1996 a 1998) e Graduação em Tecnologia Mecatrônica pelo Instituto Federal do Ceará (2002). É Especialista em Automação Industrial (2003) e Licenciado em Física (2005) pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Mestre (2004) e Doutor em Engenharia Elétrica (2014) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) com pesquisa realizada na Universität Paderborn - Alemanha e apoio do programa de Doutorado Sanduíche do Deutscher Akademischer Austauschdienst (DAAD). Realizou também estágio de pesquisa pós-doutoral (2019) na Universidad de Cádiz - Espanha com apoio da Fundación Carolina. É membro fundador da Academia Cearense de Matemática (ACM) e atualmente é professor e pesquisador do IFCE, docente permanente do ProfEPT (Mestrado em educação profissional e tecnológica em rede nacional) e do Mestrado Acadêmico em Energias Renováveis (PPGER). Pesquisa na área de Mecatrônica e Engenharia Elétrica, dentro dos seguintes temas: Energias Renováveis, Sistemas Embarcados, IoT, Robótica, EaD e Educação Profissional.

Solonildo Almeida da Silva possui graduação em Geografia / Licenciatura Plena pela Universidade Estadual do Ceará(1999), graduação em Sistemas e Mídias Digitais - SMD pela Universidade Federal do Ceará(2013), graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará(2009), graduação em Teatro pela Universidade Federal do Ceará(2020), especialização em Formação de Formadores pela Universidade Estadual do Ceará(2003), especialização em Metodologias do Ensino de Geografia pela Universidade Estadual do Ceará(2002), mestrado em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará(2005), doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará(2011), pós-doutorado pela Universidade Federal do Ceará(2016) e curso-tecnico-profissionalizante em Assistente Básico em Administração pela Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra(1994). Atualmente é Pesquisador do IMO da Universidade Estadual do Ceará, Professor do Instituto Federal do Ceará -

voltada ao ensino de Cálculo I, II, III, Análise Complexa, EDO, Teoria dos Números. E na Universidade Aberta do Brasil, com o ensino a distância de Matemática. Desenvolve pesquisa direcionada para o ensino do Cálculo a Várias Variáveis e sua transição interna. Atua também no Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática (ENCIMA) - UFC. Revisor e parecerista ad hoc dos seguintes periódicos: Vydyá Educação, Sinergia - IFSP, Rencima - Revista de Ensino de Ciências e Matemática, Revista do Instituto Geogebra de São Paulo, Tear - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia, Boletim Online de Educação Matemática - BoEM e revista REMAT: Revista Eletrônica da Matemática. Comitê editorial do Boletim Cearense de Educação e História da Matemática (BOCEHM) e Coordenador do Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Matemática - PGECM/IFCE (acadêmico). no período de 2015/2020 e Membro do Conselho Científico da revista ForScience - IFMG. Avaliador da EURASIA Journal of Mathematics, Science and Technology Education e International Electronic Journal of Mathematics Education. Parecerista de projetos para a Chamada CNPqNº 09/2020 - Bolsas de Produtividade em Pesquisa - PQ. Participou da coordenação e implantação do primeiro doutorado no Instituto Federal de Ciências e Tecnologia do Estado do Ceará.

Jefferson Queiroz Lima é Professor do Instituto Federal do Ceará (IFCE) - Campus Caucaia. Possui Licenciatura em Química (2003), Mestrado (2005) e Doutorado (2010) em Química pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) e atualmente ocupa o cargo de Diretor Geral do IFCE Campus Caucaia. Tem experiência na área de Química de Produtos Naturais, Recursos Hídricos e Educação Química.

Prefácio

Escrever exige atenção. Portanto, serei atento e zeloso diante da missão de prefaciá-la uma obra feita com encanto e que expressa o pensamento de muitas vidas.

Cada capítulo espalha uma semente que brotará no canto de meus lábios um intenso sorriso. Em cada página uma história de vida que, mais tarde, encontrou outras vidas com uma procura comum de realizar um mestrado em Educação Profissional e Tecnológica.

Quem sabe os motivos e as angústias até ingressar em um mestrado? Melhor conhecê-los pelas múltiplas vozes de quem vive. Histórias narradas pelas próprias pessoas, sujeitos de si mesmos, que estão imortalizados no livro para serem lembrados pelo tempo do infinito enquanto dure a leitura.

Escolher o conteúdo de um livro, a edição, a diagramação, a revisão, tudo isso é desejar conquistar os corações e almas dos leitores. Em seu segundo volume, o livro Narrativas de Si também registra a memória de quem compõe o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Que esses sujeitos cativem os leitores a conhecerem a profícua produção do ProfEPT!

Solonildo Almeida

Coordenador do ProfEPT

Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica

Sumário

Conselho Editorial – Professores	5
Sobre os Organizadores	7
Prefácio	9
Um longo caminho	15
Adriano Bayma de Mesquita	
Construção e desconstrução de uma trajetória de lutas.....	21
Ana Mirta Alves Araújo	
Memórias de Ana da Esperança	33
Ana Paula Albuquerque de Sousa	
A construção das minhas memórias tem sua base na escola.....	43
Anatália Franco Silva Guedes	
Trajetórias de esperança	53
Brena Késia Ribeiro Alves	
Trajetórias femininas de diferenças	61
Bruna Carneiro de Oliveira	
Eu, objeto	75
Christiano Barbosa Porto Lima	
Aprendizado de Voo: um exercício contínuo!!!	83
Clauthenys Lara Prata Machado	
Caminhos de uma mestrandia: interações entre oportunidades e desafios.....	97
Daniela Sales de Souza Aragão	
Caminhos e descaminhos: Formação de Identidade e Percurso Formativo	113
Denise de Araújo Silva Holanda	
Pelos caminhos formativos: ressignificando olhares num reencontro comigo.....	125
Dheysa Paulo Parente	
A Arquitetura da Essência.....	139
Jonathan Felipe da Silva	

Memórias de um Jovem Embaixador: o papel das instituições na formação do ser humano.....	149
	José Hemison de Sousa Magalhães
Diálogo com a subjetividade: ressignificando memórias	161
	Kayciane Assunção Alencar
Memórias de uma mente acelerada	167
	Leonardo Bezerra da Silva
Meu memorial. Eu que escrevi	183
	Lucélia Fernandes de Almeida Lima
O que há dentro da gente é desejo de sonhar	195
	Manuella Nobre Pitombeira da Silva.
Memórias de uma trajetória de vida	205
	Nágla de Assis Costa
Sou historicamente o enlaçamento de muitas outras histórias.....	221
	Rejane Aguiar Alcântara Neves[1]
Costurando, refletindo e contemplando subjetividades.....	231
	Samara Ferreira de Souza
Eu venho lá do sertão: memórias de um piauiense entre raízes, reveses e oportunidades	243
	Samoel Rodrigues da Silva
Tecendo uma história de luta.....	267
	Sheila de Sousa Teodosio
Revivendo minhas memórias: trajetos de uma professora questionando os limites do ato de ensinar e de aprender.	279
	Silvia Helena Barros Costa
De volta à pesquisa.....	291
	Yuri Feitosa Benevides

Um longo caminho

Adriano Bayma de Mesquita 1

Introdução

O primeiro desafio: buscar na memória a história de uma vida; lembrar de momentos marcantes e ir além; compartilhar; expor-se, mostrar-se como filho, irmão, amigo, marido, aluno, professor, profissional; dividir momentos que me fizeram sorrir, chorar, amar, compartilhar, orgulhar-se, aprender, viver. O primeiro de muitos, nesta jornada chamada ProfEPT. Não espero menos, não desejo menos.

Os primeiros anos

D. Fransquinha, Sr. Chiquito, Ailton, Ariston, Aristônia, Airton, Amilta, Alcion, Adriana e Adriano - minha família, minha base, minhas primeiras lembranças.

Nasci no dia 25 de abril de 1972, ano do atentado nas Olimpíadas de Munique e da reeleição de Richard Nixon nos Estados Unidos. No Brasil: tem início a “Guerrilha no Araguaia”; o incêndio no edifício Andraus em São Paulo. O primeiro computador brasileiro é construído por uma equipe da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e o primeiro da América do Sul é inaugurado. Mas, no meu mundo, isso não importava. Meu mundo eram os sons, os cheiros e as cores de uma pequena casa.

Lembranças da casa na Rua Joaquim Leitão, 905 - Bairro do Barro Vermelho, hoje: Antônio Bezerra. Lembranças de minha rede, de minha mãe sempre trabalhando e sorrindo. Lembranças do seu ditado predileto: "Um dia depois do outro, com a noite no meio". Lembranças do meu pai

¹ Professor do IFCE e mestrando do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Graduado em Tecnologia de Redes de Computadores pela Unice e especialista em Informática na Educação pela Faculdade Venda Nova do Emigrante. E-mail: adriano.bayma@ifce.edu.br

e seu táxi - um fusca amarelo. Lembranças de como ele me disse, no dia 31 de dezembro de um ano que não mais lembro, que ia trabalhar e só voltaria no próximo ano, partindo meu coração e fazendo-me chorar. Lembranças dos meus irmãos mais velhos e seus cabelos longos e suas calças boca de sino. Saudades do "Bênça, Mãe; Bênça, Pai".

Lembranças das casas geminadas, da rua sem calçamento onde podíamos correr e jogar bola, sem medo. Não havia sistema de distribuição de água, mas tínhamos a "lagoa", onde brincávamos e capturamos o peixe "Beto". Lembranças do Sr. Mundico, portador de uma bondade e de uma sabedoria que nunca encontrei iguais. Sua reza poderosa nos protegia das doenças e do "mau olhado". Lembranças das brincadeiras, do tempo livre, dos amigos, das conversas na calçada, das brincadeiras de bila, triângulo, pipa, de andar de bicicleta sem medo.

Lembranças da primeira televisão, em "preto e branco", enorme e com um transformador. Lembranças de como pedi para meu irmão me explicar como algo tão maravilhoso funcionava. O mundo era simples e, ao mesmo tempo, cheio de coisas fantásticas.

A perda do meu pai na adolescência foi marcante, sinalizou o fim de minha infância. O primeiro trabalho: *office boy*, em um escritório de contabilidade. O primeiro salário: às vezes tão pouco, significando tanto. A primeira namorada. O primeiro contato com a bebida: Sapupara amarela (não sei como sobrevivi).

Os fins de semana com dinheiro no bolso, sem precisar pedir tostões, nem lavar carros (ou motos) dos meus irmãos. Os piqueniques para praias distantes: Lagoinha, Canoa Quebrada, entre outras. O refrigerante no isopor, o baião com galetos no "tapawer" (Tupperware). A pracinha da Igreja de Antônio Bezerra, as festas no Memphis Clube, ao som de Plebe Rude, Ira, Capital Inicial, Biquíni Cavado, Blitz e outros clássicos dos anos 80 e 90.

Trabalho/Estudo

O título desta seção poderia ser "Trabalho e Educação" ou poderia ser dividida em duas partes. Mas, para mim, essa dicotomia não faz

sentido. Trabalho e educação dão significado ao ser humano que sou. "Trabalho e educação são atividades especificamente humanas. Isso significa que, rigorosamente falando, apenas o ser humano trabalha e educa" (Saviani, 2007, p.152).

1º de agosto de 1992: meu primeiro emprego de carteira assinada nas Farmácias Pague Menos. Comecei como estoquista, no centro de distribuição e, depois de alguns anos, foi transferido para a tesouraria. Na época, a Pague Menos tinha o setor de CPD (Centro de Processamento de Dados) e de manutenção de computadores.

Sempre que tinha um tempo livre, estava no setor de manutenção, como chamávamos. Aquele mundo de telas, comandos, processadores, HDs e placas-mãe me fascinava. Nos sábados em que estava de folga, ficava no setor de manutenção, aprendendo a formatar e realizar consertos em computadores e impressoras.

Lá, conheci algo que mudaria o mundo: a Internet. Lembro com saudades do som da conexão discada. Nessa época, fiz meu primeiro curso de manutenção de computadores no CEPEP e, depois de ter concluído, consegui minha transferência para o setor de manutenção.

Os anos passaram e fui novamente transferido. Desta vez, para o setor de processamento de dados. Lá, conheci o sistema RENPAC ou Rede Nacional de Comunicação de Dados por Comutação de Pacotes - uma rede comercial de transferência de dados disponibilizada pela Embratel. Esse sistema era utilizado para transferência do "movimento das lojas", ou seja, o conjunto de atividades de vendas, no qual constava: produto, quantidade, valor, vendedor, entre outros itens.

O sistema me obrigava a estar sempre em contato com o pessoal da operadora responsável pela RENPAC, algo que me aborrecia. Eu era tratado como um mero usuário simplório.

Nesse tempo, o gerente de redes da Pague Menos era o Afro Vasconcelos. Ele é uma das pessoas mais inteligentes que conheci e, não apenas isso: uma pessoa que sempre disposta a compartilhar o seu conhecimento de bom grado. A toda hora, ele me tirava dúvidas sobre IP, TPC/IP, Ethernet,

transmissão de dados etc. Seu exemplo me levou a estudar redes de computadores: conjunto de computadores independentes e interconectados por uma determinada tecnologia (Tanenbaum, Wetherall, 2011).

Em 2004, ingresso no curso de tecnólogo em rede de computadores, receoso dos desafios a serem enfrentados. Fiz bons amigos e encontrei professores, os quais admiro até hoje. Não era fácil: trabalho em dois expedientes com faculdade à noite. Porém, só o orgulho de minha mãe ao me ver cursando o ensino superior compensava, em muito, todas as dificuldades.

Sou transferido para o setor de infraestrutura de redes das Farmácias Pague Menos. O aprendizado prático continua.

Concluo o curso em 2007. Infelizmente, minha mãe não viveu para ver essa conquista. Em 2008, realizei um curso para CCNA na academia do SENAI - Waldyr Diogo de Siqueira. O curso mudaria minha vida.

Em novembro de 2009, consigo obter a certificação “Cisco CCNA” e, por causa do meu desempenho em sala de aula, sou convidado para a seleção de instrutores educacionais do SENAI, ficando em segundo lugar.

2010: ano de muitas mudanças. Em janeiro: sou admitido no SENAI, para trabalhar na mesma unidade em que fiz o curso CCNA; compro meu primeiro carro; começo a namorar Luziânia - seu cabelo negro e curto, seu bom humor e sua inteligência me conquistam. Com ela, começo a conhecer o mundo.

2011 a 2012: casamento, concurso para IFCE, licenciatura e participação na Olimpíada do Conhecimento do SENAI, em São Paulo. Minha Aluna, Edilaine Santiago (hoje colega no IFCE), consegue o 3º lugar em Redes de Computadores - colocação nunca atingida (nesta modalidade) pelo Ceará. Ingresso no IFCE - *campus* de Iguatu. Novos desafios, novas alegrias.

ProfEPT

Tentativas em 2017 e em 2018. Finalmente, sou aprovado em 2019: uma conquista nada fácil, pois a seleção do ProfEPT se fundamenta em bases conceituais distantes da minha área de atuação.

Muitas vezes escutei: "Não vou participar, é muito difícil" - mesmo de pessoas de áreas pertinentes ao programa. Não desisti, perseverei. Foi um longo período de estudo de conteúdos bem diferentes do meu campo de formação e de trabalho. Foi bastante tempo de esforço e abdicção, de rotina de estudo.

Cada tentativa era um recomeço ao mesmo tempo em que era a continuação da caminhada.

O primeiro texto que li para a seleção de 2019: "A pedagogização do conhecimento" - assustou por sua complexidade. Pensei: "se o primeiro é assim, imagine os outros. Será que consigo?"

Por sorte, encontro o Bora Aprender do professor e hoje colega de ProfEPT Paulo César. Sua primeira dica: uma lista de leitura que me guiou pela jornada. Sua didática e sua disponibilidade constantes foram decisivas. Agradeço muitíssimo.

Tais temas me levaram a refletir sobre o papel do professor na sala de aula, na instituição de ensino e na sociedade. Conteúdos que me fizeram pensar (e indagar) sobre a tecnologia e seu uso no ensino.

Agora, tenho a oportunidade de saciar a curiosidade que me acompanha durante o exercício do magistério: a necessidade de ser um melhor professor, com melhor entendimento do que é educação e ensino; a percepção mais lúcida das demandas dos meus alunos; a compreensão mais clara das ferramentas tecnológicas à disposição para educação e, principalmente, de como usá-las.

Quantas vezes na minha curta vida ouvi "sobre a revolução tecnológica em sala de aula"! Hoje é a Internet. Pode ser difícil imaginar: a televisão e o projetor tiveram seu momento de estrelato e não passaram "do mais do mesmo".

A tecnologia pela tecnologia não responde (por si só) os desafios pedagógicos da sala de aula. Pode até causar apatia, indiferença, distração, um interesse efêmero. É necessário ter tecnologias e metodologias que levem à formação integrada, na qual o discente seja o protagonista, com autonomia, disciplina e motivação cultivadas e almeçadas.

Tais ansiedades e reflexões me levaram a estudar Metodologias Ativas. Para Camargo & Daros (2018), "as metodologias ativas baseiam-se em formas de desenvolver o processo de aprender, utilizando experiências reais ou simuladas, visando resolver os desafios da prática social ou profissional em diferentes contextos".

A sala de aula invertida, o uso de jogos, desafios, educação baseada em projetos são metodologias que – acredito – despertam o aluno para novas perspectivas sobre a sala de aula, a aprendizagem, o diálogo com o professor e com sua própria história.

No convívio com meus colegas professores, percebo este mesmo sentimento, mas em muitos, noto que conhecimento e o uso de ferramentas tecnológicas educacionais lhes é estranho e complicado. A partir deste fato, penso em criar um curso on-line, onde apresento o uso de ferramentas, tais como Animaker, Kahoot, Google Docs, entre outros.

A soma de incômodo, necessidade e desejo impulsiona-me a ser um melhor docente - mais capacitado e próximo do aluno, capaz de usar a tecnologia, não apenas como uma ferramenta solitária e vazia, mas associada à educação de autonomia, envolvimento e protagonismo. Todos esses fatores (além de outros que agora não consigo pensar) me guiaram no caminho, hoje parte da trajetória, chamado ProfEPT.

Referências

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie; A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo. 1. ed. Porto Alegre: penso, 2018.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007.

TANENBAUM, Andrew S.; WETHERALL, David; Redes de Computadores:. 5. ed. Pearson Universidades, 2011.

Construção e desconstrução de uma trajetória de lutas

Ana Mirta Alves Araújo²

“Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.”

Caetano Veloso

Esta é a segunda experiência de escrever sobre a minha vida. A primeira foi há 21 anos, quando fazia parte de uma experiência de formação (não formal) de agentes de pastorais da Diocese de Crateús. Já nesse momento fui levada a compreender a importância do “conhece-te a ti mesmo”, - conselho do Oráculo de Delfos aos antigos gregos, e, da condição de conhecer para poder amar, segundo Santo Agostinho.

Senti-me tentada a reler o que eu escrevi e lembrei-me do que diz John Powell:

Não há uma pessoa real, verdadeira e fixa dentro de você ou de mim, simplesmente porque ser uma pessoa, implica sempre tornar-se uma pessoa, estar num processo. [...] Se você me conheceu ontem, por favor não pense que sou a mesma pessoa que você encontra hoje. Experimentei mais da vida, encontrei novos sentimentos naqueles a quem amo, sofri, rezei e estou diferente. (Powell, 2012)

Já não sou mais a mesma pessoa, pois 21 anos de história acrescentaram muitos elementos, tornando-me mais sábia. Abandonei crenças e me apeguei a outras. Convicta disso, inicio minhas memórias, certa de que elas fazem parte da minha construção.

² Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Professora da Rede Estadual do Ceará e da Rede Municipal de Independência (CE). E-mail: mirtaraujo2013@gmail.com

O Sertanejo é antes de tudo um forte

Utilizo-me da citação de Euclides da Cunha para apresentar a minha origem, sobretudo, desejando que ela possa expressar o orgulho que tenho por ser quem sou. Eu sou Ana Mirta Alves Araújo, nasci em uma família de quatro filhos, em dezembro de 1969, no município de Independência, numa comunidade chamada Recife, no estado do Ceará. Naquele tempo existiam as parteiras e as mulheres pariam em casa mesmo. Sou a terceira filha de três mulheres e tenho um irmão que veio depois. Meus pais – Ana e Tarcísio, são trabalhadores rurais, sem-terra. Meu pai é também vaqueiro. As poucas lembranças que tenho da primeira infância se remetem a sua busca por emprego nas grandes fazendas da Região de Independência. Portanto, tenho origem camponesa, sendo que, até a juventude, desenvolvi trabalhos junto com a família no meio rural. Papai, algumas vezes, me levava para a roça no momento do plantio e para fazer a comida para os trabalhadores, pois, sempre plantava em terras afastadas de casa.

O tempo da infância e adolescência foi dividido entre as duas famílias: a dos pais e a da avó materna que era formada por três pessoas: ela, um tio e uma tia - Rita. Passava uns tempos na casa de meus pais e outros com minha avó. Essa é uma lembrança sofrida da infância, pois a partida era sempre dolorosa, eu desejava sempre permanecer onde estava. Mais tarde, na pré-adolescência, é que enfrentei melhor essas partidas. Até os meus 9 anos, quando vovó mudou-se para a cidade, eu só conhecia o espaço rural, lembro-me de poucas idas à cidade na sua companhia. As poucas viagens que fizemos eram a pé, o percurso dava uma média de 10 km.

Em 1983, aconteceu um fato muito marcante: vovó e tia Rita faleceram, em setembro e outubro, respectivamente. Meu tio foi morar com mamãe, então, aquela família que cuidava de mim, que me cercava de mimos, repentinamente, desapareceu. Muitas “amarras afetivas”, emocionais que tive que enfrentar, e ainda tenho, atribuí a tão grande perda. Mamãe decidiu que ficaríamos na cidade estudando, minhas duas irmãs,

eu e meu irmão. Ao jeito deles, e na medida em que puderam, meus pais não mediram esforços para nos oferecer a oportunidade que não tiveram de estudar. Mamãe é analfabeta e papai é apenas alfabetizado.

Eu penei, mas, aqui cheguei

A realidade socioeconômica da nossa família me tirou a oportunidade de uma alfabetização em escolas e eu aprendi a ler sozinha nas cartilhas de minhas irmãs. Quando eu já tinha 9 anos e vovó mudou-se para a cidade, tive contato com uma vizinha, a Sandra, filha de um professor, que se dispôs a ensinar-me as operações básicas de matemática. Assim, aos 9 anos de idade, sem frequentar nenhuma escola, eu lia fluentemente e realizava todas as operações básicas de matemática. No início do ano de 1979, vovó resolveu me matricular em uma escola do estado que ficava próxima a nossa casa – Escola de 1º Grau Presidente Costa e Silva – que ofertava o ensino fundamental - naquele tempo 1º grau, pois estava em vigor a Lei 5692/71. Sem nenhum histórico escolar, partindo das informações dadas sobre “meus feitos” (eu era a menina inteligente que tinha aprendido a ler e escrever sozinha), a escola resolveu que eu devia ser matriculada na 3ª série, era a primeira experiência escolar. Fátima Viana foi minha primeira professora. Algum tempo depois, a professora comentava que eu deveria ter sido matriculada na 4ª ou 5ª série, visto que estava além do nível dos alunos da minha turma. Esse fato me trouxe alguns transtornos - os colegas me rejeitavam, suponho que era tratada com diferença em função do meu desempenho. Por 4 anos seguidos eu recebi o certificado de melhor aluna da sala.

Em 1985, eu cursaria o último ano do ensino fundamental – 8ª série - e, diante de rumores de que a escola do estado não estava autorizada a emitir o certificado de conclusão, o que impediria a continuidade de estudos, minha família conseguiu me matricular, com uma bolsa de estudo, no Centro Educacional Padre Elício Mota, que era uma escola que fazia parte do grupo CNEC- Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. Assim, eu concluí o meu 1º grau e dei continuidade ao 2º grau em uma escola particular. Esta escola teve seu início na década de 70, no contexto

da reforma de 1971. Portanto, obedecendo a Lei nº 5.692/71 que colocou a profissionalização compulsória em todo o ensino de 2º grau, oferecia quatro cursos profissionalizantes: Normal, Comércio, Contabilidade e Administração.

Foi assim que, mesmo já decorridos 5 anos da publicação da Lei 7.044/1982, que extinguiu a profissionalização obrigatória, eu pude ingressar, em 1987, no curso Normal, dando meus primeiros passos em direção a profissão de professora. No entanto, o destino me trouxe outros planos e a minha vida estudantil foi interrompida por uma gravidez não planejada. Tornei-me mãe solteira em abril de 1987, quando Hugo Franklin nasceu e fiquei sem retornar à escola novamente por 5 anos. Fiquei na zona rural com meus pais e meu filho.

Trabalho e formação: um só caminho

Para iniciar a apresentação de um pouco da minha trajetória profissional, utilizarei de uma pergunta de Dante Moura que retrata bem a realidade que vivi e que, por isso, a utilizo de forma afirmativa, porque melhor se aplica: “de que adianta(ria) pensar em um sistema educacional voltado exclusivamente para os que não trabalham, se a realidade se impõe em direção diametralmente oposta?” (MOURA, 2013).

A exceção do ensino fundamental, toda a minha vida de estudante foi concomitante com a vida de trabalho fora de casa. Vivi a primeira experiência profissional como ACS – agente comunitário de saúde. Hugo Franklin estava com 5 meses. Eu trabalhei sete anos na zona rural, de 1987 a 1993, quando passei a trabalhar na zona urbana até fevereiro de 2002. O trabalho na zona rural era muito exigente. Eu utilizava uma bicicleta para o deslocamento até as comunidades com até 8 km de distância.

Em 1992, quando Hugo Franklin já estava com cinco anos, resolvi retornar à escola para dar continuidade ao meu 2º grau, mesmo trabalhando durante o dia como ACS. Eu havia cursado o primeiro ano e poderia ingressar no segundo ano em um curso profissional, mas, infelizmente, a escola já não estava mais ofertando o curso Normal. A opção pelo curso de Técnico em Contabilidade não teve nenhuma motivação

especial, mas, em 1993, obtive o diploma. Nos dois anos que cursei Contabilidade, trabalhava durante o dia andando nas comunidades e me deslocava para a cidade, à noite.

O trabalho de ACS foi uma experiência significativa para minha vivência humana. O contato com as muitas famílias com as quais eu convivía diariamente trouxe muito aprendizado para a vida. Quando passei a trabalhar na zona urbana – área periférica - entrei em contato com uma situação de pobreza além da que eu conhecia. Era muita negação de direitos humanos básicos. Aquela situação de desnutrição, fome, falta de saneamento básico, exigia de nós ACS ações em busca de melhorias junto aos órgãos públicos. Buscávamos organizações da sociedade civil, como a associação do bairro e as lideranças, para tentar parcerias. Nessas buscas fui ao encontro dos grupos do bairro e me engajei nos trabalhos de pastorais do bairro e da Paróquia.

A Paróquia de Independência faz parte da Diocese de Crateús, que nesse tempo tinha como bispo Dom Antônio Batista Fragoso. As experiências de formação oferecidas aos agentes de Pastoral e as vivências nas CEBs - Comunidades Eclesiais de Base foram as mais significativas para a minha formação política. Com um lema de ser uma Igreja Popular e Libertadora com uma clara opção pelos pequenos, a educação (não formal) que era desenvolvida nas paróquias e Diocese visava à autonomia do indivíduo e à transformação da sociedade. Entrei em contato com as ideias de Leonardo Boff, Carlos Mesters, Paulo Freire, Marx e tantos outros. Ali eu entendi que deveria ser uma agente de transformação social e desenvolvi uma grande habilidade em liderança de grupos, o que considero decisivo para me tornar a professora que sou hoje.

E como me tornei professora? Quem diria que o curso que tive que fazer por não ser mais ofertado o curso Normal me levaria para a sala de aula. A minha primeira experiência como professora foi na escola em que eu cursei o meu 2º grau, no ano seguinte da minha conclusão. Diante da necessidade de um substituto para ocupar a vaga de um professor que precisou ausentar-se por um semestre, a direção solicitou aos professores

a sugestão de um ex-aluno ou ex-aluna que pudesse conduzir as aulas e eu fui a indicada. Iniciei em 1994, em disciplinas do Curso de Contabilidade e, em 1995, me foram confiadas também as aulas de Filosofia e Sociologia das turmas de 1º ano - a “habilitação” nesse caso se devia a formação nas CEBs e Pastorais. Em 1997 eu já estava recebendo um diploma de professor destaque num evento promovido pela escola que condecorava algumas categorias de profissionais da cidade, dentre elas a de professor.

O desejo de cursar um nível superior era muito forte e trabalhando como ACS e professora, financeiramente, eu poderia pensar em estudar em outra cidade. Porém, tinha que ser em tempo de férias, pois precisava trabalhar. Assim, em 1997 prestei vestibular para História na UECE - Universidade Estadual do Ceará, em Senador Pompeu, ofertado na modalidade parcelado. Não logrei êxito, mas não desisti. Em 1998 tentei na UVA – Universidade Estadual Vale do Acaraú para Pedagogia e obtive sucesso. De 1998 a 2002 eu me deslocava à Sobral para realizar o meu curso. Os dois últimos semestres foram destinados a um apostilamento em Administração Escolar e Orientação Educacional. O vestibular de 1998 foi o último a ser ofertado no regime parcelado pela UVA.

O ano de 2002 foi decisivo na minha vida: a CNEC fechou as portas em Independência e os funcionários foram demitidos. Então, eu fiz um concurso para o município de Independência-CE e passei. Além disso, estava envolvida no processo de criação da Escola Família Agrícola Dom Frágoso. Por isso, precisava deixar o ACS que eu já trabalhava há 14 anos e foi o que fiz. A associação criada para fazer a gestão da EFA Dom Frágoso solicitou a minha cessão junto ao município, para que eu assumisse o processo inicial da instituição com dedicação exclusiva.

Realizando sonhos

E aqui começa mais um capítulo na história profissional, a mais significativa de todas elas: ser monitora e coordenadora da EFA Dom Frágoso. Por que tanta importância? A EFA é uma experiência de Educação do Campo para filhas e filhos de trabalhadores/as rurais. Significava

poder oferecer da melhor forma possível, um direito que foi negado a mim. Mas, não é só por isso, na essência do seu PPP - Projeto Político Pedagógico, está a transformação da vida de pessoas e de um meio marcado pelas desigualdades - o meio rural. A EFA Dom Fragoso representava a conquista de um povo que luta por seus direitos – os povos do campo. E, acima de tudo, é um ousado desafio, pois, está na contramão do sistema vigente. “A história das Escolas-Família é antes de tudo a história de uma ideia, ou melhor, a história de uma convicção que permanece viva ainda hoje, contra tudo e contra todos. [...] Foi a ideia de uma escola realmente para o meio rural e do meio rural.” (NOSELLA, 2012).

Durante três anos, de 2002 a 2003, dediquei-me exclusivamente à EFA Dom Fragoso, acompanhando todo o seu funcionamento. Foi o momento de implantação das instalações e estrutura física, construção da equipe de monitores, formações, solicitação de autorização de funcionamento, estabelecimento de parcerias, enfim, do que era necessário para a continuidade da experiência. A partir de então, passei a estabelecer outra relação com a EFA: assessorias à nova coordenação, participação nos processos de seleção de professor, elaboração de documentos, processo de seleção de educandos, apresentação do projeto junto à SEDUC, Conselho de Educação e outras necessidades. E assim continuamos até hoje.

Outra experiência profissional significativa na minha vida foi com trabalhadores/as rurais assentados/as da Reforma Agrária Federal. Em 2005, 2009 e 2010, eu integrei equipes do Projeto de ATES - Assessoria Técnica Social e Ambiental, como pedagoga. Infelizmente, o projeto teve muitas interrupções e descontinuidades, o que comprometia o trabalho, mas, foi importante para mim, tanto pelo público atendido como pelas muitas oportunidades de formação, dentre elas destaco um curso em três etapas ministrado pelo professor Ribamar Furtado e a participação no encontro do PRONERA – Região Nordeste.

Em 2003, eu havia passado em um concurso do Estado do Ceará para professor da disciplina de Sociologia e, em 2004, eu fui convocada para assumir aulas em caráter temporário, pois, havia pedido

reclassificação por não ter a habilitação. Diante de expectativas de vir a assumir posteriormente, retornei pra cidade, assumi as aulas justamente na primeira escola em que eu frequentei como estudante - que nesse período já ofertava o ensino médio - e que havia recebido outro nome: Deputado Jerônimo Alves. Nessa escola eu permaneci até 2011, assumindo aulas na área das ciências humanas.

Em 2003 surgiu a oportunidade de um curso de especialização em Psicopedagogia, na cidade de Independência-CE. Os distúrbios de aprendizagens estudados levaram-me a aprofundar a importância da leitura e da escrita no processo de aprendizagem. Minha pesquisa bibliográfica foi sobre esse tema.

Em 2007, quando o concurso para professor expirou, eu havia sido nomeada 5 vezes, no entanto, não havia conseguido a habilitação em Sociologia. Foi quando decidi fazer um curso a distância, para fazer o próximo concurso anunciado para 2008. Sugeriram-me a FGF-Faculdade Grande Fortaleza e, ao visitar a plataforma da instituição, decidi cursar Arte e Educação.

O concurso foi realizado em 2008, eu passei, contudo, quando fui nomeada, em 2009, mais uma vez tive que pedir reclassificação, pois, não havia terminado o curso por falta de orientador para a minha monografia, intitulada “A contribuição da Arte e Educação na formação cidadã”. Uma segunda chamada foi feita em 2011 e finalmente eu consegui a minha efetivação. E, esse é mais um capítulo da minha história Profissional de muitos aprendizados: de 2011 a 2017 assumi coordenação pedagógica em Escolas do Estado.

O aprendizado da participação em Gestão de Escolas

Assumir cargo de gestão não era um desejo meu, mas as poucas aulas de Arte e Educação que eu deveria assumir pelo concurso e que me obrigariam a percorrer vários municípios da CREDE 13 no estágio probatório, “empurraram-me” para uma seleção de coordenação em outro município vizinho ao que eu morava. A diretora da escola que eu trabalhava

em Independência - CE, foi quem quase me obrigou a fazer a inscrição e, em 15 dias, lá estava eu assumindo um trabalho que sequer havia passado pela minha cabeça.

A habilitação em Administração Escolar feita em 2002 já não respondia aos desafios da educação em 2011. Todavia, as formações e vivências dos grupos e pastorais, as experiências vividas na EFA Dom Frágoso e nos assentamentos foram fundamentais na condução dos trabalhos. O desejo de uma gestão democrática, aberta ao diálogo, que precisa da atuação de todos, do porteiro ao professor, tem seu preço, seja diante das exigências burocráticas à falta de envolvimento de um ou outro (não) profissional que se recusa a colaborar na construção do processo. Assim, tenho muito orgulho do trabalho que desenvolvi enquanto coordenadora.

Nos quatro anos em que fiz parte do núcleo gestor de escola de educação profissional, pude perceber a importância do currículo integrado – considero grande desafio. Por meio de formações ofertadas pela SEDUC em 2014, entrei em contato com as ideias de Marise Ramos. Não foi um estudo profundo, no entanto, suficiente para que eu percebesse o quão distante estávamos. Currículo integrado passou a representar um desejo, um sonho. Ao sair da Escola Profissional Maria Altair, em agosto de 2017, saí com a certeza de ter plantado a semente. A equipe docente tinha sensibilidade e conhecimento do tema e fazia ensaios desenvolvendo Projetos Interdisciplinares. Considero os encontros semanais dos professores de cada área do conhecimento e de toda equipe, que continua existindo até hoje, um testemunho disso.

Em agosto de 2017 saí da gestão da Escola Profissional e retornei à minha escola de origem. Sim, aquela onde estudei a primeira vez e onde havia trabalhado de 2004 a 2011. Assumi a regência no Multimeios e passei a contribuir e desenvolver ações de incentivo à leitura por meios de projetos e intervenções. Em 2018, ela passou a funcionar em tempo integral e atualmente se denomina Escola de Ensino Médio e Tempo Integral Jerônimo Alves de Araújo. Também pude retornar à EFA Dom Frágoso para assessorar a equipe de monitores, uma vez por semana.

A saída da gestão me deu mais tempo e eu passei a sonhar com um mestrado. Queria retornar ao espaço de sala de aula como estudante, ambiente riquíssimo de construção coletiva de saberes. O Mestrado ProffEPT/IFCE era a minha oportunidade. Em 2017, me inscrevi, mas, não realizei a prova. Em 2018 fiquei classificada na 6ª suplência. Finalmente, no processo de 2019, pude dar início a realização de mais um sonho, integrando a terceira turma.

Essa vitória era também um sonho do meu companheiro de caminhada, Ronaldo, o qual sempre me incentivou e também pressionou para que eu estudasse e pudesse chegar aqui. Desde 2004 dividimos a vida e nossa família completou-se em 2006, com o nascimento do meu segundo filho – Tarcísio Luiz.

Conclusão

As minhas vivências me fizeram uma pessoa e profissional “múltipla”. Não consigo me conceber por um único aspecto, afinal foram tantos olhares, tantas lutas. Contudo, algumas convicções são mais fortes: a minha ligação com o espaço do campo faz com que eu deseje caminhar por essa estrada.

Considero a Pedagogia da Alternância adotada pelas Escolas Famílias Agrícolas uma metodologia que respeita a especificidade dos povos do campo, que consegue avanços na superação de dicotomias como trabalho manual e trabalho intelectual, teoria e prática, formação geral e formação específica e que assume o trabalho como princípio pedagógico e a pesquisa como princípio educativo, conforme prevê as DCNs.

Acredito que os instrumentos próprios adotados pela Pedagogia da Alternância garantem esse caráter formativo. Em especial o PE – Plano de Estudo, que pode ser referência no desafio da integração curricular e na introdução da pesquisa no ensino médio, em qualquer proposta de educação não só das Escolas Famílias Agrícolas ou Escolas do Campo.

Quando passei a atuar em Escolas Profissionais, o conhecimento que tenho a partir da vivência na EFA Dom Fragoso, e ainda não comprovado cientificamente por mim, me levou a comparar e reconhecê-la como a

melhor experiência de integração curricular e de formação humana e integral que conheci. E, quando eu buscava explicações na sua metodologia, elas sempre me levaram aos instrumentais próprios da pedagogia da alternância que são utilizados no desenvolvimento do processo educativo.

As pesquisas que foram desenvolvidas na EFA Dom Fragoso, nesses 15 anos, versam, em sua maioria, sobre sua contribuição no desenvolvimento social do meio, dos educandos e de suas famílias. Pouca ênfase foi dada a sua experiência de integração curricular e ainda sobre como estes instrumentais próprios da alternância contribuem nesse processo de integração.

Então, sendo eu, neste momento, uma mestranda do Programa de pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pensei em dar minha contribuição por meio de um estudo de como se organiza o currículo na pedagogia da alternância, tendo em vista um grande desafio que se coloca: os instrumentos próprios da pedagogia da alternância só cumprem o seu papel de integração se bem compreendidos por todos os sujeitos envolvidos. Tenho a convicção de que uma cartilha que possa descrever, de forma acessível aos vários sujeitos da alternância, cada instrumental utilizado no tocante ao seu objetivo e forma de aplicação na alternância integrativa, pode se configurar como uma importante ferramenta para a formação e melhor atuação de profissionais, famílias e educandos de instituições que adotam essa metodologia.

É preciso estreitar os caminhos, parecem confusos. As experiências vividas trouxeram esses “multiolhares”, no entanto, quero enxergá-los como possibilidades de escolhas, de etapas.

Referências

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral?. Revista Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720, jul./set. 2013.

NOSELLA, Paolo. Origens da pedagogia da alternância no Brasil: Vitória: EDUFES, 2012

POWELL, John. Porque tenho medo de lhe dizer quem sou?: insights sobre o crescimento pessoal. 29. ed. Belo Horizonte: Crescer, 2012

RAMOS, Marise Nogueira. História e política da educação profissional. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014.

Memórias de Ana da Esperança



Ana Paula Albuquerque de Sousa³

“Por tudo isso me parece uma enorme contradição que uma pessoa progressista, que não teme a novidade, que se sente mal com as injustiças, que se ofende com as discriminações, que se bate pela decência, que luta contra a impunidade, que recusa o fatalismo cínico e imobilizante, não seja criticamente esperançosa”.

Paulo Freire

Cruzando o limiar da fé: o despertar da vida

“**Andá com fé eu vou, que a fé não costuma faia**” é o refrão de uma música de Gilberto Gil que melhor me define: **Ana Fé de Paula da Esperança**. Filha mais velha de três irmãos, casada há vinte e dois anos e mãe de duas filhas.

Despentei para a vida no ano de 1976, considerado o ano que nunca terminou devido a fatos e acontecimentos não elucidados dessa época.

³ Filha de Dona Josineide e Mauritônio, neta de Dona Luíza, esposa de Valdey Roberto e mãe de Maria Clara e Luísa. E-mail: apa-sousa13@gmail.com

Numa década de muitas incertezas e contradições da ditadura no Brasil (de 01/04/1964 a 15/03/1985), iniciada com o golpe militar que derrubou o governo de João Goulart (Jango). Um ano de injustiças sociais conforme explicita RAMOS (2014, p. 34), ao afirmar que em meados de 1976 o modelo econômico dependente travou o desenvolvimento científico e tecnológico nacional, ampliando as disparidades de renda no país a partir da adoção de medidas recessivas.

Quando nasci em Fortaleza (Ceará), ainda estávamos atravessando há quase doze anos o período de repressão. E embora tenha vivenciado mais nove anos desse regime autoritário, não tinha a menor noção dessa realidade até porque recebíamos uma educação de formação sem informação, cujo objetivo era (desin)formar uma geração no vazio político, econômico e social. E nem conhecia Paulo Freire (1996, p.25) para me ensinar que:

O necessário é que, subordinado, embora à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebelião que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, procure de certa forma “imunizar-se” contra o poder apassivador do bancarismo.

A educação brasileira na minha infância e adolescência foi pautada pela segunda LDB, Lei n.º 5.692/71, promulgada durante a presidência de Emílio Garrastazu Médici. Essas diretrizes e bases, de acordo com RAMOS (2014, p. 15), orientaram a concepção de educação básica e profissional por mais de duas décadas.

Nesse contexto, o ponto de maior impacto no ensino secundário foi a reforma de 1971. A Lei n.º 5.692/71, de 11 de agosto desse ano, colocou como compulsória a profissionalização em todo o ensino de 2.º grau. (RAMOS, 2014, p.30)

O ensino era orientado de acordo com as perspectivas de formação para o trabalho (educação tecnicista), sem formação crítica,

preponderando interesses escusos e hegemônicos. E foi com esse viés de formação de massa, de trabalhador de pouca qualificação profissional, que meu pai conseguiu concluir um curso básico de eletrotécnica, tornando-o um trabalhador autônomo e um dos provedores do sustento da minha família. Não posso esquecer-me de mencionar a minha mãe, uma baturiteense batalhadora, costureira, baixinha arretada, filha de agricultores, que passou uma vida trabalhando em prol dos filhos e cuja capacidade de lutar, sem desanimar, me inspirou a perseverar na vida, sempre acreditando em dias melhores. **“Vivemos esperando o dia em que seremos melhores. Melhores no amor, melhores na dor, melhores em tudo. Vivemos esperando dias melhores, dias de paz, dias a mais, dias que não deixaremos para trás. Dias melhores pra sempre”**. (JOTA QUEST, 2000)

Apesar das dificuldades, meus pais me pouparam de muitos traumas. Não sei se por senso de proteção ou pela pouca formação escolar. Raramente conversávamos sobre questões políticas e econômicas, mas lembro de que reclamavam muito das condições financeiras da família. Graças a Deus, tive o apoio de tios que colaboraram com a minha formação educacional e de uma das maiores incentivadoras da minha trajetória de vida: minha avó materna Luiza (99 anos).

Passsei nove anos da minha existência estudando em uma escola particular do bairro João XXIII, Centro Educacional 4 de Outubro (mesma escola do professor Solonildo Almeida – Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT). Fiz o 2.º Ano do Ensino Médio (antiga 2.ª série do 2.º grau) no Liceu do Ceará e finalizei o meu 3.º Ano no Colégio Anglo Vestibulares. Pouco tempo depois, com uns 18 anos, passei na Universidade Estadual do Ceará (UECE) para o curso de Ciências Licenciatura Curta com plenificação em Química. Insatisfeita com a licenciatura, tentei vestibular novamente para Serviço Social, também na UECE, cursei apenas um semestre, pois acabei tendo que optar por continuar no curso de Ciências. Uma opção forçada porque, na época, o mercado de trabalho para as assistentes sociais era muito restrito. Nesse período fiz a seleção para a Escola

Técnica Federal do Ceará (atual Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE) para o Curso Técnico em Química. Frequentei um semestre/período e acabei abandonando após me casar aos 21 (vinte e um) anos e ter a minha primeira filha.

Muitas vezes tenho a sensação de que deixei pelo caminho algumas obras inacabadas e me pergunto o porquê de tantos recomeços. Em outros momentos, me convenço de que assim como um rio pequeno vai seguindo seu curso em meio a turbulências até seus afluentes desaguiarem em rios maiores de águas brandas, também precisei passar pelas vicissitudes da vida, evoluir (e ainda continuo em construção), para valorizar cada conquista alcançada e me situar onde sempre deveria estar. Afinal de contas, o que seria da vida sem a possibilidade de recomeços?

Sempre costumo dizer que Deus já me deu o maior dom que uma mulher poderia sonhar em ter: o de ser mãe. Minhas filhas e meu esposo são meu porto seguro. E tudo o mais que está sendo e será acrescentado, é além do que mereço ter.

Cruzando o limiar da perseverança: o despertar de uma profissão

Quando estava na faculdade, tive minha primeira experiência como professora no Projeto Nascente, uma escola-laboratório mantida pela UECE que atualmente faz parte da Prefeitura Municipal de Fortaleza – Distrito IV, para jovens carentes da Comunidade Serrinha/ Itaperi. Depois, trabalhei em algumas escolas particulares, mas foi no PROJOVEM⁴, um programa federal do então presidente Lula, onde trabalhei de 2005 a 2009, que tive a oportunidade de mergulhar no universo excluído dos jovens da periferia. Fui do Jangurussu ao Bom Jardim, passando pela Granja Portugal, Genibaú e Henrique Jorge, pude conhecer

⁴ Foi um Programa Nacional de Inclusão de Jovens entre 18 e 29 anos que sabiam ler e escrever, mas ainda não tinham concluído o Ensino Fundamental. Com o objetivo de reintegrá-los ao processo educacional, elevar sua escolaridade e promover sua formação cidadã e qualificação profissional, por meio de um curso com duração de dezoito meses.

de forma dura a realidade desumanizante na qual a juventude do Brasil está submersa e despertar em mim um olhar mais sensível para as vulnerabilidades sociais de Fortaleza-CE. Posso afirmar que foi a partir dessa experiência única em minha vida que aprendi a ser professora. Na verdade, comecei a trabalhar com 14 anos em um mercantil de um tio e nunca tive pretensão de ser professora, no entanto, a minha trajetória acadêmica foi delineando a minha formação profissional e quando percebi já estava envolvida com a área da educação. Um caminho que não sonhei trilhar, mas fui me identificando. Decidi seguir em frente, com fé e esperança, porque descobri que sendo professora me tornava uma pessoa realizada, pois me inspiro em quem também se realizou nessa profissão tão nobre:

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita e esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou essa aberração: a miséria na fartura. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática. (FREIRE, 1996, p. 102-103).

Todo mundo tem um ano para chamar de seu, o meu foi 2009. Ano em que passei nos concursos para professora de Eusébio, Caucaia, Prefeitura de Fortaleza e Estado do Ceará (SEDUC-CE). No Eusébio, por causa da distância, passei apenas três meses. Então, assumi a vaga para professora do Estado do Ceará, para lecionar Química no Ensino Médio, e no município de Caucaia-CE, onde trabalhei por quase dois anos ensinando Ciências nas turmas de 6.º Ano ao 9.º Ano. Pouco depois, fui chamada para assumir a Prefeitura de Fortaleza, como professora de Ciências.

Em mais de quinze anos de profissão, olho para trás e para frente e

percebo que a minha contribuição para a educação tem sido válida. Sobretudo, pela seriedade com que conduzo o meu trabalho, pelas vidas que ajudei e ajudo a transformar e pelas esperanças semeadas. Mas, vez por outra, me entristeço ao fazer a minha retrospectiva profissional e constatar o nível de desvalorização do magistério, principalmente dos professores que lecionam no Ensino Fundamental e Médio. A falta de reconhecimento da nossa profissão tem resultado em muitas mazelas e estamos adoecendo o corpo e o nosso estado de espírito. Tudo isso em decorrência do escárnio social, da falta de empatia e consideração ao próximo.

Cruzando o limiar da esperança: o despertar para a luta



A educação brasileira vive mais um período tenebroso, que nos reporta aos anos de chumbo. Na época, Costa e Silva, o vigésimo sétimo presidente do Brasil e o segundo da ditadura militar, baixou o Decreto-Lei n.º 477/69 com a pretensão de calar professores, alunos e funcionários de estabelecimentos de ensino público e particulares, partindo do princípio de que estudantes têm que estudar e não fazer baderna. Infelizmente, essa mesma história está sendo recontada hoje, em 2019, através das violações dos nossos direitos educacionais, sociais e humanos, dos contingenciamentos nos institutos federais, nas universidades públicas e

até mesmo nas escolas de educação básica sob o pretexto de que essas instituições não são lugares de balbúrdia. Qualquer semelhança é mera coincidência? Essas ações autoritárias são ensaios para os avanços opressores e para fomentar o estado mínimo de direito defendido pelo sistema neoliberal capitalista. A verdade é que tudo isso faz parte de um momento crítico de intolerância e censura que estamos vivendo e revela as fragilidades da nossa jovem democracia.

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade de libertação? (FREIRE, 1987).

É nessa perspectiva de libertação e disposição para a luta, que faço o convite a todos por meio da música de Geraldo Vandré: **“Vem vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer...”**

Jessé Souza (2017, p. 108), em seu icônico e recomendável livro *A elite do atraso*, denuncia que o capitalismo financeiro começa a criar sua própria classe trabalhadora precarizada e ameaçada pelo desemprego e corte de direitos. Parte dela se identifica com os opressores e se imagina “empresário de si mesmo”. E aprofunda a discussão acrescentando que “a questão do poder é a parte central de toda sociedade. [...] É ela que nos irá dizer quem manda e quem obedece, quem fica com os privilégios e quem é abandonado e excluído” (2017, p. 11).

Por que uma profissão tão nobre e essencial numa sociedade é tão oprimida e inferiorizada? Abro espaço para essa reflexão, porque não podemos fugir da realidade, mas temos a obrigação ética de lutar para transformá-la. E como professora, mesmo diante de inúmeras angústias decorrentes da profissão, sinto que devemos continuar fazendo a nossa parte. E passar, com a graça de Deus e Nossa Senhora, para o Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) foi a realização de um sonho. Vislumbro nessa oportunidade não apenas uma

vantagem de ascensão profissional, mas uma possibilidade de mudança, uma chance para me reinventar e de renovação também pessoal.

Cruzando o limiar missionário: o despertar de um sonho

Como sou professora de Ciências Naturais, gostaria de desenvolver minha dissertação e meu produto educacional a partir da minha área de atuação. A minha proposta temática para a dissertação do mestrado é: **Química intercontextual: uma abordagem interdisciplinar da realidade**. Escolhi essa temática com o intuito de desvendar a seguinte premissa: por que os alunos do ensino médio têm dificuldades em aprender a Química que lhes é ensinada? (parafraseando POZO e CRESPO).

Venho enfrentando muitos desafios no processo de ensino-aprendizagem dos jovens educandos da escola pública e essa temática será de suma importância não apenas para mim, que ainda tenho muito que aprender, mas poderá também colaborar com todos os professores que compartilham das mesmas angústias e dificuldades metodológicas. Pretendo realizar uma pesquisa de campo investigativa e comparativa entre as escolas públicas estaduais profissionalizantes (as que se localizam em Fortaleza) e a escola de ensino regular onde trabalho no bairro Henrique Jorge (Mariano Martins), para tentar compreender os motivos pelos quais esbarramos em um abismo entre a prática docente das ciências naturais e o processo cognoscitivo discente.

Um dos maiores desafios enfrentados por nós professores das Ciências da Natureza se encontra na dificuldade de superarmos a dicotomia entre a teoria e a prática. Dois elementos indissociáveis do conhecimento, mas insistimos em contribuir com o dualismo operante entre eles, todos os dias, em sala de aula. Pretendo também me aprofundar nisso: **por que é tão difícil para nós, professores, promover o imbricamento entre a teoria e a prática?**

Apeteço desenvolver a aprendizagem do ensino da Química a partir da seguinte **sequência didático-metodológica intercontextual (SE-DIMI/QUINTAL)**: fato histórico contextualizado/ interdisciplinaridade

dialética – práxis inter-relacional – aprofundamento teórico-prático do conhecimento químico. Partindo do pressuposto de que para ensinar Química não preciso, necessariamente, começar sempre e apenas pelos conhecimentos teóricos (exposição de conteúdos), posso iniciar uma aula partindo da análise dialética de um **fato histórico material contextualizado** com o conteúdo de Química a ser ministrado, em seguida realizar a **práxis inter-relacional** (momento em que os educandos, a partir do detalhamento da aula prática, realizarão um experimento presencial e/ou virtual, podendo fomentar a aprendizagem coletiva, fazendo observações e tirando suas próprias conclusões acerca do fenômeno observado) e, por fim, apresentar aos jovens educandos um aprofundamento teórico-prático dos saberes complexos, para solidificar o conhecimento apreendido.

Planejo, se possível, validar meu **produto educacional** (uma proposta de ensino - **QUINTAL**) com o auxílio de uma mídia educacional: blog interativo (BLOQUIN – Blog Químico-Intercontextual) - que corrobore com a eficácia dessa sequência didático-metodológica, onde os alunos possam realizar a práxis químico-intercontextual (PQI).

Sou uma paladina da educação pública de qualidade e talvez minhas pretensões sejam utópicas, mas tenho consciência de que esse trabalho de pesquisa poderá ajudar os alunos do ensino médio a lançarem um novo olhar mais acolhedor, humanizado e sensível para o ensino de Química e oportunizar uma mudança atitudinal não apenas nos alunos, mas, sobretudo, nos professores que vivem tão desmotivados com a realidade do nosso sistema educacional. Sou uma sonhadora e sempre guardo comigo um conselho de Paulo Freire: “Ninguém é tão aluno que não tenha algo a ensinar e tão professor que não tenha algo a aprender”.

Decidi seguir em frente, sempre com fé em Deus, porque acredito que ser professora é ser uma semeadora de esperanças, uma disseminadora de ideias, uma articuladora de mudanças e uma propagadora de sonhos, que, dependendo do aluno, podem se tornar realidade. Continuar sendo professora tem sido, para mim, uma decisão corajosa e resiliente. Um caminho desafiador, porém, um percurso gratificante.

Não importa em que sociedade estejamos, em que mundo nos encontramos, não é possível formar engenheiros, físicos ou enfermeiras, dentistas ou torneiros, educadores ou mecânicos, agricultores ou filósofos, pecuaristas ou biólogos sem uma compreensão de nós mesmos enquanto seres históricos, políticos, sociais e culturais. (Idem, 1992)

Paz e bem!

Referências

DECRETO-LEI n.º 477/69. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaooriginal-1-pe.html>> Acesso em: 07 set. 2019.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 148 p.

_____. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 245 p.

_____. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 256 p.

Instituto Federal do Ceará. Manual de Normatização de Trabalhos Acadêmicos. Fortaleza: IFCE, 2018. 203 p.

GERALDO VANDRÉ. Pra não dizer que não falei das flores. Chile: Banco Benvirá, 1969.

JOTA QUEST. Dias melhores. Oxigênio. Rio de Janeiro: AR estúdios, 2000.

LEI n.º 5.692/71. Lei de Diretrizes e Bases do 1.º e 2.º graus. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm> Acesso em: 07 set. 2019.

POZO, Juan Inácio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 296 p.

PROJOVEM. Programa Nacional de Inclusão de Jovens. Disponível em: <<https://www.fn.de.gov.br/index.php/programas/programas-suplementares/ps-educacao-jovens-e-adultos/ps-projovem-urbano>> Acesso em: 12 set. 2019.

RAMOS, Marise Nogueira. História e Política da Educação Profissional. Vol. 5. 1. ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014. 121 p.

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. 1. ed. Rio de Janeiro: Leya, 2017. 239 p.

A construção das minhas memórias tem sua base na escola

Anatália Franco Silva Guedes⁵

“Se as coisas são inatingíveis...ora!
Não é motivo para não querê-las...
Que triste os caminhos, se não fora
A presença distante das estrelas!”

(Mário Quintana)

Introdução

É com certa dificuldade que início este relato. Parar e olhar minha trajetória de vida traz lembranças agradáveis e outras nem tanto. Todas as vezes que fico introspectiva e faço um resgate do meu passado, fico emocionada e demonstro certa fraqueza. Se existe algo que não gosto de demonstrar, é tal sentimento. Normalmente, tenho me mantido forte para enfrentar as batalhas que a vida impõe.

Sou muito grata a Deus, primeiramente, e aos meus pais, familiares e demais pessoas que em algum momento ou de alguma forma contribuíram para o meu crescimento pessoal, acadêmico e profissional.

Este memorial faz parte de uma atividade da disciplina Seminário de Pesquisa, do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica, e estou encarando como mais um desafio. Farei um recorte do que julgo importante ao longo do meu percurso formativo e de crescimento, nas esferas citadas no parágrafo anterior.

Ao destacar os principais acontecimentos da minha trajetória profissional, relembrarei dos obstáculos e êxitos vivenciados nesse percurso

⁵ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT/IFCE). Licenciada em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Rede Estadual do Ceará. E-mail: anatgeo@gmail.com.

formativo, das pessoas e das oportunidades que me foram dadas. Através de muito esforço e dedicação tenho conseguido alcançar os meus objetivos e sonhos. Sempre na busca incessante por novos desafios e no aperfeiçoamento profissional.

A trajetória, os desafios e a escola

Tenho poucas memórias da minha infância, mas as poucas que tenho estão atreladas à escola. O principal evento que marca o início dessas memórias foi a minha matrícula em uma escola formal, que ocorreu quando eu tinha dez anos, no ano de 1992. Tal fato se tornou o mais importante da minha vida. Antes disso, eu recebia uma educação informal, oferecida por uma senhora chamada Juraci, que acolhia crianças de várias idades em sua residência para ensinar o alfabeto, as sílabas e as primeiras palavras. Fui alfabetizada por ela, no que se refere à decodificação de símbolos.

Como sou oriunda de uma família muito simples e meus pais são semiletrados, não existia por parte deles a preocupação com a minha vida escolar até eu ser matriculada na escola, mostrar interesse e apresentar bons resultados escolares.

Sou filha de Geralda Ferreira Franco da Silva e Pedro Rufino da Silva, a décima primeira filha de onze filhos. Tenho oito irmãos e 2 irmãs, nasci no dia 11 de junho de 1982, em Fortaleza, Ceará. Meus pais são naturais do município de Acaraú, localizado na mesorregião noroeste do estado. Migraram para Fortaleza no início da década de 80, em busca de melhores condições de vida.

Ao chegar a Fortaleza, ocuparam os terrenos de marinha⁶, no atual

⁶ Os "terrenos de marinha" são imóveis de propriedade da União – em alguns casos a propriedade pertence aos Estados e aos Municípios – que são medidos a partir da linha do preamar médio de 1831 até 33 metros para o continente ou para o interior das ilhas costeiras com sede de município. Além das áreas ao longo da costa, também são considerados terrenos de marinha as margens de rios e lagoas que sofrem influência de marés.

bairro do Cais do Porto, residindo neste até hoje. Foi nesse bairro periférico de Fortaleza que cresci e fiz residência até 2015. Esse é o meu lugar, que para Lopes (2012) representa o centro da existência do indivíduo, através das relações subjetivas que desenvolve com ele por meio de suas representações. Apesar de, atualmente, não residir no bairro, guardo boas recordações da infância, adolescência e juventude vividas nesse ambiente.

Nas estatísticas de violência urbana de Fortaleza, aparece entre os bairros que estão com maior número de mortes violentas da Regional II, conforme mostra o Mapa da Criminalidade e da Violência em Fortaleza. Atrelado ao baixíssimo Índice Desenvolvimento Humano, segundo o recorte geográfico dos bairros da capital cearense (IDH-B), está na posição 98º.

Contrastando com essa triste realidade, o bairro apresenta uma linda faixa de praia e um mar agradável para banhos e para atividade pesqueira, local de lazer para seus moradores que são desprovidos de recursos econômicos para desfrutarem de outros espaços da cidade. Vale ressaltar que a população do bairro é composta de gente batalhadora, que luta para superar as limitações, em várias esferas nas quais estão submetidas. Foi assim comigo e meus irmãos, por muito tempo.

Diferentemente dos meus irmãos mais velhos, que não tiveram condições de se manterem na escola, porque precisavam ajudar meus pais no meu sustento e dos meus irmãos mais novos, foi dada a mim a oportunidade de estudar. Sou grata, até hoje, a vizinha Luciene, que efetuou minha primeira matrícula em uma escola.

Desde cedo, eu percebi que só poderia mudar a minha realidade se me dedicasse aos estudos e, acreditem, não foi difícil, sempre gostei de aprender e estar na escola era reconfortante.

Recordo-me com tristeza das muitas vezes em que meus pais não tinham o dinheiro da passagem do ônibus, pois a escola onde estudei o fundamental I, Escola de Primeiro Grau Coronel João Alencar, ficava no bairro Meireles, distante uns vinte minutos de ônibus da minha casa. Quando isso acontecia, eu ficava triste. Faltar à escola era algo ruim para

mim e, durante esses episódios, meus pais notaram que eu valorizava muito os estudos e passaram a investir na minha formação. Eles faziam tudo que estava ao seu alcance para garantir minhas passagens de ônibus.

O trajeto diário da minha casa à escola, situada na área nobre da cidade, fazia-me viver mesmo que, temporariamente, realidades diferentes. Essa mudança de realidades me fazia bem, pois eu vivenciava uma cidade desconhecida por mim, até então.

Estudei nessa escola por quatro maravilhosos anos. Todavia, quando fui fazer o ensino fundamental II, fui transferida para a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Clóvis Beviláqua, localizada na avenida Dom Manuel, nº 511, no centro de Fortaleza, onde concluí o ensino fundamental e o ensino médio.

Nesta última escola tive ótimos professores dedicados à docência, porém, os que mais me encantavam eram os que demonstravam afetividade comigo e com os demais alunos. Dentre esses professores, um me inspirou bastante, o professor de Física, Jander. Ele tinha o poder de nos encorajar e acreditava no meu potencial, quando nem eu sabia que poderia ir além do ensino médio. Ele me orientou e me mostrou a possibilidade do ensino superior após o término do ensino médio.

Outro momento, importantíssimo, da minha vida foram os anos em que participei das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs)⁷, ligadas à Igreja Católica, durante quase toda a década de 90. Nesse período, desenvolvi um olhar crítico em relação à situação política do país e das condições sociais desiguais nele existentes. Participava ativamente dos eventos sociais que eram promovidos pela igreja e por outros grupos sociais. Minha consciência de classe começou a ser desenvolvida durante esse engajamento social.

Segundo Freire (1980, p.29), “A conscientização é isto: tomar posse

⁷ As comunidades eclesiais de base (CEBs) são organismos da Igreja Católica que se caracterizam por: (a) celebração dominical realizada por leigos ou leigas; (b) ampla participação na tomada de decisões, geralmente por meio de assembleias; e (c) ligação entre a reflexão bíblica e a ação na sociedade.

da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização”.

Já com outro olhar sobre a minha realidade, em 2002, prestei vestibular para o curso de Geografia da Universidade Federal do Ceará (UFC) e fui aprovada, depois de um ano de cursinho preparatório oferecido pelos alunos do curso de História, para alunos oriundos de escolas públicas, por meio do Projeto Novo Vestibular, que acontecia no departamento do curso na UFC.

Da realidade de onde vim, conseguir passar na UFC, no primeiro vestibular, foi um feito enorme. Foram cinco anos de graduação imersa no universo geográfico. Nesse contexto, a Geografia Física me causava encanto e a Geografia Humana revelava a face cruel do sistema econômico Capitalista. Além do pensamento crítico, desenvolvi o pensamento reflexivo sobre a realidade estrutural e conjuntural do país, bem mais embasada do que nos meus anos de vivência nas CEBs.

Só foi possível a minha permanência e conclusão do curso, que era diurno, devido ter sido aprovada no concurso público da Prefeitura Municipal de Fortaleza, no mesmo ano que passei no vestibular. Os cursos diurnos, naquela época, excluíam muitos jovens pobres da graduação em uma universidade pública, pois dificilmente o aluno de um curso diurno conseguia conciliar trabalho e curso, já que este tem disciplinas nos turnos manhã e tarde.

Assim, como trabalhava no turno da noite, em uma escola próxima da minha residência, passava o dia na UFC e trabalhava das 17h às 21h30. Além disso, ainda tive o privilégio de ter minha carga horária de trabalho reduzida por ser universitária.

Com o meu salário, eu pagava o transporte, as xerox e alimentação, pois já era maior de idade durante o período da graduação e não podia esperar que meus pais continuassem bancando meus estudos. Afinal, eles já tinham garantido o meu ensino médio, que para eles já era o suficiente para conseguir um emprego, que não fosse como doméstica.

A educação proporcionando novos horizontes

Concluída a graduação em 2008, meus horizontes se alargaram e novas oportunidades surgiram. A educação tem esse poder de gerar oportunidades. Fiz o concurso da Secretaria Estadual de Educação do Ceará, em 2009, para o cargo de professor pleno I. Após um processo seletivo extenso e exaustivo, fui submetida a três etapas, obtendo aprovação.

Em outubro de 2010, iniciei oficialmente a minha carreira de professora, quando fui lotada com 200 h/a na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sales Campos, localizada na Avenida Jacinto de Matos, 705, Jacarecanga, em Fortaleza-CE. Os primeiros meses de docência foram difíceis, pois era o meu primeiro contato real com a sala de aula. Afinal, o estágio supervisionado, realizado em um semestre da graduação, não transmitiu a real vivência da sala de aula e da escola.

Encontrava-me sozinha tendo que lecionar para sete séries diferentes, com uma carga horária de 32h/aula. Foi nessas condições que me descobri professora. Confesso que foi assustador, porém era mais um desafio que precisava encarar. Comecei a testar metodologias e aprender na prática o fazer docente. Entretanto, o que mais dificultou a minha adaptação foi o medo de errar ou de não conseguir. Passado esse sofrimento inicial, aos poucos, a prática diária e a convivência com os professores mais experientes me ajudaram a ver a docência por outros ângulos.

Quanto ao ambiente escolar, senti-me em casa, como sempre me senti nas escolas por onde passei, mesmo em papéis, agora, diferentes. No ano seguinte ao ingressar na função de professora, fui convidada para ser professora coordenadora da área de Ciências Humanas – PCA. Com essa nova função, ficava disponível 20h para acompanhar e auxiliar os professores dessa área e trabalhar diretamente com a coordenação pedagógica. Por exercer bem essa tarefa e por me relacionar bem com os colegas professores e com os alunos, fui incentivada pela diretora e pela coordenadora da escola para fazer a seleção para composição do banco de gestores da SEDUC, para o quadriênio 2013-2017. Fiz e passei.

Em 2011, outro evento de relevância aconteceu: casei e novamente

me deparei com novas situações que exigiam transformações drásticas. 2010 e 2011 foram anos intensos, porém necessários para o meu crescimento pessoal e profissional. Com a ajuda do meu esposo, Rafael, consegui me adaptar às transformações.

Desafiei-me, novamente, ao assumir a função de coordenadora escolar, em julho de 2013, com menos de três anos em sala de aula. Então, ainda em estágio probatório, fiquei como coordenadora na escola de lotação inicial até abril de 2017, quando retornei da licença maternidade.

Atualmente, estou como coordenadora na Escola Estadual de Ensino Médio de Tempo Integral Professora Telina Barbosa da Costa, localizada na Rua Pergentino Maia, SN, Messejana, Fortaleza-CE. Estar nesta função tem me ajudado a vivenciar e a compreender a escola de outra maneira, por vários ângulos, com outros olhares.

Ao lidar, diariamente, com os diversos segmentos que compõem a escola, tenho aprendido que essa função é bem mais complexa do que parecia. Lido com conflitos diários de várias naturezas permeados por interesses diversos, nem sempre atrelados ao processo de ensino-aprendizagem.

Para Placco e Souza (2012), o coordenador pedagógico ao assumir o papel de gestor acaba por se apropriar de funções burocráticas e administrativas que não são exclusividade de sua função. Esse acúmulo de tarefas sobrecarrega o coordenador e acaba retirando dele sua função principal que é de formador do corpo docente.

Novas oportunidades, novos desafios

A aprovação no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica do Instituto Federal do Ceará foi uma conquista que há muito tempo almejava. Ao finalizar a Especialização em Gestão Educacional, realizada nos anos de 2013 e 2014, dediquei-me ao projeto de ser mãe, que se realizou em outubro de 2016, quando a Melissa nasceu. Assim que retornei para as minhas funções, após a licença maternidade e a ida da minha filha para creche, reacendi a vontade de fazer um mestrado, para dar continuidade ao meu processo formativo.

Sabemos o quanto o mestrado agrega de conhecimento e reconhecimento profissional, principalmente, para uma professora que está em constante busca por conhecimentos. Estava me sentindo estagnada, pois já tinha terminado a especialização há quase cinco anos e, de lá para cá, tinha feito somente cursos de curta duração, nenhum que agregasse conhecimentos mais aprofundados.

Ao tomar ciência do edital do Exame Nacional de Acesso ao PRO-FEPT⁸, em janeiro deste ano, vi no programa a oportunidade de acessar esse tipo de pós-graduação, pelo caráter democrático da seleção e pelo fato das aulas se concentrarem em um único dia da semana, facilitando a minha liberação na escola. Fiz minha inscrição e me dediquei durante quatro meses para realizar a prova de seleção. Nesse ínterim, entre a inscrição e exame de acesso, minha filha ficou hospitalizada e tive algumas dificuldades, mas permaneci firme na busca do meu objetivo de ser aprovada, que foi concretizado.

Ao estar de volta ao meio acadêmico, sinto-me entusiasmada a aprender cada vez mais. É difícil para uma professora da rede de ensino da educação básica, diante das condições de trabalho existentes, até a presente data, conciliar as atividades de lecionar e pesquisar, porém, é extremamente necessário para a prática docente tal ato.

“A discussão sobre os saberes docentes situa-se nesse contexto de crítica à concepção do professor como técnico e de valorização das dimensões reflexiva, crítica, ética e política da formação docente, de interesse nos processos de constituição da profissionalidade e da identidade profissional dos docentes, de destaque ao papel da reflexão e da pesquisa sobre a prática” (ANDRÉ e VIEIRA, 2012, p. 13).

Agora, vejo-me tendo que eger um problema para ser meu objeto de estudo durante os próximos dois anos. Como foi exposto aqui, em relação à minha vida profissional, tenho ficado mais tempo na função de

⁸ Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica.

coordenadora escolar que na função de professora, diante disto, estou mais propícia a escolher, como objeto de estudo, uma temática próxima à minha prática diária na escola.

Assim, pretendo estudar a pesquisa como princípio pedagógico no currículo do ensino médio a partir da análise da disciplina Núcleo de Trabalho, Pesquisa e Práticas Sociais – NTPPS, já que esse componente curricular trabalha categorias importantes como trabalho e pesquisa, além de investigar como o trabalho e a pesquisa podem contribuir para uma aprendizagem significativa dos jovens e suas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem.

Quanto ao objeto educacional, tenho uma vaga ideia do que possa ser produzido, porém, acredito que, somente quando iniciar o trabalho de pesquisa e delimitar melhor o tema, poderei afirmar qual será, mediante as necessidades e/ou lacunas que se apresentarem, na tentativa de minimizar e/ou solucionar o problema levantado.

Conclusão

Em virtude da minha trajetória aqui apresentada, sobre minhas memórias, fica claro o quanto a escola e a educação foram e são marcantes no meu processo formativo, são as responsáveis pelo que sou. Todas as oportunidades que tive foram consequências da minha dedicação aos estudos, da persistência em mudar a minha realidade, por meio dos meus esforços.

Carrego uma obrigação ética de, através da minha atuação como educadora, ajudar outros jovens, que, assim como eu, só podem ter esperança, do verbo esperar, na educação. Ajudá-los a se manterem firmes na caminhada em direção aos seus objetivos, para serem capazes de mudar a sua realidade e daqueles em sua volta.

Meu crescimento profissional é fruto da minha persistência em buscar atingir meus objetivos, consciente de que pude contar com pessoas e oportunidades ao longo da minha trajetória até chegar aqui. No mestrado, almejo adquirir novos conhecimentos e trilhar novos caminhos nessa busca incessante por novas descobertas, novos caminhos e novas possibilidades.

Referências

As especificidades de análise do espaço, lugar, paisagem e território na geografia, Jecson Girão Lopes* Geografia Ensino & Pesquisa, vol. 16, n. 2, maio/ ago. 2012. ISSN 2236-4994 I

ANDRE, Marli Eliza Dalmazo Afonso; Vieira, Marli Maria da Silva. O coordenador pedagógico e a questão dos saberes. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (org.). O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREIRE, Paulo. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. - São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza; SOUZA, Vera Lucia Trevisan. O trabalho do coordenador pedagógico na visão de professores de diretores: contribuições à compreensão de sua identidade profissional. In: O coordenador pedagógico: provocações e possibilidades de atuação. 2.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

Disponível em: <<https://mbarcelosmartins.jusbrasil.com.br/artigos/349211834/entenda-os-terrenos-de-marinha>> Acesso em: 18/09/2019.

Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/comunidades-eclesiais-de-base-cebs>> Acesso em: 18/09/2019.

Trajetórias de esperança

Brena Késia Ribeiro Alves⁹



“Não sou esperançoso por pura teimosia, mas por imperativo existencial e histórico” (Freire, 1997)

Introdução

As memórias que pretendo trazer neste texto são parte do que hoje me faz uma forte e persistentemente sonhadora. Minha vida interiorana, experimentada dentro de uma família humilde, me oportunizou vivenciar e superar muitos desafios e continuar esperançosa por dias melhores. Muitos desses dias já chegaram. Persisto, porém, nessa espera, certa de que, como Freire:

Minha esperança é necessária, mas não é suficiente. Ela, só, não ganha a luta, mas sem ela a luta fraqueja e titubeia. Precisamos da esperança crítica, como o peixe necessita de água despoluída (FREIRE, 1997, p.5).

⁹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciada em Química pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Especialista em Gestão, Planejamento e Avaliação Escolar pela Faculdade Internacional do Delta - INTA. E-mail: brenakesia2012@hotmail.com

Cada vitória alcançada, desde as que parecem miúdas até as mais grandiosas, é acolhida por mim com igual e profundo sentimento de gratidão. A mais recente, da qual muito me orgulho, foi ter sido aprovada no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), o que tem me proporcionado novas experiências, satisfazendo assim minhas expectativas. A sala de aula é minha paixão e, desde que a conheci, não me imagino longe desse espaço. Por essa razão, motivo-me, alegro-me e me redescubro educadora e educanda todos os dias.

Infância

Sou natural de Umirim/CE, mais precisamente de São Joaquim, um pequeno distrito, com pouco mais de 7 mil habitantes; um interior simpático de gente acolhedora. Nasci no dia 10 de janeiro de 1989 e desde então pude provar do amor singular de minha mãe, Antônia Ribeiro, por quem tenho devoção. Aquele ano, de inverno rigoroso, numa casa modesta e desprovida do essencial, foi nosso primeiro revés, de tantos outros que juntas enfrentamos.

Nos anos seguintes, minha mãe precisou contar com a ajuda de meus tios, Maria Lucilene e Antônio Rodrigues, para que necessidades mais urgentes nos fossem providas. E assim, passei a conviver junto a eles, em sua casa, amada e educada como filha. A figura paterna desempenhada pelo meu tio foi para mim imprescindível. Ele foi colo, disciplina, segurança e, acima de tudo, foi presença. Cresci ouvindo o aboiar do gado, um cantar inconfundível por entre as estradas que anunciava sua chegada depois de mais um dia de trabalho. Era um vaqueiro nordestino, que me ensinava o amor pela minha terra. Saudade e gratidão misturam-se nas lembranças que trago dele, o que posso sentir ao ouvir Luiz Gonzaga cantar:

Numa tarde bem tristonha
Gado muge sem parar
Lamentando seu vaqueiro
Que não vem mais aboiar
Não vem mais aboiar
Tão dolente a cantar

Tengo, lengo, tengo, .
lengo, tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
Bom vaqueiro nordestino
Morre sem deixar tostão
O seu nome é esquecido
Nas quebradas do sertão
Nunca mais ouvirão
Seu cantar, meu irmão
Tengo, lengo, tengo, lengo, .
tengo, lengo, tengo
Ei, gado, oi
(GONZAGA, 1963)

Grande parte da minha infância foi vivenciada nos quintais ensolados da casa dos meus tios, aos cuidados deles e de minha mãe. Ela estava ali, sempre driblando os dissabores da vida ao meu lado e, assim, me ensinava sobre força, humildade, gratidão e sobre nunca, nunca perder a esperança.

Tempos de escola

Foi nas escolas públicas de minha pequena localidade que estudei desde os anos iniciais até a conclusão da educação básica, assim como todas as crianças e jovens do distrito, à exceção de duas ou três famílias com melhor poder aquisitivo que enviavam seus filhos para outras cidades, a fim de que lá estudassem e galgassem melhores oportunidades. A escola foi para mim um espaço de vivências felizes. Todas as memórias que carrego, referentes ao espaço escolar, são agradáveis. Receber dos professores um convite para a leitura em sala, era um momento especial para mim, algo muito prazeroso, assim como o é até os dias de hoje. Martins, fala sobre isso, ao afirmar que

Esse seria, digamos o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura. Dá-nos a impressão de que o mundo estar ao nosso alcance; não só podemos compreendê-lo,

conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. (MARTINS, 1988, p.17)

À medida que os anos passavam, as atividades escolares iam exigindo mais de mim e eu me deixava conquistar pelas várias possibilidades de protagonismo. Apesar da estrutura física das escolas em que estudei não ser suficiente para atender as reais necessidades que demanda o processo ensino e aprendizagem, eu tive bons professores e isso fez toda a diferença. Eles conseguiam, dentro de suas possibilidades, trazer o mundo pra dentro da sala de aula e enxergar em mim e em meus colegas nossas potencialidades, explorando-as. Fui aluna da Escola Hamilton da Rocha e Silva durante todo o ensino fundamental e, como prédio cedido pela prefeitura de Umirim, cursei o ensino médio lá também, sendo uma extensão da Escola de Ensino Médio Maria Iracema Uchoa Sales.

Foi durante o ensino médio que comecei a vislumbrar a docência, meus professores que eram em sua maioria os mesmos do ensino fundamental, me conquistaram, inspiraram pelo cuidado, pelo respeito àquela prática e pelo conhecimento que insistiam em compartilhar, diante das mais diferentes problemáticas enfrentadas. Via, em cada um deles, o desejo de colaborar com nossas vidas e de transformar aquela realidade que nos era imposta pelas condições sociais em que estávamos inseridos. Eu queria aquilo para mim, para minha vida, para replicar em outras vidas. Foi também nesse período de decisões importantes que ocorreu meu casamento, o que costumo atribuir a um projeto maior da parte de Deus. Paulo Roberto era um amigo, que se tornou namorado e depois esposo e, não somente esposo, mas meu parceiro, incentivador, cúmplice das minhas conquistas e, posteriormente, um pai extraordinário para nosso filho.

A universidade, as oportunidades

No final do ano de 2006, concluindo o ensino médio, tentei pela primeira vez o vestibular para o curso de Ciências Biológicas na Faculdade de Educação de Itapipoca-CE (Facedi) da Universidade Estadual do Ceará (UECE), porém, não obtive êxito. Logo na primeira fase, fui desclassificada por não pontuar em uma disciplina, eu havia zerado em

química. No ano seguinte, surge em Umirim-CE uma oportunidade que seria, para mim, única: a UECE, através do FECOP – Fundo Estadual de Combate à Pobreza - lançaria em meu município um vestibular para o curso de Licenciatura em Química, exatamente a disciplina que havia me estacionado no vestibular anterior. Quando falo em oportunidade única, me refiro às várias circunstâncias que, naquela época, me impossibilitavam de cursar a universidade em outra cidade, ou até mesmo de ingressar numa faculdade privada em um município mais próximo, algo comum para aqueles que tinham uma situação financeira favorável e almejavam o nível superior, o que não era meu caso.

Na preparação para a prova, pude contar novamente com o apoio de meus ex-professores, inclusive aos finais de semana. Todo esse esforço valeu a pena, pois consegui ser aprovada e entrei no curso de química. Durante minha formação acadêmica, experimentei transformações significativas quanto a percepção de mundo que tinha até então; novos horizontes foram sendo descortinados. Nesse momento de novas experiências, eu destaco a mais forte delas: a docência. Iniciei como professora substituta no ensino fundamental, cobrindo carências esporádicas de outros professores da rede municipal.

No ano de 2010, dois anos antes de minha formatura, veio a oportunidade de lecionar pela primeira vez no ensino médio e, para minha alegria, eu iria lecionar na mesma escola em que havia sido aluna. Passei a ser colega de profissão daqueles que foram meus professores. Claro que não posso deixar de destacar o retorno financeiro que essa primeira experiência me propiciou, aos poucos pude ver minha realidade social ser transformada e, portanto, a de minha família também.

Ainda em 2010, algo que é muito marcante na vida de uma mulher estava acontecendo comigo, a gestação de um filho. Minha gravidez se deu em meio a uma rotina fatigante de trabalho, de estudo e de afazeres domésticos, o que não me impediu de vivenciar esse momento como único e especial. E, assim, no início de 2011, precisamente em 31 de janeiro, João Humberto nasceu. Ele, em sua pequenez e fragilidade, me enchia de forças para permanecer focada em meus objetivos.

Ao concluir a licenciatura em química no ano de 2012, desejei continuar a vida acadêmica e ingressei no curso de Gestão, Planejamento e Avaliação escolar, concluído em 2013. Busquei uma especialização que fosse voltada não exclusivamente ao ensino da química, mas que houvesse uma abrangência maior na compreensão de outros aspectos da prática educacional.

A educação profissional

Minha experiência enquanto professora de química da rede estadual foi totalmente ampliada com a chegada da Escola Estadual de Educação Profissional Maria Auday Vasconcelos Nery, na cidade de Uruburetama-CE, em 2015. Ter me tornado professora dessa instituição de ensino, desde o ano de sua fundação, é motivo de orgulho para mim. O conceito de educação profissional era algo muito novo para todos os envolvidos naquela ousada experiência: professores, pais e alunos. Mas algo já era muito claro, desde a semana pedagógica até as primeiras reuniões com pais e pretensos alunos, não teríamos como objetivo exclusivamente a formação de técnicos ou a preparação para a vida acadêmica, mas a formação cidadã, de aquisição de valores éticos e morais, que seriam repassados no dia a dia da vida escolar, assim como encontramos em Ramos

Nosso objetivo não é, sobretudo, a formação de técnicos, mas de pessoas que compreendam a realidade e que possam também atuar como profissionais. A presença da profissionalização no ensino médio deve ser compreendida, por um lado, como uma necessidade social e, por outro lado, como meio pelo qual a categoria trabalho encontre espaço na formação como princípio educativo (RAMOS, 2014, p.117).

A EEEP Maria Auday Vasconcelos Nery recebe jovens de três municípios, a saber: Uruburetama, Umirim e Tururu. São jovens em sua grande maioria de família humilde, que veem na escola profissional uma possibilidade de transformar suas realidades. Por isso, temos desvelado em nossa rotina profissional uma concepção de educação transformadora

e, assim, colaborado com a formação de cidadãos conscientes e protagonistas de suas histórias de vida.

Dessa vivência, nasceu em mim a necessidade de buscar um estudo mais profundo, mais largo e colaborativo para minha prática profissional. Foi quando, em 2017, o Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) lançou seu primeiro edital. Começava ali uma longa jornada de estudo e preparação para concorrer a uma de suas pouquíssimas e disputadas vagas. Minha primeira tentativa, carregada de ansiedade me permitiu ficar apenas como candidato classificável. Não desisti.

Em 2018, me dediquei novamente a esse objetivo. Recordo-me que o quadro de vagas para a ampla concorrência reduziu e minha jornada de trabalho aumentou, a partir desse ano passei a trabalhar nos três turnos e precisei organizar os horários de estudo entre finais de semana e madrugadas. Quando pensei que poderia ser aprovada, vi meu nome mais uma vez junto aos classificáveis, eu era a primeira da lista. Então, pensei em desistir, não posso negar. Mas, eu tinha feito desse programa um ideal, criado expectativas e levado ao conhecimento de meus alunos todo o desejo de conseguir realizar esse sonho, que seria mais uma forma de contribuir com a formação deles e, por isso, desisti de desistir.

Em dezembro de 2018, iniciei meus estudos de preparação para o exame nacional de acesso que ocorreria em maio de 2019, aproveitando cada tempo que me era oportuno: finais de semana, feriados e madrugadas, vencendo, nesse percurso, a mim mesma, a meu cansaço, a falta de valorização do educador e ao desmotivador colapso da educação brasileira. Até que, no dia 19 de junho, ao abrir o documento do resultado da seleção, pude ver meu nome onde tanto quis, na lista dos aprovados, em primeiro lugar. Meu nome naquela lista carrega muitos outros nomes, inclusive os de meus alunos, que, assim como eu, estão, por meio da educação, transformando suas histórias de vida e oportunizando a si e aos seus dias melhores.

Conclusão

Para finalizar o relato de minhas memórias, ratifico o quão importante é jamais renunciarmos a nossos ideais; esperarmos mesmo diante das situações adversas. Aponto ainda, o lugar de destaque que a educação ocupa em minha vida, como via de formação e transformação, o que reafirmo todos os dias nas vivências da sala de aula. Acredito no espaço escolar como necessário para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento de capacidades e preparação para o exercício consciente e crítico da cidadania.

Referências

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 14ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. 4ª ed. (1ª edição: 1992). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GONZAGA, Luiz. *A Morte Do Vaqueiro. LP Pisa No Pilão (Festa Do Milho)*. RCA Victor. 1963

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 9 ed. São Paulo: Brasiliense, 1988.

RAMOS, Marise Nogueira. *História e política da educação profissional*. Curitiba, PR: Instituto Federal do Paraná, 2014.

Trajetórias femininas de diferenças

Bruna Carneiro de Oliveira¹⁰

*Não digam que fui rebotinho,
que vivi à margem da vida.
Digam que eu procurava trabalho,
mas fui sempre preterida.
Digam ao povo brasileiro
que meu sonho era ser escritora, .
mas eu não tinha dinheiro
para pagar uma editora*

Carolina Maria de Jesus

Introdução

Este texto parte de uma instigante tarefa em construir uma narrativa individual que resgata os processos formativos profissionais, acadêmicos, afetivos e/ ou pessoais dos discentes do curso de mestrado em Educação Profissional e Tecnológica- PROFEPT, do Instituto Federal de Educação do Ceará - IFCE.

É fundamental que saibamos que, antes mesmo de fazermos escolhas acadêmicas e profissionais, estamos envolvidos em uma rede social repleta de exemplos e influências que afetam significativamente nossa formação enquanto sujeitos. Imprescindível, também, são os laços que construímos em nosso espaço de socialização primária, a família. Considerando a família enquanto categoria histórica, ressaltamos o que afirma Ana Maria Bock.

¹⁰ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciada em História pela Universidade Estadual do Ceará e Universidade Aberta do Brasil- UECE/ UAB. Bacharela em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. Especialista em Legislação Social, Políticas Públicas e Trabalho Social com Famílias pela Faculdade Filosófica e Teológica- Ratio. E-mail: brunacarneirosocial@gmail.com

Vamos percebendo que a família, como a conhecemos hoje, não é uma organização natural, nem uma determinação divina. A organização familiar transforma-se no decorrer da história do homem. A família está inserida na base material da sociedade ou, dito de outro modo, as condições históricas e as mudanças sociais determinam a forma como a família irá se organizar para cumprir sua função social. (BOCK, 2001, p. 248)

A família revela seu papel fundante ao ser o núcleo primordial na construção do ser social e na oferta de afeto insubstituível. É a partir do reconhecimento das inspirações sentidas no núcleo familiar, que desenvolvo o presente texto, e, não somente a família, mas as mulheres que compõe a minha família sempre foram decisivas em todas as etapas e aspectos da minha vida.

Início este escrito com as palavras de Maria Carolina de Jesus¹¹, que representa milhares de mulheres brasileiras pobres, semi-analfabetas, moradoras das periferias, trabalhadoras e mães que lutam diariamente para sobreviver em uma sociedade que é ainda mais desigual e cruel com mulheres negras, pobres e faveladas. Entretanto, a realidade de Carolina de Jesus, tão vastamente apresentada em seus livros, não é exceção no cenário social brasileiro e pode ser encontrada em muitas famílias, tal como encontrei uma Carolina em minha família.

Diante disso, esse trabalho objetiva, sobretudo, discutir as desigualdades sociais que permeiam o mesmo núcleo familiar e que impactam a vida das mulheres. Além disso, o espaço também será aproveitado para apresentar ao leitor minhas motivações de pesquisa enquanto mestrande. Para tanto, irei resgatar, através do entrelaçamento de minha história e de minha avó, alguns aspectos de nossa vida que nos une enquanto mulheres e nos separa enquanto cidadãs com acesso pleno aos direitos.

¹¹ O trecho citado no início do trabalho foi extraído do livro “Quarto de Despejo” de autoria de Maria Carolina de Jesus. A obra publicada em 1960 foi responsável por apresentar Carolina à literatura. O livro foi traduzido para 13 idiomas e retratou, segundo a autora, o cotidiano de uma moradora da favela do Canindé em São Paulo.

Esse memorial tem, essencialmente, um recorte de gênero que irá ser percebido ao longo do texto. Ressalto a importância de valorizar a presença da mulher na história, criando um espaço importante de visibilidade. Sobre o ingresso da temática feminina, Margareth Rago afirma que este movimento deve-se ao ingresso feminino nas universidades a partir dos anos 1970 (RAGO, 1998, p. 90). Outro aspecto fundamental a ser observado, revela-se no fato de que iremos conhecer a história de mulheres, trabalhadoras e mães, que demarcam, atualmente, uma parte significativa de famílias brasileiras, sobretudo as chefiadas por mulheres. No decorrer do trabalho será possível perceber o impacto que as políticas de acesso à educação, transferência de renda, profissionalização e emprego expressam sobre a vida das mulheres.

Pobreza, exclusão e vulnerabilidade social, preconceitos e desigualdades, a luta pela sobrevivência, a emancipação feminina, a relação com o trabalho, e dimensões como gênero, classe, raça/etnia, idade/geração são aspectos que atravessam as famílias chefiadas por mulheres (CASTRO, 1990; GOLDANI, 1994).

Infância (s)

A inspiração para esse texto nasce da história de vida de uma mulher, mãe, pobre, analfabeta, que enfrentou triplas jornadas de trabalho para conseguir chefiar uma família, sendo, dessa maneira, inteiramente responsável pela educação e reprodução material dos filhos. Essa foi a realidade que marcou a vida adulta da minha avó, Isabel Alves de Paula.

Dona Isinha, como gosta de ser tratada, nasceu em 05 de novembro de 1932 em Uruburetama - Ceará. Conversei um pouco sobre as memórias de infância e adolescência da minha avó e as lembranças são muito dolorosas. Isabel recorda da extrema pobreza em que vivia sua família, exemplificando que seu sonho de “mocinha” era comer carne. Alguns episódios foram ainda mais marcantes, por exemplo, quando seu pai trocou a casa onde moravam por um carneiro e, depois disso, ela precisou abrigar-se por alguns anos ao pé de uma árvore. Além disso, Isabel

também perdeu alguns irmãos para a fome e recorda que sua situação penosa tornou-se minimamente confortável quando iniciou os trabalhos domésticos nas casas de famílias mais abastadas no interior do Ceará.

Historicamente, resgatamos que o Brasil, na década de 30, não dispunha de políticas públicas voltadas para a infância baseada no conceito adotado atualmente. Diante disso, somente em 1940, através do Decreto-Lei nº 2. 024, de 17 de fevereiro, foi criado o Departamento Nacional da Criança, que objetivava interiorizar ações voltadas a proteção materna e infantil. Segundo Helber Medeiros, o DNC

deveria buscar, de modo sistemático e permanente, criar para as mães e para as crianças condições favoráveis para que permitissem àquelas uma sadia e segura maternidade, desde a concepção até a criação do filho, e a estas a satisfação garantida de seus direitos essenciais no que respeita ao desenvolvimento físico, à conservação da saúde, do bem-estar e dá alegria, à preservação moral e à preparação para a vida. (MEDEIROS, 2016, p 02).

Entretanto, a proteção integral à infância e adolescência, ações de combate ao trabalho infantil, garantias de acesso à políticas de educação, saúde, moradia e transferência de renda ainda eram nulas ou incipientes no Brasil da década de 30. É dentro desse contexto social que se desenvolve a infância e juventude de Isabel e de tantas outras crianças pobres no Brasil precário em proteção social, negando a todas elas o direito de ser plenamente criança.

Em outro contexto social e familiar, ocorre o meu nascimento, em 21 de dezembro de 1990. Cresci em uma família nuclear, que me possibilitou o pleno acesso à educação, saúde, lazer, além de representar, para mim, um local de conforto, refúgio e desenvolvimento afetivo. Enquanto jovem, pude me dedicar exclusivamente aos estudos e alimentar tranquilamente os sonhos profissionais.

O meu nascimento ocorre na década de 90, considerada o marco social nas políticas públicas para crianças e adolescentes, pois, mediante a

Lei n 8.069 de 13 de julho de 1990, promulga-se o Estatuto da Criança e do Adolescente, que passa a considerar esses indivíduos em condição peculiar de desenvolvimento e que, portanto, necessitam de prioridade absoluta no atendimento de serviços públicos e destinação de recursos. A garantia dos direitos da criança e do adolescente, segundo o ECA, é baseada no tripé família, Estado e sociedade. Segundo José Roberto Perez e Eric Passone:

Atualmente, o ECA demanda do Estado brasileiro e da sociedade política e civil esforços e continuidade nas ações visando, por um lado, à formulação, implementação, monitoramento e controle social de políticas constitucionais e estatutárias e por outro, ações mobilizadoras e societais capazes de ressignificar a concepção arcaica de infância e juventude presente no imaginário social da população. (PEREZ; PASSONE, 2010, p. 650 e 651)

É a partir da década de 90 que o Brasil vai avançar significativamente nas políticas públicas que visam a proteção integral da infância e adolescência, significando, dessa maneira, a garantia legal e a possibilidade de ofertar direitos que garantam o desenvolvimento digno para crianças e adolescentes. Portanto, cresci inserida nesse novo contexto social que objetivou, sobretudo, inaugurar uma nova percepção acerca da infância.

A descrição dessas duas infâncias, avó e neta, demarca diferenças sociais que significam problemáticas para além da discussão sobre o acesso precário à políticas sociais. As duas trajetórias revelam como a fome, o trabalho infantil e o distanciamento da escola são capazes de roubar a infância de meninas e meninos, que irão carregar por longos anos os impactos da negação de direitos.

O percurso acadêmico possível e o impossibilitado: entre trabalho e maternidade

As diferenças entre a minha história e a de minha avó, infelizmente, não estão apenas em nossa infância e seguem, sobretudo, nos diferenciando no exercício da maternidade e do trabalho. O olhar sensível e crítico sobre os papéis sociais desempenhados historicamente pelas mulheres e o desejo de investigar, dar visibilidade e contribuir para o debate de gênero na sociedade atual foi decisivo para que eu pudesse escolher uma linha de pesquisa.

Ingressando na Universidade Estadual do Ceará no curso de bacharelado em Serviço Social em 2009 e tendo concluído em 2014, me dediquei a pesquisar, para realização do trabalho de conclusão do curso, as famílias das adolescentes em conflito com a lei, que cumpriam medida socioeducativa de privação de liberdade.

Durante a realização da pesquisa, no Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota, entrevistei mães que confessavam as dificuldades em desenvolver a solitária tarefa de cuidar dos filhos, abandonadas pelos companheiros e carentes de equipamentos sociais que oferecessem apoio necessário. Além disso, as mulheres que concederam entrevistas eram afetadas pela escassez de recursos públicos, exploração do trabalho, alcoolismo, drogadição, enfim, uma série de entraves que fragilizam as relações afetivas na família. A pesquisa foi concluída com o título “A corresponsabilização das famílias das adolescentes que cumprem medida socioeducativa de privação de liberdade no Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota.”

A pesquisa monográfica não foi suficiente para fazer o recorte de gênero necessário, portanto, segui com a mesma temática para concluir a especialização em Legislação Social, Políticas Públicas e Trabalho Social com Famílias, em 2016, pela Faculdade Teológica e Filosófica - Ratio. Concluí o curso com o trabalho intitulado “Adolescência e Violência: Os reflexos na família monoparental feminina.” Esse percurso acadêmico me colocou diante de histórias femininas que partilhavam a realidade social daquelas que são responsáveis por prover o sustento do lar e a educação dos filhos, entretanto, ainda não encontram nas políticas públicas o suporte necessário para que o desenvolvimento desses papéis não seja marcado pela exploração, sacrifícios e renúncias.

É importante ressaltar que os cenários sociais estão constantemente em mudança e, obviamente, os dados que embasaram minhas pesquisas já não condizem com a mesma realidade. Entretanto, os dados endureceram para as mulheres, evidenciando cada vez mais a precariedade dos trabalhos e o impacto das jornadas triplas quando adicionamos os serviços domésticos.

De acordo com o Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (Ipece)¹², a proporção de lares cearenses chefiados por mulheres é de 47, 1%, esse dado representa o protagonismo da mulher na gestão familiar, não mais centralizando o papel na figura masculina. Porém, é necessário considerar a sobrecarga de trabalho feminino, pois cabe à mulher chefe de família responder por todas as demandas. Evidenciando a sobrecarga de trabalho e considerando o mesmo estudo, as mulheres trabalham 7, 6 horas mais que os homens nos afazeres domésticos.

Em relação ao mercado de trabalho, o estudo do IPECE baseou-se nos dados colhidos através da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio- PNAD entre 2012 e 2018. Segundo os dados do 4º trimestre de 2018, a taxa de participação feminina no mercado de trabalho era de apenas 41,0%, bem menor que a masculina que atingiu 60,6%. As diferenças se apresentam também em questões salariais, uma vez que as mulheres recebem o equivalente a 79% dos rendimentos dos homens.

Esses dados atuais representam, resumidamente, o atual cenário do trabalho para as mulheres e, ainda que consideremos os avanços no acesso ao mercado de trabalho, profissionalização, anos dedicados aos estudos e alguns rompimentos com o modelo patriarcal familiar, os dados ainda expressam desigualdades difíceis de superar. Apesar disso, não podemos perder de vista os avanços conquistados, nas últimas décadas, através da legislação, programas e políticas para avançar nas questões relacionadas à igualdade de gênero.

¹² O Estudo é intitulado “Análise da participação feminina na composição familiar e no mercado de trabalho cearense no período de 2012-2018” publicado em agosto de 2019. Disponível em: https://www.ipece.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/45/2019/08/ipece_informe_155_14_ago2019.pdf

A Constituição de 1988 contém avanços significativos no sentido da promoção dos direitos da mulher e da igualdade de gênero: institui um marco normativo igualitário para homens e mulheres no âmbito da sociedade conjugal, reconhece a violência intrafamiliar como questão de governo, afirma o direito à livre escolha no âmbito da reprodução e avança na garantia de direitos no âmbito do trabalho, incluindo o trabalho doméstico, a mulher rural, a extensão da licença maternidade de 90 para 120 e a instituição da licença paternidade de 5 dias. (ABRAMO, 2000, p. 268)

Posso me considerar uma mulher que tem uma trajetória acadêmica e profissional possível de ser realizada por incentivos e oportunidades criados por meio dos avanços legais, familiares e institucionais. Entretanto, compreendo que em meio à inúmeros sucessos que encontramos na carreira acadêmica, devemos pensar também nos percursos acadêmicos impossíveis, daquelas que não puderam chegar lá.

Dentre as inúmeras mulheres que não acessaram as políticas educacionais, destaco, novamente, a Dona Isinha, que não teve a oportunidade de alfabetizar-se. As penúrias da infância e da adolescência foram minimamente amenizadas quando iniciou-se a vida laboral, portanto, o trabalho era questão de sobrevivência e não havia tempo para investir no futuro, pois era preciso necessariamente estar viva.

Ao contrário de mim, que pude me dedicar aos estudos e me solidificar em uma profissão, minha avó encontrou no casamento outro momento de ruptura. Nós duas casamos aos 25 anos e tivemos o primeiro filho aos 26. Dona Isinha tem 9 filhos, eu tenho uma. Exatamente nesse ponto, nossa história nos divide novamente.

Ao casar e decidir ser mãe, eu já estava exercendo minha profissão em uma Organização Não Governamental, que trabalha com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade. Minha avó trabalhava como empregada doméstica ainda na mesma cidade em que nasceu. Após o nascimento da minha filha, me planejei financeiramente para abrir mão

do trabalho e me dedicar somente à ela, sobretudo, para garantir à livre amamentação, portanto, compareci ao trabalho com a carta de demissão em mãos no primeiro dia após a licença maternidade. Dona Isinha dedicou-se, também, aos filhos e contou com a parceria do esposo. Infelizmente, meu avô morreu quando minha avó tinha 39 anos, deixando-a viúva e sem qualquer apoio financeiro, tendo o filho mais velho 10 anos de idade e o mais novo 10 meses.

Este fato obrigou Dona Isinha a deixar a casa que morava em Uruburetama a ir para Fortaleza, morar numa casa de um cômodo, herdada do meu falecido avô. Agora na cidade, responsável inteiramente por 9 crianças, minha avó necessitava novamente submeter-se ao trabalho precarizado. Para conseguir sustentar a família, ela se desdobrava entre o trabalho como empregada doméstica o dia inteiro e à fabricação de doces na madrugada.

A situação de extrema pobreza só foi atenuada quando o primeiro filho pôde, também, trabalhar. Se minha vida é marcada por avanços acadêmicos, a trajetória de minha avó carrega muito trabalho, seja aquele invisibilizado no ambiente doméstico ou o trabalho doméstico realizado enquanto serviço remunerado, ambos marcados pela desvalorização e precariedade.

As mulheres das camadas mais pobres, além de possuírem um baixo nível educacional e qualificação, estão inseridas em grande parte no mercado informal, em péssimas condições de trabalho e salários. Já as mulheres provenientes das camadas médias e altas são geralmente melhor instruídas e qualificadas para enfrentar as novas exigências do mercado. Elas colocam-se em bons postos de trabalhos, recebem melhores salários, e o ingresso se dá muito mais por uma questão de independência, autonomia ou poder de consumo, do que por questões de pobreza e sobrevivência. (MENDES, 2002, p. 02)

Ao passo que caminhamos em direção à conquista de espaço profissional, acadêmico e social, além de garantias e proteções jurídicas para as mulheres, não podemos esquecer que as reestruturações do sistema de

capital, sobretudo quando se exige uma diminuição das ações estatais, impactam sobremaneira na vida das mulheres. Possivelmente, o que iguala nossas histórias de vida enquanto mulheres, mães e trabalhadoras é o fato de que pertencemos a um sistema de sociabilidade patriarcal e que estamos expostas às explorações e sobrecargas em menor ou maior grau, dependendo de nossa classe social.

Portanto, reconhecemos nossas diferenças, nossas lutas, avanços e retrocessos, mas tenhamos, também, clareza em perceber a impossibilidade das respostas integrais às nossas demandas na sociedade, que se constrói e solidifica com a exploração de trabalhadores e trabalhadoras.

Conclusão

O exercício de construir um memorial, que nos faz refletir sobre a formação enquanto sujeitos sociais, cidadãos, estudantes e profissionais, não pode estar deslocado do nosso lugar de pertencimento do mundo. Não imagino a narração de minha trajetória sem mencionar o percurso tão distinto que uma das pessoas mais importantes da minha vida também percorreu. Se não me cabe transformar o passado e poupar mulheres fortes, sofridas e corajosas de tantas privações e invisibilidades, é meu dever e de todas as mulheres tornar nossas histórias cumulativas para a formação de mulheres que gozem de um futuro mais justo.

Em um mundo que constantemente nos exclui e segrega não podemos estar focadas apenas em nós mesmas, não podemos nos distrair da condição de trabalhadoras e validar nossos esforços como se fossem apenas méritos pessoais, egocêntricos e solitários. Conquistamos espaços e oportunidades que inexistiam para mulheres em nosso meio, para nossas mães, avós e irmãs, mas temos o dever de, coletivamente, construir o espaço para as filhas de todas as trabalhadoras.

Em mais uma oportunidade que tive o privilégio de acessar, consegui ingressar no Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica- PROFEPT, pelo Instituto Federal do Ceará - IFCE, e desdobrei-me entre o exercício profissional, estudos e maternidade.

Objetivo, pelo mestrado, voltar ao meu primeiro local de pesquisa

de campo, o Centro Educacional Aldaci Barbosa Mota e, desta vez, com o olhar para as adolescentes que cumprem medida socioeducativa na instituição. Privadas de liberdade, oportunidades e apoio, pretendo elaborar material que possa ser utilizado no trabalho com essas adolescentes, para que tenham a possibilidade de trilhar caminhos novos, seja de estudos ou trabalho, permitindo retirá-las da margem da sociedade e fazendo com que se percebam protagonistas de suas histórias.

O mestrado trará a possibilidade de pesquisar de maneira propositiva com as adolescentes em conflito com a lei, sobretudo, compreendendo a realidade social e afetiva e construindo, conjuntamente, um material que norteará os principais pontos que devem ser trabalhados com adolescentes que buscam trilhar um novo caminho.

Ressalto que a pesquisa será, também, capaz de nos revelar, considerando os limites do recorte local, o cenário educacional das adolescentes em conflito com a lei que, de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente, têm o direito de estarem frequentando a escola, mesmo sob a tutela do Estado. Além disso, o direito à profissionalização também é garantido por lei. Entretanto, é fundamental que se questione e reflita quais as perspectivas de profissionalização dessas adolescentes, no sentido de garantir a construção de oportunidades concretas.

De acordo com o documento¹³ elaborado pelo Centro de Defesa da Criança e do Adolescente (CEDECA), com dados quantificados em 2018, a profissionalização das adolescentes em conflito com a lei ainda necessita avançar significativamente para que os direitos previstos no ECA sejam efetivamente cumpridos. Segundo o relatório, há uma “dificuldade de perceber uma proposta de profissionalização para os socioeducandos [...] Apesar da existência de várias oficinas, parecia que elas estavam mais ligadas ao objetivo de preencher o tempo vazio dos

¹³ O documento se refere ao Relatório do segundo semestre de 2018 do Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência. Disponível em http://cadavidaimporta.com.br/wp-content/uploads/2019/05/CCPHA-RELATORIO-2018_2.pdf

adolescentes”.(CEDECA, 2018, p.36). Ainda de acordo com o documento.

Foram mencionados como oficinas e cursos profissionalizantes ofertados nas unidades: fabricação de vassoura, vime, fabricação de saneante, informática, jardinagem, pintura e textura, fabricação de embalagens, hortifrutí, inglês, ajudante de construção, doces e salgados, serigrafia, bijuteria, rádio, artesanato, garçom, bombeiro hidráulico, marketing pessoal, secretariado, panificação, biscuit e confecção de bolsas. Na unidade exclusiva para meninas os cursos listados foram: salão de beleza, corte e costura e bordado, o que demonstra uma clara divisão sexista do trabalho. As oficinas são realizadas por profissionais vinculados aos centros educacionais e compõem a rotina diária dos adolescentes. (CEDECA, 2018, p. 36)

A minha trajetória profissional de trabalho com adolescentes e crianças em situação de vulnerabilidade social e as pesquisas realizadas enquanto estudante de graduação e especialização foram fundamentais para que despertasse em mim o interesse por pensar e propor para a juventude alternativas de estudos, trabalho e profissionalização, que viabilize a superação de, por exemplo, dados estatísticos que apresentam que, entre 2014 e 2018, foram mortos 4287 jovens no Ceará, segundo o Comitê Cearense pela Prevenção de Homicídios na Adolescência (CCPHA). Portanto, construir alternativas para a juventude significa, também, salvar vidas e romper com a trajetória de violência social e violação de direitos.

Sou grata pelas oportunidades que foram apresentadas a mim e me sensibilizo com aqueles a quem não foi dada a oportunidade nem mesmo nas mínimas coisas. Considerando minha vida profissional e acadêmica, meu memorial não poderia estar alheio a tantas realidades que conheci, portanto, aproveitei a oportunidade da escrita deste memorial para alertar sobre a necessidade de nos debruçarmos sobre o tema apresentado muito brevemente aqui, pois isso significa um compromisso com a educação e

com o futuro. Comecei com um trecho de Carolina de Jesus e encerro com mais palavras simples e verdadeiras de uma mulher que ousou escrever sua realidade e fazer poesia da vida.

“Ah, comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é.”

Carolina Maria de Jesus, Diário de Bitita.

Referências

ABRAMO, Laís. A situação da mulher latino-americana. O mercado de trabalho no contexto da reestruturação. Mulher e Trabalho Experiências de ação afirmativa S.P, Boitempo Editorial, abril de 2000.

BOCK, A. M; GONÇALVES M. G. M.; FURTADO O. (Org.). Psicologia Sócio histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90, de 13 de julho de 1990.

GOLDANI, A. Família ou famílias? Individuação das mulheres e evolução da família como instituição. Retratos de família em tempos de crise. Estudos Feministas, n. 94, p. 330-335, 1994.

JESUS, Carolina Maria de (1986). Diário de Bitita. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

JESUS, Carolina Maria de (1983). Quarto de despejo. 10. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

MEDEIROS, Helber Renato Feydit de. O Estado Novo e a assistência materno-infantil no interior do Brasil: o Departamento Nacional da Criança através de seus boletins trimestrais. Entre o Global e o Local. Anais do XVII Encontro de História da ANPUH- Rio. UFRJ, 2016.

MENDES, M. A.. Mulheres Chefes de Família: a complexidade e ambigüidade da questão. Anais do XIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais da ABEP. Ouro Preto, 2002, v.1.

RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. Cadernos Pagu, 11: p.89-98, 1998;

PASSONE, E. F. Políticas sociais de atendimento à infância e juventude: o caso da Fundação Abrinq. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

Eu, objeto

Christiano Barbosa Porto Lima¹⁴

“Conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo.”

Sócrates

Introdução

Provisório. Como o próprio conhecimento científico. Amálgama de todos os pensadores que passaram por minha vida, síntese de múltiplas determinações. A primeira lembrança que tenho de mim remete a 1978, ano do nascimento do meu irmão mais novo e também da realização da Copa do mundo na Argentina. Lembro-me vagamente de um jogo que meu pai assistia antes de ir à maternidade. Eu tinha 3 anos, idade em que começam a se sedimentar nossas primeiras memórias. De lá pra cá, tentarei encadear os principais fatos em 44 anos de vida, com relevo para minha atuação profissional.

Uma observação diacrônica sob o prisma do Materialismo Histórico-Dialético permite dizer que não há uma realidade concreta estática. De acordo com Leite (2018, p. 53), “O Materialismo Histórico-Dialético compreende que a realidade objetiva é histórica e para explicá-la cabe revelar sua dimensão diacrônica (ocorrida ao longo do tempo), permitindo, assim, observar essa realidade como processo em desenvolvimento.” O Eu de hoje é diferente do Eu da infância e o futuro Eu da senescência será também distinto. Um permanente devir que não permite identificar o objeto Christiano Barbosa Porto Lima de forma estanque. Penso que a

¹⁴ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFCE. Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pelas Faculdades Nordeste – FANOR, especialista em Design Gráfico pela Faculdade 7 de Setembro – FA7. Programador Visual do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – IFCE. E-mail: christianobarbosa@yahoo.com

ciência deveria dialogar um pouco mais com a arte e quebrar paradigmas epistemológicos. Por isso, ainda que contenham citações, referências bibliográficas e todas as normas da ABNT, não há como dissociar de mim o texto literário, que se reflete e subverte este texto científico. Fosse o objeto qualquer outro, este estudo seria mais austero. Mas o que seria de nós sem os recursos estilísticos?

Muitos fatos marcantes em minha vida foram, para fins deste breve relato, postos de lado, tendo em vista o foco no que efetivamente promoveu mudanças em minha vida, bem como a preferência estética pela concisão. Olhando para trás, vejo que vivi intensamente meus 44 anos e cada fase poderia render um livro. Cada livro, cada capítulo, cada página fizeram de mim o que sou e ainda que muitas linhas tenham sido tortuosas, eu não gostaria de reescrever nenhuma delas.

Desenvolvimento profissional e acadêmico

Desde menino gostava de desenhar. As nuvens eram objeto de minhas representações infantis, feitas com giz de cera e lápis coloridos. Começou aí minha busca pelo desenvolvimento da técnica do desenho. O figurativo mais fidedigno era minha meta, com naturezas mortas e retratos. Então percebi que as nuvens formavam outras imagens. Hoje sei que não era um desenhista talentoso, mas eu era esforçado. Passei por vários colégios na infância: Lourenço Filho, Joaquim Nabuco, Juventus. Na época em que cursava o segundo grau, atual ensino médio, no extinto Colégio *Geo Studio*, consegui uma entrevista para um estágio. Assim, o desenho me abriu vaga nos departamentos de arte de uma agência de publicidade. Mais ou menos nessa época faleceu meu avô, importante pelo amor e pela ajuda financeira que dava à minha mãe, que sustentava sozinha seus 4 filhos com salário de professora da Unifor. Na idade em que a maioria dos colegas de colégio prestava vestibular, eu trabalhava para meu próprio sustento, o que me faz pensar na realidade de muitos que, como eu, não conseguiram apenas estudar. Com o atual olhar distanciado, me vejo no passado desempenhando um trabalho sem considerar sua dimensão crítica, sem me dar conta do seu caráter negativo. De acordo com Manacorda (2007, p. 58)

Na condição descrita pela economia política, o trabalho, enquanto exatamente princípio da economia política, é a essência subjetiva da propriedade privada e está frente ao trabalhador como propriedade alheia, a ele estranha, é prejudicial e nociva; ainda mais, sua própria realização aparece como privação do operário, pois, na medida em que a economia política oculta a alienação que está na essência do trabalho, a própria relação da propriedade privada contém o produzir-se da atividade humana como trabalho e, portanto, como uma atividade humana completamente estranha a si mesma, completamente estranha ao homem e à natureza e, assim, à consciência e à vida.

Anos se passaram em ritmo frenético, com noites e finais de semana no trabalho, mas com diversas leituras me acompanhando. Meus estudos andavam por conta própria. Apesar de o trabalho não permitir, a ideia de cursar uma formação superior nunca me abandonou. Sonhar mantinha-me desperto. Foram cerca de 10 anos em que o curso natural deveria ser me dedicar aos estudos, mas eu apenas trabalhava. Ressalte-se que, para mim, trabalhar não era um fardo que eu não pudesse carregar. Ter trabalhado desde cedo moldou meu caráter. O problema foi ter trabalhado especificamente em agências de publicidade. Quem conhece estas empresas, sabe que são a expressão máxima da expropriação da mão de obra, com frequentes jornadas de trabalho com 16, 17, 18 horas diárias e semanas estendidas até ao sábado e mesmo ao domingo. O início da minha vida adulta foi marcado por muito trabalho e muitas metas. Uma delas, empreender. Juntei-me a outros colegas de profissão e fundamos uma pequena agência de publicidade. Tinha então 27 anos. Todo esse período foi marcado por pouco dinheiro e muita dificuldade, mas o lado positivo era poder conciliar, finalmente, com a sonhada faculdade. Prestei um único vestibular. Passei para uma faculdade particular e lá mesmo ingressei, já que não tinha tanto tempo assim para estudar para uma universidade pública.

No curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e

Propaganda pude ter contato, de uma forma mais sistematizada, com o bem mais precioso: o conhecimento. Disciplinas de Metodologia Científica, Sociologia, História da Arte, Antropologia Visual, Semiótica etc. eram minhas favoritas. Costumo dizer que os estudos deram-me tudo. Deram-me também um casamento, já que conheci minha esposa na faculdade, ainda no 2º semestre. E minha esposa me deu meus dois amados filhos.

Alguns contemporâneos meus do 2º grau foram meus professores e por eles tinha, e ainda tenho, grande admiração. Isso despertou em mim a vontade de lecionar também. Some-se a isso a ideia de que o ato de ensinar exige o ato constante de estudar, de descobrir o mundo, algo que me atrai profundamente. Para Freire (1992, p.11) “O ato de ler o mundo implica uma leitura dentro e fora de mim. Implica na relação que eu tenho com esse mundo.” Assim, segui meus estudos até a formatura com essa ideia fixa, de ensinar *design* e publicidade. Uma graduação apenas, porém, não me habilitava a dar aulas.

Então, cerca de dois anos depois da graduação, iniciei uma pós-graduação *lato sensu* em *design* gráfico. Entre as muitas e interessantes disciplinas, era objeto especial de meu interesse a de Didática no Ensino Superior. Foi meu primeiro contato com os preceitos do ensino e minha vontade de dar aulas tornou-se ainda mais forte. O que se enfraquecia, por outro lado, era minha disposição de empreendedor, na medida em que os negócios não iam bem. Ensinar era uma vontade que se tornaria uma necessidade, já que o barco da minha sociedade começava a afundar.

Terminada a especialização, iniciou-se minha procura por uma vaga como docente nas faculdades particulares de Fortaleza. Uma busca breve, já que logo recebi uma ligação de uma coordenadora do curso de publicidade da faculdade na qual me graduei, convidando-me para uma aula teste. Preparei-me: *slides* caprichados, conteúdo na ponta da língua e a ansiedade de praxe. Vencida a introspecção e o nervosismo iniciais, a aula fluiu naturalmente, ou quase isso. A resposta viria logo e era positiva. Com isso, o desafio de ensinar uma disciplina que não era, digamos assim,

o meu forte. Seria, em parte, aprender para ensinar, mas respirei fundo e me entreguei aos estudos. Logo o primeiro dia de aula viria. Quando visualizei a turma, com cerca de 50 alunos, senti-me pequeno. Entre mortos e feridos, consegui ir adiante e logo já ensinaria também em outras duas faculdades. Mais conveniente não poderia ser, já que a sociedade e meus dias como empreendedor estavam chegando ao fim. Aí vem o inevitável clichê: um novo ciclo se inicia.

A vida de docente começava a se incorporar à minha essência. Além do tempo em sala de aula propriamente dito, havia ainda o preparo, o planejamento, a correção de trabalhos e de provas que tornam a vida do professor tão atribulada. Mesmo me dedicando principalmente ao ensino, a vida de *designer* e publicitário não me abandonou por completo, pois continuava a prestar alguns serviços na área como *freelancer*, no período em que não dava aulas, geralmente à tarde. Tinha que assumir muitas disciplinas para formatar uma renda que me possibilitasse arcar com minhas despesas. Somando-se isso às minhas atividades na área de publicidade e *design*, trabalhava diariamente os três turnos. Nessas voltas que a vida dá – e são muitas, aliás, voltas não faltam em nossas vidas e só nos resta não ficarmos muito tontos para podermos prosseguir – um encontro pedagógico. Auditório da instituição na qual ensinava repleto de docentes, uma cadeira vaga ao lado de uma então colega e outrora professora. Penso hoje, tempo desta escrita, em universos paralelos onde aquele assento não estaria desocupado: poderia ser tudo diferente? De volta àquela realidade, sento-me, cumprimento a colega e fixo a atenção ao palestrante. Nesses intervalos em que se tornam propícias as conversas paralelas, a colega, generosamente, me dá uma dica. O encadeamento do que foi dito não me vem à lembrança claramente, mas já que este é um texto científico, para que se faça compreender o contexto da conversa, mencionarei, ainda que não estejam no lugar mais apropriado do texto, apenas as palavras-chave: IFCE, concurso, edital, técnico-administrativo, programador visual.

Saí do encontro pedagógico decidido a prestar o concurso. Ao chegar em casa, fui direto ao computador para baixar o edital. Logo estaria com uma intensa e bem definida rotina de estudos. Abri mão de muitos momentos de descanso e lazer. “*No pain, no gain*”. A tradução seria algo como “Sem sofrimento, não há recompensa”. Não sou muito a favor de anglicismos, mas abro uma exceção neste caso por falta de um ditado mais apropriado em nossa língua pátria. Meses depois viria o resultado: aprovado em terceiro lugar para o cargo que disputava. Uma das maiores alegrias que tive no campo profissional.

Mais de 4 anos se passam. Trabalho em uma cidade, moro em outra: Morada Nova, distante 164 km de Fortaleza. Se a distância de casa e da família me trouxe momentos de tristeza, a realização profissional trouxe um alento. Trabalhar como programador visual no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia – IFCE uniu as duas faces mais importantes de minha atuação profissional: a educação e a comunicação. Embora não esteja desempenhando nenhuma atividade em sala de aula, considero-me um educador, já que pertenço aos quadros do Instituto e contribuo para as atividades acadêmicas. Depois de mais dedicação e estudo, outra vitória: a aprovação no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT. Não uma vitória qualquer, mas algo que decerto significará um momento de amadurecimento intelectual sem precedentes em minha vida. Um dos últimos acontecimentos de relevo se deu em minha carreira no IFCE: fui convidado a assumir a Coordenação do Setor de Comunicação Social no campus de Fortaleza. Aceitei o desafio com um duplo sentimento: o primeiro de felicidade, já que, estando em Fortaleza estarei com minha família todos os dias. O segundo de apreensão, pois sei que o volume de trabalho que me aguarda é substantivamente maior (o que eu já absorvia no campus de Morada Nova não era também pequeno) e conciliar o lado profissional com o mestrado será uma tarefa hercúlea. Esta, então, seria a última atualização do meu sempre intenso trajeto. E o que seria este trajeto senão um amadurecer-se tanto quanto é possível, para que sobrem apenas as sementes de novos dias?

Conclusão a posteriori

Eu, como objeto, posso ser desvelado por qual método? Que ferramentas posso utilizar para investigar o que sou? O que seria Christiano Barbosa Porto Lima, em sua singularidade, na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético? São muitas questões, mas só consigo pensar na hipótese que se forma não a partir desta ou daquela metodologia ou a partir da análise de minha trajetória profissional e acadêmica, mas principalmente da comparação com outros percursos. Observo diferenças e similaridades. Conhecer na vida real o percurso sempre diverso de cada um, bem como meu próprio, me fez chegar à hipótese de que eu sou meu próprio caminho.

Não somos distintos, meu trajeto e eu, como dois objetos separados. Eu faço meu trajeto e meu trajeto me faz. Cada escolha que faço muda meu caminho e esse caminho muda minha essência, em um processo que se retroalimenta, configurando uma superação das dicotomias sujeito-objeto e teoria-prática. Uma constatação feita fundamentalmente por meio do empirismo, uma pesquisa participante em sua expressão máxima, na qual o que importa não são quantos anos foram vividos, mas sua qualidade. De acordo com Zanette (2017, p. 65)

... o foco da pesquisa é a análise interpretativa e não a quantificação de dados. Portanto destaca-se o processo e não o resultado em si; busca-se uma compreensão contextualizada no sentido de que as atitudes e as situações liguem-se na formação, dando lugar para as representações das experiências e das palavras; e, no reconhecimento do impacto do processo de investigação sobre os que estão envolvidos no contexto da pesquisa, ou seja, o pesquisador exerce influência sobre a situação em que está investigando e é por ela também influenciado.

Caminhar é mais importante do que o lugar onde se pretende chegar. O Materialismo Histórico-Dialético pressupõe uma perspectiva transformadora do mundo e essa transformação começa no interior de

todos nós. Começa na singularidade, no Eu. A partir daí, ganhará um dinamismo que não pode ser interrompido. O mundo está em constante mudança, assim como nós mesmos. Esta é, talvez, a única conclusão que podemos tirar. Todas as outras devem vir *a posteriori*.

Referências

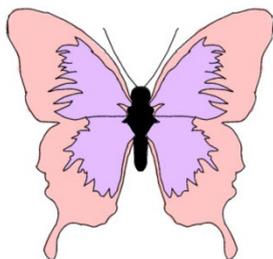
FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992.

LEITE, Priscila de Souza Chisté. Materialismo Histórico-Dialético e suas relações com a pesquisa participante: contribuições para pesquisas em Mestrados Profissionais. *Revista Anhanguera*, v. 18, n. 1, p. 52-73, 2018.

MANACORDA, Mario Alighiero. *Marx e a Pedagogia Moderna*. 2 ed. Campinas, Editora Alínea, 2007.

ZANETTE, Marcos Suel. Pesquisa qualitativa no contexto da Educação no Brasil. *Educ. rev.* [online]. n.65, pp.149-166, 2017.

Aprendizado de Voo: um exercício contínuo!!!



¹⁵ (BorboletabyNanda)

Clauthenys Lara Prata Machado¹⁶

*“Prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Eu prefiro ser
Essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo
Do que ter aquela velha opinião
Formada sobre tudo...”*

(Raul Seixas)

Introdução

Este espaço de memórias contempla a difícil tarefa de colocar no papel fatos que influenciaram a minha formação profissional e que me conduziram até o momento presente. E de que lugar falo? Uma mulher de 51 anos, mãe, trabalhadora, servidora pública, administradora por formação e educadora por convicção, que inicia o percurso de mestranda em Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação,

¹⁵ Imagem Borboleta by Nanda - criação da filha da autora

¹⁶ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Graduada em Administração de Empresa pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Turismo e Meio Ambiente pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em Gestão Governamental pela Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Administradora do IFCE, lotada no Campus Quixadá-CE. E-mail: laramachado1406@gmail.com

Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE). Começa aqui uma jornada na qual duas estradas aparentemente opostas se intercambiam: uma conduz ao passado, um relato sobre quem fui e como cheguei a ser no tempo presente; na outra extremidade está o futuro, a me perguntar onde quero chegar em dois anos com a conclusão do mestrado!!! Mas como se misturam, perguntaria o leitor, parecem tão opostas... O fato é que não o são, com certeza não! Em ambas sou a mesma e uma modifica a outra, eu explico. A partir do momento que visito o passado com a pretensão de contar os caminhos por onde andei até chegar ao lugar - aluna do Mestrado, eu já os modifico. É a aluna que se apropria dos registros para contar, é ela quem faz os recortes! Por outro lado, como ser a aluna sem ter sido a filha, a trabalhadora, a desempregada, a irmã, a esposa, a mãe e tantas outras personagens por mim vividas? E tudo isso com cautela e tentando evitar os filtros que a sobrevivência impôs a minha memória... Afinal, “Nenhum tempo e nenhum lugar nos agrada tanto como o tempo que não existe, e o lugar em que não estamos” (Marquês de Maricás)¹⁷. Mas vamos sair dos questionamentos e abrir a porta das memórias, venha comigo e me ajude a reconstruir este espelho...

Da minha infância guardo poucas lembranças... Mas uma coisa sempre me serviu de referência: nasci em 1968!!! Um ano emblemático pelas lutas e revoltas nacionais e internacionais. No mundo, estamos falando do ano do assassinato de Martin Luther King, estreia do espetáculo máximo da cultura hippie: Hair; no Brasil, estamos em plena ditadura, em maio é assassinado o estudante secundarista Edson Luís e provoca, no mês seguinte, mês do meu nascimento, a passeata dos 100 mil... um dos maiores atos de protesto daquele período que teve como resposta do governo a publicação do Ato Institucional nº 5 (AI-5) que ficou conhecido como uma máxima na extinção de direitos civis e políticos em nosso país.

Ao meio de tudo isso, minha mãe, D. Neide Prata, enfrentava sua própria revolução... Filha de agricultores, filha do meio de três irmãos:

¹⁷ <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/marica.html>; acessado em 04/09/2019

Cleide Prata, a mais velha e Clauber Prata (em memória), o mais novo. E qual era a revolução? Inquieta e questionadora, engravidou de mim aos 17 anos e com um infeliz *status* de mãe solteira no distrito de Pecém, na pequena cidade de São Gonçalo do Amarante-CE. Nem é preciso dizer que foi um choque para a família conservadora, que tudo tentou, desde provocar o aborto, até a me dar em adoção. Mas minha mãe resistiu a tudo e a todos, deu a luz internada com um nome falso para evitar que meu avô a encontrasse e fugiu, literalmente, do hospital com ajuda de amigos, depois de descobrir que meu avô já a encontrara e havia acertado a “entrega” para adoção através de uma pessoa do corpo de enfermagem do hospital. A história do meu pai se perdeu nas muitas histórias desconstruídas que ouvi ao longo da vida e, embora haja um nome no meu registro de nascimento (por ele mesmo colocado), dele pouco sei. Os poucos anos de contato não foram suficientes para um relacionamento pai-filha. Por muito tempo não conseguia entender por que uso como nome de guerra Lara Machado, ou seja, o sobrenome do meu suposto pai e não o da minha mãe que tudo fez por mim... até que recentemente me dei conta que no fundo eu “gritava” esse sobrenome na esperança de ser encontrada e descoberta por esse pai ausente! Hoje, continua um grito, porém não mais de busca, mas de anúncio: “apesar de você, eu estou e sou”!!!

A infância envolta nos livros - a vida no ovo

Dos anos escolares, o que recordo é que minha mãe sempre privilegiou a minha educação. Fui filha única até os 12 anos, quando eu ganhei uma irmã da qual sempre fui mais mãe do que irmã, pois minha mãe, com ou sem companheiro, sempre foi a mantenedora do lar. Sem muitos amigos e muito presa em casa, meus maiores amigos eram os livros. Cedo, muito cedo, li quase toda a obra de José de Alencar, Machado de Assis, Monteiro Lobato... Lembro-me particularmente de um livro chamado *Polyanna*, que contava a história de uma pequena órfã que inventou o “jogo do contente”, cuja proeza consistia em procurar, em todas as situações ruins da vida, motivo para ficar contente! Sim, minha mãe me enchia de livros. Ela lecionava e eu costumava dizer que sempre tive duas professoras: uma na escola e outra em casa que nada deixava passar! Minha casa,

apesar de humilde, era a biblioteca da minha rua onde todos os vizinhos iam em busca, para os trabalhos escolares, das famosas enciclopédias ou dos muitos livros didáticos e paradidáticos que se acumulavam nas nossas estantes. E foi assim, que apesar da muita dificuldade, sempre estudei em escolas particulares, na grande parte do tempo com bolsas de estudo que ela (sempre ela, minha mãe) conseguia por meio de contatos com políticos. A maior parte deste período, do 2º ano do Fundamental I até a 8ª série (na época, o último ano do fundamental II), foi no Colégio Agapito dos Santos, localizado na Av. Tristão Gonçalves, que já fechou as portas. Daquele colégio, guardo muito carinho, carinho que sempre recebi principalmente de duas figuras: tia Eleuses, a diretora, e tia Rosa. A última, a maior educadora-porteira que conheci... A todos conhecia pelo nome e os respectivos pais. Vigiava nossa entrada e nossa saída... Era capaz de responder com toda segurança quem estava presente no colégio a cada dia, sem necessidade de consultar a sala de aula, não esquecendo que sempre tinha um conselho amigo para as contendas e rebeldias próprias da idade. Difícil esquecer que nos anos que lá estudei enfrentei uma terrível doença: meningite meningocócica e, por isso, todos viviam atentos à menor possibilidade de uma convulsão ou qualquer outra manifestação de seqüela. Era a extensão do meu castelo de proteção.

A adolescência - hora de virar larva

Hora de sair do casulo. A passagem do ensino fundamental II para o ensino médio vai acontecer num momento de furacão familiar quando, por problemas com o segundo marido da minha mãe, saí de casa e passei a morar com família de amigos, anjos colocados na minha vida: duas famílias! Com uma, eu morava com os pais já idosos (em memória) de uma amiga e ela. A outra, uma família amiga comum que moravam em frente e que, se não me deram moradia, me deram afeto e amparo. Desta família ganhei 4 irmãos de uma vez só e que hoje já me geraram muitos sobrinhos. Assim fiquei até ir morar sozinha, mas sem perder os laços. Na época, sem muitas opções financeiras, eu só pensava que precisava de um local público de qualidade para estudar.

Estamos no ano de 1984 e a Escola Técnica Federal do Ceará é a referência de ensino público no Ceará. E, graças a Deus, o esforço da

minha mãe rendeu frutos: consegui ser aprovada na seleção para o Curso de Turismo. Era o único curso que me interessava dentre os 7 cursos disponíveis. Do curso eu só sabia que ia ter muito que estudar em história e línguas, duas áreas que eu amava... por quê de turismo eu nada conhecia, esta prática não integrava o meu universo de vida! A Escola Técnica era minha casa, lá eu passava a maior parte do dia envolvida com dança, natação e coral, além das aulas regulares que só aconteciam no horário da tarde. Foram anos de grande aprendizado e eu concluí o curso já fazendo apenas as provas. A necessidade de trabalhar falava mais alto e eu já trabalhava como guia. Além dos conhecimentos do curso, contava muito a fluência em inglês adquirida como aluna bolsista do Instituto Brasil Estados Unidos (IBEU), nos anos de Fundamental II, outro presente recebido da minha genitora.

Mas a vida de guia de turismo era instável, então eu busquei colocação numa empresa como secretária. E secretária eu fui por muitos anos, só mudando de empresa. Nos períodos de desemprego fiz de tudo um pouco: dei aulas particulares, entreguei panfletos, fui telemarketing e, creiam, fui professora sem ter licenciatura. Professora de Inglês e Português de 5ª a 8ª Série (Ensino Fundamental II). Era uma escola pequena, de uma amiga da minha mãe, onde comecei na secretaria. No entanto, todas as vezes que faltava professor costumavam me colocar para aplicar atividades. Assim, fui tomando gosto, os alunos aprovando e, quando dei por mim, estava professora titular das duas disciplinas, nas quais eu tinha relativa desenvoltura, dando aula de segunda a sexta em todos os horários e turmas. Aqui começava o meu namoro com o ensino!

A retomada dos estudos e a entrada no ensino superior - a pupa

E o ensino superior? Talvez, você leitor me pergunte. Bem, ensino superior na minha época era para filhos sustentados pelos pais ou como dizemos no popular: para os “filhinhos e filhinhas de papai”. Isso era muito verdade, pelo menos nos dois cursos que eu desejava: administração e/ou turismo. Administração tinha nas duas universidades públicas,

a estadual e a federal, mas em ambas era diurno - estudar de dia era um luxo ao qual eu não podia me dar. Turismo? Ah, esse então era impensável! Apenas na maior universidade privada da época, e que ainda é nos nossos dias, encontrava-se este curso! Para completar, como aluna de curso técnico, eu só havia estudado física, química, biologia e matemática nos dois semestres iniciais. Os semestres seguintes eram apenas as disciplinas específicas. Daí, mesmo que eu pudesse estudar de manhã, como concorrer no vestibular com quem vinha do ensino médio regular? Pelo menos era o que eu pensava. E a cada ano essa lacuna só aumentava.

A vida seguia, não sem estudar, esse sempre foi meu vício. Fiz todos os cursos de curta duração do SENAC ligados à área administrativa e turismo, além do próprio curso de Guia de Turismo. Este curso foi para me requalificar e tentar voltar ao turismo, o que até aconteceu, mas, sempre sem muita continuidade por conta da instabilidade financeira da profissão. Até que 10 anos depois de concluir o ensino médio a vida me deu mais uma daquelas sacudidas! Perdi mais uma vez o emprego e depois de uns puxões de orelha de um amigo, que havia sido meu chefe, resolvi fazer uma graduação. A UFC havia anunciado que no vestibular do semestre seguinte, ano de 1997, o curso de administração teria vagas para a primeira turma noturna. Matriculei-me no preparatório pré-vestibular do curso de história da própria UFC. Era um cursinho para alunos carentes onde os professores eram alunos da UFC dos últimos semestres das suas áreas. Lá recebi um direcionamento de um dos professores do cursinho. Certa vez relatei a ele a minha angústia por necessitar aprender todo o conteúdo do ensino médio que eu não tinha visto no curso técnico. “Está errado”, disse ele! E explicou que eu dificilmente conseguiria essa proeza em 4 meses. O que fazer então? Perguntei. “Assista as aulas de química, física, biologia e matemática sempre com atenção, mas não invista tempo fora da sala de aula nestas disciplinas” Como assim? Perguntei eu. Respondeu, ele: “você precisa focar no que sabe para que seja o seu diferencial, concentre-se em português, inglês, história e geografia para fazer a diferença!”. E assim foi, estudei muito. Eu dormia e acordava com

o material das aulas e foi assim que mesmo não tendo feito ensino médio regular, mesmo tendo concluído o técnico de nível médio 10 anos atrás, eu fui aprovada em 6º lugar em uma universidade conhecida por ter um dos mais difíceis vestibulares do país e em duas fases!

Descobrimo que posso voar - a fase adulta

A graduação foi feita trabalhando, começando ainda professora (lembra?), depois como estagiária da CAGECE na área de projetos e na auditoria. O curso foi interrompido por algumas greves, mas nunca pela perda de uma cadeira! Fiz todos os 10 semestres, cursando todas as disciplinas regulares e com total aprovação. Na vida pessoal, eu já não mais morava sozinha, mas com um companheiro que faleceria logo após o término da faculdade, vítima de câncer.

Findando a faculdade, fui trabalhar numa financeira por dois anos e de lá saí durante uma crise da empresa. Antes de sair, iniciei uma especialização em Turismo e Meio Ambiente na UECE, como mais uma tentativa de voltar ao turismo. Porém, antes mesmo de terminar a especialização, fui aprovada no processo seletivo do SESI-DR/CE. Posso dizer que o Sistema FIEC foi a maior escola profissional na minha vida! Todos que trabalhávamos na Casa da Indústria (edifício sede do Sistema da Indústria no Ceará) éramos vinculados na prática a todas as empresas que compunham o Sistema FIEC, como é chamado, que são o SESI, o SENAI, o IEL e a FIEC, embora apenas um destes 4 CNPJs assinasse a nossa carteira. Ou seja, no setor de compras e licitação, onde comecei, éramos muitos e havia alguns na folha do IEL, outros na folha da FIEC, SESI ou SENAI, mas na prática fazíamos processo de qualquer uma das empresas e muitas vezes de várias em conjunto. No setor de compras, fiquei por 2 anos, depois fui para a Unidade Jurídica por 8 anos. Durante o período da Unidade Jurídica, eu casei, fui mãe aos 40 anos de idade e me separei.

O meu último período no SESI foi na Unidade do SESI de Maracanaú-CE, mudança essa provocada por uma limitação no braço direito. É que em 2012 enfrentei e venci um câncer de mama, mas fiquei com monoparesia no braço direito. Acontece que, em função do deslocamento

casa-trabalho-casa, meu braço vivia inchando pelo esforço de subir nos ônibus e pelos apertos nos ônibus lotados, por duas vezes machuquei de forma mais séria o braço. Até que, entrando e saindo de licenças, fiquei com o emocional por demais abalado, pois o trabalho era o meu referencial maior de “quem eu sou”. As licenças mexiam com minha auto-estima e feriam a minha identidade, pois ser rotulada de incapaz me assombrava e a própria empresa me colocou em apoio psicológico. Assim, a psicóloga do SESI aconselhou minha transferência para a Unidade de Maracanaú, que me tirava do fluxo maior de lotação dos ônibus urbanos, uma vez que eu residia nas proximidades da Av. Maraponga. Então, quando eu estava indo para o Maracanaú, o fluxo maior era no sentido Maracanaú-Fortaleza e, quando eu retornava para casa, era no sentido Fortaleza - Maracanaú. Ou seja, eu estava sempre no contra-fluxo, o que me permitia um deslocamento sem maiores danos para o meu braço, pela pouca lotação que eu enfrentava.

Um pouco antes do câncer de mama, comecei a minha segunda especialização, desta vez em Gestão Governamental na UNILAB em Redenção-Ce. Universidade que me abria portas, depois, para a tutoria no ensino a distância. Era o ensino voltando na minha vida. Como tutora, estou até hoje no curso de graduação de administração pública do sistema UAB, tendo passado um período também nas especializações da mesma área.

Mas, já nos últimos anos da Unidade Jurídica, em contato constante com estagiários concurseiros, eu despertei para este universo que até então me era desconhecido. Comecei a estudar, mas, com algumas raras exceções, minhas opções de concurso sempre eram as instituições de ensino superior: IFCE (que neste meio tempo havia saído de Escola Técnica, passado por CEFET e se tornado Instituto), UFC e UNILAB. Depois de algumas tentativas infrutíferas, em 2014 eu logrei êxito, aprovada no cargo de administradora do IFCE lotada no *campus* de Cedro.

Mudança é meu nome e assim foi. Larguei a minha vida urbana, embora suburbana, e mudei para uma cidade do interior com uma filha pequena de 6 anos, que havia estudado desde 1 ano e 3 meses em uma escola

integral. Pela ausência deste tipo de aparato, seguiu comigo a minha companheira Regina. Se, por um lado, havia a tranquilidade da cidade de interior e o universo maravilhoso com o qual entrei em contato no *campus* de Cedro; de outro havia a intranquilidade da não adaptação da minha filha que adoeceu, sofreu bullying e engordou quase 10 quilos por ansiedade. A minha vida no *campus* era um oásis em meio a tudo isso: lá conheci figuras ímpares, exemplos de dedicação e amor a esta instituição que vou levar comigo para sempre. Mas, se a vida profissional estava em paz, a de mãe não estava e nem a de companheira. Regina abandonou o curso de humanidades na UNILAB, pois excedeu o número de semestres trancados e estava longe do seu amor maior: a agricultura, além do seu *habitat* que era o município de Baturité-CE. De forma que, quando em 2016 veio um processo de remoção com a possibilidade de mudança para Quixadá-CE, não pensei duas vezes. Mas, por que Quixadá? Foi o campus mais próximo a Baturité que consegui. Sim, Baturité, não Fortaleza. Explico: Regina e eu temos família em Baturité e já tínhamos um terreno adquirido nessa cidade. Por isso, decidimos lançar mão de um empréstimo e construir a tão sonhada casa própria, hoje meu reduto de paz.

E assim foi, quando da transferência para Quixadá, optei por residir em Baturité. Era a minha hora de assumir a cota de sacrifício: Fernanda, minha filha, iria pro contato dos amigos e parentes; Regina voltava a sua vida deixada para trás, quando decidiu me seguir para a cidade do Cedro. Optei por não residir em Quixadá, mas em Baturité. De lá até hoje já se vão quase 3 anos, me deslocando diariamente quase 200 quilômetros ao dia para ir e voltar do trabalho para a minha residência. Sim, eu resido em Baturité e trabalho no *Campus* de Quixadá. Loucura? Talvez sim, mas com certeza não a primeira e nem a última da minha vida. E, como sempre, tratei de usar isso em meu benefício... Foram as 4 horas diárias dentro da topic que me possibilitaram a preparação para o mestrado! Nunca tive problema com ler em transporte e isso me ajudou. Difícil, depois de passar quase 11 horas longe de casa, complicado chegar em casa e ir estudar... Não pelo cansaço apenas, mas pelas obrigações em casa. Além

disso, não sou educadora apenas no IFCE ou na UNILAB, minha aluna mais especial é a minha filha, a quem faço questão de acompanhar de perto nos percalços da vida escolar! Esse fato - estudar dentro da topic - deu origem a um codinome carinhoso a mim atribuído pelo Professor Jefferson Queiroz Lima, num dos primeiros contatos do mestrado: “a moça da topic”!

A busca por novas flores e néctar - alçando novos voos

Relatei anteriormente que sou viciada em aprender, lembra disso? Das etapas de crescimento, descritas até aqui, apenas a última foi mais consciente... A graduação me colocou frente a possibilidades e escolhas que, se aconteceram anteriormente, foram no inconsciente. Hoje, olhando para trás, vejo na profissional, que saiu da graduação, mais segurança, com uma condição maior de dizer: estou aqui, mas quero chegar lá... e traçar metas, buscar condições para alcançar o desejado. Não significa que eu consiga sempre, ah quem me dera! O aprendizado no SFIEC foi fundamental para me tornar a profissional que hoje eu sou. Aproveitei bem as exigências e também as oportunidades de aprendizados. Mas, essa “virada de jogo” começou na graduação, a partir daí já conseguia visualizar, como era costume brincarmos entre os amigos da graduação: “que havia vida inteligente fora do planeta Terra”... Isso significava enxergar fora do nosso mundo conhecido, era a visão além dos muros que até então me limitavam o vôo! Pois, quando se começa a voar, não se tem ideia das alturas possíveis de se alcançar...

E o último passo, até aqui, nesse crescimento, foi o meu encontro com o mestrado. Não estou falando de 2019, ano no qual estamos, mas de 2017! O ano do primeiro processo seletivo do programa. Com o hábito de ler diariamente as notícias do sítio eletrônico do IFCE, logo tomei conhecimento do edital e da proposta do curso. Pareceu-me a chance ímpar de conseguir galgar um mestrado, tanto pela forma do processo que, sem os entraves subjetivos das costumeiras seleções de projetos, não colocava o poder da escolha em terceiros, mas na minha condição de

conseguir a nota que precisava; como pela possibilidade de ter aula apenas um dia na semana - pois como técnica-administrativa em educação, não tenho a facilidade de liberação para o mestrado que um docente da instituição possui. Mas, eu não estava preparada para o efeito que a bibliografia iria provocar em mim... Mais uma crise de identidade, um outro repensar sobre a profissional que sou e quem eu gostaria de ser. Sem vivência ou conhecimento com a pedagogia, desconhecia autores como Saviani, Marise Ramos, Maria Ciavatta, Dante Moura, Nosella e muitos outros que li para conseguir entender estes! E, quanto mais eu lia, mais se rompia o véu da minha mente. Entender a busca e a luta contínua por esse homem omnilateral me colocava no centro do processo do autocohecimento. Ao mesmo tempo em que aprendia “sobre”, eu me via nessa transformação! Não consegui êxito no primeiro processo, pelo menos não na seleção, e nem no segundo. No primeiro, não atingi a nota para ter minha redação corrigida, no segundo processo, por motivos pessoais, acabei por não realizar a prova. Por que, quando me refiro à primeira seleção, digo que não consegui êxito apenas “na seleção”, de que outro êxito falo? O êxito alcançado em revisitar os meus conceitos e objetivos de vida e redefinir as metas para um futuro breve.

“Do contrário, acaba-se fazendo ou uma reivindicação subordinada à Ordem, onde se crê na possibilidade de obtê-la pela via do consenso e da interação, sem tocar nos fundamentos do sistema, sem ferir os interesses do capital ou, o que é ainda pior, acaba-se gradativamente por se abandonar as formas de ação contra o capital e de seu sistema de metabolismo social, numa práxis social resignada.” (Antunes, 1953, pág. 174)¹⁸

Hoje, estou mestranda e o objetivo dessas memórias é colocar um embasamento para a minha proposta de dissertação e escolha do produto que terá que ser apresentado na conclusão do curso. Porém, dentro de

¹⁸ Antunes, Ricardo L. C. (Ricardo Luis Coltro), 1953 - Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho / Ricardo Antunes. - [2.ed., 10.reimpr. rev. e ampl.]. - São Paulo, SP: Boitempo, 2009. -(Mundo do Trabalho)

uma postura de sair da minha zona de conforto que é a administração, que tem sido *uma práxis social resignada*, e adentrar no ensino numa perspectiva de *reivindicação não subordinada*. O processo do relato me fez identificar que minha vida profissional se constitui de 3 tripés: a administração, o turismo e o ensino na modalidade EaD. O primeiro decorrente da minha área de formação e especialização, além da prática profissional; o segundo está em pausa, quem sabe um dia seja retomado; o terceiro foi o atalho “legal” que tomei para manter viva a “professora sem formação”. Já data de alguns anos que reconheci que a minha segunda maior paixão, depois de aprender, é ensinar! Os momentos de maior gratificação, registrados na minha memória, foram aqueles do reconhecimento pelas pequenas contribuições que conseguir dar à vida de alguém através do ensino: seja instigando a estudar, a não desistir dos estudos ou mesmo de conseguir a proeza de ver uma garota que detestava matemática ao ponto de ter dificuldades com a tabuada de somar, dizer “cheguei ao curso de direito porque você não desistiu de mim como professora particular”, relato recebido de uma ex-aluna. O meu contato com o universo da educação e suas múltiplas possibilidades fez de mim quem eu sou: me transformou e moldou! Assim, me inquieta os caminhos que levam o ser humano à transformação... Sem dúvida, um destes caminhos é a educação. Mas, como isso acontece? Como se aprende a lidar com a vida, a administrar a própria vida? Pode isso ser ensinado? E profissionalmente, que competências são necessárias para construir um profissional na área de turismo? Mais precisamente, quais as competências formam um guia de turismo? O turismo já foi fruto de estudo na especialização quando investiguei a formação gerencial como fator de desenvolvimento para pequenos hotéis e pousadas do Ceará. Pretendo seguir na mesma esfera. O recorte do tema ainda está por definir. Talvez começar com a compreensão contextualizada do conceito de competência e suas implicações, como isso se relaciona com a formação profissional e quais as trilhas que conduzem a uma formação de um ser profissional que constrói a sua história. Entender, no particular, como tem se dado essa formação no IFCE, a que

resultados temos chegado e qual a contribuição que isso tem trazido para a execução da nossa missão: “*Produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando a sua total inserção social, política, cultural e ética.*”? São algumas das questões que me inquietam e que dariam um excelente percurso dialógico com a gestão, ensino e docência. Mas, vamos nos apoderar mais das bases conceituais até chegar à definição.

No final – não, ainda não estamos no final, esse relato talvez seja apenas parêntese, pois muito há para se fazer, pensar e dizer neste prazo de dois anos que pretende ser o mestrado. Mas, falando do relato, chegar até aqui foi mais fácil do que pareceu... Por mais filtros que a consciência tenha colocado, surgiram muitas descobertas e a certeza que vêm mudança em um futuro próximo! A polinização está a todo vapor...

Assim, agradecemos ao leitor pela companhia e presteza de se fazer participante deste momento. Confidente de memórias que aqui contamos, não como quem conta um segredo, mas como quem poliniza flores para que se espalhem pelo vento e floresçam, **porque precisamos de flores e de seus perfumes!!!**

Caminhos de uma mestranda: interações entre oportunidades e desafios

Daniela Sales de Souza Aragão¹⁹

Introdução

Ao escrever este memorial, busquei dentro de mim os caminhos que percorri e as escolhas que me fizeram chegar a este momento: mestranda. Transitei pela minha infância e pela minha adolescência observando o contexto em que eu estava inserida e como a vontade de mudança impulsionou os meus passos seguintes. A cada linha escrita, pude assistir à minha história como uma espectadora atenta, hora encantada, hora crítica, amadurecendo a cada cena e conseguindo enxergar oportunidades que não puderam ser aproveitadas no momento já vivido, mas certamente surgirão outras e na ocasião propícia elas serão usufruídas.

O início do caminho

Minha trajetória iniciou-se em 1992, no município de Sobral, no estado do Ceará, seguindo os caminhos traçados pela minha mãe, Maria de Fátima Sales de Souza e pelo meu pai, Raimundo Adriano de Souza, ambos com pouco estudo, mas muita sabedoria de mundo. Ela, costureira, e ele, pedreiro, criaram cinco filhos (meu irmão mais velho, Aldélio; minha irmã mais velha, Áquila; eu - Daniela -, a filha do meio; minha irmã mais nova, Isabel e meu irmão mais novo, Tiago) proporcionando uma vida simples, mas repleta de amor. Nossa casa estava localizada na

¹⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT/IFCE). Graduada em Administração pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Especialista em Gerenciamento de Projetos pela Universidade Ateneu. Assistente em administração no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE. E-mail: daniela.sales@ifce.edu.br

periferia, era um local pequeno, desprovido de tantos brinquedos e não havia nem uma televisão. Meus primos e primas moravam na mesma vizinhança e juntos inventamos os mais variados brinquedos e brincadeiras, em nosso quintal ou mesmo na rua, com toda a meninada. A vida era difícil, mas, quando criança, só enxergamos com as lentes de criança, então era tudo diversão.

Minha educação básica sempre foi em escola pública e, incentivada pelos meus pais, que sempre nos aconselhavam a estudar, reforçando no dia a dia a importância da educação que um dia não puderam abraçar, recebia dos professores o apoio educacional necessário para dar continuidade àquilo que eu via como única alternativa.

Assim, dos quatro aos onze anos estudei na Escola Netinha Castelo de Ensino Fundamental e Educacional Infantil. O ensino infantil foi marcado por professoras sempre muito atenciosas e carinhosas, que conduziram o processo de alfabetização com muitas músicas, brincadeiras, atividades criativas e interações em grupo. Nas séries iniciais do ensino fundamental, lembro-me da minha timidez nas aulas em que a professora solicitava que lêssemos em voz alta. O nervosismo era tão grande que a voz tremia, mas isso não me impedia de realizar a atividade proposta. Ao final deste ciclo, como essa escola não ofertava as séries finais do ensino fundamental, fui transferida para uma escola estadual que ficava mais próxima a minha residência.

Em 2004 iniciei as séries finais do ensino fundamental na Escola de Ensino Fundamental e Médio Ministro Jarbas Passarinho, onde permaneci até concluir o ensino médio. Sou grata a cada um dos meus professores que, direta ou indiretamente, contribuíram com a minha formação acadêmica, profissional e também pessoal.

Consciência

Em 2006 comecei a tomar consciência do meu papel como cidadã e a compreender a realidade social na qual eu estava inserida. Nas salas de aula onde eu estava incluída existiam pessoas mais velhas, adolescentes grávidas e jovens envolvidos com drogas e violência. Assim, muitos dos

colegas se perdiam no caminho, não chegavam a concluir o ano letivo ou chegar ao ensino médio.

Ao observar com um novo olhar os arredores por onde passava, percebi que não havia uma infraestrutura voltada para o lazer ou o esporte, o que contribuía para que a juventude permanecesse ociosa e sem alternativas. As famílias do bairro, pela sua situação socioeconômica, garantiam apenas o básico para a sobrevivência - ou nem isso. Nesse momento de despertar para a realidade, tomei consciência de como era a minha vida e como tinha sido até então e compreendi como foi difícil para os meus pais proverem e educarem a mim e meus irmãos. Recordo bem que recebíamos ajuda dos meus avós (e sou grata a eles por todo amor e dedicação) e tios, cujos móveis eram doados para fazer parte da nossa pequena e escassa mobília.

Ainda uma vez os meus pais tentaram estudar, em 2004, mas a rotina agitada e o ritmo das aulas à noite pareciam não se encaixar. Mesmo com muita dificuldade, eles conseguiram concluir um ano (3ª a 5ª série) na modalidade Educação para Jovens e Adultos - EJA, mas devido à questão anteriormente mencionada, não encontraram um modo de prosseguir no caminho da educação, pois o aprendizado não estava sendo proveitoso.

Finalizando a oitava série (última série do Ensino Fundamental), a escolha de estudar era opção da minoria dos jovens da minha idade, diante da necessidade de ajudar em casa com o sustento familiar, ou mesmo porque eram atraídos para caminhos ilícitos. “De todos os infortúnios que afligem a humanidade, o mais amargo é que temos de ter consciência de muito e controle de nada.” (Heródoto)

Para as pessoas menos favorecidas economicamente, que vivem em comunidades carentes, sem nenhum incentivo, estudar é um ato de coragem. Eu era alheia às teorias que justificavam as possíveis causas de toda essa situação. Mas enxergava o lugar em que eu estava e percebi que necessitava mudar e buscar caminhos com opções melhores para mim. Eu não tinha direcionamento, mas não queria permanecer naquelas condições.

Companhia no percurso

“Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos os teus caminhos.” (*Salmos 91:11.*)

Desde tenra idade meus avôs e minha mãe me levavam à igreja e também me contavam sobre o amor de Deus e os ensinamentos de Jesus. Em 2006, quando percebi que eu precisava de um rumo melhor a seguir, pedi a Deus que abençoasse os meus caminhos e ele enviou anjos para me acompanhar.

Dentre os grandes apoiadores e incentivadores, tive um amigo especial que está comigo até hoje: Silas. Começamos a estudar juntos em 2004, na sexta série (sétimo ano). Entre entendimentos e desavenças, empatia e implicância, fomos colegas de sala e fazíamos juntos os trabalhos em equipe. O Silas participava de todos os projetos da escola, de modalidades esportivas a cursos para qualificação.

Em 2006 começamos a fazer o curso de Inglês e Informática ofertados de forma gratuita no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral e, no final de 2007, começamos a compartilhar nossas ideias e incentivos em relação ao mercado de trabalho. Não conseguimos finalizar o curso de inglês, pois sua duração é de quatro anos. Então, na metade do curso, decidimos trabalhar para ajudar as nossas famílias e não teve como conciliar a realização de tantas atividades.

Nossa amizade se fortaleceu e naquela altura seria possível que estivessemos apaixonados um pelo outro. Tínhamos 15 anos, a realidade era dura demais para aceitar um namoro e correr o risco de repetir a história dos pais. Seguimos na amizade, mas um pouco afastados.

O fato de não estudarmos mais juntos foi difícil para nós dois, então começamos a nos comunicar como faziam os nossos avôs: por cartas escritas à mão e nos víamos pessoalmente sempre que dava. Em 2008 começamos a namorar, mas com o compromisso de incentivarmos um ao outro a sempre buscar estudar e ter um trabalho digno. Esse momento e essa convivência foi importante, porque como vivíamos em contextos

sociais semelhantes, nosso desejo era o mesmo: mudar nossa realidade através da educação.

Tivemos muitos percalços no caminho, mas também momentos maravilhosos, e assim fomos companheiros no percurso. Fizemos muitos outros cursos juntos, tivemos a oportunidade de trabalhar na mesma empresa. Fomos parceiros no projeto de ingressar na universidade e conseguimos nos formar. Mais adiante, estudamos juntos para concursos e passamos. No momento oportuno, decidimos sair da casa de nossos pais e nos casar. Tem sido linda a nossa jornada, estamos a salvo e seguindo o combinado.

Academia e profissão: andando na contramão

A minha trajetória acadêmica e profissional foi percorrida em um zigue-zague baseado na necessidade de ter um trabalho para prover o meu sustento e ao mesmo tempo estudar para progredir academicamente e alcançar melhorias cada vez mais. Minha história não se diferencia de tantas outras histórias de pessoas n(p)obres, que buscam na educação a chance de prosperar e enxergam nela a oportunidade para alcançar esse objetivo, além de conseguirem conciliar os estudos com o trabalho. Somos milagres ambulantes que insistem em fazer as escolhas darem certo e possuem uma fé que possibilita colocar o pé antes de enxergar o chão.

A escola promovia palestras, cursos e desenvolvia alguns projetos. Eu participei de dois desses projetos que despertaram meu interesse por aspectos ambientais e que me ajudaram a superar a timidez. No Projeto Luxo do Lixo, que trabalhava a importância da reciclagem e do reuso de embalagens, combatia a poluição gerada pelo descarte irregular do lixo e incentivava a coleta seletiva, participávamos de desfiles com roupas feitas de material reciclado para dar visibilidade à causa. Participei também do Projeto Água é Vida: Cuide!. Neste, recebíamos uma formação do Serviço Autônomo de Água e Esgoto - SAAE sobre o uso da água, a importância de não desperdiçá-la e maneiras de conscientizar a comunidade. Os alunos do projeto multiplicavam esse conhecimento em escolas estaduais e municipais. Ambos os projetos eram idealizados e coordenados pela

professora Livramento, a qual sou muito agradecida pelo incentivo e pela sua dedicação aos projetos.

Na última série do ensino fundamental e durante o ensino médio, recebíamos na escola a visita de empresas que ofereciam os mais diversos produtos e serviços. Muitas delas tinham o mesmo discurso sobre a importância da qualificação para o mercado de trabalho através de um currículo alinhado com as necessidades das empresas e logo ofereciam: “para conseguir um trabalho, vocês precisarão de cursos na área de informática”. Os cursos normalmente eram pagos em dez ou doze parcelas. Minha família não tinha abastança que permitisse pagar pelos cursos, então sempre que surgia a oportunidade de cursar gratuitamente alguns deles, que por vezes eram divulgadas nos murais da escola, eu participava e me dedicava inteiramente ao aprendizado. Mesmo que não houvesse uma orientação em relação aos nossos anseios sobre o futuro e sobre nossas carreiras profissionais, eu ia desfrutando sempre das oportunidades que surgiam.

Inclusive a Prefeitura Municipal de Sobral promovia ações para inclusão e capacitação dos jovens de forma gratuita. A participação nos cursos me fazia sentir o meu desenvolvimento através do contato com as novas experiências.

Outra instituição que muito me auxiliou a desenvolver minhas competências foi o SENAC. A maioria dos seus cursos é paga, mas vez por outra eles ofertavam vagas gratuitas a pessoas de baixa renda por meio do Programa SENAC Gratuidade - PSG. Ter um certificado do SENAC era um diferencial no currículo. Para mim, a preocupação em oferecer qualidade no ensino e a forma humana com que os professores nos tratavam foi transformadora. Ter contato com esse tipo de profissional nos revela uma variedade de possibilidades as quais não temos acesso em quaisquer lugares. E isso é deveras enriquecedor.

Mais adiante, em 2009, tive a primeira experiência de trabalho em uma empresa. Eu fui estagiária em uma clínica de saúde no turno da manhã, por um período de três meses. Minhas funções eram digitar

relatórios, conferir e arquivar documentos e, quando necessário, também realizava atendimento na recepção. No período da tarde eu ia para a escola e durante a noite eu fazia um cursinho preparatório para o vestibular.

Finalizando o ensino médio, deparei-me com a difícil missão de escolher a profissão que iria seguir. Busquei dentro de mim o que mais me fascinava e lembrei-me de que, durante a infância, brinquei de ser tanta coisa que seria difícil escolher. A opção de universidade para cursar a graduação seria a Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA, pois o vestibular da Universidade Federal do Ceará - UFC era difícil e, como a nossa base de conhecimentos era defasada, não conseguiríamos competir com os alunos das escolas particulares. Decidi fazer o vestibular para Zootecnia, pois em um dado momento da educação básica visitei a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA Caprinos e Ovinos e fiquei encantada pelo modo como os funcionários falavam das atividades que desenvolviam. Eles pareciam gostar, então poderia ser um bom lugar para trabalhar.

Então em 2010, no mesmo período do vestibular, houve um processo seletivo no Instituto Federal do Ceará – IFCE - campus de Sobral. Eu conhecia pessoas que estudavam lá e elas falavam muito bem dos cursos. Com a minha experiência nos projetos ambientais da escola e meu apreço pela natureza, decidi fazer a prova para ingressar no curso Técnico em Meio Ambiente. Essa seria a minha segunda opção caso eu não fosse feliz no processo seletivo da UVA. Se meus planos não dessem tão certo, eu ainda estaria próxima da área de que eu gostava e, além disso, a ideia de ficar fora do espaço acadêmico me desesperava. Eu sabia que seria difícil retomar os estudos uma vez que o processo fosse descontinuado. Eu temia terminar o ensino médio, começar a trabalhar e não conseguir mais voltar a estudar.

Deus sabe de todas as coisas e, mesmo sem saber que rumo seguir, Ele nos coloca no exato lugar em que devemos estar. Eu não passei no vestibular da UVA, mas passei no do IFCE e fiquei muito feliz, pois fazer parte desta instituição muda a vida de qualquer pessoa. Na verdade, esta

situação foi boa por dois motivos: primeiro, o curso de zootecnia era diurno e eu não teria como trabalhar. Estando no IFCE, poderia conciliar a academia com a vida profissional. O segundo motivo é que durante o curso conheci o Reginaldo, que também cursava zootecnia e, segundo a sua percepção, disse que o curso não possuía relação nenhuma comigo. Observando minhas habilidades, meus conhecimentos e experiências, ele entendeu que eu deveria cursar administração, e depois eu poderia relacionar o curso com o Meio Ambiente. Então eu analisei toda a situação e concluí o curso para tentar o vestibular novamente.

Nesse ínterim, eu já concluíra cursos na área de Tecnologias da Informação e Comunicação - TIC e certa habilidade no assunto, quando a Prefeitura Municipal de Sobral, através da Secretaria da Tecnologia e Desenvolvimento Econômico, abriu seleção para o cargo de monitor de informática no Projeto Teia Digital. Eu já havia sido beneficiada com o projeto enquanto aluna e, com o incentivo de minha irmã, Áquila - monitora do projeto, vi a oportunidade de multiplicar o conhecimento adquirido e ter uma experiência inovadora. Então, após participar do curso de formação, fui selecionada para dar aulas de introdução ao sistema operacional Linux e programas BR Office e, ainda, noções de ética e postura profissional com o objetivo de preparar jovens e adultos para inserção no mercado de trabalho. O curso era ofertado de forma gratuita à população e era realizado em vários bairros da cidade, assim como nos distritos.

Foi uma experiência desafiadora para mim. Seria a minha primeira vez sozinha em uma sala (lecionado) e cabia a mim não apenas repassar o conhecimento, mas retribuir todo o incentivo que havia recebido nos cursos dos quais participei. Foi um momento difícil na minha vida, visto que eu acabara de completar 18 anos e não me sentia preparada para a rotina da vida adulta.

Nessa época minha rotina era ir para o curso de operador de micro-computador no SENAC pela manhã, ir para o CEJA Professora Cecy Cialdine onde eu dava aula à tarde, e à noite ia para o IFCE. O SENAC e o CEJA ficavam no centro da cidade. O intervalo entre o curso e a aula

era curto, então eu levava de casa a comida preparada pela minha mãe com muito amor. Porém, não havendo onde esquentá-la, eu comia fria mesmo. Ia para uma sala reservada na escola e alimentava-me antes de as aulas iniciarem. Eu me recordo de almoçar quase chorando devido ao cansaço, por ter que almoçar sozinha e por toda a dificuldade que eu estivera enfrentando para melhorar minha realidade. Não obstante, eu agradecia a Deus pelas oportunidades e por ter a minha família para me ajudar e me apoiar.

No curso do Projeto Teia Digital eu tinha duas turmas. Uma com pessoas mais jovens, interessadas em aperfeiçoar os seus conhecimentos em informática e aspectos ligados à internet. A outra, uma turma de adultos com idade entre 30 e 65 anos que ainda não tinham contato com computadores e estavam aprendendo a utilizar os programas e se aproximando das novas tecnologias. Era inspirador ver a gratidão no olhar de cada um e a diferença que as aulas geravam na vida deles. Um momento marcante, além de poder entregar o certificado a todos ao final do curso, foi quando os alunos fizeram uma festa de aniversário para mim como despedida do curso. Na ocasião, cada um pediu a palavra para agradecer e dizer o quão importante foi a minha maneira de incluí-los através de minhas aulas. Eu chorei de tanta emoção e senti que tudo que eu tinha passado para estar ali valera a pena.

Depois que o ciclo de aulas terminou, fiquei um tempo sem trabalhar e vi a necessidade de ingressar no mercado de trabalho formal. O incentivo do Silas despertou meu interesse em participar do Programa Jovem Aprendiz, oferecido pelo SENAC. Eu teria oportunidade de ter o primeiro emprego com carteira assinada e ao mesmo tempo ter uma capacitação inovadora.

Logo decidi participar da seleção para o Programa Jovem Aprendiz, sinceramente levando em conta apenas o trabalho laboral, mas o curso me surpreendeu positivamente e foi um salto no meu desenvolvimento, não apenas em aspectos profissionais, mas principalmente pessoais e emocionais. O curso de Aprendizagem na modalidade de Formação Inicial e

Continuada de Trabalhadores iniciou em 2011 e teve a duração de um ano e seis meses. As atividades desenvolvidas em sala eram contextualizadas e a cada módulo tínhamos uma dinâmica de grupo. A interação com a turma facilitava nosso aprendizado e melhorava nosso relacionamento enquanto turma e equipe. Ao final das dinâmicas, sempre havia um momento reflexivo sobre a atividade desenvolvida, proporcionando nosso aperfeiçoamento enquanto cidadãos. Os professores se preocupavam com a nossa formação e, além das aulas, nos ensinavam valores sociais e éticos.

Para exercer a parte prática do projeto, fui contratada pela empresa Execute Computadores, da qual muito me orgulho em ter feito parte. Como desenvolvi um bom trabalho enquanto jovem aprendiz, após a conclusão do curso, atendendo as minhas expectativas, fui contratada como funcionária. O profissionalismo, a humanidade das pessoas envolvidas e o espírito de equipe faziam meus olhos brilharem. Como a empresa estava sempre em busca de inovação, tinha um ambiente dinâmico, valorizava as pessoas, os talentos e a contribuição que cada um poderia oferecer. Eu me sentia importante trabalhando lá, sentia que realmente contribuía. Dessarte, aprendi muito nessa empresa.

No ano de 2012 fiz o vestibular para Administração na UVA e, com a ajuda de Deus, consegui passar. Como minha jornada de trabalho era de 44 horas por semana, eu ia para as aulas, mas não tinha disponibilidade para participar de atividades de extensão, de monitoria ou pesquisa. Porém, eu sentia a necessidade de participar mais ativamente da vida acadêmica. Conversei com o Silas sobre a possibilidade de eu sair do trabalho para me dedicar aos estudos. Juntos, vimos que a melhor opção seria que eu conseguisse um estágio, mas até que viesse essa oportunidade eu continuaria tendo que conciliar o trabalho e a graduação. Acabei dando prioridade ao trabalho, mas naquele momento não tinha como ser diferente.

Aguardei a ocasião conveniente e, em 2014, foi publicado um edital com vagas para Técnico-Administrativo na UFC de Sobral. Eu não estudava para concursos, mas o conteúdo fazia parte da minha área de formação, então eu decidi tentar. Vi meu nome na última posição do cadastro

de reservas e fiquei completamente sem esperança de ser chamada. No mesmo ano, eu saí da Exeute, pois consegui passar na seleção de estágio de nível superior no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE. Com mais tempo livre, pude me dedicar mais aos estudos, cumprir minha carga horária em ensino, pesquisa e extensão e viver mais e melhor a época da faculdade. No SEBRAE trabalhei diretamente com os cursos de capacitação oferecidos às empresas, soluções para aperfeiçoamento, gestão e inovação. Participei de cursos, tive contato com os consultores e também com os empresários de diversos ramos. Foi uma experiência riquíssima que tive chance de experimentar.

Em 2016, quase finalizando o estágio e também a faculdade, recebi uma ligação inesperada da UFC informando que o concurso estava chegando ao fim da vigência sem previsão de vagas para o *campus* de Sobral e que a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, com sede em Redenção/CE, pediu o aproveitamento das vagas, cabendo a mim decidir pela aceitação. Eu havia experienciado muitos momentos ruins com o serviço público, entretanto eu semeava dentro de mim uma vontade de fazer a diferença. E prestar um serviço de qualidade, ajudando a sociedade e a educação parecia a forma mais bonita de realizar esse desejo.

Refleti bastante sobre a situação, pois eu nunca havia saído de Sobral sozinha por mais de uma semana, e eu sou muito afeiçãoada à família. Conversei com o Silas sobre como iríamos proceder naquela situação. Então, após pesquisar sobre as possibilidades de voltar para casa antes mesmo de sair e sendo possível uma redistribuição, a balança pesou para o lado de enfrentar os meus medos e entrar no serviço público como forma de finalmente mudar minha vida e a de minha família, a qual me apoiou e assim eu fui. Nesse período eu fiquei muito abalada emocionalmente, chorava quase todos os dias querendo voltar para casa, mas conseguir uma redistribuição era mais difícil do que eu pensava. Passei quase dois anos fazendo o mesmo trajeto toda segunda e sexta: Sobral-Fortaleza-Redenção e Redenção-Fortaleza-Sobral.

Meu envolvimento com a Educação, além dos projetos dos quais participei, começou na UNILAB. De forma mais intensa e gradativa eu enxerguei meu papel de agente transformadora naquele espaço. Fui lotada na Diretoria de Educação Aberta e a Distância, hoje, Instituto de Educação Aberta e a Distância. O primeiro ano foi muito difícil, pois até então eu não tivera contato com essa modalidade de ensino, com o contexto apresentado. Por isso, no primeiro momento não me identifiquei com aquela realidade. À medida que fui me envolvendo no setor e me aproximando das secretarias de cursos, do ambiente virtual, dos professores e dos alunos, passei a compreender as dificuldades enfrentadas, a enxergar o quanto a educação pública à distância é fragilizada. No que cabia a mim, pude fazer intervenções com sugestões, auxiliar na melhoria e implementação de processos, contribuindo com a agilidade no atendimento e com a organização do setor.

Em 2018, Deus com sua bondade e misericórdia me ajudou a ficar mais perto de casa. Consegui, através de uma permuta com outra servidora, a redistribuição para o IFCE - *campus* Acaraú, onde trabalho atualmente. Meu esposo conseguiu ser transferido de Sobral para Acaraú e pudemos ficar juntos novamente. Através do nosso trabalho como servidores públicos, oferecemos uma vida melhor aos nossos pais, não apenas contribuindo com recursos financeiros, mas com momentos de lazer e novas experiências. Aos poucos estamos realizando nossos sonhos, sempre agradecendo a Deus por cada conquista.

Inicialmente minha contribuição no *campus* de Acaraú foi como Coordenadora do setor de Aquisições e Contratações. Enquanto responsável pela gestão dos contratos, desenvolvi juntamente com os colegas um treinamento para padronizar e esclarecer sobre o processo de fiscalização de contratos e também sobre os procedimentos para abertura, instrução e acompanhamento de processos relativos aos contratos no SEI - Sistema Eletrônico de Informações. Deixei a coordenação para me dedicar ao mestrado e atualmente desenvolvo atividades relacionadas a licitações e compras no referido setor.

PROFEPT: escolhendo a direção

Em 2018, após chegar ao IFCE e retomar o meu lar, pude equilibrar minhas emoções e fazer planos para o futuro. Os meus planos eram seguir estudando e fazer um mestrado. Mas eu não possuía um currículo atraente e nem o perfil necessário para ingressar em um mestrado acadêmico. Eu já estava conformada com o fato de que não teria uma formação *stricto sensu*. Todavia, em janeiro de 2019, acompanhando as notícias no site do IFCE, vi o link sobre o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica e, quando pesquisei sobre o regulamento, vi a oportunidade que eu precisava.

A bibliografia não fazia parte do contexto da minha graduação e seria a primeira vez que eu estudaria sobre o assunto, mas o conteúdo me interessou e eu poderia me encaixar na proposta do programa. A jornada de estudos foi difícil, mas o tempo depois do trabalho entre preparar o jantar e lavar a louça foi sendo suficiente para que eu compreendesse a mensagem dos textos e a ligação entre eles e a minha realidade. Os finais de semana eram para os simulados com resolução de questões. Cada vídeo aula, cada texto que eu lia me aproximavam da minha realidade e eu compreendia a razão de ser de todo o percurso que fiz até ali, entendi meus caminhos e minhas escolhas. Senti minha mente se expandindo e soube que não conseguiria ir para outro sentido, a não ser em frente.

Minha fé venceu todos os obstáculos que foram aparecendo no caminho até a saída do resultado. Ver meu nome na lista foi uma das minhas maiores superações e umas das melhores vitórias alcançadas, não só minha, mas de toda a minha família.

Inspirada nas experiências boas que tive e que me fizeram evoluir, pretendo aliar inovação e interação no processo de desenvolvimento do produto educacional proposto pelo PROFEPT. A intenção é contribuir para tornar os espaços antes meramente expositivos, em um ambiente de aprendizagem mais dinâmico, que favoreçam a construção de conhecimento para que os alunos sejam agentes de transformação, atuantes e proativos na busca por melhorias do ambiente em que vivem.

Conforme BORGES (2014), é fundamental que o professor participe do processo de repensar a construção do conhecimento, na qual a mediação e a interação são os pressupostos essenciais para que ocorra aprendizagem. Nesse sentido, pretendo propor uma oficina sobre a utilização de metodologias ativas visando promover o desenvolvimento de autonomia na aprendizagem e aprimoramento de aspectos socioemocionais, em atendimento às demandas da sociedade; elaborar um produto educacional no formato de plataforma online, com o roteiro e recursos utilizados na oficina, visando o compartilhamento da experiência como forma de estímulo a novas práticas e fortalecimento do ensino.

Conclusão: a trajetória continua

A vivência em espaços de inovação e o contato com diversos conhecimentos foram a mola propulsora para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Diante de todas as experiências que tive, percebi que fui mais forte do que eu pressupunha e fui mais longe do que eu tinha planejado. O meu medo de permanecer onde eu estava foi a minha maior coragem para seguir. Superei os desafios e abracei as oportunidades. Na vida acadêmica e profissional, minhas maiores recordações são as interações que tive com as pessoas que convivi, as descobertas que fiz ao me permitir participar, ser parte, e isso não mudou apenas a mim. Sinto que fiz diferença na vida de alguém e pretendo continuar fazendo.

Serei mestranda por um período curto de tempo, porém será um tempo bastante intenso e significante. Exigirá de mim sacrifício, interesse e ação. Quando essa etapa terminar, terei mais histórias para contar, amigos para compartilhar e um novo trajeto a ser descoberto.

A educação é um caminho longo e cheio de desafios a serem superados, mas também é um percurso cheio de luz que traz transformações e recompensas. O que colhemos nesse trajeto nem sempre é dor, mas também amor, gratidão e melhoria de vida das pessoas que seguem por ele.

Coragem!

Referências

BÍBLIA. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/>>. Acesso em 08 de setembro de 2019.

BORGES, Tiago Silva; ALENCAR, Gidéia. Metodologias ativas na promoção da formação crítica do estudante: o uso das metodologias ativas como recurso didático na formação crítica do estudante do ensino superior. Cairu em Revista. Ano.3, n.4, p.119-143, 2014.

Caminhos e descaminhos: Formação de Identidade e Percurso Formativo

Denise de Araújo Silva Holanda²⁰

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive”.
(Fernando Pessoa)

Introdução

Quando me foi conferido a tarefa de escrever sobre minha trajetória me causou estranhamento e ao mesmo tempo comecei a refletir sobre como iria fazer esse feito, pois relembrar e reviver momentos não é fácil, porém, encarei como um momento só meu, da minha subjetividade, o encontro com meu eu, e em tempos de adoecimento mental da sociedade é um exercício necessário, entender nossas questões. Dessa forma, fazer o memorial representa um momento de maturidade, pois:

No fio de sua narração e, portanto, na configuração da narrativa, dá-se a emergência de um narrador, que se expressa como eu (eu-narrador), o qual narra, sob um dado ponto de vista, as suas experiências acadêmicas e profissionais. (SILVA, 2010)

²⁰ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFCE. Licenciada em Ciências com Habilitação em Biologia pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Especialista em Educação Ambiental pela Universidade Regional do Cariri-URCA. Bacharel em Serviço Social pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - IFCE, *campus* de Iguatu. Especialista em Serviço Social, Direitos Sociais e o Trabalho em Comunidade pela Faculdade Kurius. Assistente Social Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia do Ceará - IFCE, Campus Cedro. E-mail: denise.sholanda@gmail.com

Assim, neste memorial irei relatar minha vida, meu percurso de formação acadêmica e minha trajetória profissional, até chegar ao meu ingresso no Mestrado do Programa Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) realizado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, *Campus Fortaleza*.

Percurso acadêmico e profissional

Em abril de 1982 em uma cidade de médio porte, com cerca de 100 mil habitantes, Iguatu-CE, o qual carrega em seu significado “água boa”, ou conhecida como “terra do algodão”, nasce uma mulher negra, filha de Maria José e Luiz. Cresci em um lar cercado de muito amor e carinho, com pais dedicados e que sempre valorizaram o estudo como forma de realização pessoal e profissional. Visto que foi através dos estudos que meu pai aos vinte cinco anos deixou de vender “cabrestos” de chinela na feira para se tornar servidor público federal no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizando um grande feito para um homem negro, pobre e que conhecia na pele o preconceito.

Minha vida escolar inicia em uma tradicional escola privada da cidade, o colégio São José, escola dirigida por freiras, com direção extremamente católica, rígida e conservadora. Neste espaço vivenciei o preconceito racial de perto, sem entender os motivos na época, já que esse assunto não era conversado na escola e nem pelos pais. Porém, eu já sentia o sentimento de ser diferente, era a única negra na escola, sendo interrogada diversas vezes, porque eu estava ali, se era bolsista ou se contava com a caridade de alguém para pagar meus estudos, pois era inconcebível, uma menina negra ser filha de um servidor público negro.

Dessa forma, os apelidos pejorativos sobre minha cor me acompanhavam, então aprendi da maneira mais cruel a chamar o mínimo de atenção possível, respondendo apenas a chamada em sala, com a esperança que ninguém me notasse, pois eu estava sendo discriminada pela minha cor, assim, segui sem identidade. Para a Lei Nº 12.288/2010 que

institui o Estatuto de Igualdade Racial²¹, a discriminação racial ou étnico-racial é

toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional ou étnica que tenha por objeto anular ou restringir o reconhecimento, gozo ou exercício, em igualdade de condições, de direitos humanos e liberdades fundamentais nos campos político, econômico, social, cultural ou em qualquer outro campo da vida pública ou privada. (BRASIL, 2010)

Contudo, meus pais decidiram que no ensino médio eu iria para outra escola, tendo em mente que nela eu teria um melhor estudo. Foi assim, que em 1997 no Colégio Ruy Barbosa, também na cidade de Iguatu, e que fazia parte da rede de escolas da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC)²², que dei continuidade aos meus estudos na educação básica. Apesar de ser privada, a escola possuía caráter filantrópico, com mensalidade acessível e dessa forma passei a conviver com colegas de várias origens sociais, inclusive da classe trabalhadora. Desse momento em diante, comecei a me perceber enquanto pessoa. Fiz amizades, comecei a ouvir minha voz, descobri que era comunicativa, engraçada, participando de várias atividades. No entanto, o racismo sempre me fazia ter as piores lembranças, pois havia duas irmãs com as quais eu tinha amizade e estudávamos juntas, mas percebi que a amizade só poderia ser na escola. Eu nunca era convidada para estudar na sua casa, pois sua mãe não queria amizade de suas filhas com uma garota negra. Lembro que chorei muito na época.

²¹ Destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. (BRASIL, 2010)

²² A Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC) surgiu em 1943, em Recife (PE), para atender crianças e jovens que não possuíam ofertas de estudos pelo poder público ou não tinham condições financeiras para ingressar em colégios privados. Disponível em www.cnec.br

O ingresso na universidade ocorreu no final do 3º ano do ensino médio, com 17 anos, nunca tinha saído de casa, era muito mimada por meus pais, sem nunca pensar que teria que cuidar de mim, em uma cidade estranha na região do Cariri Cearense (Crato), na Universidade Regional do Cariri-URCA, para cursar Ciências com Habilitação em Biologia, curso este escolhido por identificação com a disciplina Biologia do Ensino Médio. Então me encantei totalmente pelo curso, pois era o estudo da vida, e esta, assim como:

[...] todo o mundo restante, é de natureza material e não necessita para sua explicação o reconhecimento de nenhum princípio espiritual ou supramaterial. A vida não é mais que uma forma especial de existência da matéria, que se origina e se destrói de acordo com determinadas leis. A prática, a existência objetiva, e a observação da natureza viva constitui o caminho seguro que nos conduz ao conhecimento da vida. (OPARIN, 1922)

Os conteúdos, as aulas de campo na Chapada do Araripe que é um dos maiores acervos de fósseis do mundo, as amizades que fiz, momentos de muito lazer e diversão, tive oportunidade de ir a shows inesquecíveis!

Mas os quatro anos do curso se passaram muito rápido, e eu já sabia desde o primeiro dia que não queria ser professora, não queria dar aulas, bem como não queria ser pesquisadora na área, e no período do curso existiram muitas oportunidades para a pesquisa, no entanto, não me dediquei. Dessa forma, todo aquele ambiente maravilhoso desmoronou e eu pensava: - o que eu vou fazer quando voltar para minha cidade? Essas indagações me consumiam, meus pais investiram muito nessa minha formação.

No ano de 2004, assim que terminei a faculdade, passei em uma seleção de contrato temporário para o Estado, para lecionar a disciplina na qual havia me formado. Nesse ínterim iniciei uma especialização na URCA em Educação Ambiental, para me capacitar e adquirir mais conhecimentos para minha atuação na docência.

E assim discorro sobre minha experiência profissional de cerca de

seis anos na docência, com vínculo precário, lecionando disciplinas fora da minha formação, para complementar carga horária, que na época eram 32 horas de sala de aula, a qual correspondia a 200 horas aula, em salas com 50 alunos, tendo como público filhos da classe trabalhadora, pobres e explorados retratando suas realidades. Eu não estava preparada para atuar junto a esses alunos, pois além de ensinar, eu os ouvia, orientava-os em suas vidas, ficava feliz com suas conquistas e chorava com suas decepções. Estava absorvendo todas essas vivências, eu não conseguia traçar limites entre o trabalho e a amizade, não me ensinaram isso na faculdade.

Quando iniciei a docência era muito jovem, os alunos se identificavam comigo, gostávamos das mesmas coisas, nos primeiros dias de aula do período letivo duvidavam se eu era realmente sua professora, talvez pela idade, pelo tipo “franzino” ou por ser negra, essa hipótese procuro não pensar, visto que em algumas escolas os vigias me impediam de entrar depois do início das aulas, por pensar que eu não era professora, tinha que alguém da gestão vir confirmar: - será que uma menina negra de 21 anos não poderia lecionar?

Contudo, eu me dedicava para dar aulas de qualidade, mas eu não me identificava, estudava para concursos na minha disciplina não logrando êxito. Percebi que minha base de formação não havia sido de qualidade, não havia me dedicado ao curso como deveria, havia muito que recuperar em relação aos conteúdos, mas eu não tinha motivação.

O ano de 2007 foi um dos marcos da minha vida, conheci meu companheiro e estamos juntos até hoje, tendo em 2009 nossa maior alegria, nosso filho Heitor. Sendo muito difícil retornar da licença maternidade com apenas três meses, pois tirei um mês antes, por problemas de saúde resultantes do meu trabalho. Esse é um dos arrependimentos que carrego, ter voltado a trabalhar tão cedo, quando meu filho precisava mais de mim.

Foi o que me fez repensar: eu tenho que procurar outra formação, eu tenho que buscar novos horizontes de formação profissional que me motivasse. Estava mentalmente adoecida na sala de aula, chorava, porque

não queria aquela realidade, mas eu não tinha coragem de seguir em frente. No entanto, incentivada pelo meu companheiro, resolvi sair da docência e tentar fazer outro curso.

A realidade de estar sem trabalhar, cuidando de uma criança pequena, dependendo financeiramente de meu esposo, com dificuldades financeiras assustava-me um pouco, mas segui em frente. Então, em meados de agosto de 2010, ingressei no curso de bacharelado em Serviço Social no IFCE campus Iguatu, curso recém-criado em meio à contradição do perfil técnico da instituição, sendo o segundo curso oferecido em instituição pública no Estado Ceará e o único da rede de Institutos Federais do país. O Serviço Social dentre seus princípios fundamentais traz o

Reconhecimento da liberdade como valor ético central e das demandas políticas a ela inerentes - autonomia, emancipação e plena expansão dos indivíduos sociais; Defesa intransigente dos direitos humanos e recusa do arbítrio e do autoritarismo; Empenho na eliminação de todas as formas de preconceito, incentivando o respeito à diversidade, à participação de grupos socialmente discriminados e à discussão das diferenças; (BRASIL, 2012)

O início do curso não foi fácil, enfrentei muitas dificuldades, tais como, a área do curso distinta do que estava acostumada, a complexidade dos conteúdos, exigindo muitas leituras, páginas a fio, o pouco tempo para o estudo, já que cuidava de meu filho, e isso exigia muito de mim, tinha ajuda de minha mãe apenas no turno da noite, ficando com meu filho para ir a faculdade, pois meu esposo trabalhava os três horários, na época professor do estado e de escolas particulares, como também, teve que tempos depois assumir concurso no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí- IFPI em uma cidade a cerca 720 km de nossa cidade.

Apesar disso, cada dia me sentia mais motivada a continuar, mesmo em meio a tantas dificuldades, estava diante de uma nova forma de pensar a realidade proporcionada pelo curso, pelos autores estudados, conheci o

pensamento de Karl Marx e os fundamentos ontológicos do trabalho como categoria fundante do ser social, que ao transformar a natureza para atender às suas necessidades, transforma a si mesmo.

O desvelar da realidade observando as múltiplas determinações que incidem, as mediações, as particularidades, essas categorias apresentadas pelo pensamento marxiano, me fascinaram, o seu método histórico dialético é revolucionário. Essa é a matriz teórica a qual o curso se filia, ancorada em diversos autores (as) de referência, como Marilda Yamamoto, José Paulo Netto, Elaine Behring, dentre outros. É nesses autores que conheci meu objeto de trabalho, a questão social. Para Yamamoto (2011), esta é definida como

o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que tem uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos mantém-se privada, monopolizada por uma parte da sociedade (p. 27).

Conforme Netto (2009) são os textos de Marx que nos dá subsídios para conhecer o método de análise da realidade proposto por ele, mediante seu estudo da sociedade burguesa. Assim, o conhecimento teórico é conhecer a essência do objeto, seu movimento real, a sua estrutura e sua dinâmica.

Decidi me dedicar de forma profunda aos estudos, pois meu objetivo era atuar como assistente social e ser aprovada em concurso público. Eu havia achado minha identificação, eu a escolhi como profissão e que pena que não foi minha primeira opção de formação, mas tudo a seu tempo, sem esquecer um só dia aquilo que experienciei na docência.

Pela primeira vez, fiz pesquisa na graduação, publiquei alguns trabalhos, e o qual mais sinto orgulho foi participar de uma pesquisa de iniciação científica em que o projeto de pesquisa era o Processo de Implantação do Curso de Serviço Social no IFCE: Os Desafios da Formação Profissional, Frente a Política de Expansão da Educação Superior no

Capitalismo Contemporâneo. Como resultado foi publicado o artigo intitulado: Educação, “neodesenvolvimentismo” e Serviço Social: os IF’s em questão, na revista mais importante de Serviço Social, a Revista Serviço Social e Sociedade. Esse trabalho retrata as dificuldades para implantar um curso de Serviço Social no IFCE, e eu faço parte dessa história, minha foto está na instituição, a primeira turma que sobreviveu a todo esse processo contraditório, de um curso com perfil crítico em uma instituição de viés predominantemente técnico e tecnológico.

Quase ao final do curso, exatamente no sétimo semestre resolvi me inscrever no concurso da Universidade Federal do Cariri (UFCA), para assistente social, para verificar como estavam meus conhecimentos, e ver o que tinha que melhorar. Para minha surpresa, fui aprovada nesse concurso, eram duas vagas, eu havia ficado em sétima colocada. Não seria convocada, porém, eu sabia que eu estava indo bem. Ainda nesse mesmo período também fui aprovada para prefeitura de Quixeramobim, na área da saúde, mas dentro de mim era a Educação que me chamava. Era na Educação que queria atuar como assistente social, por isso quando fui convocada para esse concurso, eu não fui, mesmo tendo colado grau antecipado para essa finalidade.

Então, assim que me formei iniciei uma especialização em Serviço Social, Direitos Sociais e o Trabalho em Comunidade pela Faculdade Kurius (2016), para fins de capacitação e também fiquei estudando para concurso. Mas logo fui surpreendida com uma ligação do IFCE, perguntando-me se aceitaria ser aproveitada. Minhas pernas adormeceram na hora, fiquei sem fala, mas respondi: “claro que quero, seja para qualquer cidade”! Assim, eu escolhi o campus Cedro, por ficar cerca de 40 minutos da minha cidade de origem, Iguatu-CE. Era uma felicidade que não cabia em mim, iria atuar na área que me identificava.

Lembro-me do primeiro dia que pisei na instituição, era um sentimento sem igual, misto de alegria e ansiedade, visto que era minha primeira atuação como assistente social. Porém, para minha surpresa, fiquei triste naquele dia, sofri racismo, um colega perguntou se eu tinha entrado

pelas cotas para negro, que não sabia que o IFCE já havia admitido cotistas. Eu teria muito orgulho de dizer que eu sou cotista, mas não era esse o sentido da fala, eu sabia o sentido, e eu respondi na mesma hora, a seguinte frase: uma mulher negra só pode entrar no IFCE se for pelas cotas? Qual o seu entendimento das cotas? Mas o referido colega não soube responder a nenhuma das perguntas, ele nem percebe que foi racista, porque é naturalizado na sociedade esses comportamentos.

Assim, estou há mais de quatro anos na instituição, lotada no setor de Serviço Social, na política de assistência estudantil, contribuindo para permanência dos estudantes, para seu acesso ao direito à educação pública e de qualidade. Conforme, o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), a política tem como objetivos

I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal;

II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior;

III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e

IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação. (BRASIL, 2010)

Foi a partir da minha atuação na escola, na assistência estudantil que encontrei minha identidade profissional, e eu não quero estar em outro lugar. É no IFCE que continuarei contribuindo para formação dos estudantes, viabilizando o direito à educação. No entanto, é necessário para atuar com qualidade estar sempre estudando e me capacitando. Para Netto (2009), “ao profissional cabe apropriar-se criticamente do conhecimento existente sobre o problema específico com o qual se ocupa (...) neste passo, ampliar o conhecimento sobre a instituição/organização na qual o próprio profissional se insere” (p.31-32).

Partindo desse pressuposto, visualizei no PROFEPT essa oportunidade de conhecer melhor a instituição que atuo, no segmento da Educação Profissional e Tecnológica. Pois, tratava-se de seguir novos rumos,

fazer mestrado, e eu queria em Educação, como também, esse mestrado era o único que se adequava as minhas condições objetivas, uma vez que trabalho 40 horas semanais, e não há contratação de substituto para exercer minhas funções em um possível afastamento para pós-graduação, como existe para outros cargos na instituição. Por fim, sendo as atividades em sua maioria nas sextas-feiras, me possibilita a adequação dentro de minha realidade laboral.

O encontro com o PROFEPT

No ano de 2017 soube que iria haver uma seleção para o mestrado profissional em Educação Profissional, mediante duas etapas: uma prova escrita e uma redação. Era minha chance, mas lamentavelmente não passei e eu sabia o motivo, não tinha dado importância ao processo seletivo, detinha o preconceito de que a modalidade profissional era mais fácil de entrar.

E em 2018 mais uma tentativa, estudei mais do que na primeira vez, agora ciente da alta concorrência e do alto nível da seleção, porém, ainda não obtive êxito. Fiquei decepcionada, busquei outras opções de mestrado, as oportunidades estavam passando. Comecei a visualizar o mestrado em Educação na URCA em Crato-CE, entretanto quando vi o processo seletivo com quatro etapas, incluindo, prova, projeto, entrevista e currículo, percebi que teria muito a avançar para entrar nesse programa, que estava mais propenso aos docentes e pesquisadores, e eu não estava em nenhuma das opções.

Nesse sentido, coloquei como meta ser aprovada no PROFEPT no ano de 2019, inscrevendo-me em cursos on-line, assistindo vídeo aulas, resolvendo questões, dedicando-me na medida do possível, dentro das limitações de uma pessoa que trabalha oito horas por dia e precisa enfrentar aproximadamente uma hora de viagem para chegar em casa. Além disso, os textos estavam mais complexos, como também, havia livros dentre estes, muito densos e complexos. Mas fui fazer a prova, um pouco insegura, e pensando que eu tinha que passar dessa vez, eu estava na terceira tentativa, e a cobrança pessoal era alta, pensava nisso o tempo todo e sentia vergonha em dizer que já era a terceira vez que tentava.

Em meio a festinha da São João da escola de meu filho, recebi a notícia através de minha colega de trabalho, que também havia tentado, que nós tínhamos sido aprovadas, eu fiquei sem fala e as pernas tremendo de tanta alegria. Tinha conseguido o que tanto esperava, seria mestranda no PROFEPT. Assim, chegou o primeiro dia de aula, eram muitas expectativas, ansiedades, medo do que vinha, muito estudo pela frente, a viagem exaustiva de sete horas, conciliar o trabalho, a família.

Por fim, depois de todo esse percurso, hoje tenho a certeza que estou no caminho certo, seguirei em frente nessa nova caminhada, mesmo diante de todas as dificuldades que terei que enfrentar, principalmente em escolher meu objeto de estudo para a dissertação. Nessa linha de definição do objeto estudo, não penso em outro campo, se não for a assistência estudantil, acerca da permanência dos estudantes.

Pretendo analisar sobre retenção dos estudantes do ensino superior da instituição que atuo para vencer os desafios da permanência e conclusão com êxito no tempo regular, visto que essa temática há muito vem me inquietando, pois, não se tem ações tão efetivas, para prevenção da retenção e atuação com os estudantes retidos.

Tendo como base minha pesquisa, irei pensar em um produto educacional que proponha ações de trabalho, visando contribuir com a problemática da retenção junto a alunos e/ou professores. Ainda estou confusa sobre como elaborar o produto educacional, assim, espero que a partir das leituras e orientações dos professores consiga definir com maior clareza meu objeto de pesquisa.

Em face ao exposto neste memorial, finalizo a história de minha vida, onde tive a oportunidade de realizar um encontro com meu eu, e acrescento que foi uma ótima experiência, reviver minhas memórias, enfrentar assuntos tão difíceis como o racismo que sofri na minha fase escolar. Porém, eu descobri quem eu sou e porque sou, e fico muito feliz com o que me tornei atualmente, encontrei minha identidade pessoal e profissional. Mesmo diante de tantas dificuldades enfrentadas, e nos descaminhos de não saber qual profissão eu queria seguir, eu estou onde

quero estar, assistente social do IFCE-Cedro, fruto da primeira turma de Serviço Social do IFCE *campus*-Iguatu e agora mestranda no PROFET IFCE - Fortaleza, atuando na escola, prestando assistência aos discentes, ampliando as condições de permanência e apoio à formação acadêmica. Neste sentido, tenho buscado com o meu trabalho viabilizar o acesso aos direitos dos discentes no âmbito escolar do *Campus* Cedro, bem como nas demais políticas sociais.

Referências

BRASIL.LEI Nº 12.288, DE 20 DE JULHO DE 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2010. Disponível em: <.<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 10 de Set de 2019.

BRASIL. DECRETO Nº 7.234, DE 19 DE JULHO DE 2010. Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES. Brasília, 2010. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br>>. Acesso em: 01 de Set de 2019.

CFESS. Código de ética profissional do assistente social. 9ed.rev.e atual.Brasília, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional, 20ª .ed. São Paulo: Cortez, 2011.

NETTO. José Paulo. Introdução ao Método na Teoria. Social. In Serviço Social: Direitos Sociais e Competências. Profissionais. Brasília, CFESS, ABEPSS, 2009.

OPARIN, Aleksandr Ivanovich. El Origen de La Vida. 1922. Reedit in: Ed. Lenguas Extranjeras, Moscú, 1955 &: Ed. Akal, S.A., 1993, Barcelona.

SILVA, Jane Quintiliano Guimarães. O memorial no espaço da formação acadêmica: (re)construção do vivido e da identidade. PERSPECTIVA, Florianópolis, v. 28, n. 2, 601-624, jul./dez. 2010 doi: 10.5007/2175-795X.2010v28n2p601

Pelos caminhos formativos: ressignificando olhares num reencontro comigo

Dheysa Paulo Parente²³

*“Você não sabe o quanto eu caminhei
Pra chegar até aqui
Percorri milhas e milhas antes de dormir
Eu nem cochilei
Os mais belos montes escalei
Nas noites escuras de frio chorei, ei, ei, ei
Ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei
A vida ensina e o tempo traz o tom
Pra nascer uma canção
Com a fé do dia a dia encontro a solução
Encontro a solução...”*

(Cidade Negra)

Iniciando o percurso

A escrita deste memorial formativo busca desvelar os caminhos traçados durante minha trajetória de vida pessoal e acadêmica, revisitando as escolas nas quais estudei, os cursos de graduação que escolhi e as vivências que me trouxeram até aqui: ao Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica-ProfEPT, no Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE.

Nesse processo de refazer caminhos mentalmente, é interessante a

²³ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciada em Pedagogia pela Faculdade Kurios- FAK, especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade Kurios-FAK e licenciada em História pela Universidade Estadual do Ceará- UECE. E-mail: dheysaparente@yahoo.com.br

ressignificação dos momentos a partir do olhar de fora do tempo que aconteceram. Revisitar o passado longínquo e acessar as memórias mais recentes permitem fazer reflexões acerca da construção de uma identidade pessoal e profissional que ainda se faz.

A narrativa desse tracejado reflexivo foi proposta na disciplina de Seminário de Pesquisa do ProfEPT, e o que inicialmente parecia uma tarefa fácil, mostrou-se desafiador.

Para a produção dessa escrita foram pinçados alguns momentos marcantes da minha vida. Neles, é possível perceber os entrelaçamentos da vida pessoal com a profissional. Desse modo, as facetas que constituem a formação de uma identidade docente são reveladas. Nesta narrativa, o hoje passeia pelo ontem e a mulher reencontra a menina que um dia fui. Lugares repletos de cheiros, cores, sons e sentimentos são revisitados. Pessoas caras ao coração são reencontradas. Escolhas são feitas e uma vida é recontada.

Reconhecendo o memorial, não somente como local de resgate e preservação da memória, mas também enquanto ferramenta que revela a construção do “eu” e que pode ajudar na construção do outro, é que, despida de pretensa perfeição literária, encorajo-me a compartilhar meus caminhos formativos.

Percorrendo a infância e a adolescência

Não há como desvincular minhas memórias da infância sem resgatar a figura materna e tudo o que ela representa pra mim. Sem dúvidas, as falas que minha mãe proferia e a resistência na luta pela sobrevivência diária transformaram-se em cicatrizes na minha memória.

Buscando o fio condutor do meu processo formativo, identifico como a primeira e uma das principais figuras, dona Rita, minha mãe. Sem oportunidades de frequentar a escola quando criança, era dela a fala: — “meninas estudem pra ser alguém na vida!”. Dentre essas “meninas”, eu me encontro. Nascida em outubro de 1985, sou a mais velha dentre 3 irmãs, sou Dheysa Paulo Parente: filha, mãe, esposa, professora, dentre tantos papéis que assumo no meu caminhar.

Criada no seio de uma família monoparental, as necessidades de manutenção do lar logo se mostraram uma necessidade compartilhada entre mãe e filhas. Enquanto minha mãe trabalhava fora de casa, os cuidados com nosso lar e com minha irmã mais nova, Camila, eram compartilhados entre mim e minha irmã Dayane. Na época tínhamos respectivamente 01, 10 e 09 anos de idade.

Natural de Fortaleza-CE, morei durante a infância e adolescência no bairro Lagoa Redonda, um lugar cercado por lagoas, praias, cheio de verde e natureza. Lugar onde costumes antigos, como sentar nas cadeiras na calçada no início da noite para bater papo com os vizinhos, ainda hoje tentam sobreviver diante da frieza do concreto dos modernos condomínios residenciais.

É nesse diálogo entre o velho e o novo que localizo a Escolinha Raminho Verde, primeiro lugar de educação formal que frequentei e onde me alfabetizei. Após o início do processo de aquisição da leitura e escrita, fui estudar na Escola de Ensino Fundamental Antônio de Souza Lima, que ficava no bairro vizinho, Abreulândia. Havia outras escolas no bairro onde morava, porém esta escola era tida como uma das melhores instituições públicas de ensino da região. Diante disso e não poupando esforços, minha mãe providenciava o dinheiro diário do ônibus para que eu e minha irmã Dayane pudéssemos ir e voltar para escola diariamente. Esse momento formativo era tão valorizado que dona Rita não permitia que faltássemos aula. Assim, sob sol ou debaixo de chuva, íamos para a escola. É de lá que emerge um momento importante da minha formação.

Sempre gostei dos números e na 6ª série tive o prazer de ter como professora de matemática a Roxélia, uma mulher alta, magra, sorriso largo, que conversava conosco para além dos assuntos escolares, falava sobre a vida. Nessas conversas, para além dos números, as relações afetivas iam se construindo e o aprendizado era envolto em emoção.

De acordo com Leite e Tassoni (2002, p.13) “é possível afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, o que extrapola a sua relação ‘tête-à-tête’ com o aluno”.

Sem dúvidas, a dimensão afetiva estabelecida em sala de aula foi um marco significativo na formação escolar, pois foi a partir de uma das falas da Roxélia que um outro universo se abriu pra mim, o proporcionado pela leitura literária. Numa de suas aulas (para além da matemática) ela falou sobre o encantamento provocado pelos livros, até então eu nunca tinha lido nenhum. Quando findou a aula, corri para a biblioteca, que tinha até um acervo considerável, e logo um título me chamou a atenção: “O escaravelho do Diabo” de Lúcia Machado de Almeida. “Devorei-o!” Depois dele, a literatura virou paixão abrindo um universo de novas palavras, lugares e personagens. Esse libertar da imaginação transformou-se em porta de entrada de oportunidades, pois o gosto pela leitura fez diferença na vida escolar e, posteriormente, acadêmica.

Findei o último ano do Ensino Fundamental e cursei o Ensino Médio na escola Tecla Ferreira, a mais próxima de casa. Lá, as idas à biblioteca continuaram. Nessa escola conheci meu esposo que à época, era meu professor de matemática, Francisco Araújo, carinhosamente chamado de Vivico.

No fim do segundo ano começou a inquietação sobre o futuro. O ensino médio estava findando, só faltava mais um ano e eu queria continuar estudando, ir pra faculdade, mas qual curso fazer? Minha bagagem escolar tinha limitações e só no cursinho preparatório para o vestibular passei a compreender os processos históricos a partir da capacidade de relacionar fatos e entender, por exemplo, que acontecimentos locais são influenciados por agentes externos. Uma descoberta que implicou na escolha do curso superior.

O encantamento promovido pela compreensão dos esteios da história, assim como o despertar para a leitura literária ainda na infância, também foi despertado por um professor. Dessa vez, Gerardo Júnior: o professor de história do cursinho. A forma fácil, divertida e apaixonada dele em ensinar despertaram em mim o desejo em aprofundar meus estudos em História.

Assim, na busca pela compreensão um pouco maior do mundo e

ansiando por encontrar-me nele, no ano de 2003, concorri a uma vaga no curso noturno de História e fui aprovada, aos 17 anos, na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Nesse momento inicia-se mais um divisor de águas...

Um campus, uma graduação, maternidade, mudanças...

Quem construiu Tebas, a cidade das sete portas?
Nos livros estão nomes de reis; os reis carregaram pedras?
E Babilônia, tantas vezes destruída, quem a reconstruía sempre?
Em que casas da dourada Lima viviam aqueles que a edificaram?
No dia em que a Muralha da China ficou pronta, para onde foram os pedreiros?
A grande Roma está cheia de arcos-do-triunfo: quem os erigiu?
Quem eram aqueles que foram vencidos pelos céсарes? (...)

(Bertolt Brecht)

A entrada num curso superior foi uma grande vitória pessoal e familiar, pois fui a primeira das famílias materna e paterna a conseguir tamanha proeza.

Lembro-me do encantamento ao entrar pela primeira vez no campus universitário. A dimensão física, a diversidade de rostos e corpos, o vai e vem, o burburinho, o primeiro contato com os colegas de sala e, é claro, as aulas.

Tudo novo pra mim, inclusive a organização circular das carteiras. Pela primeira vez na minha vida de estudante, o professor quebrava o enfileiramento e a verticalização do saber. Era hora de construir conhecimento!

Um dos primeiros textos que li e que ficou marcado na memória foi o do poeta, romancista e dramaturgo alemão Bertolt Brecht, intitulado “Perguntas de um trabalhador que lê”, cujo trecho abre esta seção. A

vivência universitária quebrou muitos paradigmas que trazia e foi um divisor de águas na construção da minha identidade. A possibilidade de ler textos e livros complexos, compartilhar ideias, exercitar a escuta do outro e articular minhas falas para o grupo foram fundamentais para a construção da minha identidade, que, longe de ser estanque, se metamorfoseia.

Sobre a construção da consciência de quem somos, Lane (2006, p. 22) ressalta que “apenas quando formos capazes de (...) encontrar razões históricas da nossa sociedade e do nosso grupo social que explicam por que agimos hoje da forma como o fazemos é que estaremos desenvolvendo a consciência de nós mesmos”. Foi a partir do estudo da História que me enxerguei, pela primeira vez, como um sujeito social e é a partir dela que uma vida docente começa a se delinear.

A escolha do curso noturno não foi aleatória, pois, próxima de atingir a maioria, precisava entrar oficialmente no mercado de trabalho para ajudar no sustento do lar e custear os gastos universitários, como passagens de ônibus, alimentação, xerox, etc. Após poucos meses do ingresso na universidade, consegui meu primeiro emprego formal. A situação financeira melhorou, mas o tempo disponível para fazer as leituras necessárias era escasso.

Se por um lado o trabalho possibilitou a manutenção no curso, por outro impediu-me de participar de programas de iniciação científica, grupos de estudo, participação em seminários, eventos e outras iniciativas abertas dentro da universidade que tanto engrandecem o currículo acadêmico. Só conseguia garantir presença nas atividades que ocorriam no horário noturno, afinal, conciliar necessidades materiais e demandas formativas não é tarefa das mais fáceis.

Durante o curso casei-me e, em outubro de 2006, Lucas nasceu. Diante da nova configuração familiar, alguns ajustes precisavam ser feitos. A vida vai colocando suas prioridades e a faculdade teve que esperar um pouco diante da maternidade.

No decorrer do curso de História fascinou-me o estudo das minorias sociais, como negros, operários, pobres e, em especial, as mulheres. Foi dentro da seara do feminino que delimitei meu objeto de estudo na graduação: o meretrício em Fortaleza na década de 1920, a partir de uma campanha feita por um jornal católico da cidade. Estava terminando a

pesquisa quando foi anunciado o concurso para professor da prefeitura de Fortaleza, nos fins de 2009. Apressei-me para concluir a monografia e, na esperança de conquistar uma vaga e, enfim, trabalhar na minha área de formação, pois, até então, trabalhava numa empresa privada, cuja função, em nada estava relacionada com minha formação acadêmica.

Fiz a seleção, fui aprovada, porém não dentro do número de vagas, que eram poucas. Enquanto esperava pelas oportunidades de trabalhar como professora, especializei-me em Gestão Escolar e Coordenação pedagógica.

Em 2011, mais uma esperança bate à porta, foi anunciado o concurso para provimento de cargos no município vizinho, Maracanaú. Dentre eles, professor de História. Consegui ser aprovada dentro das 20 vagas ofertadas, passando em 12º lugar. Em março de 2012 comecei efetivamente minha profissão docente.

Pelos caminhos da docência

Comecei a lecionar para alunos do 6º ao 9º ano na Escola Deputado Ulysses Guimarães. Minha primeira aula era na sala do 9º ano. Deu um frio na barriga ao encarar uma sala repleta de adolescentes, mas tudo transcorreu com muita fluidez. Saí da sala com a sensação de dever cumprido e extremamente feliz.

Trabalhei nessa escola de março de 2012 a janeiro de 2016. Nesses anos, iniciei o fazer-me professora no alternar de aulas, turmas, alunos, colegas de trabalho e inúmeras vivências.

Foi trabalhando em Maracanaú que tive contato com um projeto que ocorre anualmente como uma ação de implementação da Lei 10639/03, alterada pela Lei 11.645/08, que torna obrigatório o estudo da História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena em todas as escolas brasileiras, públicas e privadas, do Ensino Fundamental e Médio. O parágrafo 1 do artigo 26-A da referida lei estabelece que:

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir

desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil. (BRASIL, 2008.).

A lei visa o resgate da identidade histórica de negros e indígenas na formação da sociedade brasileira, para além da questão escravista. Sua implementação permite a possibilidade de reflexão de alunos afro-brasileiros e indígenas acerca de suas matrizes étnicas e possibilita a construção de uma identidade étnico-racial.

Na implementação do projeto proposto pela Secretaria de Educação de Maracanaú intitulado Afroarte, a primeira pessoa a se sensibilizar com a construção dessa identidade étnica fui eu. Mais uma vez localizo minha identidade se metamorfoseando a caminho de uma afirmação, desta vez, étnico-racial.

Sobre o processo de afirmação da identidade, Silva delimita que:

(...) dizer o que somos significa também dizer o que não somos. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. (SILVA, 2000, p. 82)

A partir do sentimento de pertencimento, vi-me empolgada a estudar e desenvolver o projeto durante o tempo que permaneci no município de Maracanaú. Esse foi, sem dúvidas, um marco formativo importante pra construção da minha identidade individual que não se dissocia da étnico-racial e profissional.

Foram significativas as ações desenvolvidas durante o projeto, pois, posteriormente, eram visíveis o esvoaçar de cabelos crespos e cacheados

pela escola, inclusive os da professora de história. Ali, olhares foram modificados e vidas passaram a ser ressignificadas. Esse processo de ensino aprendizagem possibilitou meu crescimento pessoal a partir de uma vivência profissional.

É como afirma o grande educador Paulo Freire:

Crescer como profissional significa ir localizando-se no tempo e nas circunstâncias em que vivemos para chegarmos a ser um ser verdadeiramente capaz de criar e transformar a realidade em conjunto com os nossos semelhantes para o alcance de nossos objetivos como profissionais da Educação (Freire, 2001, p. 35).

Assim afirmamos que as experiências que vivenciamos são indissociáveis da construção do que somos.

Apesar de gostar de trabalhar em Maracanaú, o deslocamento era cansativo e dispendioso, intermináveis eram os engarrafamentos na ida para o trabalho e no retorno para casa. Era desgaste financeiro, físico e emocional. Essa rotina implicava também em menos tempo com minha família. Diante disso, novos caminhos faziam-se necessários.

Traçando novos itinerários

Algum tempo após assumir o concurso de Maracanaú, ouviam-se rumores sobre um novo concurso para professores em Fortaleza. No começo não me empolguei com a ideia de uma nova mudança, mas, diante dos desgastes que foram se colocando no dia a dia, comecei a cogitar essa possibilidade. Porém havia um detalhe: poucas vagas haviam sido ofertadas para professores de História no concurso de 2009, já para o cargo de pedagogo, a oferta de vagas havia sido muito superior, afinal o campo de trabalho é bem maior (desde a creche até os últimos anos do Ensino Fundamental I).

Com a necessidade de melhorar a qualidade de vida se mostrando cada vez mais latente, vi na pedagogia a possibilidade concreta de aumentar minhas chances de ingresso na prefeitura de Fortaleza e trabalhar mais

perto de casa. Assim, ingressei como graduada numa faculdade particular para fazer minha segunda licenciatura. A conciliação entre estudos e trabalho era cansativa, porém, aprender coisas novas, aliada à possibilidade de trabalhar no município no qual residia, me deram fôlego para mais essa empreitada.

No trabalho de conclusão de curso (TCC), em 2015, tive a oportunidade de ser orientada pela professora Iasmin Marinho, uma profissional extremamente qualificada e uma pessoa incrível. A cada contato, maiores possibilidades de reflexão e incremento do texto. À medida que a escrita ia se desenvolvendo, minha orientadora começou a incentivar-me a começar a estudar para pleitear uma vaga no Mestrado em Educação da Universidade Estadual do Ceará –UECE, que ocorreria em agosto daquele ano. Comecei a estudar!

Enquanto escrevia o trabalho de conclusão de curso e estudava para a seleção do mestrado, o tão aguardado edital para professores do município de Fortaleza foi lançado. Havia vagas tanto para professores de História, quanto para professor pedagogo. Decidi concorrer à vaga de pedagogo por dois motivos: a quantidade de vagas e a carga horária de trabalho. Enquanto as vagas para a área de História eram um pouco mais de 50 e a carga horária de 120 horas, as vagas para pedagogia chegaram a quase mil e a carga horária era de 240 horas. Não poderia optar pela redução de carga horária de trabalho, pois implicaria em redução de salário.

A rotina de passar o dia trabalhando e a noite alternando entre estudar para a seleção de mestrado, concurso para professor de Fortaleza e escrever o TCC, era extremamente desgastante, então tive que fazer escolhas. A seleção para o mestrado ficaria para outro momento. Concluir o curso e estudar para o concurso passaram a ser prioridades.

Consegui ser aprovada em 13º lugar para o cargo de professor pedagogo na prefeitura de Fortaleza e, em janeiro de 2016, comecei a lecionar para crianças do 3º ao 5º ano do Ensino Fundamental. Consegui o que tanto queria: trabalhar mais perto de casa e ter mais tempo livre para descansar e aproveitar minha família.

Em fevereiro de 2019, uma colega de profissão postou num grupo de Whatsapp que estavam abertas as inscrições para o processo seletivo do ProfEPT. Abri o link, li o edital, baixei a bibliografia e fiz minha inscrição. Decidi que essa seria minha primeira investida na tentativa de entrar na pós-graduação stricto sensu.

Comecei a participar de um grupo de Whatsapp, que reunia pessoas do Brasil todo com o mesmo objetivo: ser aprovado no referido mestrado. Comprei dois cursos preparatórios online: Bora Aprender e Afas. O ritmo de estudos era intenso e a discussão dos textos com colegas de outros estados, mesmo que virtual, foi de grande valia. As estratégias de estudos mostraram-se eficazes, pois fui aprovada no exame de admissão.

Agora mestranda, um sonho vai se materializando... Nova jornada, novos desafios. Como o processo seletivo não precisava de projeto de pesquisa, a reflexão acerca do objeto abriu-se num leque de possibilidades e a necessidade de delimitação de um tema se fez necessária.

Foi na narrativa da minha história, a partir da escrita deste memorial, que consegui delimitar meu objeto de estudos. No resgate das experiências, não passou despercebida a pertinência da Lei 10639/03, haja vista a possibilidade da construção de uma identidade étnico-racial a partir do reconhecimento da matriz africana na formação do povo brasileiro, para além da questão escravista.

A possibilidade de conhecer e reconhecer elementos culturais e religiosos de matriz afro, fomentar relações pautadas no respeito à diversidade e a efetiva implantação da referida lei ainda é um desafio presente. Geralmente, nota-se, de forma pontual, algum movimento pedagógico no sentido do resgate e reconhecimento da cultura afro-brasileira no mês de novembro, em alusão ao Dia da Consciência Negra, muitas vezes, resumindo-se a isso. Diversas hipóteses podem ser levantadas numa tentativa de explicar as dificuldades na implementação da lei: livros didáticos estruturados predominantemente a partir de uma visão eurocêntrica, possíveis lacunas na formação inicial dos professores, dificuldade de planejamento de atividades que contemplem o assunto em questão, inclinações pessoais dos docentes, etc.

Diante da pontualidade das ações (quando ocorrem) e da pertinência da temática prevista em lei, medidas pedagógicas mais sistemáticas precisavam ser adotadas.

Nesse sentido, pretendo desenvolver um produto educacional que contribua para preencher as lacunas deixadas na implantação da Lei 10639/03 no ambiente escolar.

Reflexões sobre o percorrido...

Buscar na memória sua própria história, a um primeiro momento parece tarefa fácil, mas inúmeros questionamentos antecederam a escrita deste memorial: que memórias resgatar? A partir de qual recorte fazê-lo? O que será ocultado e o que será revelado? Fiquei me questionando: qual olhar deveria jogar sobre mim e quais eram as intencionalidades da escrita de um memorial no curso de pós-graduação *stricto sensu*? E, por fim, que sujeitos leriam minha história? Afinal, estaria escrevendo não só pra mim, mas pra outrem. Estaria me expondo a olhares e talvez até a julgamentos.

Um “desconforto” seria o substantivo adequado para nomear o primeiro momento, pois revelar-se não é tarefa fácil. O que escrever e como escrever sobre suas vivências é terreno delicado. A narrativa foi desafiadora, pois como, ao mesmo tempo, narrar minha história e agradar ao leitor? Para começar a derrubar as barreiras iniciais do processo narrativo, algumas leituras foram fundamentais. Sobre o processo de escrita, Nóvoa afirma que:

A escrita ajuda-nos a conhecer os nossos limites. Não há nada pior para um jovem investigador do que a incapacidade para pôr ponto final no seu trabalho, seja por uma atitude excessivamente autocrítica, seja pela busca de uma perfeição ilusória, seja pelo receio da exposição pública, seja pela mistura de tudo isto. O dilema só se resolve no dia em que percebemos que não há texto perfeito, nem definitivo, no dia em que sentirmos, na nossa escrita, que temos alguma coisa de importante e de significativo para partilhar com os outros. (NÓVOA 2015, p.17)

Para mim, antes do medo do ponto final, houve a insegurança da palavra inicial, pois diante das problematizações que nortearam a escrita do texto, somente com a busca por entender os fundamentos e importância do resgate da memória para a compreensão do caminho formativo, é que ficou clara a percepção que não há como separar caminhos só pessoais ou só profissionais, pois nossa formação profissional é entrelaçada por momentos de escolhas pessoais. Além disso, a partilha da narrativa pode ser significativa para o outro a partir da troca de experiências.

A escrita sobre mim possibilitou identificar as bases sobre as quais se fundamentam meu caminho docente e oportunizou-me fazer uma releitura de quem fui para entender quem sou e como ainda pretendo fazer-me.

Agora mestrandando, olho para o passado e vejo a menina que um dia fui se orgulhando de cada degrau galgado até aqui.

Referências

BRASIL. Lei 11.645, de 10 de março de 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm. Acesso em: 09 set. 2019.

BRECHT, Bertolt. Perguntas de um trabalhador que lê. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2201742/mod_resource/content/1/POEMA%20DE%20BRECHT%20%28PERGUNTAS%20DE%20UM%20TRABALHADOR%20QUE%20L%C3%8A%29.pdf. Acesso em: 09 set. 2019.

FERNANDES, Natal Lânia; LIMA, Patrícia. (2019). Narrativas de si: memórias de sujeitos em processos formativos. Rio de Janeiro: Pod, 2019.

FREIRE, Paulo. (Org.) (2001). A pedagogia da libertação em Paulo Freire. São Paulo: Editora UNESP.

LANE, Sílvia T. Maurer. O que é psicologia social. 22. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LEITE, Sérgio Antônio; TASSONI, Elvira Cristina. A afetividade em sala de aula: as condições de Ensino e a mediação do professor. In: AZZI, Roberta Gurgel; SADALLA, Ana Maria Falcão de Aragão (Org.). Psicologia e formação docente: desafios e conversa. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

GARRIDO, Tony. A estrada. In: CIDADE NEGRA. Quanto mais curtido melhor. Epic/Sony music, 1998, faixa 5.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em educação. Investigar em educação, IIª série, nº3, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

VOLPATO, Gilson; CRUZ, Maria Inês (2012). Memorial: sugestões para elaboração. Disponível em: unesp.br: http://unesp.br/cgb/mostra_arq_multi.php?arquivo=9411. Acesso em: 07 set. 2019.

A Arquitetura da Essência

Jonathan Felipe da Silva²⁴

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”

(Paulo Freire)

Introdução

Memorial, do latim *memorialis*, é relativo à memória, lembrança (dicionário MICHAELIS, 2019). São escritos onde são relatados e registrados fatos memoráveis. No vocabulário arquitetônico, pode ser considerado um monumento erigido em comemoração à pessoa ou coisa digna de ser lembrada. Desta forma, o memorial ganha importância não apenas ao relatar fatos vividos, mas também exaltar momentos dignos de serem lembrados, tanto como forma de aprendizado, como também uma forma de exaltar momentos especiais.

Este memorial tem como objetivo principal trazer uma síntese de minha trajetória de vida no campo pessoal e também no campo profissional. Ao tecer esta síntese, deparo-me com a evidência de que tudo aquilo que ocorre na dimensão pessoal influencia, de uma forma ou de outra, os acontecimentos na dimensão profissional, e vice-versa. Este mergulho na história de minha vida, ora superficialmente, ora com mais profundidade, traz consigo o entendimento dos caminhos os quais precisei trilhar, além das batalhas pelas quais considerei que valiam a pena lutar. Considero,

²⁴ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT/IFCE). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é Técnico de Laboratório – Edificações no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE, *campus* de Morada Nova. E-mail: jonathanfelipe@hotmail.com

portanto, minha vida um grande retalho de aprendizados.

Faço ainda uma descrição de como a minha formação de Arquiteto e Urbanista me oferece uma integração com o Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT)²⁵.

“Eu conheço o preço do sucesso: dedicação, trabalho duro e uma incessante devoção às coisas que você quer ver acontecer.” (Frank Lloyd Wright)

No princípio era o Verbo: Educar

Venho de uma família com uma sólida visão de que a educação é sempre o mais importante. Meu pai, João Batista, veio de uma família humilde do interior do Piauí, uma cidade chamada Parnaíba, para morar em Fortaleza. Deixou o conforto do lar com a mãe e os irmãos para vir para a capital cearense tentar sobreviver neste feroz mundo da competitividade. Conseguiu um emprego na Esmaltec e, após muito estudo e dedicação, tornou-se servidor do INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social). Sempre foi um exemplo para mim de dedicação, e tento assemelhar-me a ele não apenas na aparência física, mas também no caráter e na obstinação para alcançar aquilo que mais deseja.

Já minha mãe, Vera Lúcia, veio de uma família de oito filhos, todos educados da melhor forma possível, mostrando que a dificuldade é o combustível para a superação. Ela representa o que há de melhor na humanidade: paciência, ternura e bastante força de vontade.

Nasci em Fortaleza no ano de 1991, e logo cedo fui morar na cidade de Caucaia. Ali, numa casinha mais simples, com seu jardim que chamava a atenção dos que por ali passavam, escrevia os primeiros capítulos em

²⁵ O Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica em Rede Nacional (PROFEPT) visa à formação em educação profissional e tecnológica TANTO aos profissionais da Rede Federal de Educação profissional, Científica e Tecnológica (RFEPCT), quanto aos demais profissionais envolvidos no âmbito educacional. Tem como objetivo primordial a produção de conhecimento através da realização de pesquisas e desenvolvimento de produtos educacionais.

meu livro da vida. Cinco anos depois nasceu minha irmã, Jéssica, pela qual tenho uma profunda gratidão por todos os momentos de parceria e de conselhos sobre a vida.

No ano de 1997, iniciei o período de alfabetização no colégio Santa Edwiges, que, na figura do diretor professor Ernesto, me trouxe fortes lembranças sobre a importância dos primeiros contatos com a educação. É a partir deste contato que vou rabiscando o meu caminho de vida. Anos mais tarde, estudei o Ensino Fundamental no Colégio Universo, onde construí grandes amizades e que até hoje compartilho a vivência educacional e profissional.

Ingressei, posteriormente, no Colégio Ari de Sá Cavalcante, ainda em Fortaleza, onde tive a oportunidade de viver todas as fases atribuídas ao Ensino Médio de uma forma bastante profunda. Ali, o ambiente motivou-me a mergulhar de cabeça nos estudos visando a uma aprovação nos mais diversos vestibulares do País. A princípio, eu não tinha ainda uma tendência a uma área específica para seguir, apenas possuía um maior afeto aos desafios apresentados pela disciplina de Língua Portuguesa e também aos desafios do Desenho. Decidi então arriscar uma vaga para o Curso de Direito na UFC no ano de 2009, quando ainda era o temido vestibular tradicional. Não obtive sucesso. Ainda com o sentimento de ressaca causada pela frustração deste fracasso, tirei alguns dias de férias de tudo indo para a cidade de Parnaíba/PI, onde até hoje reside a minha família paterna.

Alguns dias depois, enquanto estava conversando com meus primos montado em uma cajazeira, recebo uma ligação de meu pai me informando sobre uma seleção para o curso Técnico em Edificações que seria ofertado pelo SENAI / CE (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). No início relutei um pouco, pois não passava ainda pela minha cabeça trabalhar no ramo da Construção Civil. Resolvi tentar, e ali mesmo, acima daquela cajazeira, brotou em mim a motivação para retornar aos estudos. Como as disciplinas exigidas para a seleção eram Português, Raciocínio Lógico e Atualidades, estudei ali mesmo em Parnaíba

com os livros que o meu primo utilizava na escola. Obtive um excelente desempenho na prova e consegui finalmente a tão sonhada aprovação.

A Profissionalização

Nestes dois anos de curso, tanto em sala de aula quanto nos estágios supervisionados, aprendi não somente a importância de um técnico em edificações em uma construção, mas também construí dentro de mim sonhos cada vez mais altos. Dentre os professores do curso, vários se destacaram pela excelente didática e pelo vasto conhecimento, como o Prof. Rafael, que hoje em dia é um grande companheiro de trabalho.

Ao concluir o curso técnico, tive a oportunidade de logo ingressar na Universidade. Fui aprovado no ano de 2011, através do Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), no curso de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo, oferecido pela Universidade Federal do Ceará (UFC). No início, sentia-me um pouco deslocado em relação às disciplinas, mas logo pude descobrir um lado em mim quase novo: o do apreço maior às Artes e à História. Ao longo dos semestres, aprofundi-me nos conceitos técnicos dos projetos tanto de Arquitetura quanto de Urbanismo, retirando diversas vendas dos meus olhos para as mais diversas questões culturais, sociais, econômicas, dentre outras.

Ainda no meu período de graduação, conheci minha amada esposa, Giselle, pela qual tenho um enorme carinho e que em todos os momentos me deu forças para continuar. Sendo bem sincero, se não fossem os incentivos e conselhos dela, eu teria deixado passar muitas boas oportunidades profissionais em minha vida.

Ao longo da vida universitária, tive a oportunidade de atuar em diversos estágios, tanto em órgãos públicos quanto em escritório de Arquitetura. Aprendi o quão precioso a área da Arquitetura e do Urbanismo é para uma sociedade, não apenas para os mais favorecidos, mas também para as pessoas mais carentes. Isso mesmo, a profissão não está voltada apenas para atender a quem é privilegiado economicamente, como antes eu também pensava. A Arquitetura e o Urbanismo estão aí para reorganizar e melhorar o espaço onde vivemos, e os objetos arquitetônicos têm

a missão de abrigar fatos históricos e, com isso, serem considerados objetos da memória.

Ainda durante a graduação, pude participar do curso de Qualificação em Mestre de Obras, ofertado pelo SENAI/ CE. Ali, com os professores e com os próprios alunos, em sua maioria já atuantes no setor de construção civil, aprendi o quanto é infinito o universo de uma obra, repleta de técnicas que se estendem ao detalhe.

Neste período, participei também de algumas seleções em concursos públicos, tanto para o cargo específico de Arquiteto, quanto para nível médio técnico, para o cargo de Técnico em Edificações, que para mim serviram de grande aprendizado os processos de estudo e de preparação.

O bônus e a responsabilidade

No final do ano de 2016, prestei o concurso para o IFCE (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia) para o cargo de Técnico de Laboratório – Edificações. Obtive um grande êxito. Não só eu, mas minha esposa também. Isto mesmo: fomos aprovados e tomamos posse no mesmo dia! Dentre os campi onde eu poderia atuar, estavam os lotados nas cidades de Morada Nova e Juazeiro do Norte. Para mim, que não conhecia ambas as cidades, apenas sabia que, se for comparar a distância para Fortaleza, o *campus* Morada Nova seria a melhor opção, e assim consolidei este desejo. Ao chegar ao *campus*, deparei-me com muitas novidades em relação ao âmbito profissional, uma vez que eu ainda não tinha experiência em laboratórios de construção civil, meu conhecimento era na teoria e na prática de uma obra.

Foi um grande aprendizado, e ainda é nos dias atuais. Trabalhar junto aos alunos, realizando ensaios em amostras de solos, nos mais variados equipamentos de instalações elétricas e hidráulicas, além dos próprios experimentos em amostras de concreto, o que me trouxe uma grande bagagem de aprendizado. Aprendi que o conhecimento é algo que jamais se perde, e nunca alguém vai se arrepender por ter adquirido certa dose, mesmo pequena, de sabedoria. Tão importante quanto o próprio conhecimento é saber não apenas transmiti-lo, mas torná-lo essencial para a vida das pessoas.

Na minha graduação, eu aprendi que muito daquilo que a gente é está entrelaçado com o que realizamos de concreto. Por isso, o conhecimento tem a função de fazer esta ponte entre o que somos e o que desejamos realizar.

Além do aprendizado nos laboratórios, aprendi e aprendo com os deslocamentos. Principalmente no fato de ter ocorrido um acidente de moto comigo enquanto viajava de Morada Nova para Baturité, onde minha querida esposa trabalha. Foi um grande susto, mas graças ao bom Deus não passou de alguns ferimentos leves, mas o suficiente para eu assistir de camarote o filme da minha vida.

Desvendando o PROFEPT

No ano de 2018, sendo influenciado por alguns de meus colegas de trabalho, Bruno, Christiano e Anderson, decidi me arriscar na seleção do mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica. Confesso que, em minha vida, nunca ouvira falar em Gramsci, muito menos em Bernstein. De Marx e Engels, eu já os conhecia bem superficialmente, mas surpreendi-me ao descobrir a grandiosidade de seus trabalhos. Não tinha muito contato com o campo teórico dos textos educacionais, e, ao ler os textos da seleção, estava cada vez mais empolgado e curioso para explorar este novo universo para mim. Percebi o quanto é importante lutar por uma educação de qualidade.

Apesar de não ter muita familiaridade com os textos, sendo necessárias diversas leituras para conseguir compreender cada linha de pensamento, consegui obter um resultado favorável na seleção. Mais uma vez agradeço enormemente o apoio dado pela minha esposa a esta causa. Estes momentos propiciam a descoberta de que o amor é a maior força propulsora que existe.

Ao iniciar o período das aulas, deparo-me com outros vários atores da educação, colegas que se mostram com extrema competência e que me fazem ter a esperança de que a educação ainda prevalece em tempos sombrios.

Já no início do mestrado, nos foi orientado a produzir um produto educacional, material que deve ser aplicado na área da educação de nível

básico / técnico, além de uma dissertação sobre os resultados deste produto. Como minha área de formação está presente no setor de construção civil, e em meu ambiente de trabalho convivo com alunos dos cursos Técnico em Edificações e também de graduação Bacharelado em Engenharia Civil, logo veio em minha mente trabalhar com algo relacionado a um meio capaz de facilitar as próprias aulas. Como vivi no mesmo ambiente das turmas de Técnico em Edificações, sentia a mesma dificuldade deles em relação ao aprendizado de Projeto Arquitetônico, principalmente em relação a abstrair o modelo tridimensional do projeto.

Para resolver tal dilema, sinto interesse em trabalhar com uma ferramenta conhecida como Realidade Aumentada, que, apesar de ter sido desenvolvido em 1968 pelo engenheiro eletricitista Sutherland através de um capacete pesado, somente na década de 90 recebeu o conceito de Realidade Aumentada (RA). Outra curiosidade seria que, em 1990, Tom Caudell desenvolveu um sistema que facilitava o trabalho dos mecânicos da empresa Boeing, no trato dos cabos e conexões, apenas utilizando óculos com dispositivos de realidade aumentada. Nos dias atuais, a RA é utilizada na educação para facilitar o aprendizado dos alunos, pois torna possível a visualização de modelos tridimensionais, além de vídeos dinâmicos, os quais os alunos acessam através de algum aplicativo próprio.

Conclusão

Minha vida pode ser considerada um retalho de experiências, por onde outras vidas perpassam cada aprendizado, como uma linha costurando um tecido. Ninguém está sozinho neste mundo, e isto eu aprendi desde cedo. Tudo o que eu faço, procuro, além de dar o meu melhor, ser o meu melhor. Distante da perfeição, mas ainda sob a luz dela busco sempre a simplicidade, mas compreendo que muitas vezes é aí que reside a complexidade. Ser simples e direto muitas vezes não é fácil.

Considero que Deus seja uma grande energia que está presente no mundo todo. Por isso, devo muito a Ele tudo que eu conquistei. Além do Divino, agradeço à minha família, meus amigos e todas aquelas pessoas que dividiram comigo a sua luz, para que meu caminho se tornasse um pouco mais visível aos olhos da esperança.

Depois de tantos caminhos trilhados, olho para trás através deste memorial, e vejo o quanto eu me transformei através das experiências. Impossível continuar a mesma pessoa de 10 anos atrás, ou até mesmo de 10 minutos atrás. Cada lição de vida nos fortalece e nos faz acreditar que seremos pessoas melhores.

A Arquitetura e o Urbanismo me ofereceram este olhar novo sobre a realidade. Desvendaram-me. Agora cabe a mim retribuir ao mundo a vocação a qual me foi ofertada. Desde cedo vejo o poder de transformação da educação na vida de uma pessoa, e por isso desejo continuar trilhando tal caminho, que tenho a certeza de que não será em vão.

A minha Metodologia

A memória é o bem mais precioso
Que nos insere na humanização.
Nunca vi algo mais harmonioso
Que a sintonia trabalho-educação.
Queria ser mais que um teórico
E viver num mundo refeito.
Mas a realidade tem caráter retórico
E me mostra um mundo imperfeito.
Assim sou chamado a desconstruir, .
Projetar e ir em frente.
Despir-me de tentar inibir
A ontologia raiz da nossa gente.
Isto espero deste mestrado:
Poder dar minha contribuição.
Ir além de ser um vertebrado
Alcançar a verdadeira hominização!
(O Autor)

Referências

HISTÓRIA DA REALIDADE AUMENTADA. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/realidadeaumentada01canoas/home/historia-da-realidade-aumentada>> Acesso em 08 set. 2019.

MICHAELIS. Dicionário da Língua Portuguesa. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br>> Acesso em: 10 set. 2019.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. 23. Ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

Memórias de um Jovem Embaixador: o papel das instituições na formação do ser humano

José Hemison de Sousa Magalhães²⁶

Introdução

O Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) se distingue dentre os vários mestrados profissionais e acadêmicos, pois seleciona de modo peculiar, distribui orientandos e orientadores de uma forma própria e atrai diferentes perfis de pós-graduandos cuja missão é contribuir para a melhoria do ensino na Educação Profissional e Tecnológica. Esta, por sua vez, apresenta características que a distinguem de outras modalidades de ensino e se insere em instituições que se transformaram ao longo do tempo, mas que sempre tiveram lugar na sociedade, seja pela qualificação técnica de profissionais para o mercado de trabalho, seja pela emergência de um ensino que visa a formação integral do trabalhador.

É nesse ambiente autêntico que começo a trilhar a pós-graduação *stricto sensu* e recebo a tarefa de apresentar um memorial, uma autobiografia. Iniciar o mestrado a partir de minha origem é saber que além de pesquisar, preciso ter identidade, pertencer a um lugar, não necessariamente geográfico, mas institucional.

Pretendo, portanto, apresentar as instituições por onde passei e as quais me formaram enquanto cidadão, cristão, estudante, pai, marido e profissional. Instituições que me proporcionaram uma bagagem cultural

²⁶ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo IFCE. Licenciado em Letras-Inglês pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Especialista em Educação a Distância pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Técnico em Assuntos Educacionais na Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: hemison.s@hotmail.com

para alicerçar minha pesquisa e o produto educacional que será amadurecido nas entranhas da Educação Profissional e Tecnológica no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará: a mais nova instituição da qual passo a fazer parte como discente.

A instituição familiar

E criou Deus o homem à sua imagem: à imagem de Deus o criou; macho e fêmea os criou. E Deus os abençoou e Deus lhes disse: Frutificai, e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre todo o animal que se move sobre a terra. (GÊNESIS, 1: 27-28).

Em 23 de janeiro de 1992 nascia o primogênito de José Alves Magalhães e Maria de Sousa Magalhães, ambos agricultores que nasceram em Sobral. Meus genitores são como quaisquer outros josés e marias do nosso país com baixa estatura, baixa escolaridade, baixa renda, contudo, detentores de grande coragem, muita integridade e abundância de conselhos para educar seus três filhos: eu (o mais velho), Túlio (o segundo) e Rosa Maria (a caçula).

A primeira instituição por onde passei me mostrou a dureza da vida, o quanto pesa uma gota de suor para conseguir o sustento diário num cenário onde se trabalha tanto para ter tão pouco. Por outro lado, aprendi a enfrentar os desafios e a lutar pelos meus anseios, dos mais elementares aos sonhos mais distantes. Quando criança, nunca tinha ouvido esta frase que hoje faz tanto sentido: “Quando se nasce pobre, ser estudioso é o maior ato de rebeldia contra o sistema” (autor desconhecido).

Tendo pai analfabeto e mãe analfabeta funcional, não havia espaço nem incentivo à leitura, tampouco alguém para se espelhar como um profissional promissor. Na minha família, qualquer coisa era demais para mim. Sempre cercado daquela máxima de que filho de pobre não tem escolha e o horizonte é logo ali, no cabo da enxada.

Pensando em fugir desse mundo cinzento, eu corria para escola para me libertar.

A instituição escolar

A escola era pública, prédio antigo, poucos livros, poucos professores, poucos recursos, mas muita imaginação e diversão. Se eu tive infância? Não sei. Depende do que definem como infância. Eu fui feliz na escola municipal Moça Prado, pois tinha o afeto das professoras, o incentivo à leitura, ao teatro e à música. Se analisada com os parâmetros pedagógicos atuais, aquela escola seria inadequada e ineficaz, mas para quem não tinha nada, ali era o melhor dos mundos.

Foi na escola que eu aprendi que os sonhos se concretizam através dos estudos. As participações nas feiras de ciências, nas olimpíadas e as minhas notas construíram minha autoestima e me deram esperanças de um futuro promissor. Sou grato pelos conselhos e conversas amistosas dos professores dos quais fui aluno durante o ensino fundamental e médio nas escolas estaduais Professora Carmosina Ferreira Gomes, Ministro Jarbas Passarinho e no Colégio Farias Brito Sobralense onde concluí a terceira série do ensino secundário. Dentre os vários docentes, uma me cativou bastante: a professora Silvana Braga Carneiro, pois demonstrava ter expectativas em relação ao meu futuro a ponto de me incentivar a aprender inglês. Mesmo não tendo fluência, ela fazia o melhor que podia nas suas aulas e me apresentou o Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral, o Palace.

O Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral

O Palace Club sediava as festas requintadas da sociedade sobralense na década de 1920. Mas no final do século XX, o prédio histórico foi restaurado e transformado em um centro para educar os filhos dos trabalhadores, inaugurando assim o Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral. Um palácio onde quem reina é o filho do pobre.

No Palácio são oferecidos cursos gratuitos de ciências (Biologia, Física e Química), inglês, espanhol, Libras e informática para alunos de escolas públicas da rede municipal e estadual. Em 2003, realizei minha matrícula no curso de inglês e fiz daquele lugar minha segunda casa, pois

passava a maior parte do dia entre as salas de aula, a biblioteca e a sala de convivência do Palácio. Lá, eu pude sonhar mais alto, conhecer outros idiomas, outras culturas, diferentes tecnologias, desenvolver a oralidade e outras habilidades que me profissionalizaram e prepararam para desafios maiores.

No ano de 2008, assisti a um telejornal onde o professor do então Cefet/CE, Francisco Gutenberg Albuquerque Filho, apresentava o Programa Jovens Embaixadores. Um programa de intercâmbio da Embaixada Americana no Brasil que levava estudantes da escola pública, oriundos de família de baixa renda, com boas notas, participação em trabalhos voluntários e fluência em inglês para passar duas semanas nos EUA, conhecendo a história, a política, a cultura americana, convivendo com uma família nativa e realizando apresentações sobre o Brasil nas escolas anfitriãs.

Quando vi o perfil procurado não pensei duas vezes. Submeti minha candidatura e concorri com mais de três mil adolescentes de todo o Brasil. Foram várias etapas (prova escrita, entrevista, visita domiciliar) e uma concorrência altamente qualificada: alunos do Cefet/CE e do Colégio Militar de Fortaleza se alternavam nas seis edições anteriores do programa. Dessa vez seria diferente, um garoto franzino do interior do estado seria o sétimo Jovem Embaixador cearense a representar o Brasil no programa de intercâmbio da Embaixada Americana.

Depois de anunciado o resultado da seleção de 2009, novas experiências, novas oportunidades surgiram. Palavras que não faziam parte do meu cotidiano como passaporte, visto, consulado, diplomata passaram a se materializar numa experiência que foi a grande virada de chave na minha vida. De repente, do anonimato passei a ter os meus quinze dias de fama, conheci novas pessoas e me vi dando entrevistas, tirando fotos e até dando autógrafos.

Ao retornar do intercâmbio, trouxe na bagagem horizontes expandidos, muitas expectativas e encontrei um solo fértil para os meus sonhos, pois conquistei admiradores e mecenas que me proporcionaram uma

bolsa de estudos para concluir a 3ª série do ensino médio no Colégio Farias Brito Sobralense, outra bolsa para cursar o nível avançado de inglês no Yázigi, além dos auxílios para custear material didático, fardamento, alimentação, etc. Oportunidades ímpares que aperfeiçoaram meus conhecimentos e me prepararam para o vestibular.

Imergi num sentimento de satisfação por saber que valeu a pena as noites que fiquei estudando, as longas caminhadas de casa até a escola, as vezes que tive que estancar as lágrimas por causa de palavras negativas que recebi na tentativa de me fazer desanimar. Naquele momento, tudo fez sentido.

Acompanhado da felicidade estava a gratidão a Deus por aquela bênção, pois sempre fiz da fé a minha fortaleza. A vontade de agradecer a Deus foi tão grande que decidi buscar por uma experiência mais profunda com Ele e a forma que encontrei foi aceitando Jesus Cristo como meu Senhor e Salvador. Para alguns pode ser uma religião, mas para mim, um caminho que me levará cada vez mais perto d'Ele.

A igreja

A minha experiência com o evangelho foi paulatina, pois sempre fui católico e apegado às tradições da igreja, não seria fácil desacreditar de tudo que fui ensinado em casa e no catecismo. Ninguém me abordou nem foi na minha casa evangelizar, eu simplesmente decidi visitar e conhecer como os crentes viviam.

Aos poucos fui percebendo que estava num ambiente de extremos: de um lado encontrei pessoas amorosas, pacientes, que respeitavam meu tempo, minhas decisões. De outro, conheci pessoas de palavras duras, intolerantes, convictas de que faziam parte de um grupo seletivo do qual poucos estariam aptos a fazer parte e que dividiam a humanidade em dois grupos: quem não é por nós, é contra nós.

Como aprendi cedo que o conhecimento ilumina qualquer sombra da ignorância, passei a estudar a Bíblia começando pelo livro de Provérbios de Salomão. Vi que aqueles conselhos eram muito úteis para mim, um adolescente que em breve entraria na vida adulta e precisaria tomar

decisões que talvez meus pais não soubessem como ajudar por não ter chegado, na visão deles, tão longe. Vi a soberba e escolhi a humildade. Encontrei a prepotência, mas busquei a benignidade. Diante do atrevimento, fiz da calma minha companheira. Dentre tantas virtudes, o silêncio me cativou. Quando me calo, aprendo mais, analiso, comprovo, evito passar vergonha ou dar uma resposta que o outro não está pronto para ouvir. Por último, aprendi que a sinceridade é o selo dos verdadeiros amigos, mas que é preciso ter sabedoria para pronunciá-la, pois há palavras que machucam mais que um bofete.

Na igreja fiz poucos amigos, mas os melhores. Fortaleci minha fé em momentos difíceis como a perda do meu avô e a decepção com a primeira namorada. Obtive confiança para continuar em busca dos meus sonhos e um refúgio que podia procurar sempre que precisasse.

No entanto, o momento de amadurecer se aproximava, pois a pressão em casa só aumentava. Com a chegada da maioridade, meus pais queriam que eu trabalhasse para ajudar nas despesas da família. Mas eu queria estudar, entrar na universidade, se possível, no exterior. Depois do intercâmbio nos EUA, parecia um sonho alcançável.

A faculdade ou o emprego?

Os dois. Para mim e para a maioria dos filhos dos trabalhadores não há alternativa. Embora os familiares pensem que os estudos terminam com a conclusão do ensino médio, é necessário continuar estudando e trabalhando para sobreviver. Após algumas tentativas frustradas no processo de candidatura às universidades norte-americanas e no vestibular para o curso de Direito, parei de estudar e no ano de 2010 comecei a lecionar numa escola particular para obter meu sustento e ajudar nas despesas de casa.

Não foi fácil assumir tamanha responsabilidade, pois ensinava inglês, espanhol e ciências para as crianças do 2º ao 5º ano do ensino fundamental sem ter formação em Pedagogia. Passei por grandes desafios como planejar aulas, avaliar meus alunos e minha prática pedagógica, sem falar no meu despreparo diante das crianças surdas alfabetizadas em Libras,

disléticas ou com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH).

No entanto, sou grato à direção e à equipe pedagógica do Colégio José Romão que me acolheram e me proporcionaram uma formação em serviço que muito contribuiu para a decisão de prestar vestibular para o curso de Letras-Ingês na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Após a aprovação no vestibular de 2011, mais desafios me esperavam: conciliar estudos com trabalho. Infelizmente, precisei sair do Colégio José Romão para me dedicar à Licenciatura em Letras-Ingês na UVA. Como não podia ficar sem sustento, procurei uma vaga de jovem aprendiz no Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE). Como o trabalho era de jornada parcial, foi possível continuar o curso e ganhar meio salário-mínimo para a minha subsistência.

A partir de 2012, passei a ter aulas sobre rotinas administrativas no CIEE e colocava os conhecimentos em prática na Indústria e Comércio de Rações Golfinho. Inicialmente o contrato seria de dois anos, mas eu gostei da empresa e a empresa gostou do meu desempenho, acabei sendo contratado como auxiliar de laboratório industrial. Pelos próximos dois anos, continuaria manipulando as pipetas, coletando amostras, realizando análises e o controle de qualidade dos produtos da empresa: torta de algodão, óleo vegetal e línter. Por gostar do trabalho, cheguei a procurar um curso técnico em Química, mas só havia um curso integrado ao ensino médio no IFCE campus Fortaleza, portanto inviável.

No entanto, nunca deixei de me dedicar à licenciatura e no ano de 2013, participei de uma seleção de pequenos financiamentos para projetos sociais da Embaixada Americana no Brasil (*Small Grants Competition*). Meu projeto sobre Ingês para Turismo foi selecionado e o objetivo da ação social era preparar jovens da escola pública para atuarem como informantes turísticos durante a Copa do Mundo de 2014 através de um curso de inglês. O planejamento do curso, a elaboração do livro-texto, a compra de material didático e a captação de patrocínios foi realizada pelos jovens embaixadores de Sobral e alguns alunos e professores do curso de

Letras-Inglês da UVA. Após o curso, participei como voluntário da Copa das Confederações de 2013 em Fortaleza para ver de perto a estrutura de um evento como esse e o impacto trazido à cidade.

Além dos projetos sociais na área da educação, comecei a fazer concursos públicos. Ainda em 2013, passei em quinto lugar no concurso público para professor de inglês na rede estadual de ensino. Como eu ainda estava no sexto semestre da faculdade, infelizmente não pude tomar posse. Ao colar grau em 2015, decidi fazer outros concursos na área da educação, conseguindo ficar classificado mais uma vez em quinto lugar num concurso público para Técnico em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Ceará, mas como o certame previa apenas uma vaga não fui convocado de imediato. Após aprovação num processo seletivo para professor contratado por tempo determinado, saí da fábrica de Rações Golfinho para lecionar na Escola Estadual de Educação Profissional Lysia Pimentel Gomes Sampaio Sales no ano de 2016.

Conheci a modalidade de ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica numa escola de referência na região norte do Ceará. A escola tinha estrutura nos moldes do Programa Brasil Profissionalizado (padrão MEC):

O Programa atua no fomento de ações que visam à expansão, ampliação e modernização das escolas das redes estaduais de Educação Profissional e Tecnológica, com a finalidade de expandir e ampliar a oferta de cursos técnicos de nível médio, principalmente do ensino médio integrado à educação profissional e tecnológica (BRASIL, 2007).

Além da estrutura, a EEEP contava com uma equipe qualificada de gestores, professores da base nacional comum curricular e da base técnica. Os alunos eram selecionados dentre os melhores de Sobral e cidades circunvizinhas. Nessa escola, lecionei espanhol, pois o tinha cursado como língua estrangeira no Palácio e tinha a experiência do Colégio José Romão. Mas o que chamou minha atenção foram as disciplinas da parte diversificada: Projeto de Vida; Formação para a Cidadania; Mundo do

Trabalho; Oficina de Redação e Empreendedorismo, pois visavam a formação humana do alunado.

Eu lecionava 40 horas semanais, incluindo espanhol, projeto Diretor de Turma, Projeto de Vida, Formação para a Cidadania e o período destinado ao planejamento. À noite, dava aulas de inglês para os alunos dos níveis básico e intermediário no Palácio de Ciências e Línguas Estrangeiras de Sobral. Afinal de contas, um jovem recém-casado e em breve pai, tinha que se desdobrar para preparar o enxoval do bebê.

Minha atuação na EEEP Lysia Pimentel foi interrompida com a convocação dos professores classificados no concurso de 2013 pelo governo estadual. Como eu havia solicitado reposicionamento na fila de convocação, consegui assumir o cargo desta vez. Para tanto, foi necessário mudar para a cidade de Itapipoca localizada a aproximadamente 100 quilômetros de distância de Sobral onde fui lotado numa escola regular da rede estadual de ensino com estrutura antiga e muitos desafios a enfrentar, especialmente evasão e baixo rendimento.

Continuei engajado e tentando contribuir na melhoria da escola estadual Anastácio Alves Braga por meio do ensino de inglês, espanhol e do projeto Diretor de Turma. Percebi o quanto os alunos se tornam desmotivados quando o conteúdo não se relaciona com o cotidiano deles ou quando as aulas de línguas estrangeiras não focam na comunicação. Conteei-lhes a minha história e conquistei a confiança de alguns a ponto de conseguirmos juntos, desenvolver uma abordagem baseada em projetos: construção de jogos para o ensino de inglês; simulações de feiras livres na língua-alvo; esquetes adaptados das obras de William Shakespeare ou Miguel de Cervantes e o uso de aplicativos gratuitos para aumentar o vocabulário. Este último, resultante das discussões nos grupos de WhatsApp que complementavam o ensino e ajudavam a desenvolver a afetividade entre professor e alunos.

Ainda em 2016, recebi duas grandes notícias: minha esposa Marcônia dava à luz o nosso filho Miguel e a publicação da minha convocação para assumir o cargo de Técnico em Assuntos Educacionais na UFC

campus Fortaleza. Eu teria que percorrer mais 100 quilômetros para tomar posse da nova missão. Saí da educação básica para trabalhar num Programa de Pós-graduação *stricto sensu*. Meu dia a dia passou a ser permeado de palavras como editais, bolsas, projetos de pesquisa, qualificações, dissertações, teses, etc.

A UFC favoreceu a ampliação dos meus conhecimentos em relação à pesquisa, pude cursar uma especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras a qual aprofundou meus conhecimentos sobre ensino, novos letramentos, Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) na educação, produção de material didático, Português Língua Estrangeira (PLE) e os desafios a serem enfrentados nas aulas de línguas estrangeiras nas escolas públicas, como o ensino da oralidade, por exemplo. Também tive a oportunidade de me qualificar para compreender melhor a estrutura de uma universidade federal, iniciar a aprendizagem de um novo idioma, o francês, dentre outros cursos. Nessa instituição, minha formação está sempre em desenvolvimento.

Conclusão

A maior parte da minha trajetória de vida se deu em instituições públicas cuja missão pode ser resumida em socializar e preparar os estudantes para o trabalho, o ensino superior e a cidadania. Apesar de todas as suas limitações, a escola pública contribui na transformação de vidas e sou testemunha disso. Graças a essa formação e as minhas experiências pessoais, consegui concluir o ensino superior, tornar-me servidor público de um órgão federal e ingressar numa pós-graduação *stricto sensu*. Há 20 anos atrás, essas conquistas poderiam ser inacessíveis aos filhos dos trabalhadores, mas com o investimento em educação pública e a expansão do ensino superior muitas histórias como a minha passaram a ser contadas. Portanto, a educação continua a ser o caminho para transformar a vida dos trabalhadores brasileiros.

Essa transformação através da educação acontece quando os estudantes desenvolvem os seus letramentos e os aplicam à vida profissional ou acadêmica. Tenho estudado a temática dos letramentos como prática

social desde a graduação e pude aprofundar os meus estudos sobre como se davam esses letramentos mediatizados pelas TDIC na minha primeira especialização que foi em Educação a Distância pela UNOPAR. Durante a segunda especialização que foi em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras pela UFC, tive a oportunidade de conhecer uma subárea da Linguística Aplicada, chamada *Computer Assisted Language Learning (CALL)*, que significa Aprendizagem de Línguas Assistida por Computador. Foi um elo perfeito para minha trajetória: unir tecnologias ao ensino de línguas estrangeiras, dois temas pelos quais sou apaixonado.

Durante as discussões no mestrado, as quais foram muito frutíferas e auxiliaram vários estudantes a amadurecer seus produtos educacionais, deparei-me com uma lacuna: o ensino de línguas estrangeiras para a EPT. Com o auxílio do professor e dos colegas, cheguei à algumas pesquisas que identificaram a preponderância da abordagem Inglês para Fins Específicos, também conhecida como Inglês Instrumental nas matrizes curriculares dos cursos em EPT. Tendo em vista as discussões na disciplina Bases Conceituais da EPT, verifiquei que a pedagogia dos multiletramentos era coerente com os pressupostos da área: currículo integrado; interdisciplinaridade; criticidade; emancipação do educando; pesquisa como prática pedagógica e trabalho como princípio educativo.

A partir da minha trajetória de vida pessoal, profissional e acadêmica as quais foram descritas neste capítulo, proponho desenvolver uma abordagem de ensino de inglês para o Ensino Médio Integrado à Educação Profissional e Tecnológica alinhada aos princípios da educação integral, politécnica ou omnilateral e baseada na pedagogia dos multiletramentos. Para tanto, a proposta de abordagem será materializada através de uma sequência didática a ser aplicada nos cursos técnicos integrados ao ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - campus Fortaleza e divulgado eletronicamente por meio do repositório do IFCE.

Referências

BÍBLIA. Bíblia de Estudo Pentecostal Almeida Revista e Corrigida. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

BRASIL. Decreto n.6.302, de 12 de dezembro de 2007. Institui o Programa Brasil Profissionalizado. Diário Oficial da União, Brasília, 13 dez 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2007/Decreto/D6302.htm>. Acesso em: 12 dez 2019.

Diálogo com a subjetividade: ressignificando memórias

Kayciane Assunção Alencar²⁷

“Na travessia dessa fronteira de sombra escutei vozes que vazaram o sol. Outros foram asas no meu voo de escrever. A umas e a outras dedico este desejo de contar e de inventar.”

Couto (2008, p.15 apud Brandeburg, et al., 2016, p.28)

Introdução

Neste memorial, descrevo um pouco do meu “Eu”, as minhas impressões de mundo com ênfase na minha trajetória profissional. Relatar lembranças é fazer uma releitura do que vivi, um recorte delimitado em um contexto. Eu, sujeito, identidade histórica moldada em um tempo e espaço, aspectos esses determinantes para minha formação. Destaca Neto (2004, p. 93) “A formação de todo ser humano é sempre um processo que sintetiza de maneira dinâmica todo um conjunto de elementos produzidos pela história.”

Reviver é um reencontro, uma aproximação, uma descoberta. O tempo vai nos distanciando de nossas lembranças e rememorar-las é um exercício de autoconhecimento. “A memória invade a vida e, ao tempo em que selecionar o que pode ser lembrado, é capaz de despertar o mais insubstancial dos seres.” Fialho (2016, p. 19)

Nordestina, nascida em Fortaleza, no Ceará em outubro de 1987.

²⁷ Mestranda pelo Programa de Pós- Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT). Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Especialista em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pela Faculdade 7 de Setembro (FA7). Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – *campus* de Baturité.

Nesta época, assumia o governo do Estado, o jovem empresário Tasso Jereissati, que trouxe modernização ao Ceará, porém agravou as desigualdades sociais e a miséria. Como apontou Farias (p.268) “O domínio cambebista²⁸ tem se caracterizado pela implantação de um projeto capitalista, daí porque tanta atenção à economia e à infra-estrutura estadual, e o pouco sucesso nas áreas sociais.” Cenário este que nasci, sou primogênita, filha de Raimundo Leal e Joalice Santos, irmã do Leandro e Kaylane. Sou filha de classe trabalhadora, meu pai caminhoneiro e mãe dona de casa. Minha família simples, morávamos na última casa de uma rua sem saída na Barra do Ceará. Meu pai trabalhava incansavelmente para nos oferecer uma educação de qualidade e minha mãe, uma senhora cheia de afeto e amorosidade. Tive uma educação fundada em respeito, ética e disciplina. Meus pais me ensinaram a ter empatia e generosidade, virtudes valiosas e raras nesta sociedade tão perversa e individualista.

Primeiros passos

Minha primeira escola foi Pequeno Mundo, uma escola pequena e situada no mesmo bairro que morava. Lembro-me do meu entusiasmo em fazer as primeiras atividades de colorir. Aprendi a ler cedo e a resolver precocemente os problemas da tabuada de multiplicação e divisão. A professora fazia arguição para saber se realmente tinha memorizado. Eu acertava todas as perguntas e ela colava uma estrelinha de papel na minha farda. Em casa, chegava toda orgulhosa.

Durante o Ensino Fundamental e Médio, continuava estudando nas primeiras carteiras da sala, tirava as melhores notas. Destaco que minha formação no Ensino Médio foi limitada e priorizava a memorização. Um ensino baseado em datas, fórmulas e conteúdos sem nenhuma aplicabilidade no dia a dia, descontextualizado da realidade. Uma educação acrítica, fragmentada e engessada orientada pelos livros didáticos. O foco não

²⁸ Passando a administrar da nova sede do Executivo, no Centro Administrativo Governador Virgílio Távora, no bairro do Cambeba (palavra que desde então passou a designar os governistas e seus simpatizantes) (Farias, 1997, p.263).

era a emancipação humana. O currículo não expressava o trabalho como princípio educativo e não seguia os ideais de uma educação omnilateral e unitária. A preocupação era apenas a escolha profissional que iria fazer quando concluísse o Ensino Médio.

Estudava bastante e meu pai sonhava que eu me formasse em algum curso da saúde, porém nunca gostei dessa área. Aos 14 anos comecei a dar reforço em casa, devido a dificuldades financeiras. Sentia-me bem em realizar tal atividade. Era um prazer ensinar Matemática e perceber que meus vizinhos tinham aprendido a lição.

O sujeito e a escolha profissional

Meu primeiro vestibular foi para Odontologia, sem êxito. Não fui aprovada no sonho do meu pai. Como iria ser dentista, se não me identifico com essa profissão? Optei por Pedagogia, a escolha foi devido a sempre admirar a profissão de ser professor e por me divertir enquanto ensinava. Pois bem, tentei o vestibular mesmo a contragosto do meu pai. Fui aprovada na UFC em 2007.

Adorava ler os textos, encantava-me com o processo de ensino e aprendizagem. No início da faculdade, dedicava-me aos estudos em tempo integral. Orgulho-me de ter tido professores excelentes e exalto a qualidade da Universidade a qual me formei. Entretanto, acho que poderia ter tido uma maior articulação do conhecimento teórico com a prática.

A descoberta do sujeito trabalhador

No terceiro semestre, vi no flanelógrafo uma oportunidade de estágio: a Vila Olímpica do Genibaú. Era um projeto social do Governo do Estado do Ceará que oferecia várias modalidades de esporte e acompanhamento pedagógico a crianças e jovens em condição de vulnerabilidade social. Eu era responsável em contribuir com a alfabetização destes alunos. As condições de infraestrutura eram precárias, uma sala tão pequena com 15 alunos e um ventilador que não funcionava. Ensinava a tarde, era um calor insuportável. Apesar dessas situações adversas, entusiasmava-me

com meu trabalho, pois percebia a alegria nos olhos daquelas crianças. Eu adorava explorar os temas transversais: meio ambiente, saúde e ética. Gostava de realizar atividades lúdicas e diversificadas. Fiquei neste projeto durante um ano e meio.

Uma colega da faculdade avisou-me que o Colégio Santa Cecília estava contratando estagiários. Fui deixar o currículo e em poucos dias, ligaram-me para a entrevista. A seleção foi bem concorrida e eu fui chamada para trabalhar na turma do Infantil IV. Outra realidade, as crianças eram de classe alta. A escola tinha diversas salas coloridas, espaços diversos e condições excelentes de trabalho. Eu dava suporte pedagógico ao que a professora desenvolvia em sala. Aprendi bastante com elas. Fiquei na escola durante 2 anos.

Neste período, já estava quase concluindo o curso e não poderia ser mais estagiária. Decidi deixar meu currículo em uma escola próxima ao Santa Cecília e tentar uma vaga como professora. Realizei a entrevista e fui selecionada. Comecei a trabalhar na turma do Infantil II. As crianças também eram de classe favorecida. Foi um grande desafio cuidar e ensinar crianças tão pequenas. Era muita responsabilidade. No início, foi bem difícil, mas logo depois a prática do dia a dia e com a ajuda das colegas, o trabalho foi ficando mais leve.

Meu pai falava para me inscrever em concurso público, mas eu não acreditava que fosse possível a aprovação. Ouvia na televisão e de alguns amigos de trabalho que tinham muitas fraudes nestes concursos. Na faculdade, um colega me incentivou a tentar, deu-me várias dicas e falou que era possível. Tentei a primeira vez para Prefeitura de Eusébio como professora efetiva e fui aprovada. Não cheguei a assumir, pois em pouco tempo, fui aprovada para Prefeitura de Maracanaú.

Em Maracanaú, fui professora efetiva durante dois anos como alfabetizadora nas turmas de 1º e 2º anos. O desafio era alfabetizar as crianças no formato do Programa de Alfabetização na Idade Certa- PAIC, o modelo de Gestão por Resultados e responsabilização. Convivi com as avaliações externas e percebi a preocupação de professores, coordenadores e

diretores em atingir as metas estabelecidas, observei o ranqueamento de resultados entre as escolas, favorecendo a competição que prejudica a troca de experiências. Seguiu a lógica da meritocracia quando puni ou premia escolas e professores.

No final de 2015, fui aprovada na Prefeitura de Fortaleza e optei a trabalhar novamente na Educação Infantil.

Nesse período, iniciei um curso de Especialização em Coordenação e Gestão Escolar na Faculdade 7 de Setembro. Uma colega do curso me falou que estavam abertas as inscrições para o cargo de Pedagogo, técnico administrativo no IFCE. Fiquei curiosa, chegando em casa, vi o edital e me inscrevi. Estudei muito, nunca tinha visto na faculdade os conteúdos sobre a Educação Profissional. Expressões como Ensino Médio Integrado e curso técnico subsequente ou concomitante não faziam parte do meu universo. Fui aprovada e passei a morar em Tabuleiro do Norte, cidade a 220 km de Fortaleza. No início, deparei-me com legislações e regulamentos, exigiu muito estudo e fui adentrando na Educação Profissional.

Atualmente, atuo como pedagoga na Coordenadoria Técnico-Pedagógica (CTP) no Campus Baturité. Proporcionamos apoio pedagógico aos alunos e professores no que refere à planejamento, acompanhamento e avaliação das ações pedagógicas, objetivando o êxito e permanência discente.

O sujeito e a práxis transformadora

No ensino de aprofundar os conhecimentos na área profissional no início de 2019, participei da seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) e logrei êxito. Enveredarei por caminhos de pesquisa permeados de autonomia e alicerçada pelo desejo de mudança. A proposta da pesquisa é utilizar conceitos da escola unitária de Gramsci e relacionar com a atual formação dos filhos da classe trabalhadora. A temática surgiu da minha vivência como aluna, moldada por uma educação unilateral e restrita a memorização.

Serão utilizados questionários com os professores para investigar suas

concepções sobre a relação entre trabalho e educação. A investigação é necessária para quebrar paradigmas e trará achados que viabilizarão novas práticas.

O produto educacional é oportunizar momentos de discussão com os professores do Instituto Federal *campus* Baturité, propiciando uma reflexão sobre educação desinteressada e emancipatória. A materialização do produto dar-se-á por meio de uma cartilha que trará conceitos ancorados em uma formação plena. O olhar de pesquisadora possibilitará uma nova apreensão da realidade, contribuindo para uma práxis transformadora.

O sujeito e o devir

Neste memorial, sob o olhar de uma pesquisadora, tive a mais difícil tarefa: desvendar a minha subjetividade, um universo tão particular, tão meu. Investigação complexa e singular. Esse ser incompleto que se reinventa a cada nova experiência em um constante devir. Como aponta Heráclito: “Tudo flui, nada permanece” Buscando o novo, o que desafia. A mudança constitui-nos em um movimento dialético cheio de surpresas, obstáculos e aprendizados. Sujeito que se transforma, um mundo, um “Eu”.

Referências

BRANDENBURG, Cristine. FIALHO, Lia Machado Fiuza. LOPES, Tania Maria Rodrigues. Educação, memórias e narrativas. Fortaleza; Eduece, 2016

FARIAS, Airton de. História do Ceará: dos índios à geração cambéba. Fortaleza: Tropical, 1997.

NETO, Enéas Arrais. Mundo do trabalho: debates contemporâneos. Fortaleza: UFC, 2004.

Memórias de uma mente acelerada

Leonardo Bezerra da Silva²⁹

*“(...) Caminho se conhece andando
Então vez em quando é bom se perder
Perdido fica perguntando
Vai só procurando
E acha sem saber (...)”
(Música: Deus me Proteja. Composição
e Interpretação: Chico César)*

Ao caro leitor dessas enfadonhas memórias desculpo-me por antecedência. O veloz balançar das minhas pernas enquanto escrevo sinalizam uma corrente ansiosa de pensamentos aleatórios que inundam minha mente em busca de uma coesão que me permita descrever brevemente um pouco dos meus trajetos. Trajetos! Dessa forma, no plural! Talvez o destino final de todos seja único, mas os caminhos não os são. Já me vi perdido tantas vezes em inúmeros lugares, exteriores e interiores ao meu ser, quanto fui capaz de encontrar saídas para novos horizontes. A cada caminho percorrido, marcas de pegadas ficaram no chão. A cada caminho percorrido, marcas de vida ficaram em meu coração.

Antes de adentrar nas memórias de fato é preciso fazer alguns esclarecimentos prévios quanto ao que, aqui, me proponho a escrever. A origem destas memórias escritas, como já deve ter percebido ao folhear páginas anteriores desta obra, fica a cargo de uma atividade repassada aos alunos do Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica

²⁹ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal do Ceará. Pós-graduado em Tecnologia de Gestão Pública e Responsabilidade Fiscal pela Escola Superior Aberta do Brasil (ESAB). Bacharel em Administração pela Universidade Estácio de Sá. Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

(PROFEPT) no qual ingressei recentemente. Como forma de alcançar o objetivo final do trabalho voltarei minhas atenções prioritariamente ao meu percurso de formação profissional. É evidente, contudo, que não há como me despir totalmente das outras “vertentes de Leonardo”, que serviram e servem de bússola para as decisões que tomei e me fizeram chegar até aqui.

Outro ponto pertinente a se falar é que ao projetar na minha mente como seria a escrita deste memorial eu tentaria fazê-lo da maneira mais impessoal possível. *Bullshit!!!* Como diria meu professor de inglês. Achei que seria capaz de (des)escrever parte da minha vida do mesmo modo que redijo os tediosos textos técnicos, porém informativos, dos ofícios-circulares que meu trabalho exige. Tentarei ser claro, objetivo (talvez). Por isso as desculpas previamente feitas nas primeiras palavras desta escrita.

Apenas uma linha acima das escusas a que me referi chegamos ao título. Sinto-me na obrigação de fazer algum adendo sobre o porquê dessa escolha. Primeiramente quero deixar claro que não sei por qual razão deixei para tratar dessa questão somente ao fim dessa pequena introdução, algo que não é corriqueiro na maioria dos textos onde o autor se propõe a fazer este esclarecimento. Talvez um descuido da minha parte ou a cessão impulsiva a outras ideias que tenham surgido anteriormente. Desde que soube dessa tarefa me antecipo a ela e ao que ela viria a englobar sem que na prática eu fizesse algo que resultasse em sua materialização. Passei vários dias em uma cansativa redação mental, com várias ressalvas ao que eu escreveria, vislumbrando memórias há tanto guardadas e que nem as pretendo mencionar, seja por timidez, pertinência ou simplesmente para não elevar a classificação indicativa dessa obra. E assim tem sido! Um jogo de antecipações, vivenciando as coisas no campo mental. Uma cascata de pensamentos que muitas vezes se manifesta nos movimentos do meu corpo, que me faz ser verborrágico e impaciente, mas que ao mesmo tempo, e ao longo da minha vida, me propela em busca de novos desafios que consigam me saciar. Por isso escolhi esse título, talvez essa característica seja minha fiel acompanhante ao longo desses anos, a única

testemunha a comprovar a veracidade dos fatos vividos e relatados e que se anuncia como parceira do futuro. Futuro esse em que, como não podia ser diferente, já estou pensando freneticamente.

Eu e o Ceará

“(…) Eu tenho a mão que aperreia
Eu tenho o sol e areia
Sou da América, sul da América
South America
Eu sou a nata do lixo, eu sou do luxo da aldeia
Eu sou do Ceará (…)”

(Música: Terral. Composição e Interpretação: Ednardo)

Eu nasci em 17 de julho de 1987 na cidade de São Paulo, capital do Estado que carrega o mesmo nome. Filho de Francisca Bezerra da Silva e Antônio Sobrinho da Silva, ela dona de casa, ele agricultor, ela cearense de Jucás, ele potiguar de Caraúbas, nordestinos, namorados que casaram-se muito jovens e que resolveram ganhar a vida na cidade grande como tantos outros naquela época. A impaciência do meu pai e a vontade de retornar para junto dos seus falou mais alto e ele, que já havia feito o trajeto de ida e volta outras vezes, resolveu pela partida final, regressando ao Ceará dois anos após meu nascimento, para o município de Iguatu onde me criei. Eu certamente questionei e questiono várias decisões que meu pai tomou ao longo da vida, mas a esta, em especial, serei eternamente grato. Ser cearense é a melhor coisa do mundo. As cores, as vozes, as paisagens, as pessoas, tudo se combina em uma perfeita harmonia. Acredito que se há um propósito pré-definido na vida o meu é ser cearense, e mesmo que a minha vida me leve para outros caminhos distante dessas terras não hei de bater a poeira dos sapatos ou suprimir o meu oxe para ninguém.

As lembranças da meninice

“(…) E na sua meninice ele um dia me disse
Que chegava lá

Olha aí
Olha aí
Olha aí, aí o meu guri, olha aí
Olha aí, é o meu guri
E ele chega (...)"

(Música: Meu Guri. Composição e Interpretação: Chico Buarque)

Eu fui uma criança muito feliz. Não há como iniciar esse trecho de minhas memórias senão a partir dessa afirmação. Mesmo vindo de uma família simples, sem os brinquedos que toda criança sonharia em ter ou todos os amigos que gostaria, eu gozei da felicidade. A felicidade da liberdade que somente a vida no interior é capaz de ofertar. A minha infância foi vivida na zona rural, localidade de Cardoso I em Iguatu. A casa dos meus avós paternos, vizinha muito próxima à casa onde eu vivia e até hoje meus pais residem, era o ponto de encontro da família, reunindo tios, tias e demais agregados. No outro lado da vizinhança, tão próxima quanto a casa dos meus avós, ficava a escola onde estudei boa parte do ensino fundamental, eu vivia, literalmente, entre a família e a escola. Neste pequeno universo particular eu pude viver fora de quatro paredes sem as preocupações corriqueiras que os tempos atuais nos exigem. Correr de pés descalços, tomar banho de rio, transitar entre plantas e animais. Dar vazão a toda energia de uma criança e toda a inquietação da minha cabeça imaginativa. Foi uma infância saudável.

À minha mãe coube a tarefa da criação dos filhos, algo que ainda hoje acaba sendo atribuído pela sociedade às mulheres como inerentes ao seu ser. Bem, essa missão foi cumprida com louvor. Muito amorosa e presente, entre cheiros no cangote e cafunés, sempre confiou no potencial dos filhos de alcançarem todos os objetivos que sonhassem. Coube a ela o estímulo principal para que eu tivesse aplicação nos estudos, mesmo possuindo apenas o Ensino Fundamental Incompleto e distante das teorias psicopedagógicas modernas, me arrisco a dizer que ela tinha uma abordagem dialógica. Expunha claramente a importância de se preparar

para o futuro e que poderíamos almejar sempre mais, frequentemente chamava a atenção para o fato de que ela não teve as oportunidades que nós tínhamos à disposição e como isso era motivo de frustração em sua vida. Tenho por mim que correspondi às suas expectativas.

Meu pai foi por muito tempo o único provedor da família. Esse período engloba toda minha infância. Sempre muito reservado, alheio a maiores carinhos e afagos, era relativamente disciplinador e moralista (!?). Um bom homem, mas com um perfil de contraponto ao que era a minha mãe. Eu, enquanto menino, via naquela figura uma autoridade, a quem devia o devido respeito mas que, ao mesmo tempo, não conseguia me aproximar ao ponto de construir com ele as mesmas pontes e laços que construí com a minha mãe. Não posso, contudo, dizer que ele foi um pai ausente, de forma alguma. Vítima do machismo que atinge os homens tanto quanto as mulheres, ele reproduziu os padrões de comportamento que suas vivências arraigaram em seu ser. Também incentivador dos meus estudos, sua abordagem era um pouco mais incisiva: ou estuda, ou trabalha! Escolhi a primeira opção.

Durante a tenra idade tive poucas crianças com quem brincar. Minha principal parceira de peraltices e de brigas nessa fase foi a minha irmã com a qual dediquei muitas horas de meus dias com brincadeiras típicas do lugar onde vivíamos. Tinha um notável interesse e curiosidade por dispositivos eletrônicas que eu desmontava e remontava tentando criar novas invenções que, por algum motivo, não dava certo a maioria das vezes, mas aguçava minha criatividade e imaginação. Fã de desenhos animados, passava horas com olhos fixos em frente à TV me imaginando como um dos personagens e em como eu venceria facilmente todos aqueles desafios e disputas que os enredos simples propunham aos jovens telespectadores.

Na escola eu era uma criança muito aplicada, dos melhores da turma, premiado nas festividades escolares. Ao mesmo tempo, era uma criança extremamente tímida, principalmente quando tinha que lidar com os adultos, talvez reflexo de uma personalidade insegura e pouco autônoma.

A partir da 6ª série, na pré-ebulição da adolescência, comecei a ter mudanças de comportamento na escola e muito embora meu rendimento escolar não tivesse caído, não poderia dizer o mesmo da minha disciplina. Por coincidência foi o último ano que estudei na escola vizinha a minha casa. Por ela não possuir a oferta das demais séries tive que estudar em uma escola localizada em uma localidade vizinha. Minha irmã, dois anos mais velha, já havia desbravado o mesmo caminho um ano antes de mim e, de certa forma, a presença dela ajudou a compensar minha timidez nos meses iniciais da nova escola. Aqui encerro esse breve apanhado descritivo das lembranças que tenho dessa fase, a mais bela da minha vida, onde a riqueza de ideias e sonhos só perdia para a riqueza capilar e que perdi ao longo dos anos.

Engrossando o pescoço

“(...) Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia

Eu não encho mais a casa de alegria

Os anos se passaram enquanto eu dormia

E quem eu queria bem me esquecia

Será que eu falei o que ninguém ouvia?

Será que eu escutei o que ninguém dizia?

Eu não vou me adaptar, me adaptar

Não vou me adaptar!

Não vou!”

(Música: Não vou me adaptar. Composição: Arnaldo Antunes. Interpretação: Nando Reis)

Pretendo neste tópico tratar da minha adolescência, com foco no período em que cursei o ensino médio. Foi nessa fase que tive as primeiras experiências relacionadas a trabalho, por mais informais que tenham sido. O título deste tópico é por si só uma memória, lembro-me das muitas vezes em que ouvi isso das mais variadas pessoas quando referiam-se aos adolescentes. Engrossar o pescoço era sinônimo de maiores responsabilidades, mas também tinha um quê de representação das mudanças biológicas naturais ocorridas nesta fase.

Dois anos após a mudança de colégio a que me referi na seção anterior eu concluí o ensino fundamental. Era hora de ingressar no ensino médio no Liceu de Iguatu, Dr. José Gondim. Algumas mudanças foram derivadas dessa passagem: a primeira foi que passei a estudar na cidade, algo interessante para um jovem de hábitos predominantemente rurais; a segunda foi a inclusão de disciplinas como Filosofia, Sociologia e Espanhol que não eram contempladas na grade do ensino fundamental e que agora se apresentavam para mim com um universo novo de informações.

Foi por meio de uma professora de espanhol, Hélia Martins, que as primeiras portas para uma experiência “laboral” foram abertas. Além de professora do Liceu ela lecionava no Centro de Educação de Jovens e Adultos - CEJA e lá havia aberto uma vaga de monitor de informática e a professora Hélia me indicou ao diretor do Centro que me chamou para uma entrevista. Aquilo tudo foi maravilhoso para mim, embora ainda não mencionado nesse texto, eu tinha um grande interesse pelos computadores que começavam a se popularizar naquela época. Só havia um único empecilho: eu nunca havia mexido em um computador em toda minha vida. Esse detalhe não me deteve, minha irmã que àquela altura já havia ingressado em um curso de informática me passou noções básicas de como funcionava aquela fascinante e misteriosa máquina e assim eu fui. A essa altura o leitor já imagina qual minha estratégia durante a entrevista: sim, eu menti! Menti bastante e deu certo. Fui aceito na seleção e comecei a trabalhar como monitor de informática, com uma bolsa de R\$ 50, 00 que só era paga a cada três ou quatro meses em média. Após um mês trancafiado no laboratório de informática, passei a dominar as ferramentas necessárias para o que a atividade me exigia, a mente acelerada ganhou duas grandes aliadas para saciar seu apetite: um computador conectado à internet, que supria minha gana por informação e uma cadeira giratória que dava vazão a minha inquietação motora. Lá fiquei por três anos, onde conheci pessoas maravilhosas e onde aprendi a lidar com a rotina de trabalho, muito além das atribuições a mim incumbidas.

Paralelo a atividade de monitoria continuei frequentando as aulas no

Liceu. Desenvolvi um gosto relativamente novo pela matemática e ingressei em um clube de estudantes criado pelo professor Eduardo, o Espaço da Matemática. A essa altura já vislumbrava o ingresso no ensino superior. Adorava resolver provas de vestibulares e passava horas em casa debruçado sobre folhas impressas com questões das mais diversas instituições do país. Era uma rotina intensa, muitas vezes ficávamos sem ônibus e o meio de chegar ao colégio era a bicicleta. Eram corriqueiras às vezes em que tinha que ir à noite para o Liceu para atividades extras. Nas horas livres nunca deixei de me divertir, brincar com os primos que já estavam crescidos ou assistir partidas de futebol na TV. De 2002 a 2004 eu estive no ensino médio, era chegada a hora de um novo passo em minha trajetória de formação.

O curso que era de Biologia, parecia matemática e tinha gosto de Computação

Quem não tem tu, vai tu mesmo.

(Provérbio português)

O confuso título deste tópico foi pensado de maneira a envolver três áreas que, de uma forma ou de outra, marcaram meu ingresso no ensino superior. Por oportuno, faço uma alusão ao seriado *Chaves* parodiando uma de suas frases célebres e que marcou minha infância e adolescência. No início da fase adulta, achei por bem usar nesse texto uma marca de transição.

A experiência com a monitoria de informática despertou em mim uma paixão pela computação. Ao mesmo tempo, essa paixão se manifestava na grande facilidade no manuseio de ferramentas computacionais e me despertavam o interesse de aprender muito mais sobre a informática. Passei a ter o sonho de ser Cientista da Computação. Infelizmente em Iguatu não havia o curso superior em computação e as condições econômicas inviabilizavam a ideia de estudar em outra cidade. Teria que adiar esse sonho!

O gosto pela matemática e sua relação profunda com a computação

me fez decidir por esse curso que na minha cidade era ofertado na Faculdade de Ciências e Letras de Iguatu (FECLI), pertencente à Universidade Estadual do Ceará (UECE), até então a única instituição pública de ensino superior lá existente. Quando gozasse de autonomia financeira poderia ingressar na computação e realizar o aproveitamento de disciplinas comuns a ambos e acelerar essa possível segunda formação. Infelizmente em 2004, o ano em que prestei o vestibular não foram ofertadas vagas para o curso de matemática. Surgiu a biologia. Sempre gostei da disciplina, mas não estava em meu horizonte a formação superior nessa área. A realidade dos fatos, contudo, me encaminhou nesta direção. Era chegada a hora do vestibular, dezembro de 2004, a frustração por não poder fazer o que gostaria só seria superada pela frustração de não conseguir fazer nada. Fui aprovado em 2º lugar, ingressei no curso superior de Licenciatura Plena em Ciências Biológicas.

Não era meramente um curso superior em biologia, era um curso imbricado com as disciplinas, conceitos e métodos didáticos e pedagógicos. Eu me tornaria professor. Embora considerasse a real possibilidade de solicitar transferência para o curso de matemática acabei optando por permanecer onde estava. Lá criei laços para a vida. Nara Raquel e Rafaelly são amigas-irmãs que a vida e a biologia me deram e que seguem junto a mim, mesmo que a léguas de distância. Na própria faculdade tive minha segunda experiência “profissional”, fui selecionado como bolsista da faculdade, passando por diversos setores da instituição.

Durante praticamente toda a graduação tive que conciliar estudo e trabalho. Entre inúmeros cochilos em sala de aula, atrasos corriqueiros, seminários, provas e os maçantes estágios, em maio de 2009, eu me formei. Eu Leonardo B., 21 anos, professor e biólogo.

Orbitando a estrela educação

“(...) Tá vendo aquele colégio, moço?

Eu também trabalhei lá (...)”

(Música: Cidadão. Composição: Lúcio Barbosa. Interpretação: Zé Ramalho)

A educação possui uma massa tão grande que é capaz de deformar o espaço e o tempo, talvez por isso haja tantos interesses escusos em evitar que outros corpos possam ser atraídos de encontro ela. Nessa relação eu sou planeta. Eu tenho orbitado a educação desde as origens do meu universo particular.

Ainda durante a graduação iniciei minhas experiências profissionais, agora sem aspas, na educação. Com 19 anos comecei a dar aulas de informática matutinas em uma escola particular. Foi uma experiência, digamos, singular. Pouco tempo depois de ingressar na escola, fui convidado para assumir as disciplinas de história e geografia em substituição a um professor que acabara de pedir dispensa e aceitei. Eu me vi submerso na rotina de sala de aula, planejamentos, diários e reuniões de pais passaram a fazer parte da minha agenda. Os conceitos que aprendia em sala na faculdade nem sempre eram passíveis de aplicação e aquilo me causava profundo incômodo; associado a isso os atrasos de salários e intervenções da diretora e proprietária da escola na minha atuação em sala, cada dia meu prazer em usufruir daquele espaço de aprendizagem era implodido. Eu saí.

Fui chamado para assumir uma vaga como professor temporário na rede municipal de ensino. Passei a lecionar as disciplinas de matemática e ciências (biologia, física e química). Embora as dificuldades estruturais da escola pública fossem superiores a da escola particular onde trabalhei, tenho para mim que a experiência foi mais positiva. A inexperiência e as circunstâncias me fizeram assumir uma postura bastante rígida, de confronto, visando garantir o domínio de sala. Isso não significava, porém, uma mera conduta ríspida, eu me tornei um disciplinador baseado nos pilares do que julgava justo, onde todos eram tratados igualmente. Isso, analisado sob a ótica e a mente atuais, foi o que me permitiu ser querido e respeitado pelos alunos. Com o passar dos meses passei a ter domínio daquele espaço, esforçava-me ao máximo para contribuir com a formação daquelas crianças pois me achava em um papel de centralidade nas suas formações e quaisquer deslizes poderiam fazer com que fossem sugados

pelas realidades adversas de onde estavam inseridos. Mas tamanho esforço tinha seu preço e eu estava a cada dia mais desestimulado, chegando a conclusão que minha contribuição para a educação poderia ser maior fora de sala de aula. Surgiu uma oportunidade.

Após dois anos em sala de aula tive a oportunidade de trabalhar no, hoje extinto, Núcleo de Tecnologia do Município - NTM. Era, de certa forma, a monitoria *gourmetizada*. Ministrava cursos de informática para alunos e profissionais da educação, mas também estava engajado na política de inclusão digital do município. Após um ano de trabalho no NTM fui chamado para trabalhar na Secretaria de Educação de Iguatu, agora não mais apenas executor do plano de inclusão digital do município; eu era, também, uma voz a ser ouvida sobre o tema. Foi nessa época que logrei um dos meus primeiros grandes êxitos profissionais na experiência fora de sala de aula: recebi a atribuição de elaborar um projeto a ser submetido a um edital do Governo Federal que tinha como foco a implantação de telecentros nas escolas do município por meio do programa Telecentros.BR. O município de Iguatu, por meio do projeto de minha autoria, foi um dos contemplados nacionalmente. Minha experiência na SME durou até o ano de 2010, quando parti em busca de novos horizontes.

A primeira partida

“(...) Você não sente, não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança, em breve, vai acontecer
E o que algum tempo era novo, jovem, hoje é antigo
E precisamos todos rejuvenescer (...)”

(Música: Velha Roupa Colorida. Composição e Interpretação: Belchior)

Retornando um pouco na cronologia dos fatos aqui relatados, volto ao ano de 2009, o último de minha graduação. O recém criado IFCE - *campus* Iguatu, famoso localmente pela antiga alcunha de Escola Agrorécnica Federal de Iguatu, havia aberto seleção para a primeira turma do

curso técnico em Informática. Muito embora as aulas fossem também a noite, coincidindo com o último semestre da faculdade, resolvi tentar a seleção. Eu a fiz e passei. Durante o período concomitante entre os dois cursos eu assistia parcialmente as aulas entre uma instituição e outra, muito contribuía para a viabilidade dessa rotina o fato de ambas serem vizinhas de rua. Outra questão ainda oculta nessas linhas por ora escritas é que em 2009 eu já estava saturado da vida em Iguatu. Eu queria viver novas experiências, beber da liberdade, vencer aquele tédio que de tão forte conseguia se sobressair à rotina maçante que eu levava. Naquele período eu me via constantemente entristecido pela falta de perspectivas que a cidade me oferecia.

Nesse mesmo ano, eu fiz três seleções que surgiram. O ENEM, como forma de me testar, o concurso da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e do IFCE; Fui aprovado em ambas instituições, contudo apenas na UERN eu estava dentro das vagas para o cargo de Técnico de Nível Superior. A mudança aconteceu. Em 29 de dezembro de 2009 eu abandonava a cidade de Iguatu, rumo às terras potiguares na cidade de Mossoró, com grande ansiedade por tudo que me esperava e com grande medo do incerto. Lá conheci pessoas maravilhosas, a possibilidade de viver conforme minhas regras e ser integralmente o provedor da minha vida. Ainda no primeiro semestre de 2010, resolvi tentar o ingresso no curso de Ciência da Computação na Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) utilizando, para isso me vali da nota do ENEM prestado no ano anterior. Finalmente eu ingressava no curso que tanto almejava. Em agosto de 2010, porém, veio a surpresa: eu havia sido convocado para assumir a vaga do concurso do IFCE. Chegava ao fim a morada nas terras potiguares.

Na terra dos bons ventos

“Na bruma leve das paixões que vem de dentro
Tu vens chegando prá brincar no meu quintal bis
No teu cavalo peito nu cabelo ao vento
E o sol quarando nossas roupas no varal

Tu vens tu vens bis
Eu já escuto os teus sinais.”

(Música: Anunciação. Composição e Interpretação: Alceu Valença)

Quando fui chamado para assumir a vaga no IFCE eu fiquei bastante em dúvida em aceitar ou não. Haveria o desgaste de uma nova mudança e eu estava gostando da vida em Mossoró. Após um breve período de reflexão eu aceitei o desafio. Dentre as cidades com vagas disponíveis no IFCE optei por Aracati, a terra dos bons ventos, pela proximidade com Mossoró que possibilitaria a continuidade no curso de computação. Em setembro de 2011, chegávamos a Aracati, Garu, meu gato, agora devidamente apresentado, e eu. A vida em Aracati foi maravilhosa, não há como estimar quantas lindas paisagens eu vi durante os quase 07 anos que lá vivi, quantas pegadas nas areias da praia de Canoa Quebrada foram lavadas pela água do mar ou quantos litros de cerveja foram suavemente diluídos em meu sangue. Eu amei viver em Aracati, muitos dos meus grandes e melhores amigos conheci durante minha estadia na cidade e até hoje guardo com carinho as lembranças daquela terra.

Voltando ao foco profissional, inicialmente fui lotado na área de compras, algo novo para mim mas que trouxe uma surpreendente identificação. Nesta época o campus Aracati não gozava de total autonomia sendo considerado uma unidade avançada vinculada ao campus Fortaleza. Eu trabalhava os dois turnos, matutino e vespertino, e durante o período da noite eu ia diariamente a Mossoró em um ônibus de universitários para continuar assistindo às aulas na UFERSA. Todo aquele deslocamento que consumida diariamente boa parte das minhas horas dentro de um ônibus começou a pesar e eu pensei em abandonar o curso. Paralelo a isso eu havia iniciado um curso de especialização em Tecnologia de Gestão Pública e Responsabilidade Fiscal pela Escola Superior Aberta do Brasil - ESAB, curso concluído em 2013. Por ironia do destino nesse mesmo ano campus Aracati, já desvinculado de Fortaleza, passou a ofertar o curso de Ciência da Computação, seria a solução dos problemas

em relação àquela rotina fatigante que eu enfrentava, decidi entrar como graduado no curso em Aracati e assim o fiz. Nesta época eu já ocupava a Chefia de Gabinete do campus na nova gestão da minha amiga e grande pedagoga Maíra Nobre.

A atuação no gabinete da direção, juntamente com a proximidade da sala de aula onde eu estudava não proporcionou uma boa combinação. As interrupções para a resolução de problemas eram constantes e minha inquietação não me permitia focar no que os professores lecionavam. Tudo isso se agravou quando eu assumi o Departamento de Administração e Planejamento da unidade e, como se não tivesse outras atribuições, entrei no curso de Administração na modalidade EaD da Universidade Estácio de Sá. Foi o estopim em relação ao curso de computação que optei por trancar após uma série de reprovações por falta.

A minha experiência a frente do departamento requer um parágrafo especial. Lá experimentei o outro lado da moeda, estava sob o foco e cabia a mim instruir o trabalho de outras pessoas, aquilo tudo me agregou inúmeros aprendizados que não eram apenas conceituais, mas prioritariamente práticos. O meu perfil enquanto chefe era mais próximo ao de um colega do que de um profissional em nível hierárquico superior. Além disso, era avesso ao excesso de burocracia que estávamos diariamente submetidos. Foi durante o período em que estive no departamento que tentei o primeiro ingresso em um curso de mestrado, o MPCOMP da UECE que havia sido contratado para ofertar uma turma especial em Aracati, devido a um problema no processo seletivo que reunia o melhor da burocracia e arrogância acabei por não conseguir a vaga. Por muito tempo o ambiente no departamento era de comunidade. Estávamos muito sintonizados e havíamos estabelecido vida fora dos muros da instituição. Mas devido à rotatividade de pessoas no setor seria inevitável que chegasse um momento em que a ordem dos fatores viesse a alterar o produto final. Enfrentei um duro momento em minha vida profissional, onde me senti deslocado e decepcionado com algumas pessoas e então optei por sair do setor. O fim do meu período no departamento se confunde com o fim

do meu ciclo em Aracati. Resolvi participar do edital de remoção com destino à Fortaleza, era a hora de mais uma partida e o destino agora era uma cidade grande. Aqui estou.

Fortitudine

“(…) Tente!
Levante sua mão sedenta
E recomece a andar
Não pense
Que a cabeça aguenta
Se você parar
Não! Não! Não!
Não! Não! Não! (...)”

(Música: Tente Outra Vez. Composição: Paulo Coelho / Marcelo Motta / Raul Seixas. Interpretação: Raul Seixas)

Cheguei a Fortaleza em março de 2018. Me acompanham nessa nova aventura Garu e seu irmão (gato) adotivo Belchior. Após um período de licença retornei ao trabalho agora na Reitoria do IFCE, sendo lotado na Coordenadoria de Finanças e posteriormente na Diretoria de Gestão Orçamentária onde me encontro atualmente. De início comecei a mentalizar alguns projetos a serem cumpridos nessa minha nova jornada e, aos poucos, eles foram ganhando materialização. Primeiramente eu fui aprovado na seleção da Casa de Cultura Britânica da Universidade Federal do Ceará (UFC), atendendo a um desejo pessoal de me apropriar de alguma língua estrangeira, no caso o inglês. Outra meta que havia estabelecido era o ingresso em algum curso de mestrado sendo que à essa altura já conhecia o PROFEPT do qual havia tentado seleção em sua primeira edição em 2017 e tendo ficado no rol de classificáveis. Decidi por uma nova tentativa, mesmo não me sentindo tão preparado para a seleção quanto na tentativa anterior, talvez pelas minhas corriqueiras inseguranças, talvez pela minha preparação ter sido mais efetiva na iminência da aplicação do Exame Nacional de Acesso - ENA. O fato é que fui aprovado

e mais essa meta foi alcançada com êxito. Hoje sou mestrando do PRO-FEPT. Tenho muitas expectativas de como essa experiência irá me acrescentar e, por consequência, como irei retribuir à sociedade o investimento por ela feito em mim. Como tema de estudo pretendo discutir temáticas, ainda a serem definidas, quanto às questões relacionadas à diversidade sexual no âmbito da Educação Profissional e Tecnológica. Enquanto homem *gay* sei o quão difícil é expor suas individualidades e afetividades perante a sociedade. A essa altura do campeonato, tendo vivido o que vivi, tendo enfrentado o que enfrentei, sinto-me na obrigação de contribuir para a superação dos problemas relacionados à discriminação sexual. Acredito que os desafios que a comunidade LGBTQI+ enfrenta na sociedade são evidentes e, mesmo após alguns avanços, ainda há muito em que se avançar. Desse modo, acredito que a formação profissional dessa população tenha uma série de especificidades passíveis de estudo, de modo que seja possível identificar inúmeros aspectos e potencialidades de pesquisa a serem trabalhadas. Contribuir, mesmo que só um pouco para melhorar a situação daqueles que sofrem discriminação, significa contribuir para uma sociedade mais justa e humana. Força, valor e coragem!

Meu memorial. Eu que escrevi

Lucélia Fernandes de Almeida Lima³⁰

“O que não lhe mata, lhe fortalece”

Nietzsche

Parabéns por sua história de vida pessoal e profissional! Sugiro que você fale sobre a sua proposta de estudo no mestrado e faça uma ligação com a sua caminhada até aqui.

Mesmo que seja de maneira inicial, é necessário você colocar o que você pensa estudar e pesquisar durante o mestrado. Ligue as experiências e vivências durante sua trajetória ao possível tema.

Parabéns pelo recomeço!

Introdução

Além da frase do ilustre filósofo Nietzsche que introduz este presente trabalho, existe outra que também sempre me vem à memória quando penso na minha trajetória de vida. Frase esta proferida por minha tia, quando indagada por minha mãe se eu era um bebê bonito, visto que entre os familiares, minha tia foi a única que me viu logo após o parto (naquela época, logo após o nascimento, os bebês eram separados de suas mães para fazer a higiene). Ela respondeu: “Não, mas ela é gente”.

Sim, sou gente e, lembrar e escrever a própria história de vida é uma tarefa que nos faz refletir sobre as nossas ações passadas e planejar, tendo como parâmetros estas, as nossas ações futuras.

Segundo Cunha (1997), quando uma pessoa relata os fatos vividos

³⁰ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal do Ceará. Graduada em Enfermagem pela Universidade Estadual do Ceará. Especialista em Saúde Mental pela Universidade de Quixadá. Foi professora do Ensino Médio Integrado Profissionalizante do curso Técnico de Enfermagem (SEDUC). É enfermeira do IFCE - *campus* de Maracanaú. E-mail: luceliaenfa@gmail.com

por ela mesma, acaba que reconstruindo a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa é, antes de tudo, a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade.

Incumbida com a missão de escrever sobre a trajetória de vida que me tornou a profissional que hoje sou; sem dúvida, não poderia deixar de relatar fatos relacionados à infância e adolescência, visto que são períodos da vida onde a personalidade está se formando e os fatos são, por motivos biológicos, mais notadamente “fixados” no inconsciente.

No princípio, foi o verbo.

Falar da profissional Lucélia Fernandes, graduada em enfermagem, especialista em saúde mental, mestranda do Profept, professora de preparatórios para concursos e servidora do IFCE é, antes de tudo, falar da pessoa Lucélia Fernandes e dos fatos que a conduziram ao atual cenário profissional e acadêmico em que se encontra.

Nasci na década de 80 em uma cidadezinha do interior do Ceará, situada no Vale do Jaguaribe e fronteira com o estado do Rio Grande do Norte, especificamente com a cidade de Mossoró, chamada Quixeré. Cidade esta que, na época, a aparição de um helicóptero ou de uma nave alienígena tinha o mesmo efeito na população: todos corriam de dentro das suas casas para admirarem espantados “o estranho objeto”.

A minha família não seguiu os moldes das tradicionais famílias: minha mãe não se casou com o meu pai, então, fui e sou filha de “mãe solteira”. Meu núcleo familiar foi composto por minha mãe, meu irmão (três anos mais novo do que eu) e um cachorro; este talvez, foi o ser que mais se comunicou e expressou algum sentimento na nossa residência.

Devido às difíceis condições financeiras (minha mãe não havia concluído o ensino médio e trabalhava como auxiliar na extinta Teleceará), tínhamos o apoio da minha avó materna para sobrevivermos com o básico.

Portanto, ir à escola, para mim, era sinônimo de uma coisa: merendar e, conseqüentemente, brincar com os coleguinhas. E esta minha falta de compromisso com os estudos rendeu-me a proeza de ficar reprovada

no Jardim II. Pergunto-me o que levou a professora a ter tomado essa decisão. Provavelmente, eu não consegui traçar o caminho que levava o coelhinho de volta à toca dele.

Assim, em meio a um cenário de escassez de recursos físicos e emocionais, fui crescendo e me tornei uma adolescente totalmente descompromissada com os estudos e que não tinha a ousadia de pensar em uma “vida melhor”. Minha mãe jamais cobrou de mim qualquer bom desempenho escolar. Ela estava mais preocupada com questões básicas de sobrevivência e contas para pagar. Para ela, qualquer trabalho que eu viesse a ter na prefeitura estava de bom grado. Hoje, eu a compreendo.

Foi, então, que no ano de 1998, aconteceu o episódio que fez com que as minhas conexões neurais (hoje sei que se chamam assim) viessem a refletir sobre meu comportamento escolar e possíveis pretensões para o futuro. Eu já cursava o terceiro ano do ensino médio na escola estadual. Até hoje me questiono como conseguia a mágica de passar de ano, visto que meu boletim tinha tanta nota vermelha que parecia ter saído do filme “O Massacre da Serra Elétrica”.

Naquela fatídica manhã de um dia qualquer do ano de 1998, havia um trabalho para ser entregue. Geografia. A única disciplina que eu me identificava precariamente era Biologia; porém, milagrosamente, eu havia feito o referido trabalho.

Como cheguei, juntamente com meu primo que na época era meu cúmplice nas “traquinagens” escolares (chegamos a, literalmente, colocar areia no ventilador), antes dos portões da escola abrirem, resolvemos sentar na calçada e esperar o horário.

Enquanto aguardávamos a abertura do portão, notei um conjunto de cabras que vinham ao nosso encontro. Na minha cidade, caprinos, bovinos e suínos sempre tiveram total liberdade para circularem nas ruas e aquela cena para nós era rotineira.

Bem próxima da escola, havia uma mercearia, do Seu Mundim, que vendia de tudo um pouco: de doces a cigarros. Então, como eu queria apenas bombons, certamente lá encontraria. Pedi ao meu primo que

vigiasse meu caderno com o trabalho de Geografia, feito caprichosamente no papel almaço e com caneta Bic quatro cores, e me dirigi ao pequeno recinto para comprar as guloseimas.

Finalizada a compra, quando eu estava voltando para os portões da escola, percebi que uma representante do grupo dos caprinos que circulavam em nosso entorno ruminava algo na boca muito semelhante a uma folha de papel almaço. E, à medida que eu me aproximava, tal semelhança ficava mais evidente. Sim, era uma folha de papel de almaço. Especificamente, era o meu trabalho de geografia. Definitivamente, meu primo falhou na missão que eu o incumbira. A cabra estava “merendendo” o meu trabalho.

Diante da cena surreal, minha reação imediata foi a de arrancar o meu trabalho do meio da arcada dentária do animal. Apressei-me em ir ao seu encontro e, mesmo com a resistência imposta pela forte mordida caprina, consegui resgatar metade do trabalho. A outra metade continuou sendo ruminada calmamente pela cabra.

Abriram-se os portões. Começou a aula. Como de costume, a professora, à medida que fazia a chamada, pedia que o aluno se levantasse e fosse deixar o trabalho na mesa dela. Chamou o número 15. Era a minha vez. Peguei o que sobrou do trabalho, ainda com saliva caprina, e fui deixar à professora. Expliquei para ela o ocorrido. Enquanto eu explicava, ela me olhava com uma expressão de calma e, ao mesmo tempo, reprovação. Terminado meu discurso, a mesma olhou-me nos olhos e disse a frase que foi crucial para a minha posterior reflexão sobre o modo como eu estava conduzindo a minha vida. Falou: “sabe por que essa cabra comeu o seu trabalho? Porque ela tem mais sede de conhecimento do que você”

“A cabra tinha mais sede de conhecimento do que eu”. Fiquei “ruminando” essa frase durante toda a aula e mesmo depois, em casa. Imaginava a cabra lendo Sócrates e resolvendo questões de matemática do segundo grau. Estava tão absorvida nos meus pensamentos que meu namorado, que havia ido à minha casa naquela noite, notando meu comportamento ausente, perguntou-me se tinha acontecido algo. relatei, então, para ele todo o ocorrido.

Aquele dia realmente estava disposto a ser “o dia da minha vida”.

Quando terminei de expor ao meu namorado toda a história, ele, como que para instigar ainda mais a minha mudança existencial, perguntou-me “pois é, Lucélia, mas você logo vai terminar o terceiro ano. Já pensou no que vai fazer depois? Pretende cursar alguma faculdade? Acho que já está na hora de você começar a pensar nisso.”

O meu namorado na época, hoje atual marido, sempre foi uma pessoa afeiçoada aos estudos. Ele nunca morou em Quixeré, sempre residiu em Fortaleza, mas o pai dele era natural de Quixeré e todos os fins de semana a família inteira viajava a Quixeré. Foi assim que eu conheci.

Portanto, naquela noite, meu sono não foi reparador. Como eu não tinha dado nenhuma resposta ao meu namorado fiquei pensando no que eu poderia fazer quando terminasse o terceiro ano. Nada me vinha à cabeça. Com nada, eu me identificava.

Então, o fim do ano chegou. Fiquei para fazer a prova de recuperação em praticamente todas as disciplinas. Mas, eu passei. Ou melhor, os professores me passaram. Concluí o terceiro ano.

Minha futura sogra, uma mulher com uma visão bem mais ampliada da vida, chegou até mim e propôs que eu fosse morar na residência dela em Fortaleza, pois segundo a mesma, eu teria mais oportunidades de “crescer na vida”. Fiquei espantada com o convite! Não sabia nem o que dizer. Nunca havia ido à capital. Disse a ela que provavelmente a minha mãe não aceitaria, mas a mesma se prontificou a falar com a minha genitora. E, assim, ela fez.

A minha mãe, como já era esperado, relutou bastante. Dizia que “era muita invensão” e que para mim estava de bom tamanho eu arrumar um emprego por lá mesmo. No mercado ou na prefeitura, não importava; porém, minha futura sogra insistiu bastante e minha mãe, notadamente contra a sua vontade, acabou concordando. Ela achava que logo eu me arrependeria e voltaria para a nossa conturbada, porém pacata, vida.

“Havia muitos livros. E eu os li.”

Caso houvessem me dito que a minha adaptação em Fortaleza seria extremamente difícil, mesmo assim, eu não teria a noção do quanto realmente seria.

A minha mudança de um lugar onde eu poderia, no máximo, ser atropelada por uma carroça, para um lugar onde os carros ameaçavam fazer “boliche” com o meu corpo, foi uma experiência dantesca. Sem falar no universo completamente estranho para mim de conteúdos que eu teria que estudar para ser aprovada no vestibular. Eu nunca havia feito uma redação na minha vida. Não sabia resolver esta simples equação: $2+x=0$. Físico- Química era uma entidade de outro mundo. Por muitas vezes, quase todas as noites, eu chorava com saudades e vontade de voltar para casa. Achava, de fato, que aquilo era muita “invenção”.

Estava determinada a desistir, quando, folheando um dos livros de química que meu sogro havia me doado para estudar, deparei-me com a história do cientista britânico Michael Faraday. Filho de uma família humilde e sem educação universitária, Faraday, enquanto era um simples encadernador de livros, descobriu a natureza eletromagnética da luz, tornando-se assim, o Pai do Eletromagnetismo.

Faraday foi um autodidata. Quando o perguntaram como a sua humilde profissão de encadernador o tinha ajudado nas suas descobertas, ele respondeu “havia muitos livros lá. E eu os li.” Naquele instante, olhei a minha volta. Havia muitos livros. Meu sogro era professor de matemática da rede estadual e municipal e por isso ganhava vários livros das editoras. Ele me doou praticamente todos com o intuito de que eu estudasse para ser aprovada no vestibular.

E então, em um momento de desvairada grandeza (gostaria de ter mais momentos como esse), pensei “se Faraday conseguiu aprender sozinho grandes mistérios da natureza, por que eu não posso aprender sozinho logaritmo? Afinal, alguém já o descobriu para mim, eu apenas tenho que entender e reproduzir!”

Assim, inspirada na história de Faraday, deixei de lamentar minha vida “caótica e grotesca”. Deixei de ser a “coitadinha vítima de uma vida injusta” e passei a ser uma pessoa determinada a aprender tudo a que me dispusesse. A jornada não foi fácil: eu acordava às seis da manhã e só parava de estudar a meia-noite. Várias foram as calculadoras que eu quebrei,

em momentos de fúria, quando ficava frustrada por não ter acertado uma questão depois de passar horas tentando.

Os meses se passaram e a minha rotina de estudos continuava espartana: só parava para atender as necessidades fisiológicas básicas e, chegando o período da inscrição no vestibular da Uece, não tive dúvida sobre qual faculdade eu queria cursar: Física, afinal, eu consegui aprender logaritmo!!!

Fiz o vestibular e passei. Naquela época, ver o meu nome no jornal era algo mágico. Parecia que eu estava num episódio do clássico seriado dos anos 80 chamado “Além da Imaginação”.

Comecei a cursar Física e confesso, gostava demais; porém, era como se a Física fosse mais uma diversão, um lazer, e não algo em que eu gostaria de trabalhar. Gostaria de trabalhar em algo que eu pudesse ser mais útil.

Foi então que, neste período, comecei a ter mais contato com duas primas que já moravam há um tempo em Fortaleza. Ambas eram enfermeiras. Nas conversas com elas, apesar dos relatos de sofrimento e degradação da profissão, elas me transmitiam a satisfação de poder ajudar, de poder acalantar, de poder minimizar, de alguma forma, o sofrimento de pessoas que se encontravam em um estado de saúde física e mental tão vulnerável.

Estava decidida: vou fazer Enfermagem! Apesar da concorrência gigantesca na época, não me assustei, afinal, eu era uma verdadeira máquina de estudos e não foi surpresa minha aprovação. Surpresa foi a diferença que encontrei entre as metodologias usadas no ensino da Física e da Enfermagem.

No curso de Física, do sexo feminino, só havia eu e mais uma moça. A turma sempre estava muito compenetrada e todos permaneciam com suas cabeças baixas olhando para os cálculos durante toda a aula. Fazia-se uma prova e pronto.

Na Enfermagem, foi totalmente o oposto. Só havia um homem e a sensação que eu tinha era de estar em uma feira antes de começar a aula. Como avaliação, as professoras exigiam seminários, o que para mim era uma tortura, pois eu tinha verdadeiro pavor de aparecer, de ser notada e

de falar em público. Porém, meu marido me lembrava “se você conseguiu aprender logaritmo sozinha, conseguirá apresentar seminários!”

E, realmente, eu consegui. Embora hoje reconheça que de forma não saudável. Minha busca por uma apresentação perfeita não me deixava compartilhar com as colegas da equipe a construção do seminário. Uma nota inferior a 9, 5 era um atestado de derrota. Eu monopolizava todo o conteúdo e apenas entregava para cada uma sua fala. Fala esta que elas apenas deveriam ler na apresentação. Fazia isso por não confiar no trabalho delas. Por querer seguir aquele ditado “se quiser bem feito, faça você mesmo.”

Notadamente, minha relação com os estudos não estava saudável. Aliás, minha relação com a vida não estava saudável. Sai de uma condição de total relapso na adolescência para uma dedicação total e quase exclusiva aos estudos. Nem no cinema conseguia me concentrar, pois ficava todo o tempo pensando no quão inútil estava sendo eu ficar ali, perdendo horas do meu dia vendo um filme ao invés de estar estudando.

Acordava às três da madrugada e não dormia mais, mesmo tendo ido dormir a meia noite, estudando. Ficava deitada esperando ansiosamente o dia amanhecer para que eu pudesse levantar e ir para a faculdade. Nas férias, ficava estudando o conteúdo que seria ministrado no próximo semestre. Eu estava muito bem nos estudos, mas estava muito mal mentalmente.

As noites mal dormidas e a ansiedade que se tornou patológica me deixavam, a cada dia, com uma sensação de angústia massacrante. E então, em uma determinada manhã, a mente, em uma tentativa desesperada de pedir socorro urgente, usou o meu corpo para sinalizar e dizer “não aguento mais! Pare, por favor, pare...”

Naquela manhã eu fui levada à emergência do hospital na certeza de que estava tendo uma parada cardíaca. Nunca poderei descrever com palavras a terrível sensação que vivi. Fui medicada com ansiolíticos, pois a minha bomba cardíaca estava em perfeito funcionamento. Mas a minha mente, não.

A partir daquele dia, sucessivos ataques de pânico me ocorreram. No psiquiatra, o diagnóstico que eu já tinha certeza: transtorno do pânico. Um dos principais transtornos que têm a ansiedade como a causa principal.

Não parei por bem, tive que parar por mal. Fui obrigada a trancar a faculdade, pois não tinha a menor condição mental de estudar. Da mesma forma que aconteceu na adolescência, quando a professora me disse que a cabra tinha mais sede de conhecimento do que eu, me fazendo assim parar para refletir sobre o meu comportamento perante os estudos; o transtorno do pânico me fez parar para repensar também sobre o meu comportamento não somente perante os estudos; mas, sobretudo, perante a vida.

O ponto de equilíbrio

O adoecimento mental representou para mim um recomeço. Até aquele período da minha vida eu transitei em dois extremos: do 8 (na adolescência) aos 80 (na vida adulta). Estava na hora de viver o equilíbrio. Fácil, já sabia que não seria.

Os transtornos da ansiedade costumam sempre conduzir seus pensamentos para o lado mais sombrio da vida. E lutar contra isso é como matar não apenas um leão por dia, mas a Savana inteira. Ainda bem que meu marido sempre me lembrava “você conseguiu aprender logaritmo sozinha. Vai conseguir aprender a lidar com isso também”. E foi exatamente isso que fiz.

Depois de quase um ano de tratamento psiquiátrico, psicológico e o apoio de pessoas adoráveis, eu consegui voltar para os estudos. Não ignorava a minha ansiedade, sabia da existência dela, mas adquiri o “traquejo social” para lidar com ela.

Finalmente, me formei! Desta vez, passei por méritos próprios, nenhum professor teve que fazer isso por mim, como aconteceu no terceiro ano do ensino médio.

Logo após a conclusão da faculdade, fui aprovada em um processo seletivo realizado pelo Instituto Centec para ser professora do curso de

técnicos de enfermagem nas escolas profissionalizantes do Estado. Amava lecionar, porém, depois de três anos, pedi demissão por haver passado em um concurso para a Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

No ano de 2011 fui, então, morar em Natal. Toda a minha família ficou em Fortaleza, inclusive o marido, o que me fazia vir a cada 15 dias vê-lo. Foi um período de grande aprendizado profissional e pessoal. Contudo, apesar de amar meu trabalho na UFRN e ter feito muitos e queridos amigos, meu sonho de voltar a morar em Fortaleza era imenso.

E meu sonho se realizou. No ano de 2017, fui aprovada no concurso para o IFCE. Voltei para casa. Deixei Natal chorando, mas cheguei a Fortaleza sorrindo.

No ímpeto de estar sempre buscando aprender e ser útil de alguma forma resolvi fazer uma especialização. E não foi nem um pouco difícil decidir em qual área eu queria me especializar: Saúde Mental. A partir de então, comecei a palestrar e a compartilhar com as pessoas os meus conhecimentos não apenas profissionais, mas principalmente pessoais, sobre os transtornos mentais.

Eu e o PROFEPT

O Profept apareceu na minha vida de maneira súbita! Nunca tinha ouvido falar e foi uma amiga servidora da Unilab que me informou. Como me interesse por ensino e sempre foi um sonho fazer mestrado, resolvi me inscrever.

Através da internet, adquiri toda a bibliografia que seria utilizada na seleção. E, quando comecei a ler o primeiro artigo, já me desanimei. A cada dez palavras que eu lia, cinco eu tinha que ir ao dicionário para saber o significado. Não havia nenhum abordando problemas coronarianos ou como os transtornos da ansiedade podem afetar o desempenho acadêmico.

Desisti, então, de fazer a seleção; visto que, juntamente com a minha dificuldade na leitura dos textos, somou-se o fato de eu estar com pouquíssimo tempo para estudar, pois também sou professora em preparatórios para concurso e isso consome muito do meu tempo na elaboração das aulas.

Foi então que, na quinta feira que antecedeu a prova, que foi realizada no domingo seguinte, a psicóloga do Campus em que trabalho entrou na minha sala e me lembrou da seleção. Eu disse a ela que havia desistido. Inconformada, ela insistiu que eu fizesse. Mesmo diante dos meus argumentos de que não havia estudado nada e que nada entendia dos textos, ela continuava dizendo que eu tinha todo o fim de semana para lê-los.

Deixei-me contagiar pela determinação da minha amiga. E pedi ao meu marido para proferir a famosa frase que me lembrava de que sou capaz “se você conseguiu aprender logaritmo sozinha, vai conseguir entender esses textos”.

Então, durante toda a sexta e o sábado dediquei-me a estudar a literatura indicada. Obviamente, seria muita pretensão da minha parte querer ler com detalhes cada texto.

Bom, se realmente eu entendi os textos, não sei; mas que deu certo, deu. Fui aprovada na seleção.

Conclusão

É inevitável olhar para trás e não pensar “nossa, já passei por isso tudo mesmo?” Pois é, que bom que já passei por isso tudo mesmo. Provavelmente, se não tivesse passado, certamente não seria a pessoa que sou hoje. Seria uma outra Lucélia. E eu não queria ser outra Lucélia, apesar de tudo.

Portanto, quero aproveitar a oportunidade que me foi ofertada de estar no Profept para fazer aquilo que me deixa mais realizada, que é o melhor antidepressivo ou ansiolítico que eu já experimentei: ser útil. E, no meu caso, acredito que a melhor forma de ser útil é realizando ações que visem a melhoria da saúde mental dos indivíduos.

Assim sendo, a minha proposta de mestrado é justamente a criação de Grupos Operativos, de Pichon-Rivière, uma ferramenta há muito usada nos serviços de assistência à saúde mental do SUS, em conjunto com a Teoria das Relações Interpessoais, de Hildegard Peplau. O objetivo será a promoção da saúde mental entre os discentes.

Ah, e caso me perguntem se eu ainda quero uma vida perfeita, responderei: “Não, não mais. Prefiro uma vida interessante.”

“Não importa o que a vida fez de você. Importa o que você fez com o que a vida fez de você”. Jean Paul Sarte.

Referências

CUNHA, Maria Isabel da. CONTA-ME AGORA!: AS NARRATIVAS COMO ALTERNATIVAS PEDAGÓGICAS NA PESQUISA E NO ENSINO. Rev. Fac. Educ., São Paulo, v. 23, n. 1-2, p., Jan. 1997.

O que há dentro da gente é desejo de sonhar

Manuella Nobre Pitombeira da Silva.³¹

Introdução

A narrativa de histórias é base fundante do jornalismo. Não é sem estranhamento que volto o olhar sobre a minha própria trajetória. Acostumada a estar por trás das câmeras, a trabalhar nos bastidores, a pedir aos outros que dividam comigo seus causos, cá estamos eu e a folha em branco. No entanto, “quem elegeu a busca, não pode recusar a travessia”. Seguirei, portanto, essa pequena trilha dentro de mim.

Entre o mar e o sertão

O grupo social ao qual pertencemos diz muito sobre nós. Minha família, como a de muitos fortalezenses, tem origem no campo. A seca e seu duro impacto sobre a agricultura e a pecuária, a ausência de políticas de convivência com o semiárido e o sonho de uma vida melhor para as próximas gerações trouxeram os meus antepassados para a capital. A parte materna da família veio de Ibicuitinga (CE), à época sertão de Morada Nova. Já a família paterna veio da Serra do Félix, Beberibe (CE).

Filha mais velha do Wilson e da Geane, irmã da Gabriela e do Frederico, a primeira neta de Maria de Jesus e Gerardo Girão e de Maria e Antônio, a primeira bisneta mulher de Maria do Carmo e Manoel Benigno. Talvez do meu bisavô tenha herdado o nome e o sertão, mas foi na convivência com meu avô Gerardo Girão, um homem semiletrado que transformava qualquer quintal em um chão fértil, que reconheci essa herança.

³¹ Jornalista graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, especialista em Comunicação e Jornalismo Político pela UNIFOR e mestranda do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo IFCE. E-mail: manuellano-bre@ifce.edu.br

Há um sertão dentro de mim, uma força acolhedora que tem raízes nesse sistema familiar, na união e na solidariedade, premissas da sobrevivência. Mas também sou o encontro com o mar, a exploração dos limites, a descoberta, os questionamentos. Há tantas de mim quantas as minhas vivências.

Ainda habita aqui a menina curiosa, que aprendeu a falar antes de andar e que cultivou desde cedo o prazer pela leitura. A mulher feminista, cristã-católica, identificada com as causas sociais, ativista em defesa da educação pública e gratuita, da igualdade gênero, das pautas relativas à maternidade e do direito humano à comunicação.

Como eternizou o poeta português Fernando Pessoa, “navegar é preciso; viver não é preciso”. O sertão atemporal que mora dentro de mim será um porto para voltar, diante das próprias incertezas da vida e da necessidade de desbravar o mar.

Jornalismo: um espaço do diálogo

O ingresso na Universidade Federal do Ceará foi um divisor de águas no meu percurso formativo. Filha de classe média, tive o privilégio de estudar em boas escolas. Quando criança entendia que estudar era o meu “trabalho”. Olhava para a tarefa sem peso. Na verdade, havia uma paixão e um reconhecimento da minha própria identidade de estudante. Pude explorar a maioria das oportunidades oferecidas pelo colégio: dos recitais de poesia e festivais culturais às aulas preparatórias para as olimpíadas de Química, Física e Matemática, mas não era afeita aos esportes.

O momento do vestibular foi uma tensão, mas não pela eminência da prova. Estava saindo de uma zona de conforto (o lugar de estudante da formação geral) para ingressar em um curso que me prepararia para o mercado de trabalho. O novo, inevitavelmente, traz o medo. Pensei seriamente em seguir para engenharia, ponderei e descartei rapidamente a área da saúde. Acabei reduzindo a lista para duas opções: Letras e Jornalismo. Foi justamente a professora Rosa, de língua portuguesa, quem me incentivou para seguir o segundo caminho.

Quando comecei o curso entendi que tinha seguido o rumo correto.

O jornalismo me permite, até hoje, o encontro com sujeitos e saberes diversos. Cremilda Medina (1995), em seu livro “Entrevista: Diálogo Possível”, lembra que quando há um real diálogo entre os sujeitos ali presentes, sempre saímos, o entrevistador e o entrevistado, transformados de uma entrevista. O jornalismo me coloca em constante processo de aprendizado, olhar o mundo de outros pontos de vista e construir pontes.

Antes de ser pesquisadora, fui uma extensionista. O menos prestigiado dos pilares da universidade me proporcionou o primeiro contato com Paulo Freire. O patrono da educação me mostrou que a comunicação “implica numa reciprocidade que não pode ser interrompida”, em que “não há sujeitos passivos” (FREIRE, 1977, p. 67). Compreender que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1977, p. 69) tornou-se o referencial teórico da educadora que me tornaria no futuro.

Como bolsista do Programa de Assessoria Técnica às Rádios Comunitárias do Estado do Ceará (PARC), coordenado pela professora Márcia Vidal, ministrei oficinas de comunicação popular na Escola Professor Plácido Aderaldo Castelo (em Fortaleza), na Fundação Casa Grande (em Nova Olinda) e para estudantes da UFC oriundos do Programa Educacional Coração de Estudante (PRECE).

Ainda enquanto aluna da UFC, integrei o Diretório Acadêmico Tristão de Athayde e fui coordenadora regional da Executiva Nacional dos Estudantes de Comunicação Social (ENECOS). As vivências do movimento estudantil foram fundamentais para a minha formação cidadã e me proporcionaram uma visão mais crítica sobre a própria comunicação.

Finalizei a graduação com uma pesquisa sobre o movimento de rádios populares entre os anos 1986 e 1989 na capital cearense, a partir da memória oral dos sujeitos que vivenciaram esse processo. Segui a formação profissional com um curso de Especialização em Comunicação e Jornalismo Político, no qual investiguei a formação das coligações eleitorais no Ceará nas eleições de 2010. Alguns anos depois, cursei um MBA em

Propaganda e Marketing, com foco em ampliar o leque de atuação no mercado de trabalho.

O IFCE

A comunicação organizacional sempre foi a minha área prioritária de atuação. Logo após a graduação, passei a trabalhar em uma agência de comunicação corporativa, atendendo clientes em diversos segmentos. Posteriormente, decidi conciliar a prática profissional com a preparação para concursos, que, na área técnica da comunicação, em geral, ofertam poucas vagas.

Assim como na escolha pelo Jornalismo, não havia o desejo inicial de ser uma servidora especificamente da educação, mas sim a vontade de trabalhar na minha área de formação. A conjuntura histórica que coincidiu com a primeira fase do Plano Federal de Expansão da Educação Profissional e Tecnológica (2008-2010) foi a força do destino que me levou aos “vinte e cinco anos de sonho e de sangue e de América do Sul” à Sobral, terra do cantor e compositor Belchior.

O IFCE foi o meu primeiro contato com a Educação Profissional e Tecnológica propriamente dita. Creio que a capilaridade da rede é, ao mesmo tempo, seu principal desafio e sua maior potencialidade diante da missão institucional de “produzir, disseminar e aplicar os conhecimentos científicos e tecnológicos na busca de participar integralmente da formação do cidadão, tornando-a mais completa, visando a sua total inserção social, política, cultural e ética”³².

Os Institutos Federais nasceram equiparados às Universidades Federais, com autonomia administrativa, financeira, didático-pedagógica e disciplinar. A Lei nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008, que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, explicita, entre outras missões, que cabe a essas instituições:

³² Resolução N°14 do Conselho Superior do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará, publicada em 2 de março de 2012.

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional; (BRASIL, 2008).

Já sabia, pela minha própria experiência familiar, como a educação é transformadora. Assim como eu, meus irmãos e meus primos chegaram à universidade. A geração dos nossos pais mal conseguiu terminar o ensino médio, e nossos avôs sequer tiveram acesso ao ensino formal.

Talvez um dos momentos mais marcantes dessa trajetória tenha sido a primeira colação de grau na qual trabalhei em Sobral. Impossível não me identificar com a emoção no olhar dos pais, com a história dos formandos, com todos os desafios superados. Quantos quilômetros esses estudantes percorreram de suas cidades de origem até o *campus* de Sobral, muitas vezes diariamente, só para estudar? Até hoje, com quase 10 anos de casa, ainda me emociono nas colações de grau e nas cerimônias de formatura dos cursos técnicos, nosso rito de partida.

Internamente, o IFCE também passou a trocar experiências de gestão entre os *campi*. Pude participar de comissões técnicas e de grupo de trabalho que elaboraram a Política de Comunicação do IFCE, o portal institucional e manuais técnicos, como o de Radiojornalismo e de Relacionamento com a Mídia.

Posteriormente, por concurso de remoção interna, fui transferida para o *campus* de Fortaleza do IFCE. Aqui voltei à vocação extensionista e passei a coordenar dois projetos. O primeiro recebe alunos das redes públicas e particulares de ensino para conhecer a estrutura e os cursos do *campus*. O segundo, realizado em parceria com a Rádio Universitária FM, transforma textos da literatura cearense em radionovela; além de estimular a leitura e a divulgação das obras literárias, é um espaço de aprendizagem para os alunos da Licenciatura em Teatro.

O PROEPT

O primeiro contato com o programa foi institucional. Afinal, é missão da Comunicação Social a publicização dos processos seletivos. No

primeiro Exame Nacional de Acesso (ENA), realizado em 2017, o Ceará foi o estado que mais recebeu inscrições de candidatos ao ProfEPT, reflexo da grande demanda reprimida por formação em nível de mestrado da região, da ausência, à época, de instituições credenciadas ao programa nos estados do Piauí e do Maranhão e da ampla divulgação da seleção.

Com metade das vagas reservadas aos servidores da Rede Federal de Educação Profissional, foi natural que o lançamento do edital mobilizasse os *campi* e a reitoria do IFCE. Surpreendeu-me, no entanto, o fazer coletivo de preparação para prova. Um grupo de estudos idealizado pela servidora Josy Horta para os colegas de setor se expandiu rapidamente e estimulou os técnicos administrativos a entenderem que aquele mestrado também era para nós. Para mim, a aprovação não veio, mas ficou uma descoberta: gostava de estudar e de pensar a educação profissional. A semente estava plantada.

Em 2018, o grupo de estudos da Josy virou um projeto de extensão com nome ousado: Escola de Altos Estudos em EPT. Integrei a comissão organizadora, juntamente com o Marcos Sampaio, a Hellenvivian de Alcântara e a Irene Moura. Com o apoio dos alunos da primeira turma do PROFEPT, montamos uma programação aberta ao público para discutir e pensar a educação profissional a partir da bibliografia do Exame Nacional de Acesso. Os encontros aconteciam às sextas-feiras à noite e reuniam 200 participantes no auditório do *campus* de Fortaleza para construir saberes sobre a EPT. Conhecimentos compartilhados, vários grupos de WhatsApp, e muita, muita dedicação. Mas ainda não era o tempo da colheita.

O ano de 2019 iniciou-se desafiador. Momento histórico-pessoal de rupturas e lutos que impõe a necessidade de um reencontro comigo mesma, uma reinvenção e um recomeço, e coincidiu com a desarticulação do grupo de estudos. Sigo para o ENA com a leveza que a vida exigia, mas a ansiedade no dia da divulgação do resultado foi inevitável. Descubro a aprovação no caminho de casa. Por via das dúvidas, peço para uma amiga conferir o resultado. Recebo outra mensagem pelo WhatsApp, era

a Josy. Alegria dividida, com ela, com os colegas aprovados nas turmas anteriores e com a equipe da Comunicação Social. O caminho se faz ao caminhar e dificilmente conseguimos chegar longe sozinhos.

O desejo de ser aluna da instituição que ajudo a construir todos os dias foi o que me motivou a ampliar mais uma vez o horizonte formativo e persistir no ENA. Refletir, aprender e intervir objetivamente na realidade material na qual estou inserida foi e sempre será uma escolha consciente.

Desde o começo inquietavam-me as múltiplas identidades que compõem o IFCE. Não é só o público externo e os ex-alunos que se referem até hoje ao IFCE pelo nome das instituições que o antecederam, em especial evocando as memórias afetivas da Escola Técnica Federal do Ceará e do Centro Federal de Educação Profissional e Tecnológica do Ceará (CEFET/CE). Os servidores, mesmo os que ingressaram após a criação dos Institutos Federais em 2008, também trazem essas marcas em seus discursos.

Como nos lembra Fiorin (1993, p. 35), “o discurso materializa as representações ideológicas. As ideias, as representações não existem fora dos quadros linguísticos. Por conseguinte, as formações ideológicas só ganham existência nas formações discursivas”.

O discurso não é, pois, a expressão da consciência, mas a consciência é formada pelo conjunto dos discursos interiorizados pelo indivíduo ao longo de sua vida. O homem aprende como ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala. (FIORIN, 1993, p.35).

A marca é dos ativos mais valiosos de qualquer instituição, seja ela pública ou privada, porque ajuda na sua distinção e no seu reconhecimento social. Do ponto de vista do Marketing e da gestão da comunicação, é sempre um desafio um reposicionamento ou uma mudança de marca. No entanto, a instituição que hoje reconhecemos como IFCE, ao longo de pouco mais de um século, mudou de nome oito vezes,

acompanhando as transmutações da educação profissional no País. Todos esses processos foram exógenos à comunidade acadêmica e não se deram sem disputas.

Por ter sido um processo no qual as escolas tiveram que se inserir, sem a opção do contrário, suas identidades foram afrontadas por um projeto não construído por elas próprias, mas por sujeitos externos. A contradição vivida esteve na obrigação de apropriarem-se desse projeto como seu. Nisto, novas identidades foram também se tecendo. Cabe saber até que ponto as comunidades escolares têm consciência disso, qual a memória que preservam e qual a história que constroem sobre si próprias. (CIAVATTA, 2005, p. 13).

A memória coletiva é um fator de coesão, mas também uma arena de conflitos e de acordos, intimamente ligada ao que coletivamente lembramos ou esquecemos. O meu pressuposto é de que os desafios da consolidação da marca do IFCE não podem ficar circunscritos à gestão da comunicação organizacional. Trazem em si a necessidade de compreender a identidade e a autoimagem que a comunidade interna tem sobre a nova institucionalidade.

Há uma inevitável tessitura que une o jornalismo, a história e a memória. Rememorar, para mim, não é celebrar uma nostalgia. Como me ensinou o professor Gilmar de Carvalho, ainda na graduação, ao refletir sobre a cultura popular, está sempre presente “a ideia de processo, onde o fazer se acumula como estrato da tradição que vai ser trabalhada na contemporaneidade” (CARVALHO, 2010, p. 9).

Referências

BRASIL, 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm

CARVALHO, Gilmar de. Memórias da xilogravura. Fortaleza, Expressão Gráfica, 2010.

ClAVATTA, M. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. *Trabalho Necessário*, v.3, n.3, 2005. Disponível em: <http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf> Acesso em: 26 jan. 2018.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e Ideologia*. São Paulo, Ática, 1993.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

MARTINS, MárLen DanúSia da Silva. *A comunicação da instituição pública: perspectivas de gestores e jornalistas*. Recife: Imprima, 2016.

MEDINA, Cremilda de A. *Entrevista: O diálogo possível*. São Paulo: Ática, 1995

Memórias de uma trajetória de vida

Nágla de Assis Costa³³

“É preciso amar/As pessoas como se não houvesse amanhã” (Legião Urbana, 1989)

A redação do presente memorial que ora escrevo deve-se a necessidade de relatar um pouco das minhas vivências até o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. É sempre um esforço rememorar, lembrar e contextualizar nossas escolhas. Apresento aos amigos, com brevidade, um pouco da minha trajetória com meus sinceros agradecimentos pelo envolvimento de todos nessa atividade.

Começo contando um pouco sobre meus pais que eram pessoas extremamente simples, vindos do interior do Ceará. Minha mãe de Aracoiaba e meu pai de Cascavel, os dois com primário incompleto. Mesmo assim, preocupavam-se imensamente com a educação e profissionalização dos filhos. Embora não tivessem tido a oportunidade de se dedicar aos estudos, valorizavam e incentivavam os filhos sempre. Somos três filhos. Meu pai era eletricitista de uma indústria têxtil e minha mãe dona de casa e sacoleira nas horas vagas. Eles, até hoje, representam fortes referências para nossa família, pois eram muito organizados, principalmente financeiramente. Minha mãe sempre envolta com as questões domésticas e, junto com meu pai, preocupada com a nossa moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte, segurança e conforto. Meu pai vivia trabalhando e era difícil vê-lo mesmo nos fins de semana, pois fazia muitos “bicos” para sustentar a família com dignidade.

³³ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Servidora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: nagla-costa@yahoo.com.br

Sou de uma família simples, que não tinha luxo, mas não passávamos por grandes privações ou necessidades. Talvez porque meus pais pensassem que: “crianças não resolvem problemas de adultos, portanto, não participam de conversas de adultos”. Eram cuidadosos e não compartilhavam suas preocupações. Eram simples, mas com extremo bom senso. Tínhamos amor e muito carinho. Eles se empenhavam em investir em nossos estudos. Estudei em escolas públicas e sempre ouvi deles que: “você precisam se profissionalizar para serem independentes e caminharem com as próprias pernas. Gente pobre só consegue oportunidade com estudo e trabalho. Nada cai do céu”.

Meu pai não podia custear uma escola particular para todos os filhos. Então, adotou a seguinte estratégia: estudávamos até o 1º Grau em escola pública e o 2º Grau em escola particular, pois precisávamos de mais apoio próximo ao vestibular. Meus irmãos estudavam no Sete de Setembro e, quando eu estava quase terminando o 1º grau, meu pai estava se preparando para mais uma despesa extra. Ele não dava tratamento diferenciado. Dizia que todos éramos iguais. Ouvi conversas deles dizendo que as coisas estavam difíceis. Tínhamos que apertar o orçamento da família para incluir mais um filho na rede privada. Conversei com uma professora minha, que não recordo o nome, e relatei a situação. Ela me disse que a saída seria se eu estudasse na Escola Técnica Federal do Ceará. Foi a primeira vez que ouvi falar da Escola Técnica. Ela tinha um filho que fazia eletrotécnica na Escola Técnica. O ensino da Escola Técnica era garantia de qualidade e era gratuito. Fiquei interessada e na mesma semana comecei a estudar para a seleção. Ela me deu livros, apostilas, provas anteriores e todo material que o filho tinha usado para estudar. Foi puxado, mas consegui passar. Em janeiro de 1987 recebi o diploma de habilitação profissional plena em turismo que era referente ao ensino de 2º grau. No último ano na escola técnica solicitei apoio ao meu pai para comprar livros e material, pois precisava estudar para o vestibular. Precisava me dedicar às disciplinas de educação geral para passar e consegui. Passei em 7º lugar na Universidade Federal do Ceará e 11º na Universidade Estadual do Ceará.

Tenho um irmão que escolheu o curso de Ciências Contábeis na Universidade Estadual do Ceará, e uma irmã que, junto comigo, estudou na Universidade Federal do Ceará. Escolhi o curso de Ciências Biológicas e ela o de Farmácia.

Durante a graduação em Ciências Biológicas comecei a lecionar para ganhar um pouco mais, pois meu pai nos dava uma mesada semanal que tínhamos que administrar com muito cuidado. A mesma incluía somente passagens e lanches. Comecei oferecendo reforço escolar para alunos com dificuldades em matemática, história e geografia. Tinha aula para a semana toda. Graças a Deus!

Em 1994, a caminho da biblioteca universitária em companhia de uma colega de curso, vi uma multidão numa fila, fazia um sol escaldante. Perguntei para a colega: “pra que será essa fila?” ela respondeu: “concurso pra UFC”. Eu disse: “se eu tivesse dinheiro, faria a inscrição!” e ela falou; “é isso mesmo tenho dois sobrinhos tão jovens, mas não querem nada com estudo”. Então ela se virou para mim e disse: “faça a inscrição que eu pago e quando você passar, paga um almoço pra nossa família.” Aceitei na hora!

No mesmo ano, no dia 24 de dezembro, fui chamada para trabalhar na UFC. Um novo momento em minha vida. Passei a ajudar em casa. Meu pai ficou doente e todos enfrentamos um novo desafio. Trabalhar e cuidar do nosso pai! As despesas aumentaram e todos contribuímos com a manutenção da casa dos nossos pais.

A Prefeitura Municipal de Fortaleza lançou um edital para professor efetivo. Estudei e passei. Trabalhava na Universidade Federal do Ceará, diurnamente e na EMEIF Escola Municipal Manuel Lima Soares da prefeitura de Fortaleza, à noite. Trabalhava os três turnos. Era cansativo, porém, muito gratificante. Dava aulas de ciências em todas as turmas do ensino fundamental. Esporadicamente, quando faltava algum professor, eu assumia a sala para não deixar que os alunos fossem embora mais cedo. Minhas aulas eram preparadas com muito carinho, mas no primeiro bimestre que estava no colégio, meus alunos fizeram uma avaliação bimestral que se

configurou com um incrível derramamento de zeros. Foi um desastre! foi um cruel desastre! o que houve? o que deu errado? fiz essas perguntas aos alunos e me disseram que a matéria era difícil e que a maneira como eu ensinava não ajudava em nada. Foi um momento de muitos questionamentos, dúvidas e incertezas. Precisava de ajuda com certeza.

Nosso colégio tinha um quadro de professores muito comprometidos com a educação. Dentre eles, uma professora se destacava, a professora de Português. Pedi a ela que assistisse uma aula ministrada por mim e desse sugestões do conjunto de atividades desenvolvida em sala de aula, desde a abordagem do conteúdo, valores, bases teóricas, enfim, tudo. Ela assistiu uma aula e criticou prontamente: “precisa melhorar muito! no processo de ensino - aprendizado também se envolve a participação do aluno. Você esqueceu que para a aprendizagem ser verdadeiramente significativa, exige-se a participação ativa do aluno. Suas aulas não estão adequadas ao perfil desses alunos”. Foi extremamente desconfortável! A partir daquele momento concentrei meus esforços para o alcance de uma meta: melhorar o aprendizado dos meus alunos. E aprendi que “Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na autorreflexão” (FREIRE, 2005, p.90).

Foi um trabalho duro! Li bastante. Li praticamente toda a bibliografia recomendada por ela. As sugestões dela foram fundamentais para a minha mudança de atitude em sala de aula. Precisava criar vínculos, interagir com eles e fazer com que eles interagissem entre si. Contextualizar conteúdos, afinal, os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui. O que eu fazia era jogar, para o aluno, uma grande quantidade de informações, geralmente tendo como base única e exclusivamente o programa do livro didático. Eu organizava o conteúdo de forma inflexível, desconectada das experiências dos alunos. Passei a usar diversos meios e modos de expressão. Dinamizei as aulas e melhorei a cooperação na sala de aula. Foi exaustivo. Começamos uma longa caminhada desta vez, juntos, de mãos dadas. O ambiente tornou-se mais colaborativo, leve e agradável.

Veio, então, o segundo bimestre e obtivemos êxito. O resultado foi muito animador. Aprendi, é lógico, que o nosso aprendizado não era somente para a obtenção de nota e sim, para a vida. Foi maravilhoso, uma experiência realmente singular.

Permaneci no colégio por anos e com bons resultados, fui inclusive, elogiada pela mesma professora que me criticou com honestidade e clareza. Lembro-me da fala dela dizendo: “menina você me surpreendeu!”.

Tornou-se imperativo novos conhecimentos e a necessidade de qualificação aumentou. Então, comecei a fazer especialização, aos sábados, em Educação Ambiental na Universidade Estadual do Ceará e foi muito bom. A especialização tinha alunos de diversas áreas de conhecimento. Tínhamos pedagogos, sociólogos, psicólogos, biólogos, advogados, dentre outras formações. O olhar de um não era o olhar do outro. Era uma turma bastante diversificada, por isso mesmo, foram dias produtivos. Aproveitei muito!

Na escola, por meio de conversas com os outros professores, tomamos conhecimento de um programa do governo federal para alfabetização de jovens e adultos. Entrei junto com três professoras da rede municipal no programa federal. Era um novo desafio. Tínhamos que nos adequar a um perfil diferenciado. Alunos jovens, adultos e idosos que estavam fora de faixa e desejavam, ansiosamente, aprender a ler, escrever e fazer contas. Era um novo pensar, uma nova proposta de trabalho. O EJA, para o ensino fundamental trabalhava com Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, Inglês, Artes, Educação Física, História e Geografia. Tinha duração média de dois anos. Começamos e encontramos vários problemas nessa modalidade de ensino como: a falta de capacitação, o material didático não era específico para a EJA e o principal problema: a evasão. O EJA representa uma proposta cheia de peculiaridades. Era necessário mais tempo na preparação das aulas, observar o ritmo da turma, dinamizar as aulas com jogos, dinâmicas, música, revistas e buscar, inclusive, novos espaços educativos. É importante observar, que os espaços curriculares transcendem os espaços físicos. E os mesmos “extrapolam

uma base física e espacial para assumir uma condição cultural, humana e subjetiva” (CUNHA, 2008, p. 184).

Lembro-me com carinho e saudades de todas as minhas alunas e suas necessidades. Dona Neide, a mais velha, 65 anos, desejava aprender a ler para estudar a bíblia. Dona Amália, 62 anos, gostaria de visitar a família com mais frequência, moravam em Caucaia e ela não conseguia pegar ônibus sozinha. Dona Zefinha, queria aprender a ler para fazer outras receitas de bolo, ela vendia bolo fofo e mole. Tinha conseguido aprender somente essas duas receitas. Sonhava em fazer as receitas que via na televisão. Dona Maria queria colocar um armário para vender aviamentos. Ela adorava costurar, fazia pequenos consertos e observou que na comunidade, não tinha nenhuma lojinha que vendesse acessórios de costura. O grande problema é que ela não sabia fazer contas e dependia da neta.

Eram pessoas maravilhosas, amáveis, que não tiveram oportunidades na vida mais tinham muitos sonhos. Essas histórias de vida são emocionantes e com certeza todos temos algo para ensinar e muito para aprender. E eu aprendi muito! Lembro-me de uma reunião com os outros professores do programa de conversarmos sobre outros espaços de aprendizagem. Decidimos visitar a feira livre que havia no entorno do colégio. Estávamos estudando sobre vitaminas. Fomos observar a questão da higiene, armazenagem e a variedade de frutas e verduras e em seguida fizemos colagem. Foi maravilhoso e bastante produtivo! Resolvemos, também, para nos aproximarmos, fazer um lanche coletivo. Escolhemos um cantinho do corredor que tinha bastante sombra e foi um sucesso! Tínhamos alunas que costuravam e uma delas levou uma toalha feita de fuxico e outra trouxe um cesto de papel reciclado. Tivemos a ideia de fazer oficinas de artesanato. Nós nos organizamos e fizemos a oficina. Elas gostavam de ensinar umas às outras suas habilidades. Faziam com muito zelo e carinho.

Nas nossas reuniões pensávamos coletivamente, sobre como potencializar esses espaços escolares para a aprendizagem de todos. Éramos, agora, mais engajados, cúmplices. A experiência se mostrou

extremamente eficiente pois valorizava as alunas, seus conhecimentos, suas vivências e lógico aumentava a autoestima. A motivação em sala de aula era notória. Conseguimos garantir um ambiente saudável e acolhedor muito mais propício ao aprendizado. Estabelecemos uma relação de confiança baseada no respeito, aprendíamos em conjunto. Conversávamos sobre todos os assuntos, sem repreender perguntas, questionamentos e curiosidades por mais simples que fossem. É lógico que tínhamos algumas dificuldades, mais o convívio harmonioso garantia um bom equilíbrio, sem conflitos. Preocupávamos com as atitudes uns com os outros e garantíamos voz, principalmente, para aqueles que eram um pouco mais reservados. Quando abordávamos um tema, ouvíamos todas as opiniões e discutíamos amplamente e isso permitia a convivência com opiniões e pensamentos contrários. As atividades eram sempre coletivas e direcionadas para estimular a cooperação. O diálogo era permanente, aberto e claro. Procurávamos promover a cultura da paz, da esperança e do amor. Nesse período abordamos várias temáticas: sexualidade, violência, homofobia, racismo, aborto, gravidez indesejável, casamento/família, trabalho informal, capitalismo entre outros. As reuniões eram mensais para definirmos os temas. Tínhamos duas semanas para estudar cada assunto. Explorava o cinema, os parques, os museus, teatro e empresas. Durante um ano de trabalho promovemos: palestras, gincanas, oficinas de artesanato, sessões de cinema, lanches coletivos, oficina de artigo de decoração com sucata, seminários e um número grande e variado de dinâmicas.

A participação na educação de jovens e adultos foi, sem dúvida, a melhor experiência de vida que já tive e devo parte da minha formação humana a esse período. Foram anos de várias descobertas, pesquisas, leituras de mundo que promoveram em mim mudanças atitudinais perpétuas. Procurávamos promover a cidadania, o conhecimento e a solidariedade mantendo uma atenção permanente na formação de valores, atitudes e habilidades para uma atuação individual e coletiva conforme a realidade exige e a sociedade necessita.

Freire (1979) considera o ser humano inacabado, o que torna o

processo educativo constante e contínuo. Segundo o autor, a reflexão deve ser parte inerente da educação, pois só assim o ser humano deixa de ser objeto e passa a ser sujeito. “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (FREIRE, 1967, p. 30).

O mestrado em Educação Profissional e Tecnológica veio da necessidade de dar continuidade e aprofundar os conhecimentos na modalidade de ensino da Educação de jovens e adultos. Fazer uma pesquisa histórica dessa modalidade de ensino no sistema educacional brasileiro e sua relevância para a inserção social desses indivíduos.

A redação do presente memorial que ora escrevo deve-se a necessidade de relatar um pouco das minhas vivências até o ingresso no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT. É sempre um esforço rememorar, lembrar e contextualizar nossas escolhas e trajetória. Apresento aos amigos, com brevidade, um pouco da minha trajetória com meus sinceros agradecimentos pelo envolvimento, de todos, nessa atividade.

Começo contando um pouco sobre meus pais que eram pessoas extremamente simples, vindos do interior do Ceará. Minha mãe de Aracoiaba e meu pai de Cascavel, os dois com primário incompleto. Mesmo assim, preocupavam-se imensamente com a educação e profissionalização dos filhos. Embora não tivessem tido a oportunidade de se dedicar aos estudos, valorizavam e incentivavam os filhos sempre. Somos três filhos. Meu pai era eletricitista de uma indústria têxtil e minha mãe dona de casa e sacoleira nas horas vagas. Eles, até hoje, representam fortes referências para nossa família pois eram muito organizados, principalmente financeiramente. Minha mãe sempre envolta com as questões domésticas e junto com meu pai preocupada com a nossa moradia, alimentação, educação, saúde, lazer, vestuário, higiene, transporte, segurança e conforto. Meu pai vivia trabalhando e era difícil vê-lo, em alguns fins de semana, pois fazia muitos “bicos” para sustentar a família com dignidade.

Sou de uma família simples, que não tinha luxo, mas não passávamos por grandes privações ou necessidades. Talvez porque meus pais pensassem que: “crianças não resolvem problemas de adultos, portanto, não participam de conversas de adultos”. Eram cuidadosos e não compartilhavam suas preocupações. Eram simples, mas acredito, com extremo bom senso. Tínhamos amor e muito carinho. Eles se empenhavam em investir em nossos estudos. Estudei em escolas públicas e sempre ouvi deles que: “você precisam se profissionalizar para serem independentes e caminharem com as próprias pernas. Gente pobre só consegue oportunidade com estudo e trabalho. Nada cai do céu”.

Meu pai não podia custear uma escola particular para todos os filhos, então ele adotou a seguinte estratégia. Estudávamos até o 1º grau em escola pública e o 2º grau em escola particular, pois precisávamos de mais apoio próximo ao vestibular. Meus irmãos estudavam no Sete de Setembro e eu estava quase terminando o 1º grau e meu pai estava se preparando para mais uma despesa extra. Ele não dava tratamento diferenciado. Dizia que todos éramos iguais. Ouvi conversas deles dizendo que as coisas iriam ficar difíceis. Tinha que apertar o orçamento da família para incluir mais um filho na rede privada. Conversei com uma professora minha, que não recordo o nome, e relatei pra ela a situação. Ela me disse que a saída seria se eu estudasse na Escola Técnica Federal do Ceará. Foi a primeira vez que ouvi falar da Escola Técnica. Ela tinha um filho que fazia eletrotécnica na Escola Técnica. O ensino da Escola Técnica era garantia de qualidade e era gratuito. Fiquei interessada e na mesma semana comecei a estudar para a seleção. Ela me deu livros, apostilas, provas anteriores e todo material que o filho tinha usado para estudar. Foi puxado, mas consegui passar e em janeiro de 1987 recebi o diploma de habilitação profissional plena em turismo do ensino de 2º grau (Corrigir a coerência da frase). No último ano na escola técnica solicitei apoio ao meu pai pra comprar livros e material pra estudar para o vestibular. Precisava me dedicar as disciplinas de educação geral para passar e consegui. Passei em 7º lugar na Universidade Federal do Ceará e 11º na Universidade Estadual do Ceará.

Tenho um irmão que escolheu o curso de ciências contábeis na Universidade Estadual do Ceará, e uma irmã que, junto comigo, estudou na Universidade Federal do Ceará. Eu escolhi o curso de Ciências Biológicas e ela o curso de Farmácia.

Durante a graduação em Ciências Biológicas comecei a lecionar, para ganhar um pouco mais, pois meu pai nos dava uma mesada semanal que tínhamos que administrar com muito cuidado. A mesma incluía somente passagens e lanches. Comecei oferecendo reforço escolar para alunos com dificuldades em matemática, história e geografia. Tinha aula para a semana toda. Graças a Deus!

Em 1994, a caminho da biblioteca universitária em companhia de uma colega de curso, vi uma multidão numa fila, fazia um sol escaldante. Perguntei pra colega: “pra que será essa fila?” ela respondeu: “concurso pra UFC”. Eu disse: “se eu tivesse dinheiro, faria a inscrição!” e ela falou; “é isso mesmo tenho dois sobrinhos tão jovens, mas não querem nada com estudo”. Então ela se virou pra mim e disse: “faça a inscrição que eu pago e quando você passar, paga um almoço pra nossa família.” Aceitei na hora!

No mesmo ano, no dia 24 de dezembro, fui chamada para trabalhar na UFC. Um novo momento em minha vida. Passei a ajudar em casa. Meu pai ficou doente e todos enfrentamos um novo desafio. Trabalhar e cuidar do nosso pai! As despesas aumentaram e todos contribuimos com a manutenção da casa dos nossos pais.

A Prefeitura Municipal de Fortaleza lançou um edital para professor efetivo. Estudei e passei. Trabalhava na Universidade Federal do Ceará diurnamente e na EMEIF Escola Municipal Manuel Lima Soares da prefeitura de Fortaleza, à noite. Trabalhava os três turnos. Era cansativo, porém, muito gratificante. Dava aulas de ciências em todas as turmas do ensino fundamental. Esporadicamente, quando faltava algum professor, eu assumia a sala para não deixar que os alunos fossem embora mais cedo. Minhas aulas eram preparadas com muito carinho, mas no primeiro bimestre que estava no colégio, meus alunos fizeram uma avaliação bimestral que se

configurou com um incrível derramamento de zeros. Foi um desastre! foi um cruel desastre! o que houve? o que deu errado? fiz essas perguntas aos alunos e me disseram que a matéria era difícil e que a maneira como eu ensinava não ajudava em nada. Foi um momento de muitos questionamentos, dúvidas e incertezas. Precisava de ajuda com certeza.

Nosso colégio tinha um quadro de professores muito comprometidos com a educação. Dentre eles, uma professora se destacava, a professora de Português. Pedi a ela que assistisse uma aula ministrada por mim e desse sugestões do conjunto de atividades desenvolvida em sala de aula, desde a abordagem do conteúdo, valores, bases teóricas, enfim, tudo. Ela assistiu uma aula e criticou prontamente: “precisa melhorar muito! no processo de ensino - aprendizado também se envolve a participação do aluno. Você esqueceu que para a aprendizagem ser verdadeiramente significativa, exige-se a participação ativa do aluno. Suas aulas não estão adequadas ao perfil desses alunos”. Foi extremamente desconfortável! A partir daquele momento concentrei meus esforços para o alcance de uma meta: melhorar o aprendizado dos meus alunos.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na autorreflexão” (FREIRE, 2005, p.90).

Foi um trabalho duro! Li bastante. Li praticamente toda a bibliografia recomendada por ela. As sugestões dela foram fundamentais para a minha mudança de atitude em sala de aula. Precisava criar vínculos, interagir com eles e fazer com que eles interagissem entre si. Contextualizar conteúdos, afinal, os novos conhecimentos que se adquirem relacionam-se com o conhecimento prévio que o aluno possui. O que eu fazia era jogar, para o aluno, uma grande quantidade de informações, geralmente tendo como base única e exclusivamente o programa do livro didático. Eu organizava o conteúdo de forma inflexível, desconectada das experiências dos alunos. Passei a usar diversos meios e modos de expressão. Dinamizei as aulas e melhorei a cooperação na sala de aula. Foi exaustivo. Começamos uma longa caminhada desta vez, juntos, de mãos dadas. O ambiente tornou-se mais colaborativo, leve e agradável.

Veio, então, o segundo bimestre e obtivemos êxito. O resultado foi muito animador. Aprendi, é lógico, que o nosso aprendizado não era somente para a obtenção de nota e sim, para a vida. Foi maravilhoso, uma experiência realmente singular.

Permaneci no colégio por anos e com bons resultados, fui inclusive, elogiada pela mesma professora que me criticou com honestidade e clareza. Lembro-me da fala dela dizendo: “menina você me surpreendeu!”.

Tornou-se imperativo novos conhecimentos e a necessidade de qualificação aumentou. Então, comecei a fazer especialização, aos sábados, em Educação Ambiental na Universidade Estadual do Ceará e foi muito bom. A especialização tinha alunos de diversas áreas de conhecimento. Tínhamos pedagogos, sociólogos, psicólogos, biólogos, advogados, dentre outras formações. O olhar de um não era o olhar do outro. Era uma turma bastante diversificada, por isso mesmo, foram dias produtivos. Aproveitei muito!

Na escola, por meio de conversas com os outros professores, tomamos conhecimento de um programa do governo federal para alfabetização de jovens e adultos. Entrei junto com três professoras da rede municipal no programa federal. Era um novo desafio. Tínhamos que nos adequar a um perfil diferenciado. Alunos jovens, adultos e idosos que estavam fora de faixa e desejavam, ansiosamente, aprender a ler, escrever e fazer contas. Era um novo pensar, uma nova proposta de trabalho. O EJA, para o ensino fundamental trabalhava com Língua Portuguesa, Ciências, Matemática, Inglês, Artes, Educação Física, História e Geografia. Tinha duração média de dois anos. Começamos e encontramos vários problemas nessa modalidade de ensino como: a falta de capacitação, o material didático não era específico para a EJA e o principal problema: a evasão. O EJA representa uma proposta cheia de peculiaridades. Era necessário mais tempo na preparação das aulas, observar o ritmo da turma, dinamizar as aulas com jogos, dinâmicas, música, revistas e buscar, inclusive, novos espaços educativos. É importante observar, que os espaços curriculares transcendem os espaços físicos.

“extrapolam uma base física e espacial para assumir uma condição cultural, humana e subjetiva” (CUNHA, 2008, p. 184).

Lembro-me com carinho e saudades de todas as minhas alunas e suas necessidades. Dona Neide, a mais velha, 65 anos, desejava aprender a ler para estudar a bíblia. Dona Amália, 62 anos, gostaria de visitar a família com mais frequência, moravam em Caucaia e ela não conseguia pegar ônibus sozinha. Dona Zefinha, queria aprender a ler para fazer outras receitas de bolo, ela vendia bolo fofo e mole. Tinha conseguido aprender somente essas duas receitas. Sonhava em fazer as receitas que via na televisão. Dona Maria queria colocar um armarinho pra vender aviamentos. Ela adorava costurar, fazia pequenos consertos e observou que na comunidade, não tinha nenhuma lojinha que vendesse acessórios de costura. O grande problema é que ela não sabia fazer contas e dependia da neta.

Eram pessoas maravilhosas, amáveis, que não tiveram oportunidades na vida mais tinham muitos sonhos. Essas histórias de vida são emocionantes e com certeza todos temos algo para ensinar e muito para aprender. E eu aprendi muito! Lembro-me de uma reunião com os outros professores do programa de conversarmos sobre outros espaços de aprendizagem. Decidimos visitar a feira livre que havia no entorno do colégio. Estávamos estudando sobre vitaminas. Fomos observar a questão da higiene, armazenagem e a variedade de frutas e verduras e em seguida fizemos colagem. Foi maravilhoso e bastante produtivo! Resolvemos, também, para nos aproximarmos, fazer um lanche coletivo. Escolhemos um cantinho do corredor que tinha bastante sombra e foi um sucesso! Tínhamos alunas que costuravam e uma delas levou uma toalha feita de fuxico e outra trouxe um cesto de papel reciclado. Tivemos a ideia de fazer oficinas de artesanato. Nós nos organizamos e fizemos a oficina. Elas gostavam de ensinar umas às outras suas habilidades. Faziam com muito zelo e carinho.

Nas nossas reuniões pensávamos coletivamente, sobre como potencializar esses espaços escolares para a aprendizagem de todos. Éramos, agora, mais engajados, cúmplices. A experiência se mostrou extremamente

eficiente pois valorizava as alunas, seus conhecimentos, suas vivências e lógico aumentava a autoestima. A motivação em sala de aula era notória. Conseguimos garantir um ambiente saudável e acolhedor muito mais propício ao aprendizado. Estabelecemos uma relação de confiança baseada no respeito, aprendíamos em conjunto. Conversávamos sobre todos os assuntos, sem reprimir perguntas, questionamentos e curiosidades por mais simples que fossem. É lógico que tínhamos algumas dificuldades, mais o convívio harmonioso garantia um bom equilíbrio, sem conflitos. Preocupávamos com as atitudes uns com os outros e garantíamos voz, principalmente, para aqueles que eram um pouco mais reservados. Quando abordávamos um tema, ouvíamos todas as opiniões e discutíamos amplamente e isso permitia a convivência com opiniões e pensamentos contrários. As atividades eram sempre coletivas e direcionadas para estimular a cooperação. O diálogo era permanente, aberto e claro. Procurávamos promover a cultura da paz, da esperança e do amor. Nesse período abordamos várias temáticas: sexualidade, violência, homofobia, racismo, aborto, gravidez indesejável, casamento/família, trabalho informal, capitalismo entre outros. As reuniões eram mensais para definirmos os temas. Tínhamos duas semanas para estudar cada assunto. Explorava o cinema, os parques, os museus, teatro e empresas. Durante um ano de trabalho promovemos: palestras, gincanas, oficinas de artesanato, sessões de cinema, lanches coletivos, oficina de artigo de decoração com sucata, seminários e um número grande e variado de dinâmicas.

A participação na educação de jovens e adultos foi, sem dúvida, a melhor experiência de vida que já tive e devo parte da minha formação humana a esse período. Foram anos de várias descobertas, pesquisas, leituras de mundo que promoveram em mim mudanças atitudinais perpétuas. Procurávamos promover a cidadania, o conhecimento e a solidariedade mantendo uma atenção permanente na formação de valores, atitudes e habilidades para uma atuação individual e coletiva conforme a realidade exige e a sociedade necessita.

Freire (1979) considera o ser humano inacabado, o que torna o processo educativo constante e contínuo. Segundo o autor, a reflexão deve ser parte inerente da educação, pois só assim o ser humano deixa de ser objeto e passa a ser sujeito. “Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim, pode transformá-la e com seu trabalho pode criar um mundo próprio: seu eu e suas circunstâncias” (FREIRE, 1967, p. 30).

O mestrado em Educação Profissional e Tecnológica veio da necessidade de dar continuidade e aprofundar os conhecimentos na modalidade de ensino da Educação de jovens e adultos. Fazer uma pesquisa histórica dessa modalidade de ensino no sistema educacional brasileiro e sua relevância para a inserção social desses indivíduos.

Referências

CUNHA, Maria Isabel da. Os conceitos de espaço, lugar e território nos processos analíticos da formação dos docentes universitários. *Revista Educação UNISINOS*, V. 12, N. 3, set/dez. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia—Saberes Necessários a Prática Educativa*. Ed. Paz e Terra. Coleção Leitura Edição Especial. Santa Efigênia, SP—2007

_____. *Pedagogia do oprimido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1975. 218 p.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1998. 165 p. (Coleção Leitura).

Legião Urbana. Pais e Filhos. **As Quatro Estações**. Brasília, EMI, 1989.

Sou historicamente o enlaçamento de muitas outras histórias

Rejane Aguiar Alcântara Neves[1]³⁴

Fala-se tanto de memória porque ela não existe mais (NORA 1993).

Introdução

Esse escrito tem como tema a narrativa da minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional. Atividade proposta na disciplina Seminário da Pesquisa do curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.

Constituiu-se a priori em uma proposta desafiadora, intimidadora, irrealizável. É comum escrever considerações sobre conteúdos, conceitos, paradigmas que por vezes cercam a sua vida ou a sua realidade profissional cotidiana. No entanto, colocar-se como centro de uma temática: você como conteúdo, me pôs em um momento de profunda reflexão sobre quem eu sou ou penso que sou, sobre causas e consequências das minhas ações ao longo do tempo, sobre as pessoas que estão envolvidas nessa trajetória, sobre ter ou não ter o quê contar. Levou-me a inferências, antecipações, verificações e seleções: estratégias de leitura aplicadas à minha própria história.

Decido começar enfatizando que sou o enlaçamento de muitas outras histórias e escolhas feitas, anteriores a minha existência, gosto da ideia de que carrego comigo toda uma ancestralidade, que a habilidade para determinada atividade tem relação com o passado. Considero que o fato

³⁴ Professora da Rede Municipal de Fortaleza e Maracanaú. Mestranda do Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT). Graduada em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú. E-mail: rejane.aguiar@hotmail.com

da minha família ter boa parte dos seus membros atuando na educação como professores não é um mero acaso. Se decidisse investigar esse fato certamente encontraria muitas explicações diferentes, mas conectar-me ao que me foi deixado de herança nesta terra e ajudar a construir um lugar mais justo, solidário e feliz me interessa mais nesse momento.

Na sociedade moderna nos encontramos cercados de tecnologias por todos os lados, não se consegue mais viver sem ela, tudo é na velocidade *touch screen*. Conectados pedimos táxi, compramos comida, roupas e uma série infinitas de itens, visitamos lugares, descobrimos trajetos menos engarrafados, trabalhamos, estudamos, falamos e ouvimos os outros. Estamos sempre *online* e o conversar e conhecer pessoalmente virou coisa rápida e rara, apenas em poucos intervalos que a “vida do tempo contado” nos permite.

Lembro-me da infância em que comprávamos fichas para falar ao telefone público; o popular “orelhão”, relembro da fila formada para se fazer uma ligação. Por vezes fui chamar os vizinhos da rua para atender aos seus telefonemas, me sentia muito bem ao prestar esse serviço. Vivenciei toda essa evolução tecnológica. Atualmente, é preciso “perder” um pouco de tempo para conseguir enumerar e nomear os objetos que foram substituídos pela propriedade de apenas um *smartfone*. Mais difícil ainda é saber quantos e quais valores se perderam nas relações sociais nos mais diversos âmbitos.

Segundo Nora (1993) o dever da memória faz de cada um o historiador de si mesmo. É nesse sentido que faço essa pausa para me reportar a minha própria história, ao resgatá-la individualmente e através desse registro escrito, talvez descubra outros indivíduos que também compartilham das mesmas lembranças, nesse movimento individual poderemos constituir um coletivo das memórias de um determinado tempo, do nosso tempo histórico, e quem sabe depois disso conseguir dar melhor qualidade ao presente e ao futuro.

Interseções

Nasci aos 24 dias do mês de março do ano de 1978 na cidade de Fortaleza, Estado do Ceará. Ano em que o Brasil encaminha - se para o fim da Ditadura Militar com a extinção do AI-5 pelo governo de Ernesto Geisel. Foi também em 1978 que o Brasil conheceu Luiz Inácio da Silva, o Lula foi quem liderou a primeira greve dos metalúrgicos da história do Brasil. Neste ano nasceu Louise Brown, o primeiro bebê de proveta da história.

Primeira filha de Inocência Freire Aguiar Alcântara uma professora e Francisco de Sales Alcântara (*in memoriam*) um artesão fabricante de calçados, ambos naturais de Alcântaras; uma pequena cidade situada na Serra da Meruoca no Estado do Ceará. Aos sete anos de idade ganhei minha única irmã Franciane Aguiar Alcântara. Foi nesse núcleo familiar que fiz minhas bases para uma vida cheia de desafios a serem vencidos; como é natural, infelizmente, até os dias atuais para uma criança do sexo feminino, pobre, nordestina e com características afrodescendentes.

É impossível contar a minha história acadêmica e profissional seguindo uma ordem cronológica como a que se espera que aconteça. Não houve ordem, houve a disposição para me agarrar a cada oportunidade de crescimento intelectual e/ou melhoria das condições econômicas.

Em 1983, meus pais conquistam o sonho da casa própria, uma casa da COHAB[2] no município de Maracanaú. Foi nesse município que cursei toda a minha educação básica.

Fui à escola pública pela primeira vez aos seis anos de idade. Lembrome de um uniforme xadrez azul, constituído por um short e uma bata, trazia o meu nome bordado em letras maiúsculas vermelhas num bolso frontal. Recordo-me dos exercícios de prontidão[3], de estar sentada em cadeiras enfileiradas, repetindo em voz alta junto com toda a turma a leitura das famílias silábicas.

Segundo Émile Chartier (Alain, 1978), defensor desse tipo de abordagem, a escola é um lugar também por excelência, onde se raciocina. Defende um ambiente físico austero

para que o aluno não se distraia. Considera o ato de aprender como uma cerimônia e acha necessário que o professor se mantenha distante dos alunos (MIZUKAMI, 1986, p.14).

A minha escola da infância é marcada pela abordagem tradicional e tendência tecnicista assumida pelo governo militar, o que representava uma crise da pedagogia nova. Entretanto, esse período de início da década de 80, apresenta uma abertura política no país com a volta dos exilados políticos e a eleição de Tancredo e Sarney com a promessa de uma nova república democrática.

No ano de 1996 conclui o ensino de segundo grau científico[4], diploma que não me garantia nem de longe a aprovação no vestibular, era realmente improvável que uma jovem como eu, discente das escolas públicas da periferia conseguisse acessar a universidade pública ou qualquer outra. O ensino era fragmentado e insuficiente, como disse anteriormente tecnicista, voltado ao mercado de trabalho; mercado esse que não se apresentava promissor na cidade onde residia.

Ainda em 1996 era aprovada a nossa atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96, que reformulou o ensino tornando-o mais democrático e abrangente. Nessa época de tanta falta de perspectiva, na qual, sem entender o contexto, me sentia incompetente por não conseguir acesso à universidade, nem imaginava que começara a vigorar uma lei que iria me beneficiar num futuro muito próximo com a modalidade EAD e a Formação de Profissionais da Educação.

Estava, portanto, chegando à maioridade e me sentia muito mal em ainda depender financeiramente de meus pais. Acho que me sentia mal por conta do exemplo de vida de minha mãe. Com duas crianças pequenas e trinta e oito anos de idade, ela vestia sua farda: saia de pregas, blusa branca, sapatos e meias e seguia para a escola; assim concluiu o ensino de 1º e 2º graus, pois lecionava no interior apenas com a conclusão do 5º ano, posteriormente concluiu o Curso Normal 4º pedagógico no Instituto de Educação do Ceará. Consegui ingressar como professora da rede

municipal de Maracanaú em 1988, e alguns anos mais tarde fez a graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará.

Não tinha noção do quanto a história de minha mãe determinava a minha. Ao longo da minha adolescência eu a ajudava com as atividades e provas das crianças, com os trabalhos da faculdade, fazia leituras, ajudava com a redação dos textos, datilografava os trabalhos numa máquina elétrica que era o auge tecnológico, pelo menos para a minha família. Toda essa vivência foi determinante para que eu desenvolvesse habilidades para a Pedagogia.

Ao terminar o ensino médio decidi me candidatar a uma vaga como professora nas escolas do bairro que cuidavam da Educação Infantil, essas escolas recebiam um repasse financeiro da prefeitura de Maracanaú, eram popularmente chamadas de escolas conveniadas. Minha mãe me ajudou a planejar uma aula para me submeter à seleção. Fui chamada em umas três escolas, mas a minha contratação estava condicionada a uma declaração de que pelo menos estivesse matriculada no curso de 2º grau Pedagógico.

Ingressei no Centro de Educação de Jovens e Adultos de Maracanaú – CEJAM, que existe até hoje, é um ensino a distância no qual o aluno estuda os módulos e comparece para fazer a prova escrita e tirar dúvidas com os professores. Como eu já tinha o 2º grau Científico foi preciso fazer apenas a parte didática com 52 provas, a prática de ensino e cumprir alguns encontros presenciais. Gostava muito da leitura dos módulos didáticos, eram extensos e bem fundamentados, numa modalidade de ensino que atendeu muito bem a minha necessidade.

Antes mesmo de ter meu diploma do Curso Pedagógico em mãos consegui a aprovação no concurso público para professores da Secretaria Municipal de Educação de Fortaleza no ano de 2001. Consegui efetivar a minha lotação com a declaração de conclusão do curso e outros documentos da instituição escolar, enquanto aguardava o diploma. Saí então da escola conveniada em Maracanaú e comecei a trabalhar na Escola Municipal Rosa Amaro Cavalcante[5] no bairro Mondubim, onde leciono até hoje.

Ao ser aprovada na seleção para professores efetivos do município de Fortaleza, pude constatar o quanto os estudos dos módulos daquele curso da EAD foram eficientes, atribuo esse primeiro passo na educação, como professora, a essa modalidade de ensino, que me elevou a um novo patamar de vida.

A nova LDB 9394/96, recém implantada mudava aos poucos o cenário para a formação docente como vemos no parecer do Conselho Nacional de Educação de 2001 sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores de Educação Básica em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena:

[...][Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Art. 63. Os Institutos Superiores de Educação manterão:

1. cursos formadores de profissionais para a educação básica, inclusive o Curso Normal Superior, destinado à formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental;
2. programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica;
3. Programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis.

Merecem nota alguns pontos desses dois Artigos: (a) a definição de todas as licenciaturas como plenas; (b) a reafirmação do ensino superior como nível desejável para a formação do professor da criança pequena (educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental), meta que será reafirmada nas disposições transitórias da lei, como se verá mais adiante; (c) a abertura de uma alternativa de

organização para essa formação em Curso Normal Superior. [...] (CNE/CP 9/2001 p.14).

Fiz o curso de Pedagogia em regime especial – Licenciatura Plena, entre os anos de 2002 a 2004 pela Universidade Vale do Acaraú. A Prefeitura Municipal de Fortaleza pagava cinquenta por cento do valor da mensalidade que custava R\$ 120, 00 e eu complementava o restante. O curso acontecia em uma escola no centro da cidade de Pacatuba, as aulas presenciais eram todos os sábados e no período das férias escolares. A minha turma contava com cerca de cinquenta alunos/professores das secretarias municipais de Fortaleza, Maracanaú, Pacatuba, Itaitinga e Guaiúba.

Apesar do preconceito que cercava a graduação em regime especial e a Universidade Vale do Acaraú, tive aulas e estudos riquíssimos que me fizeram compreender melhor o meu papel social enquanto professora e agregaram maior embasamento teórico a minha prática docente. Os nossos professores elogiavam a turma, justificando que todos já atuavam como professores e isso tornava a metodologia e a construção do conhecimento rica e significativa. Todas as aprendizagens eram simultaneamente aplicadas, adequadas à sala de aula.

No ano seguinte a conclusão da graduação fui aprovada no concurso público de professores da rede municipal de Maracanaú. A educação de Maracanaú valorizava muito as formações em contexto, estavam sempre à frente no que diz respeito aos estudos dos teóricos e ao trabalho com projetos institucionais.

Fui lotada na Escola José Dantas Sobrinho[6], seu corpo docente era composto por professores de excelência, muitos dos quais estavam desde a fundação. Professores que se preocupavam com as aprendizagens e com as questões afetivas e sociais das crianças. Tinham uma relação de amizade e respeito aos alunos, não mediam esforços para fazer o melhor. Assim fui aprimorando a minha prática pedagógica e compreendendo as dimensões da educação. Fui melhorando também enquanto ser humano, aprendendo a ouvir e me preocupar com o outro, aprendendo a servir, compartilhar e deixar de lado sentimentos e ações egocêntricas. Hoje trabalho neste município com a modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

Todo professor íntegro leciona por paixão. Paixão pelo quê? Por ganhar pouco, correr o dia inteiro, ficar para lá e para cá? Não, claro que não. Temos paixão por aquela ideia de que gente foi feita para ser feliz. Como dizia Shakespeare, “a vida é uma coisa cheia de som e fúria.” Nós somos furiosos, brigamos muito (CORTELLA 2014, p.20,21).

Em 2007, conclui um curso de pós-graduação lato sensu em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Durante os dez anos seguintes me mantive longe dos estudos acadêmicos. Realizei sonhos materiais e emocionais: ter um carro e aprender a dirigir, o sonho da casa própria e o casamento com Edvaldo Neves, esposo amoroso e apoiador dos meus sonhos.

Em janeiro de 2019 através do *facebook* tomei conhecimento da existência do PROFEPT, um mestrado profissional em educação que aceitava todas as graduações, público e gratuito, a seleção se dava através de uma prova objetiva, ofertado pelo IFCE. A leitura dessas poucas informações foi o suficiente para que meus olhos brilhassem e na mesma hora comuniquei em voz alta:

— É meu!

Ao estudar para o exame nacional de acesso – ENA, do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT, o fiz pela primeira vez de forma totalmente virtual, não reproduzi materiais impressos. Fiz *download* da bibliografia li tudo no computador e utilizei o curso *online* Bora Aprender. Os artigos e livros da bibliografia mudaram muito meu jeito de ver o mundo, mesmo que não tivesse obtido o êxito da aprovação, já não era mais a mesma pessoa de antes.

Conclusão

Esse texto narrativo sobre a minha história de vida, buscou refletir o meu tempo histórico, na perspectiva das relações que tive com as políticas públicas educacionais, com as tecnologias e com as relações interpessoais. Através dessas relações fui tornando-me ser social, me humanizando. Por muito tempo não tive consciência dessa conjuntura, não soube relacionar os acontecimentos do mundo com a minha vida, tão pouco soube refletir quais as contribuições que socialmente poderia dar aos outros.

Devo a educação toda a minha evolução, por meio desta fui me transformando e melhorando, e ao fazer esse movimento de buscar o melhor, fui transformando muitas outras vidas. O poder de contagiar os outros com as palavras, as ações dos exercícios na busca de conhecimentos e construção de valores é o que me encanta no ensinar. Diariamente o professor descobre que uma determinada aula, uma atividade ou simplesmente a roda de conversa cotidiana, mexeu com alguém e o fez ter pensamentos e atitudes diferentes.

Estar no PROFEPT, significa um resgate daquilo que me foi “negado” no tempo de juventude. O que acontece no presente tem uma relação direta com aquela jovem de mais de vinte anos atrás, que se sentia incompetente e culpada por não ter conhecimentos suficientes para ingressar em uma universidade pública. Significa uma “volta por cima”, e dessa vez não me apresento sozinha, sou os meninos e meninas das séries iniciais da escola pública, sou a categoria de professores pedagogos, sou as famílias humildes contempladas historicamente com uma educação material.

No decorrer desse curso *Stricto Sensu*, pretendo investigar as contribuições das práticas pedagógicas do currículo integrado e interdisciplinaridade para a formação integral, no ensino médio integrado a educação profissional. Buscarei desenvolver um produto voltado à reflexão e divulgação das metodologias curriculares integradoras, suas contribuições para a formação de indivíduos que se percebam, como seres históricos e capazes de atuar socialmente.

Referências

BRASIL, LEI 9394, de 20/12/96 IN Diário Oficial de 23/12/96.

CORTELA, m.s. *Pensatas pedagógicas: nós e a escola: agonias e alegrias*. Petrópolis: vozes, 2014.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. *Ensino as Abordagens do Processo* São Paulo: EPU, 1986.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. São Paulo: PUC-SP. N° 10, p. 12. 1993.

<http://contandohistoria1977.blogspot.com/2013/07/o-brasil-e-o-mundo-em-1978-ano-de.html> acesso em 07/09/2019

<https://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/reflexoes-acerca-educacao-durante-ditadura-militar.html> acesso em 07/09/2019

<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf> acesso em 08/09/2019.

[1] Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Mulher, nordestina, filha, esposa e professora da escola pública.

[2] Companhia de Habitação do Estado do Ceará.

[3] Atividade escrita contendo vários sinais gráficos com pontilhados, para auxiliar na habilidade de escrever.

[4] Organização do Ensino de acordo com a LDB 5692/1971

[5] Escola fundada no ano 2000. Recebeu esse nome em homenagem a sogra do então prefeito em exercício Juraci Magalhães.

[6] Escola fundada em 1999. Recebeu esse nome em homenagem ao líder comunitário que mobilizou a população local e conseguiu a liberação do terreno e construção da unidade escolar.

Costurando, refletindo e contemplando subjetividades

Samara Ferreira de Souza³⁵

É curioso como não sei dizer quem sou. Quer dizer, sei-o bem, mas não posso dizer. Sobretudo tenho medo de dizer por que no momento em que tento falar não só não exprimo o que sinto como o que sinto se transforma lentamente no que eu digo.

(LISPECTOR, 1942, p. 11)

Introdução

A fala que evoco acima da personagem Joana do livro *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, elucidada, com singular maestria, o impasse em que me encontro ao ser provocada, no contexto da disciplina de Seminário de Pesquisa do Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica (IFCE), a confrontar a mim mesma, revisitar quicá meu narciso, minhas memórias e afetos, na busca de retalhos que remon-tem à formação do meu eu ou, pelo menos, à visão – ou confusão - que construo dele e que estaria disposta a aqui compartilhar, ao passo que, ao final, pondero a tessitura de uma proposta de objeto de estudo e de um produto educacional conseguinte a ele.

Como o trecho adverte, a inquietação ante a tarefa do olhar para si e elaborar um discurso a partir desse empreendimento - além do já previsível desconforto motivado pelo escancaramento de nossa subjetividade ao acaso - reside na força inerente às nossas formulações discursivas, posto

³⁵ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT), pelo IFCE. Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará. Assistente em Administração cedida à Advocacia Geral da União. Email: samaraband@hotmail.com

que, à medida que falamos sobre o que somos, acabamos por nos transformar no decorrer e pelo próprio ato discursivo, como reflete a personagem, mas também acabamos por revelar ou materializar, mesmo que involuntariamente, nossas ideologias, traumas e filiações mais profundamente arraigados e, por vezes, conjurados.

A respeito dessa inquietação frente a incontornável materialidade do discurso e sua potência, o filósofo Michel Foucault, em sua obra *A ordem do discurso*, explicita:

Inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante desta existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob esta atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imaginam; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, pág. 08- 09)

Apesar da fala de Foucault se referir às mais variadas formas de discurso e não somente àquelas nas quais nos voltamos conscientemente a nós mesmos, como o presente memorial que redijo, reivindico que, ainda mais nesse contexto, ou seja, no decorrer desse exercício autobiográfico, é que estamos passíveis de maior exposição e, por isso, mais vulneráveis, caso decidamos nos implicar, de fato, na difícil tarefa de projetar os holofotes em direção à historicidade e ao lugar de fala imbuído em nosso discurso, os quais, via de regra, encontram-se relativamente velados e codificados no dia-a-dia.

Contudo, não obstante o patente desconforto que aqui jaz, muito bem abordado em outra passagem de *Lispector* (1998, p. 86) onde se diz

que “[...]viver é incômodo. Não se pode andar nu nem de corpo nem de espírito”, penso que provocações como esta a que me debruço agora, objeto provisório de minha lamúria, só existem com o propósito de serem tomadas para si e enfrentadas, na medida dos limites individuais, claro, como quem sabe que as inquietudes, a possibilidade da dor e do incômodo, também são as possibilidades do movimento em direção a novos devires, a dimensões até então inexploradas de nós mesmos enquanto sujeitos e, portanto, ao movimento próprio da vida. Por esse motivo, arrisco-me aqui a apresentar alguns pequenos retalhos, ainda que grosseiramente selecionados e costurados, é verdade, da minha.

Costurando memórias formativas

Do início, não guardo muitas recordações, a não ser, evidentemente, daquelas de que me falam. Mas, fazendo uma brevíssima contextualização de minhas origens, posso dizer que nasci aos quatro dias do mês de novembro do ano de 1991, a segunda de três filhas, na cidade de Fortaleza, estado do Ceará, Brasil. Filha de Cleide Ferreira de Souza e Francisco das Chagas de Souza.

Desde pequena, fui tomada como teimosa, como aquela que só faz o que quer e não o que lhe cabe. Geniosa, nunca agindo para o agrado do outro, mas sim para meu deleite. Alegações essas das quais desconfio e discordo veementemente e, conforme ei de provar nas próximas linhas, são notadamente caluniosas. Ora, excluindo-se um ou trinta episódios de intransigência, penso, sempre fui uma criança exemplar. Nunca fui afeita a brigas e tirava ótimas notas na escola. Por outro lado, quando interpe-lada a deixar o desenho animado de lado para cumprir determinados rituais religiosos, por exemplo, não pensava duas vezes e batia o pé em defesa do desenho, claro.

Desde muito cedo, acostumei-me com certas narrativas, por parte de meus pais, professores e parentes próximos, relativas às minhas potencialidades acadêmicas e como eu me sobressaía em comparação à minha irmã mais velha. Tais discursos provocaram-me uma necessidade de atendimento às expectativas em mim depositadas. Ora, se minha amada

professora disse que eu sou a melhor aluna da classe, se meus pais receberam tal afirmação com um orgulho irremediável, sentia que o mínimo que deveria fazer era continuar sendo tal aluna e corresponder sempre a essas expectativas, me tornando, assim, a objetivação da filha desejada por meus pais. Dessa forma, fui conquistando e colecionando várias estrelinhas e medalhas de honra ao mérito - verdadeiras odes à meritocracia - ao longo do Ensino Fundamental.

Nesse período, passei por várias escolas de bairro, cujas mensalidades eram mais acessíveis ao poder aquisitivo de minha família de classe média - média. Fiz curso de inglês, natação e ballet clássico. Nunca terminei um curso de inglês, não sei nadar e, felizmente, pude largar o ballet. Minha angústia aqui não era o “ter de estudar”, visando tão somente ao aprendizado *per sí*, dado que quase todas as disciplinas me agradavam, mas sim o “ter de ser a primeira da classe” ou o “ter sempre que tirar nota dez”, como fator condicionante, a meu ver, para conquistar a aprovação e o reconhecimento no olhar de quem amava.

Lembro-me de mostrar de modo orgulhoso para minha mãe o extraordinário nove e meio que havia tirado no inglês, a maior nota da turma, recebendo um “por que não tirou dez[?]” de volta. A demanda por excelência sobrepujava minhas demandas individuais por prazer. Logo, sinto grande estranheza quando ouço relatos e suspiros de pessoas evocando a infância como a fase mais serena de suas vidas, onde não se havia grandes responsabilidades e onde somente o brincar, comer e dormir imperavam, posto que, para mim, nunca fora assim e, talvez por esse motivo, sempre aspirei sair da infância tão logo fosse possível e, até hoje, garanto, não houve arrependimentos.

Evidente, e aqui considero oportuno um pequeno esclarecimento, que as intenções de minha mãe eram as melhores e tal atitude parecia ser a mais acertada dentro do capital cultural que ela dispunha naquele momento. Aliás, defendo que, assim como assinala Simone de Beauvoir (1967, p. 9), “não se nasce mulher, torna-se mulher”, a maternidade, o ser mãe, também é um conceito e, assim sendo, não é um dado estanque

portador de um sentido em si mesmo. Esse significado é antes socialmente construído e objeto de acirradas disputas entre continuidades e descontinuidades de paradigmas historicamente situados. Portanto, aquilo que é considerado um atributo louvável e desejável em uma mãe num dado momento histórico, noutra pode ser rechaçado. A única certeza que guardamos é que, invariavelmente em algum momento, seremos criticadas.

Feita a ressalva, remeto meu pensamento agora às experiências vividas como estudante no Ensino Médio. Tal período faz emergir um sentimento oposto àqueles mencionados anteriormente. Explico. O primeiro sentimento/sensação que me vem à tona é o de liberdade ou de irresponsabilidade, como julguem melhor, pois os dois, nesse ponto, me soavam muito bem. A entrada no Ensino Médio significou um ciclo de passagem, uma espécie de rompimento com a fase da infância, marcada pela cobrança, dependência e proteção provida pelo ninho, para adentrada na adolescência, incerta, contestadora, exposta ao mundo, visceral.

Minha inserção no Ensino Médio ocorreu, então, como consequência de mais um de meus empreendimentos confirmatórios, o processo seletivo. Meus pais, que haviam estudado na antiga Escola Técnica, o então CEFET, incentivaram-me a cursar lá o ensino médio, arcando inclusive com as despesas de um curso preparatório, por entenderem que eu, dentre suas três filhas teriam grande possibilidade de aprovação no referido certame. Mais uma expectativa atendida. Fui aprovada.

A partir de então, no auge de meus - nem tão expressivos assim - catorze anos de idade, entro num novo mundo. Nele, não existe forte interlocução com os pais sobre o desempenho dos alunos, não existe vigilância na volta à sala de aula após o intervalo, nem mesmo na assiduidade dos discentes. Além disso, tem-se a crença no nivelamento de conhecimentos entre os alunos, por consequência de um processo seletivo acirrado, logo, crê-se que todos os alunos têm de partida as mesmas condições. O que eu mais almejava aconteceria... Ali, eu seria só mais uma.

Em meio a tantas possibilidades e atípica autonomia, não fui capaz

de dar atendimento às premissas de meus pais e, mais estranho, não senti necessidade. Percebi-me livre. Aventurei-me no Diretório Acadêmico dos Estudantes (DCE), participei de manifestações, ocupações, fiz pedágio para participações em congressos estudantis que nunca participaria – uma vez que meus pais nunca permitiriam que viajasse - fiz incontáveis amizades, namorei, furei a fila do lanche, matei aula, fui apresentada ao teatro, li Nietzsche, Karl Marx, enfim, foram longos e felizes dias de conversas e risadas no pátio. Apesar de recordar de quase tudo e de considerar essa como uma das fases mais ricas já vivenciadas, não me lembro de longos períodos de estudo para as disciplinas específicas do curso. Naturalmente, reprovei várias.

Embora estivesse num curso voltado para a área de exatas, a aula que mais me interessava era a de Sociologia. A disciplina era uma feliz e grata descontinuidade em meio a um universo de fluxogramas, sistemas binários e verdades universais que eram ali transmitidas. Digo transmitidas aqui para demarcar uma sensível diferença no que respeita às aulas de Sociologia. O conhecimento que adquiri estava mais para uma construção dialógica e reflexiva do saber do que mera transferência. O aluno não era sujeito sem luz, mas um agente de seu próprio conhecimento. Apenas naquele momento, tive certeza do que queria fazer dali por diante. O curso técnico, em andamento, não mais me cabia. Talvez nunca o tenha. Desisti.

Nesse período, o ensino médio no CEFET estava integrado ao ensino técnico, no meu caso, de Telecomunicações, com previsão de término em quatro anos, em tempo integral. O certificado de conclusão do ensino médio era concedido apenas ao término de ambos os cursos. O que não ocorreria. Resolvi, então, cursar parte das duas disciplinas faltantes para a conclusão do ensino médio no CEJA Professor José Neudson Braga, onde terminei o ensino secundário, aquém de todas as expectativas e projeções direcionadas a mim. Após, dei continuidade a minha decepcionante trajetória e prestei vestibular para o desprestigiado curso de Ciências Sociais, e não de Direito, como fora almejado por meus pais.

A decisão por adentrar no Ensino Superior deu-se acompanhada da decisão de fazer disso o meu projeto de vida. Decidi por seguir uma carreira acadêmica, antes mesmo de saber propriamente o que isso significava. Tomei com seriedade e empenho tal propósito, talvez até confesso, como meio compensatório para o ego, considerando as antecedentes empreitadas já precocemente interdidas.

Ainda no primeiro semestre de Ciências Sociais, foi uma verdadeira ruptura, um baque. Senti a violência daquilo que entendo como o prelúdio de qualquer processo de transmutação mais radical, a saber, o soco no estômago. Deparei-me com aulas instigantes, que colocariam em cheque tudo antes tomado como patente, como dado. Sujeitos e temáticas, historicamente desprestigiados e marginalizados pela educação formal de outrora, estavam na ordem do dia, em pauta no cotidiano do curso. Para usar um conceito de Max Weber, autor clássico da Sociologia, o mundo desencantou-se. Desapeguei-me das certezas e estreitei laços com a dúvida, própria do pensamento científico, afeito à investigação. Aliás, quão estranho era o ato de estranhar como princípio. Hoje, o estranhamento é práxis, deve ser.

Um semestre havia se passado e, aos dezenove anos, uma fonte de renda tornava-se cada vez mais premente, com especial, digamos, encorajamento/coerção de meus pais, até então, preocupados com meu sustento, ante a baixa perspectiva de capital financeiro que o curso propiciaria a curto e médio prazo. Ambos servidores públicos, viam tal alternativa como a única desejável. Percebe-se que o serviço público ainda é uma marca de distinção social e ocupa, na hierarquia das ocupações, uma posição privilegiada no capital simbólico reconhecido e compartilhado em nosso contexto. Apesar disso, em meu projeto, o trabalho formal não estava previsto nesse ponto do percurso. Muito menos um trabalho por demais repetitivo e burocrático, qualidades essas prometidas pela maioria dos concursos públicos de nível médio.

Ante o impasse, busquei algumas das escassas e disputadas bolsas de pesquisa disponibilizadas pela universidade. Sem sucesso, cedi novamente

aos anseios de meus pais, fazendo jus ao poeta que antecipa: “[...] apesar de termos feito tudo, tudo, tudo o que fizemos, ainda somos os mesmos e vivemos, ainda somos os mesmos e vivemos como nossos pais” (BELCHIOR, 1976). Assim, em 2012, no segundo semestre do curso, aos vinte anos, ingressei no serviço público. Mais especificamente, a sessenta quilômetros de distância do Departamento de Ciências Sociais, cerca de duas horas e meia de transporte coletivo convencional, no cargo de Assistente em Administração na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), situada no município de Redenção/CE.

A partir daí, a decisão pela carreira acadêmica foi, paulatinamente, distanciando-se de meus planos mais imediatos por uma questão de economia. Seja de tempo dedicado à família e aos amigos ou mesmo de energia propriamente dita, uma vez que ambos, tempo e energia, estavam ficando cada vez mais escassos ante os afazeres acumulados e canalizados entre o trabalho e a faculdade.

Aos familiares, restavam alguns diálogos breves e rasos, seguidos de um ávido “boa noite” ao fim do dia ou de apenas um bocejo indicativo disso. A intensidade de minha atenção parecia ser inversamente proporcional à medida de meu cansaço. Assim, meu novo projeto passou a ser apenas um, bem menos ambicioso e próspero, segundo guarda a tradição puritana, confesso, mas muito coerente ao demandado pelo meu físico e por minha subjetividade: o de uma vez terminada a graduação, voltar para casa após o trabalho e, simplesmente, poder “ser/existir num tempo de nada fazer” (Aquino & Martins, 2007, p.481), ou seja, não mais sonegar o meu direito ao ócio.

Notadamente, minha noção de tempo-espço subjetivo, como a de muitos, está descolada da noção de tempo que dedico ao trabalho. O tempo da vida - ou da boa vida, por assim dizer - não se confunde com o tempo do trabalho. Entendo que isso se deva pela realidade cindida a que estamos submetidos em que este foi alijado de nós mesmos enquanto base ontológica, tornando-se algo estranho ao homem. O meu não é

diferente, muito embora me proporcione, como uma espécie de contrapeso, a devida serenidade para aproveitar o, ainda que diminuto, tempo da vida.

Com o trabalho, o número de disciplinas cursadas também diminuiu. Não obstante, pude, pela escolha de seguir mais lentamente, vivenciar cada disciplina da melhor maneira possível. Refreei o passo, segui com menos pressa, embora sentisse, por parte de meus familiares e colegas de trabalho, uma certa demanda de resolução dado que, com a conclusão da graduação, passaria a ter um acréscimo considerável em minha remuneração. Uma vez inserida no contexto frenético da modernidade, não há tempo para a instância contemplativa, nem para experimentar, errar ou para exercer o outro de si mesmo. Há sempre uma incômoda ideia de algo inconcluso, de um vir a ser que deve ser logo. O mundo exige conclusão, definição, classificação e produção. Em seu livro, *Sociedade do cansaço*, Byung-Chul Han lança mão das palavras de Nietzsche para defender que:

Por falta de repouso nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo. (NIETZSCHE *apud* p. 37)

Ainda durante a graduação, tive a oportunidade de passar a trabalhar na capital com uma carga horária mais reduzida. Pela promessa de mais tempo livre, não pensei duas vezes e, em 2017, fui cedida à Advocacia Geral da União, órgão esse que permaneço até a presente data. Nele, pude concluir minha graduação com mais tranquilidade e voltar a pensar sobre um antigo anseio há muito adormecido: a pós-graduação. Desse modo, meu ingresso no PROFEPT pôde enfim ser cogitado, posteriormente, desejado e, felizmente, realizado.

Tecendo memórias em formação

Sobre as memórias que ainda ei de ter frente aos desafios do PRO-FEPT, no que tange à definição do objeto de estudo e do produto educacional, confesso que ainda não consegui delimitá-los como gostaria e ainda me encontro aberta a reformulações. Mas, como tema de interesse, penso que o confronto com as questões sobre a mulher e as relações assimétricas de gênero na conjuntura da educação profissional e tecnológica ainda urge enquanto problemática de estudo, posto que a reprodução das desigualdades de gênero e do sexismo nos mais variados campos sociais ainda é um dado observável.

Num contexto em que as mulheres já são maioria nos cursos profissionais da Educação Básica, conforme dados do Censo Escolar de 2018, julgo relevante compreender, no âmbito do IFCE, por exemplo, como se dá tal reprodução e de que forma ela se relaciona com a autoestima, o desempenho escolar ou com os diversos elementos que antecedem e circundam as escolhas por determinados cursos em detrimento de outros. Como produto educacional resultante de tal estudo, pondero um curso de extensão que discuta tais questões, via plataforma *Moodle* talvez, voltado à comunidade acadêmica.

Meu interesse pelas questões identitárias na educação afina-se a minha trajetória de vida, em parte aqui exposta, pois entendo que a forma pela qual reconhecemos os sujeitos através de nossas pré-concepções intra ou extramuros escolares, além de desvelar as relações de poder latentes e intrínsecas às relações sociais - aí inclusas as relações de gênero, parentais, professor-aluno, classe dominante e classe dominada - é fator condicionante do próprio educando perante si e perante o outro, fator este qualificante ou desqualificante, capaz de recrudescer as condições desiguais dadas *a priori*, o sentimento de pertença ou de não pertença, de delimitar, talvez de forma incontornável, as ações, o repertório de possibilidades ou, dito de outra forma, é capaz de delimitar as escolhas e, portanto, a liberdade.

Referências

AQUINO, C. A. B., & Martins, J. C. O. (2007). Ócio, lazer e tempo livre na sociedade de consumo e do trabalho. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 7(2), 479-500.

BEAUVOIR, S. de. 1967. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro. 2a. edição.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. 2 ed. ampl. Petrópolis, Vozes, 2017.

LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1942.

BELCHIOR. Álbum Alucinação. 1976. Philips Phonogram.

Eu venho lá do sertão: memórias de um piauiense entre raízes, reveses e oportunidades

Samoel Rodrigues da Silva³⁶

Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje [...]. Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos.

Paulo Freire

Introdução

Caro leitor, a escrita deste memorial trouxe consigo a difícil tarefa de falar de si e de tentar apresentar, a partir de memórias, os 26 anos da história que trago comigo até aqui, partindo da minha essência, cujas raízes estão no sertão piauiense, até o início do percurso formativo no Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), na capital cearense.

O memorial constitui-se, de acordo com Severino (2001, p. 175), de “uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva [...], sob a forma de um relato histórico, analítico e crítico”. Assim, o processo de escrita da autobiografia exige uma reflexão crítica sobre o caminho percorrido até o momento em que se escreve. Busca-se não apenas a compreensão de quem fomos, mas a descoberta de quem somos e do que podemos vir a ser.

Nesta perspectiva, conforme Freire (1979), para saber o que somos e seremos, é necessário, antes de tudo, saber quem fomos. Para tanto, é

³⁶ Mestrando em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT), pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciado em Química pelo Instituto Federal do Piauí (IFPI), *Campus* de Picos. Especialista em Ensino de Química pela Universidade Cândido Mendes. Técnico em Assuntos Educacionais no IFCE - *Campus* de Maracanaú, com atuação na Coordenação Técnico-Pedagógica. E-mail: samoel.rodrigues@ifce.edu.br

imprescindível um retorno ao passado, a partir do presente, na condição de narrador personagem. Mas retornar ao passado, falar de si, se expor, não é uma tarefa das mais simples. Escrever a sua história, a partir de suas memórias, implica em reviver momentos de protagonismos, mas também de esperança e reveses.

Ante o exposto, o decurso de escrita da autobiografia, ao mesmo tempo em que se apresentou como desafio, representou uma oportunidade concreta de autoconhecimento. Acredito que este tenha sido um dos principais objetivos dos professores da disciplina de Seminário de Pesquisa do ProfEPT ao proporem a redação deste memorial.

O desafio proposto foi aceito e procuro apresentar aqui como se deu a minha trajetória formativa e profissional, sempre no contexto da escola pública, colocando em posição de destaque as instituições nas quais estudei, os locais por onde passei na busca pelo acesso à educação, as contribuições de alguns professores memoráveis e as oportunidades que me foram concedidas nesse percurso formativo. É tão somente a partir da compreensão das minhas raízes e da minha trajetória formativa e profissional que se pode conhecer quem eu sou, o que penso e defendo, e qual caminho posso vir a seguir. Boa leitura!

A essência: eu venho lá do sertão

Das diversas possibilidades para iniciar este diálogo considerei importante, antes de tudo, deixar explícito ao leitor quais as minhas raízes e o que elas podem dizer (e dizem muito) a meu respeito. Então, eis a pergunta: de onde venho? Para responder à questão proposta, tomo emprestado um trecho da canção “Disparada”, dos cantores e compositores Geraldo Vandré e Théó Barros, para anunciar: *“eu venho lá do sertão, eu venho lá do sertão”*.

O trecho da canção em destaque, apesar de remeter a um distanciamento físico do local onde se fala, remete também ao sentimento de pertencimento, além de resumir de forma assertiva a mensagem inicial que quero deixar. Expressa não só de onde venho, mas também para onde sempre retorno.

Sou nordestino e piauiense com muita honra. Sou, mais

precisamente, do sertão piauiense. Mas como existem vários sertões, com semelhanças e especificidades, preciso ser mais específico. O meu sertão, o meu lugar, chama-se Brejo da Onça, um povoado com a população estimada de 1,5 mil habitantes, situado na zona rural do município de São Miguel do Tapuio-PI, distante aproximadamente 52 km da sede do município. Foi no povoado Brejo da Onça, “meu interior”, expressão que costumo usar para me referir à minha terra, distante do ambiente da cidade, onde nasci e permaneci até os 14 anos de idade.

Não posso deixar de mencionar que o meu lugar destoa, em alguns poucos pontos, daquela imagem estereotipada de um local quente e sem água, que pode vir ao pensamento quando se fala do sertão nordestino. É por isso, para não reforçar os estereótipos, que digo que existem vários sertões. Lá, não temos problemas com a escassez de água, mas sim abundância. Inclusive, temos alguns poços jorrantes e um riacho intermitente, por exemplo. Não tem, necessariamente, aquele calor escaldante como se passa no imaginário das pessoas quando se trata do território piauiense. Na maior parte do ano, a temperatura é até agradável, com exceção do período popularmente conhecido por “B-R-O-BRÓ”, uma expressão típica do nordeste brasileiro que tem relação com os últimos meses do ano, período em que a temperatura se eleva.

Nascia no povoado Brejo da Onça, portanto, em 30 de julho de 1993, o segundo filho de Antônia Rodrigues Coelho e Sebastião Rodrigues da Silva. Meus pais, um casal de agricultores, semiletrados e pobres, nasceram e cresceram no mesmo povoado, em um contexto histórico e familiar que não lhes permitirá qualquer oportunidade de acesso à educação para além do aprender a escrever o próprio nome, ler textos curtos e realizar as quatro operações fundamentais. Ambos cresceram no contexto das décadas de 70 e 80, filhos de pais agricultores, pobres, analfabetos ou semiletrados, com 8 e 9 irmãos, respectivamente.

Meus genitores, apesar da baixa escolaridade e baixa renda, mas donos de muita coragem, sabedoria e integridade, criaram e educaram 04 filhos: Gleibiane (a primogênita), Eu (o segundo), Fabiana (a terceira) e

Samara (a caçula). Eis aqui minha família, minha base, minha prioridade, minha maior riqueza.

Em alguns aspectos, especialmente aqueles que dependem estritamente de condições financeiras, cresci com o mínimo. Mas, apesar das adversidades, da simplicidade, tive uma infância extremamente feliz, repleta de boas lembranças, envolto de muitos primos-amigos, em contato com os animais, com a natureza e com o pé no chão, literalmente, como bem retrata Binho Sá na canção “Sertão Nordestino”:

No sertão nordestino
Meu lugar desde menino
Mandacaru flora quando
A chuva tá pra chegar
Menino dos pés descalços
Brincando de gude no chão
Na terra que já rachou
Com sol e fogueira de São João

Nada melhor do que uma música, no ritmo mais nordestino de todos, para expressar o que está nas entrelinhas do contexto que tento descrever. O forró, enquanto elemento intrínseco à cultura nordestina, sempre esteve e estará presente na minha história e nas minhas memórias.

Recordo-me destes momentos com um misto de saudade e gratidão. São muitas lembranças, muitos cheiros, muitos sabores, muitos vínculos e muitos sons, para além do forró. Ao acordar bem cedo, o fundo musical era o canto dos pássaros, o berro das ovelhas, o barulho do chocalho das vacas e o aboio do vaqueiro.

É impossível esquecer o cheiro da terra molhada, os banhos na chuva e nos riachos temporários, muito menos os jogos de futebol no campinho de areia com as traves improvisadas, as várias histórias e brincadeiras nas noites de lua cheia e de céu estrelado. E por falar em diversão, não poderia deixar de contemplar aqui algumas brincadeiras clássicas: pau na lata, bila, queimado, pião, dentre tantas outras. Na maioria das vezes, os

brinquedos eu mesmo fazia, a exemplo dos piões, das sinucas e dos tratores de lata.

Mas antes da diversão, vinham as obrigações, as quais incluíam o trato com ovinos e bovinos e as atividades inerentes à lavoura, desde o preparo da terra até a colheita. Estas atividades, com poucas exceções, são inerentes à vida daqueles que nascem e crescem no sertão. As atividades em questão são das mais dignas, necessárias, mas muito árduas. O sol das 14 horas arde à pele e, por muitas vezes, não produzem nem o necessário para a própria subsistência.

Apesar do respeito que tenho por aqueles que vivem da agricultura e pecuária, a exemplo de boa parte da minha família materna e paterna, nunca me identifiquei com tais ofícios. O sentimento de estar deslocado era constante e eu não saberia explicar a motivação, talvez pelo fato de não existir explicação objetiva ao até mesmo subjetiva.

Mas antes de quaisquer outras obrigações vinha a maior delas: a escola e o dever de obter excelentes notas. A minha educação, assim como a das minhas irmãs, foi bem rígida, mas hoje percebo que a rigidez se fez necessária. Meus pais, apesar da remota compreensão das possibilidades advindas pela educação e até falta de exemplos palpáveis, sempre foram incentivadores do “ir para a escola” e do “estudar”.

Apesar de aparecer no discurso dos meus pais como uma obrigação, nunca encarei a escola nesta perspectiva. À medida que o tempo passava, eu ia tomando consciência de que ir à escola e conseguir boas notas era a mais fácil das tarefas. Para fugir da realidade que me foi posta, juntamente com a sede de conhecimento, eu mergulhava nos livros. Este era o meu cadoz.

A descoberta da escola, da matemática e das ciências

A primeira lembrança que tenho da vida é a minha ida à escola, aos 04 anos de idade, no início do ano de 1998. Quase ao mesmo tempo, no mesmo ano, lembro-me do nascimento da minha irmã caçula, cujo nome fui eu que escolhi. Das poucas lembranças que tenho desta época, uma delas certamente é a alegria de ir à escola.

Meu percurso escolar iniciou-se na Unidade Escolar Inácio Rodrigues Coelho, uma escola pública situada no povoado Brejo da Onça. Foi aqui onde se deram os primeiros cinco anos da minha vida escolar, da alfabetização (hoje pré-escolar) até a 3ª série (hoje 4º ano) do ensino fundamental, no período de 1998 a 2002. Nesta época, eu já demonstrava facilidade com a leitura em com os números, especialmente.

A escola, hoje desativada, era constituída por apenas duas salas de aula, separadas por um pátio, e não dispunha de muitos recursos para além de mesas, cadeiras, quadro negro e giz. As turmas eram multisseriadas e as professoras, à época, nem tinham concluído o 2º grau, atual ensino médio. A merenda escolar não era realidade, chegava apenas algumas vezes no ano e a “sopa de letrinhas”, quanto havia, tornava o “recreio” uma festa. Essa descrição resume bem o contexto educação no interior do Brasil, do Piauí e do município e São Miguel do Tapuio ao final da década de 1990.

Mas à medida que o tempo foi passando, especialmente a partir do início dos anos 2000, vi a minha realidade mudar substancialmente. Vi muitas famílias saírem da situação de miséria, especialmente a partir da implementação de programas sociais, a exemplo do bolsa família, bolsa escola e vale gás. Vi com animação, muita curiosidade e esperança a chegada da energia elétrica, e conseqüentemente da geladeira, da televisão, dos desenhos animados e de outro mundo que até então me era completamente alheio. Vi a lâmpada substituir a lamparina, o fogão a gás substituir o fogão à lenha e a água do pote ser substituída pela água da geladeira. Vi, ainda, a água encanada e o chuveiro se tornarem realidade. Na escola, a merenda passou de algo pontual para uma certeza, com mais qualidade e quantidade.

A minha vida escolar teve continuidade na Unidade Escolar João Liberato Lima, escola pública onde eu, assim como todas as crianças do povoado e de outros povoados vizinhos concluíam e concluem até hoje o Ensino Fundamental. Foi nela onde cursei o restante do ensino fundamental, da 4ª até a 8ª série, que corresponde atualmente do 5º ao 9º ano,

no período de 2003 a 2007. Mas foi no ano 2000, apenas, que esta escola passou a ofertar os anos finais do Ensino Fundamental. Antes, o acesso à educação no meu povoado se restringia até a 4ª série e a maioria das pessoas não tinha, sequer, a oportunidade de concluir o ensino fundamental, a exemplo dos meus pais. Eram poucos os que tinham condições financeiras para ir até a sede do município para prosseguir com o ensino fundamental.

Apesar de ser no mesmo povoado, a escola a Unidade Escolar João Liberato Lima era para mim totalmente nova e, apesar de pequena, à época parecia enorme. Era de certa forma um mundo novo, com novos colegas e novos professores. Dentre os professores, destaco aqui o de Matemática, o professor Argilano Almeida, que me ensinou a gostar e a compreender, ainda mais, a beleza dos números. A Matemática me foi apresentada para além da forma tradicional, que se faz necessária, mas também de lúdica e contextualizada.

Além da Matemática, a disciplina de Ciências também me prendia a atenção, especialmente quando envolvia as temáticas voltadas para o estudo do sistema solar, dos planetas, das estrelas e do estudo microscópico dos seres vivos e minerais. Apenas na 8ª série, atual 9º ano, fui ter o primeiro contato, ainda muito superficial, com a Química e a Física. Destas, a Química, especialmente, já me chamava certa atenção.

De um modo geral, sempre me destaquei pelas excelentes notas e pela facilidade de aprendizado. Ao longo do Ensino Fundamental, já era frequente a ajuda às irmãs, colegas de classe, primos e vizinhos com as suas atividades escolares. Em 2005, participei da 1ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP) e fui classificado para a segunda fase. Em 2007, no último ano do Ensino Fundamental, fui o terceiro colocado em um concurso municipal de frases com relação ao combate à dengue e ganhei um valor de R\$ 100, 00 reais, mesmo concorrendo com estudantes do ensino médio.

A escola, apesar das limitações, me apresentava à possibilidade de compreender o mundo com mais possibilidades e oportunidades. Foi na escola, por volta do ano de 2005, por exemplo, onde tive o primeiro

contato com um computador, uma tecnologia que antes parecia inacessível. Os livros didáticos entregues no início do ano letivo, com aquele cheiro cativante, eram verdadeiros presentes.

Ao término do Ensino Fundamental, aos 14 anos, acho que o meu sonho era me tornar professor de Matemática. Mas a certeza mesmo era o sonho de conhecer o mar e de mudar a realidade imposta a mim e à minha família. Eu só ainda não sabia exatamente como, mas tinha outra certeza: precisava estudar.

Se durante o Ensino Fundamental a distância entre a escola e minha residência, percorrida a pé ou de bicicleta, era algo em torno de 2 km, o ensino médio estava mais distante, a 52 km, na sede da minha cidade natal. Mas a distância estava para além do aspecto longitudinal, envolvia vários outros aspectos, inclusive o financeiro.

A ampliação dos sonhos e a descoberta do ensino superior

Junto com o Ensino Médio veio a necessidade de sair da zona rural para o ambiente urbano, ainda que para uma cidade pequena do interior do Piauí. Mesmo assim, eram perceptíveis as diferenças e até mesmo as indiferenças. O ano era 2008 e aos 14 anos de idade era a hora de sair de casa e eu saí. Ninguém disse que seria fácil, e não foi. Mas não me arrependi. O arrependimento viria, com certeza, se eu tivesse permanecido.

De 2008 a 2010, dos 14 aos 16 anos, residi na sede da minha cidade natal, São Miguel do Tapuio, um município integrante da mesorregião centro-norte do estado do Piauí, situado acerca de 226 km da capital do estado, Teresina. Hoje, o município conta com uma população de aproximadamente 18 mil habitantes. É mais uma cidade pequena como qualquer outra do interior do Piauí, salvo as suas especificidades.

Importante destacar que até então eu só havia ido até a sede da cidade por duas vezes, ainda quando criança. Para os deslocamentos, o único meio de transporte disponível era o famoso pau de arara, ou “carro de horário”, como é comumente conhecido na região. Só retornava para casa, na zona rural, em alguns finais de semana.

Desde cedo tive que aprender a ser independente, inclusive

financeiramente. Costumo dizer que não tive tempo para ser adolescente e que as circunstâncias me fizeram pular direto para a fase adulta. Para custear as despesas trabalhava em um mercadinho durante a semana, no turno manhã, e, às vezes, como garçom nos finais de semana.

Foi na Unidade Escolar Dona Rosaura Muniz Barreto, uma das três escolas públicas de ensino médio da cidade, onde cursei o ensino médio, última etapa da educação básica. Em comparação com as demais escolas que eu havia estudado antes, esta já era consideravelmente maior, com mais estudantes e mais professores. Ela dispunha, inclusive, de um laboratório de informática e de uma pequena biblioteca, locais os quais frequentei por várias vezes.

Foi durante o primeiro ano do ensino médio que eu descobri o caminho para o ingresso no ensino superior, a partir do vestibular e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A descoberta se deu inicialmente pelo contato com estudantes da mesma escola que cursavam o 3º ano. Era notório o foco e a organização deles, a partir de estudos individuais ou em grupos, bem como pela participação aos finais de semana em um cursinho pré-vestibular custeado pela prefeitura. Eles estudavam com muito afinco e tinham a minha admiração.

Até então, eu pouco tinha escutado falar em vestibular e não compreendia como se dava tal processo. Mas a partir daqui essa palavra começava a se fazer constante do meu restrito vocabulário. Mas a ficha só caiu mesmo quando, ao final do primeiro ano, descobri que havia perdido a primeira etapa do vestibular para ingresso na Universidade Federal do Piauí (UFPI), que abordava os conteúdos referentes ao 1º ano do ensino médio. Mas como ainda havia a possibilidade de fazer o vestibular geral, ao término do 3º ano, este não era o maior dos problemas. Acertadamente, fui responder a prova referente à primeira etapa do vestibular, que contemplaria, em tese, os conteúdos que eu havia estudado durante aquele ano inteiro. Fique aflito. Foi, sem sombra de dúvidas, um dos maiores choques de realidade que eu me permiti vivenciar. Eram poucas as questões que eu conseguia responder acertadamente. Percebi, da pior

forma, mas ainda em tempo, que somente as aulas regulares não seriam suficientes para a empreitada que começava. A partir deste momento, passei a compreender, perfeitamente, a motivação e aflição dos colegas que cursavam o 3º ano.

Das questões de química, por exemplo, eu não conseguia resolver nenhuma. Talvez uma explicação plausível tenha sido o fato de as aulas dessa disciplina só terem contemplado os três primeiros capítulos iniciais do livro didático, já que a escola só dispôs de professor de química a partir do mês de setembro do ano letivo. Dei-me conta, pouco tempo depois, que havia concluído o primeiro ano do ensino médio sem saber o que era distribuição eletrônica, ligações químicas, estequiometria, dentre outros conteúdos exigidos naquela série.

Passado o desespero, percebi que não havia outra possibilidade, se não a de tentar recuperar o tempo perdido. Não restava outra opção, a não ser debruçar-me sobre os livros. Precisei, mais do que nunca, ser autodidata. Ao longo dos anos de 2009 e 2010, foram muitos finais de semana envoltos em muitos livros e muitas noites em claro, regadas de muito café. À medida que eu ia compreendendo e resolvendo as questões acertadamente, a Química, por exemplo, ia me tomando por completo, literalmente, pelos hormônios da felicidade: oxitocina, anandamida, endorfina, serotonina e dopamina.

Mas os estudos não se resumiam à Química, muito pelo contrário. Era preciso contemplar as demais disciplinas. Permanecia ainda o apreço pela Matemática, mas foram surgindo outras afinidades, principalmente pela Biologia, História, Geografia e Literatura. Se antes eu achava que queria ser professor de Matemática, agora eu estava na dúvida entre a Química, Matemática e até mesmo a Biologia.

Em 2009, ainda no 2º ano, passei a frequentar aquele cursinho pré-vestibular custeado pela prefeitura a que me referi anteriormente. Permittiram-me frequentá-lo como ouvinte, mesmo sem ter participado do processo seletivo, que era específico quem estivesse no 3º ano ou já tivesse concluído o ensino médio. Foi, sem sombra de dúvidas, um diferencial.

Foi mais uma decisão acertada, já que no ano seguinte, 2010, quando eu estaria no 3º ano, o curso não seria mais custeado pela prefeitura do município e deixaria de ser ofertado.

Mas em 2010, ano do vestibular, eu já não era mais o mesmo. Meus horizontes estavam completamente diferentes e ampliados. Eu já conseguia compreender, mais claramente, as possibilidades advindas pela educação. Neste momento, ingressar no ensino superior era o meu principal objetivo.

E se por algumas vezes nem eu mesmo acreditava e se teve quem duvidasse (e foram muitos), também teve quem incentivasse. A minha mãe, Dona Antônia, foi com certeza a minha maior incentivadora. Mas, apesar de confiar no meu potencial, eu percebia que ela via como algo inatingível. E por falar em incentivo, não posso deixar de destacar também o apoio dos meus professores. Para não mencionar todos, destaco aqui, representando todos eles, a Professora Noara Melissa. Ela, além de excelente professora de Biologia, é um exemplo de ser humano e foi uma das minhas maiores incentivadoras nessa etapa. Por ela tinha e tenho muito apreço, imerso em enorme sentimento de gratidão.

À medida que eu estudava, ainda que conciliando com as atividades laborais e demais atividades escolares, eu ia ganhando autoconfiança e o que um dia se parecia distante, eu já acreditava que poderia vir a se tornar realidade.

Dado o nível de autoconfiança, eu decidi que além da Química e da Matemática, também iria tentar vestibular para medicina. Foi uma decisão audaciosa, eu confesso, mas que implicou em ainda mais disciplina e estudo, visto a concorrência para ingresso neste curso.

Ao final do ano de 2010, era o momento de prestar o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e os vestibulares. A minha expectativa e dos que acompanhavam minha rotina de estudos era grande. Para fazer o ENEM tive que me direcionar para outro município, a cidade de Castelo do Piauí, e para fazer o vestibular da Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Universidade Estadual do Piauí (UESPI) foi necessário ir à

capital do estado pela primeira vez e sozinho. Foi o momento de conhecer a imensidão de uma capital e a beleza de um *Campus* universitário, basicamente do tamanho da sede da minha cidade e bem maior do que o povoado onde eu nasci.

Após a realização das seleções, a ansiedade pelos resultados era constante. No contexto do ano de 2010, mesmo com avanços na expansão e interiorização das instituições de ensino superior públicas, dificilmente um estudante de escola pública, do interior do estado, seria aprovado em tais instituições, ainda mais para o curso de medicina em uma instituição federal. Realmente não fui aprovado para este curso, mas ver meu nome na lista dos classificáveis funcionou, de certa forma, como uma recompensa. Mostrou-me que se este fosse o meu objetivo maior, caso quisesse tentar mais uma vez, talvez conseguiria a aprovação.

Ao olhar para trás, com a percepção de hoje, me parece claramente uma tentativa frustrada de desvirtuar o meu iminente caminho na área da educação. Ainda bem que a tentativa foi frustrada. Hoje, com mais clareza, tenho a certeza de que não tenho nenhuma afinidade com a medicina ou qualquer outra formação na área da saúde. Reconheço que me direionei para essa área pela compreensão da importância da profissão e do seu papel, mas também ludibriado pela possibilidade do bom retorno financeiro e do seu reconhecimento pela sociedade.

Mas a sonhada aprovação veio sim. Veio para aqueles cursos que eram as minhas opções iniciais: Licenciatura em Química no IFPI (Instituto Federal do Piauí, *Campus* Picos) e Licenciatura em Matemática na UESPI (*Campus* Torquato Neto em Teresina). Eram mais opções do que eu tinha pensado um dia e eu só precisava de uma. Agora, imersa num mar de felicidade pelas aprovações, estava a incerteza se um poderia realizar a matrícula e cursar.

Dentre as opções, dadas as circunstâncias, a afinidade com o curso, o local de oferta e as condições objetivas, optei por cursar Licenciatura em Química no Instituto Federal do Piauí (IFPI), *Campus* Picos. A matrícula foi realizada, e mesmo diante de muitas dificuldades,

especialmente de ordem financeira, dei início às atividades do curso. Eu era o primeiro da família, tanto materna quanto paterna, a ingressar no ensino superior. O primeiro, mas não o último.

Mas o acesso ao ensino superior não pode ser visto de forma isolada, como obra do acaso ou apenas como mérito próprio. O esforço individual faz sim diferença, mas no ano de 2010 o contexto do país já era, de certa forma, mais favorável. As Universidades Federais e Institutos Federais estavam em plena expansão e interiorização, levando mais oportunidade e possibilidade de acesso ao ensino superior aos filhos dos trabalhadores, aqueles que historicamente ficavam de fora das estatísticas do ensino superior.

Mas para concluir esta passagem, retorno ao ano de 2008, ano em que eu começava o Ensino Médio. Neste mesmo ano foi criada a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, que eu só ouviria falar, superficialmente, no ano de 2010. Até então, ela era por mim desconhecida. Mas a partir do ano de 2011 a Rede Federal e os Institutos Federais, especialmente, passariam a fazer parte da minha vida diária.

A relação com os Institutos Federais: de estudante a servidor

Apesar das vicissitudes, ingressei, aos 17 anos, no ensino superior em uma Instituição Federal, no Instituto Federal do Piauí (IFPI), *Campus Picos*. Foi nesta instituição, no período de 2011 a 2014, que cursei Licenciatura em Química. Antes de mais delongas deixo explícito aqui o meu imenso orgulho de ser egresso de um curso de licenciatura de um dos *campi* dos Institutos Federais.

Junto com o ingresso no ensino superior veio mais uma mudança, para mais uma cidade. Desta vez, a cidade era Picos, a terceira maior cidade do Piauí, capital do caju e do mel, que apesar ter um custo de vida relativamente alto, ainda era inferior ao custo de vida na capital. Esta foi, com certeza, uma das motivações da escolha. Foi esta cidade que, por quatro anos, me acolheu tão bem.

Se o ingresso no ensino superior estava garantido, a permanência no

início do curso estava ameaçada. Durante o terceiro mês de curso eu tive uma perda sem tamanho. De forma inesperada eu perdia meu chão, perdia meu pai, exemplo de homem, meu exemplo. Apesar das inúmeras adversidades, consegui sobreviver ao primeiro semestre do curso sem quaisquer reprovações e com excelente rendimento acadêmico.

Mas a partir do segundo semestre do curso tudo mudou. O IFPI *Campus* Picos passou a contar com o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Para a minha turma eram quatro vagas e eu precisava ser aprovado na seleção. Das quatro vagas para minha turma, fui aprovado em terceiro lugar. Eram exatamente os R\$ 400, 00 reais mensais que eu precisava. Essa bolsa custeou muito além de despesas acadêmicas. Era com essa bolsa que eu custeava a minha parcela nas contas de aluguel, de água e de luz, por exemplo. Foi com ela que veio o primeiro notebook, o primeiro celular, mas também a primeira das muitas participações em eventos de cunho local, regional e nacional.

Muito além do aspecto financeiro, o PIBID nos incentivava a estudar cada vez mais, a pesquisar, inclusive sobre o próprio PIBID. De um modo geral, o programa teve a mais elevada relevância na minha formação. Foi enquanto bolsista do PIBID que eu preparei e ministrei a minha primeira aula para os demais colegas bolsistas e posteriormente para os estudantes da Unidade Escolar Desembargador Vidal de Freitas, escola onde eu atuava.

No início do ano de 2012, quanto estava a iniciar as atividades do terceiro semestre do curso, depois de realizar o ENEM novamente, fui aprovado nos cursos de Licenciatura em Matemática e Bacharelado em Enfermagem na UFPI (*Campus* Senador Helvídeo Nunes, em Picos), mas como já estava envolvido e me identificando com o curso de Licenciatura em Química e com o IFPI, resolvi permanecer e dar continuidade às atividades do curso, decisão que jamais me trouxe qualquer arrependimento, muito pelo contrário. Foi uma decisão das mais acertadas.

De um modo geral, durante um curso superior aprendemos um pouco de tudo. Aprendi que não existem só comidas ou bebidas integrais.

Existem também cálculos integrais e seu limite de dificuldade tende ao infinito tanto quanto o professor queira! Pois é, como esquecer as disciplinas? Química quântica, cinética, orgânicas, físico-químicas, inorgânicas, sem falar das muitas e necessárias disciplinas pedagógicas. Como esquecer as noites em claro, os cafés tomados, os relatórios das aulas práticas e os inúmeros seminários? Impossível! E como esquecer o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)? Com certeza foi, para mim, um dos grandes vilões dessa nossa empreitada, especialmente por ter que quase refazer boa parte dele por conta de problemas com o computador.

Definitivamente na graduação não se aprende apenas uma profissão. Durante todo o percurso tiramos as lições que serão imprescindíveis à nossa vida: sermos mais humanos, respeitar as diferenças, ouvir! Além de toda a bagagem intelectual que carregamos, é o momento de grandes aprendizados pessoais, pois parte fundamental do meu crescimento como pessoa foi o convívio com pessoas de vários lugares, com valores e criações diferentes. Apenas uma pequena parte da turma era composta por pessoas oriundas da cidade de Picos. Pude conhecer pessoas de várias cidades do Piauí e de outros estados, das quais eu nunca tinha ouvido falar. Foram várias as experiências nesta etapa que me ajudaram na construção do meu ser pessoal e profissional. A graduação foi, sem sombra de dúvidas, um ciclo de muita intensidade, cheio de vínculos, de marcas, cheiros, amigos e aprendizados.

Da graduação tentei exaurir todas as possibilidades possíveis. Participei de iniciação à docência, de monitorias e de eventos de cunho, regional, estadual e nacional. Cada evento me permitia conhecer lugares novos, novas culturas, novas realidades. Pude viajar, com o apoio do *Campus* e do PIBID, para eventos em algumas capitais, a exemplo de Natal, Recife e Rio de Janeiro. É impossível esquecer belezas naturais de cada um desses lugares e os imensuráveis aprendizados. Foi em 2012, durante a viagem para o primeiro congresso, em Recife, que pude conhecer e mergulhar na imensidão das águas salgadas do mar. Era mais um sonho sendo realizado.

Destaco, ainda, outra atividade que teve extrema relevância na minha formação pessoal, política e crítica. Fui, por um ano,

aproximadamente, membro do centro acadêmico do meu curso, na condição de vice-presidente. Conseguimos espaço físico para o centro acadêmico, organizamos viagens para eventos, solicitando o apoio necessário (transporte, ajuda de custo, etc.), cobrávamos a coordenação do curso e a gestão do *Campus* por melhorias no âmbito do curso, dentre outras ações.

Fiz parte, com muito orgulho, da terceira turma do curso de Licenciatura em Química e acompanhei bem de perto o curso sendo reconhecido pelo Ministério da Educação (MEC). Ao longo do curso vi muita coisa mudar no IFPI *Campus* Picos, e mudar para melhor. Um exemplo foi a gratuidade do almoço e do jantar no refeitório. Vi também o *Campus* crescer, ampliar a biblioteca, construir mais salas de aulas, implantar novos cursos, construir e equipar laboratórios. Mas eu já estava encantado desde o início do curso, só por usufruir do almoço e jantar gratuitamente, das salas de aula com ar-condicionado, da biblioteca equipada com computadores para acesso à internet e para realização de atividades, bem como dos laboratórios, sem falar dos professores com mestrado e doutorado. À época, eu nem sabia o que significava ser mestre ou doutor.

Por falar em professores, tive aqueles que me ensinaram, pelo exemplo positivo, a beleza e a importância da docência, dos quais destaco a professora Tatiane Rodrigues de Moura Mauriz. Ela, sempre paciente e com sua didática impecável, para além dos conteúdos ensinava pela postura de compromisso e incentivo. Foi com a professora Tatiana Moura, na disciplina de Educação Profissional e Tecnológica, que pude compreender a educação profissional e tecnológica como modalidade de ensino e compreender a Rede Federal enquanto Rede e política pública. No entanto, apesar de serem a minoria, nem todos os exemplos foram positivos. Também tive daqueles professores que me ensinaram, pelo exemplo, sobre como não ser professor.

Aos poucos fui me tornando professor. Ainda durante a graduação, fui de bolsista do PIBID e monitor, a professor de química. A atuação enquanto docente de química, para além do PIBID e das monitorias, iniciou-se a partir do 3º semestre do curso quando comecei a ministrar aulas

particulares. Como o curso era noturno, me permitia conciliar com outras atividades, inclusive as profissionais. A partir do 5º semestre, dos 19 até meados dos 21 anos, durante os anos de 2013 a 2014, comecei a atuar como professor de Química na Secretaria da Educação do Estado do Piauí (SEDUC-PI). Fui aprovado em segundo lugar na seleção, quando ainda cursava o quarto semestre.

Apesar de me identificar com a docência, conciliar as atividades inerentes a um professor com as atividades da graduação foi um enorme desafio. Por muitas vezes, priorizava o preparo das aulas às atividades da graduação. O meu objetivo sempre foi dar a melhor aula possível, tentando inserir a experimentação e o lúdico no ensino da química, apesar da infraestrutura das escolas. Tinha muito claro comigo o objetivo de que jamais os meus alunos iriam concluir o primeiro ano do ensino médio, por exemplo, com a mesma realidade que me foi imposta, sem saber aqueles conteúdos básicos de química que eu mencionei anteriormente.

Em 2013, além do curso de graduação e do trabalho enquanto professor, me veio o anseio e a necessidade de estudar para concursos públicos. O objetivo era concluir meu curso já aprovado em um concurso público. Eu entrava, neste momento, de corpo e alma na vida de concursado. Para tanto, tive que fazer escolhas e abdicar da ideia de tentar um mestrado e até mesmo que recusar ofertas para ministrar aulas em algumas escolas particulares de renome na cidade. Conciliar as três atividades (graduação, trabalho e estudo para concurso) foi extremamente desgastante. Tive que abdicar, por muitas vezes, de um dos meus maiores prazeres: dormir. Mas sabia que “*o sacrifício era passageiro e o benefício permanente*” (autor desconhecido).

No início do ano de 2014, último ano da graduação, fui aprovado em um concurso para banco e para a carreira militar, mas desisti durante as etapas de seleção, pois implicaria em ter que interromper o meu curso de graduação e decidi que essa não seria a melhor das opções. Continuei, então, meus estudos para concursos na área da educação, com foco na carreira docente.

Ainda em 2014, durante o sétimo semestre do meu curso, fiz um concurso para professor do IFPI. Passei em todas as etapas, inclusive na didática, mas me faltavam títulos para a terceira etapa classificatória. Não fui aprovado dentro das vagas, mas fiquei classificado. No dia seguinte ao da prova didática a que me referi, fiz o concurso para professor efetivo da SEDUC-PI, e por muito pouco não obtive êxito. Este foi o concurso mais difícil que eu já prestei.

Dadas as frustrações e os aprendizados com os certames anteriores e a proximidade do término do meu curso, mas ainda no sétimo semestre, estava eu, numa tarde, na sala centro acadêmico do IFPI *Campus* Picos, quando, ao verificar um site específico de concursos, percebi que estavam abertas as inscrições para o concurso público para ingresso em cargos na carreira de Técnico-Administrativo em Educação do Instituto Federal do Ceará (IFCE). Um dos cargos, com um número considerável de vagas, mas que eu ainda não conhecia, exigia enquanto requisito para ingresso a formação em Pedagogia ou Licenciaturas, e eu, apesar de ainda não ter concluído a minha licenciatura, já estava no penúltimo semestre e, em caso de aprovação, poderia até tentar antecipar a colação de grau. O plano já estava traçado. Iria até Fortaleza, no estado do Ceará para tentar o concurso. Ademais, além de realizar o concurso, ainda poderia contemplar as belas praias da cidade e vivenciar o clima da copa do mundo de 2014, já que Fortaleza era uma das cidades que sediava os jogos.

Como eu já vinha estudando, intensifiquei o ritmo de estudos, especialmente nas disciplinas que seriam cobradas: Português e Conhecimentos Pedagógicos. Mais uma vez destaco aqui a figura da Professora Tatianna Moura, que não somente me passou alguns materiais, mas me orientou nos estudos, especialmente naqueles conteúdos diretamente relacionados à educação profissional e tecnológica.

Fiz a prova e fui muito bem. Impossível esquecer e descrever a emoção ao conferir o gabarito, mesmo com o sentimento de incerteza, já que havia uma possibilidade, ainda que remota, de anulação do certame. Em caso de anulação, eu provavelmente não poderia retornar à Fortaleza para

realizar a prova novamente. Mas o certame não foi anulado e a expectativa pelo resultado era imensa.

Eis que no dia 03 de julho de 2014 foi publicado o resultado e as expectativas foram confirmadas. Fui aprovado! Aos 20 anos, ainda no sétimo semestre da minha graduação, fui aprovado em um concurso público federal de nível superior. O sentimento de felicidade e de realização pessoal é imensurável e inexplicável. Todavia, ainda não tinha a titulação necessária para assumir o cargo, por ainda não ter concluído minha graduação. Então, só me restava concluir as atividades da graduação e as concluí.

Fiquei na colocação ideal, fui o 14º colocado no concurso, e tudo aconteceu no momento certo. Fui convocado pelo IFCE no dia 10 de abril de 2015, coleí grau no dia 24 de abril de 2015 e tomei posse no concurso menos de um mês depois da data da colação de grau. Os meses de abril e maio de 2015 foram, definitivamente, agitados. Aconteceu, em um curto espaço de tempo, a concretização de vários sonhos: convocação, formatura, nomeação e posse em um concurso público federal.

E por falar em sonho, é impossível concluir esta passagem sem dar o destaque devido à semana da formatura, em especial à colação de grau, especialmente. A semana da formatura é um momento ímpar das nossas vidas e para mim, representou a materialização de um sonho, que me possibilitou vislumbrar tantos outros. É inevitável não concluir esta passagem com os dois últimos parágrafos do meu discurso de formatura. Sim, eu fiz o discurso na solenidade de colação de grau. Foi mais um sonho realizado. Os parágrafos a seguir, resumem bem esta passagem por Picos e pelo IFPI, bem como o imenso orgulho por concluir um curso superior.

“(…) A cidade de Picos sempre será lembrada. O IFPI *campus* de Picos, nossa referência. O curso de Licenciatura em Química, parte do que somos agora. E nós, donos desse caminho e dessa bela história que traçamos juntos nesses quatro anos. (...) Foi um prazer imensurável dividir esses

quatro anos com cada um de vocês. E sim, nós vencemos, vencemos juntos. Agora podemos e vamos comemorar. Estamos formados, graduados, somos Licenciados em Química."

Ao passo em que eu concluía a graduação, um importante ciclo, um outro ciclo, não menos importante, acabava de começar. Desta vez, a mudança não era apenas de cidade, mas também de estado. Apesar de estar indo assumir um cargo público federal, todo processo de mudança traz consigo, naturalmente, alguns anseios, inseguranças, expectativas e medo diante do desconhecido. Tais sentimentos são presentes na minha memória, juntamente com um sentimento de tristeza por dizer "até logo" ao meu estado, ao ciclo de amizades e por ficar ainda mais distante fisicamente do meu núcleo familiar.

Para além da docência: o IFCE e a descoberta de um novo caminho na educação

Ingressei no IFCE, enquanto servidor, no dia 19 de maio de 2015, com 21 anos de idade, no cargo de Técnico em Assuntos Educacionais, de nível superior, cujo requisito de qualificação para ingresso é curso superior em Pedagogia ou Licenciaturas. A descrição do cargo de Técnico em Assuntos Educacionais, conforme Ofício Circular nº015/2005/CGGP/SAA/SE/MEC (BRASIL, 2005), registra que esse profissional deverá "coordenar as atividades de ensino, planejamento e orientação, supervisionando e avaliando estas atividades, para assegurar a regularidade do desenvolvimento do processo educativo".

Já em terras cearenses, residi por um curto período na cidade de Itapipoca, cidade dos três climas, visto que ingressei no inicialmente no IFCE *Campus* Itapipoca. Passados 09 meses do ingresso na instituição, fui aprovado em processo seletivo de remoção para o IFCE *Campus* de Maracanaú, onde atuo desde março de 2016 até o momento de escrita deste memorial, no final do ano de 2019.

Junto com a remoção, veio mais uma mudança, para mais uma cidade. Era a hora de residir, pela primeira vez, em uma capital e em uma

cidade litorânea. Mas na mudança para Fortaleza eu não fui sozinho, tal como nas mudanças anteriores. Desta vez a mudança foi em família, o que facilitou bastante o processo de adaptação à vida corrida da 5ª maior cidade do país. É em Fortaleza onde resido com minha família até o final do ano de 2019.

Desde o ingresso no IFCE atuo no âmbito da Coordenação Técnico-Pedagógica, coordenando atividades de ensino, planejamento, acompanhamento, orientação e avaliação de ações pedagógicas que favoreçam o alcance de resultados satisfatórios quanto ao processo de ensino-aprendizagem. Já atuei, por um período de mais de dois anos, como Coordenador Técnico-Pedagógico do *Campus* de Maracanaú.

Dentre as atividades desenvolvidas, no âmbito do cargo e do setor destacam-se os atendimentos individual e/ou em grupo aos estudantes, professores, pais e ou responsáveis e egressos, com o objetivo de contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico dos estudantes, a partir de medidas que buscam minimizar as situações de evasão e retenção discente, por exemplo. Para além das atividades inerentes ao setor, faço parte de uma equipe interdisciplinar, composta por Assistentes Sociais, Enfermeiras, Nutricionista, Pedagogas, Psicóloga e Técnicos em Assuntos Educacionais.

No IFCE me permiti iniciar uma nova jornada na área da educação e me permito compreender, a cada dia, as especificidades de uma instituição de ensino, para além da sala de aula. No âmbito da educação, sinto que é onde eu deveria estar e onde posso, muito além de realizar as atribuições inerentes aos meu cargo, cumprir minha função social e o meu propósito na defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade, com oportunidades efetivas de acesso e permanência destinadas aos filhos dos trabalhadores.

Ademais, a partir da parte da minha experiência como estudante e servidor de um dos *Campi* dos Institutos Federais, defendo que as instituições que integram a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, a exemplo dos Institutos Federais, representam uma das

mais relevantes políticas públicas na garantia de oportunidade de acesso dos filhos dos trabalhadores à educação pública, gratuita e de qualidade.

Um dilema chamado mestrado e o caminho até o ProfEPT

Durante a graduação, todo o meu percurso acadêmico foi pensado na perspectiva de ingresso em um mestrado após o término do curso. Mas, em 2014, resolvi me dedicar ao estudo para concursos públicos e o mestrado ficou em segundo plano, para outro momento.

Após concluir a graduação e concomitante ao ingresso como servidor do IFCE, cursei uma especialização em Ensino de Química pela Universidade Cândido Mendes. À época, ainda estava mais voltado à minha área de formação inicial.

Passado algum tempo, já enquanto servidor do IFCE e atuando no âmbito da Coordenação Pedagógica, deparo-me com a dúvida sobre em qual perspectiva seguir no âmbito da pesquisa, se na minha área de formação e de pesquisa da graduação (Ensino de Ciências) ou por um campo mais próximo às minhas atividades laborais, no campo da educação. Após alguns anos de reflexão, e diante das várias inquietações e possibilidades de pesquisas relacionadas diretamente ao meu setor de atuação, optei por seguir no campo da educação.

É nesse contexto que surge o Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional (ProfEPT), ofertado em Rede Nacional por instituições associadas e que integram a Rede Federal, como é o caso do IFCE. A primeira tentativa de

ingresso no programa deu-se, em 2017, na sua primeira oferta. Apesar de ter um excelente rendimento na primeira etapa (prova objetiva), não obtive êxito na etapa seguinte (prova discursiva). O ingresso ocorreu na segunda tentativa, no ano de 2019, na terceira turma do programa.

A escolha pelo ProfEPT deu-se pela forma de seleção mais democrática e inclusiva, se distinguindo dos demais processos seletivos para ingresso em pós-graduação *stricto sensu*, além de possibilitar a oportunidade de estudar no campo da educação profissional e tecnológica. Ademais,

por ser um mestrado profissional, com aulas em apenas um dia da semana, permite conciliar as atividades inerentes ao programa com as atividades profissionais. Apesar do desafio inerente ao processo de conciliar atividades profissionais com os estudos, o ProfEPT representa a oportunidade de acesso da classe trabalhadora à pós-graduação em nível de mestrado.

Continua, portanto, a minha história imbricada com os Institutos Federais, que perpassa desde a formação superior a nível de graduação, a atuação profissional, até a pós-graduação *stricto sensu*.

Considerações e perspectivas

Caro leitor, a partir da leitura desse memorial você conheceu um pouco dos 26 anos de história que trago comigo até aqui, escrita a partir de reflexões críticas e subjetivas realizadas no momento em que se escreve sobre o caminho percorrido. É uma história da vida real, com suas singularidades, que se encontra em processo de construção.

Minha trajetória, não obstante às minhas raízes, está intimamente entrelaçada com a educação, sempre no contexto de instituições públicas. Fica evidente que a educação representou muito mais do que a possibilidade de acesso ao conhecimento historicamente produzido. Representou, também, a possibilidade concreta de mudança de perspectiva, de horizontes e de vida.

Mas as possibilidades a que me refiro não podem ser vistas como algo aleatório ou como resultado de um processo meritocrático, muito pelo contrário. Não se pode falar em meritocracia quando estamos imersos em um contexto de profunda desigualdade social, com realidades e condições tão distintas entre os diversos sujeitos. O esforço individual até conta, mas são as oportunidades que definem.

Assim, acredito e defendo que a mudança de vida pela educação se faz com uma educação pública, gratuita e de qualidade, com oportunidades de acesso e permanência aos filhos dos trabalhadores, a exemplo de algumas das oportunidades presentes no meu percurso, contempladas neste memorial, e que perpassam todas as etapas do meu percurso formativo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Encaminha a descrição dos cargos técnico-administrativos em educação, que foram autorizados pelo Ministério de Planejamento, Orçamento e Gestão para concurso público. Ofício Circular nº 015/2005/CGGP/SAA/SE/MEC, de 28 de novembro de 2005.

FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2001.p. 175.

Tecendo uma história de luta

Sheila de Sousa Teodosio³⁷

*Sai de casa só
Sem GPS pra seguir
(A Banda Mais Bonita da Cidade).*

Introdução

Depois de muito esforço e dedicação, finalmente consegui a aprovação no mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica - ProfEPT. E ao iniciar as aulas, os professores da disciplina de Seminário de Pesquisa passaram como atividade a escrita de um memorial formativo, que Rodrigo (2009) descreve como

um relato escrito, com experiências, realizações e reflexões suficientemente significativos para tecer uma trajetória composta de estudo, ensino e produção intelectual. Sua escritura supõe, contudo, mais do que simples memória retentiva: um Memorial assenta-se, inevitavelmente, sobre a lembrança (p. 168).

Desde então o exercício da lembrança se tornou constante, apesar de habitualmente (re)contarmos trechos da nossa história de vida, a atividade de escrever sobre, se apresentou como um grande desafio, pois transcrever memórias é diferente de contar, e diante da emoção do reviver por vezes faltam as palavras para redigir.

Assim, conforme solicitado tentarei de forma clara e sucinta relatar um pouco da minha história, focando no meu percurso acadêmico e

³⁷ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE - *campus* de Fortaleza. Bacharela em Serviço Social pelo IFCE- *campus* de Iguatu, especialista em Políticas Públicas, Gestão e Serviços Sociais pela Universidade Candido Mendes - UCAM. Assistente Social do IFCE - *campus* de Cedro. E-mail: sheila.teodosio@ifce.edu.br.

profissional, nesse processo por algumas vezes adentrarei no pessoal, afinal tudo está entrelaçado.

O meu caminhar: percurso acadêmico e profissional

Início apresentando meu grupo familiar, eles são a base fundamental da minha história. Meus pais são Antonio Teodosio Neto e Francisca de Sousa Teodosio, e dessa união foram gerados três frutos: Elaine Teodosio, minha irmã mais velha, professora de matemática; Sheila Teodosio (eu) e Thiago Teodosio, estudante de Engenharia Mecânica.

Durante muito tempo meu pai foi o único provedor financeiro da família, trabalhava no ramo da avicultura e minha mãe era a responsável por cuidar do lar e dos filhos, cumpria a função socialmente determinada, conforme Guedes e Daros (2009) na sociabilidade burguesa o ato do cuidar é naturalmente relegado à mulher.

Minha história começa a ser tecida no dia 24 de julho de 1989, no município de Maranguape, cidade que se situa ao sopé da serra e faz parte da Região Metropolitana de Fortaleza. Nessa época meus pais viviam em Massapê, um pequeno lugarejo do mencionado município, no qual vivia a família da minha mãe e onde meu pai trabalhava.

Nesta localidade, as condições educacionais até os dias de hoje são bem limitadas, possui apenas uma escola, que oferta a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental. No início dos anos 90 a oferta da educação infantil não era obrigatória pelos estabelecimentos públicos, por isso essa instituição somente ofertava ensino a partir da 1ª série, então para evitar que o contato da minha irmã com a escola fosse tardio meus pais decidiram que minha mãe se mudaria conosco para uma casa que estavam construindo em Fortaleza, no bairro Siqueira, lugar que meus pais vivem atualmente.

Assim, no ano de 1991 nos mudamos para a casa que estava apenas levantada e com as portas principais. Aqui começam nossas idas e vindas: passávamos a semana em Fortaleza e o fim de semana em Massapê, e meu pai sempre que conseguia no decorrer da semana nos visitava.

Iniciei meus estudos na Escola São Judas Tadeu, instituição privada

nas proximidades da nossa residência, com bolsas de estudo custeadas pela empresa que meu pai trabalhava. Neste lugar cursei apenas as duas primeiras séries do jardim da infância, pois o trabalho do meu pai lhe exigiu total dedicação, e ele só conseguiria atender essa solicitação se nós voltássemos a morar com ele dentro da empresa. Diante das condições objetivas, retornamos, mas agora meu pai havia sido transferido para a localidade Olho D'água - Maranguape, no entanto a granja era distante e de difícil acesso, na redondeza não havia escolas e o ponto do transporte coletivo era afastado.

Apesar de todas as dificuldades impostas pelo trabalho do meu pai, não deixamos de ter uma boa base educacional. Fomos matriculadas com bolsa de estudo no Colégio São João, conceituado como uma das melhores instituições de ensino local, possuindo excelentes professores. Ficamos até 1997, ano em que meu pai foi demitido da empresa.

Com sua demissão, minha família mudou-se para nossa casa em Fortaleza e eu fui morar com meus avós em Massapê, pois ficaria mais fácil meu deslocamento para a escola e teria a companhia da minha prima no percurso realizado em transporte coletivo. No ano seguinte, minha avó foi acometida por um câncer, e por essa razão voltei a morar com meus pais.

Com a saída do meu pai do trabalho ficamos em uma situação financeira bem delicada, pois ele já estava com mais de 40 (quarenta) anos, idade avançada para ser absorvido pelo mercado de trabalho formal, minha mãe acima dos 30 (trinta) e com o agravante de não ter experiência profissional, e nós ainda éramos crianças, tínhamos 12 (doze), 8 (oito) e 3 (três) anos, ou seja, ainda não estávamos em idade laboral.

Desde então nossa sobrevivência proveio de trabalhos esporádicos do meu pai, e quando não mais conseguia ser contratado, começou a desenvolver atividade autônoma no comércio, no qual todos nós ajudávamos de alguma forma, dessa forma muito jovens fomos inseridos no mercado de trabalho. Conseguimos respirar mais aliviados em 2008 quando minha irmã conseguiu um contrato temporário como professora do Estado do Ceará.

Retornando ao processo educacional, permaneci na escola supramencionada até o 1º ano do ensino médio, enquanto foi possível arcar com as despesas, desde o desemprego do meu pai conseguimos descontos e a ajuda de familiares para o pagamento das mensalidades.

Agora meu caminho mudou o percurso, meus pais decidiram me matricular numa instituição pública. Escolheram em Fortaleza por entenderem que as escolas da capital possuíam ensino mais qualificado. Fui matriculada na Escola de Ensino Fundamental e Médio Marechal Juarez Távora, não era uma das mais conceituadas, porém dentre as opções que eu tinha, era a que poderia me proporcionar uma maior qualidade de ensino, e nessa escola cursei as duas últimas séries do Ensino Médio.

Inicialmente, esse novo caminho me assustou um pouco, estava diante de uma realidade bem diversa da que vivia anteriormente, um ensino aquém do que havia recebido até agora, na verdade o 2º ano funcionou como uma revisão de conteúdos. No entanto, compreendo que as dificuldades que perpassam o ensino público brasileiro não estão somente na infraestrutura das escolas ou na qualidade da formação docente - afinal tínhamos excelentes professores - mas nas diversas expressões da questão social³⁸ que permeiam esse espaço.

Ainda em 2005, através da minha irmã conheci os centros de línguas estrangeiras de Fortaleza, na qual havia uma seleção para ingresso e as taxas eram simbólicas. Incentivada pelo meu pai, no meio do ano, me inscrevi para seleção da Casa de Cultura Italiana da Universidade Federal do Ceará - UFC, e consegui a aprovação.

Meu pai não satisfeito, já que seu intuito era que eu cursasse inglês, continuou me encorajando e no começo do ano de 2006, me inscrevi para a seleção do Instituto Municipal de Pesquisas, Administração e

³⁸ Conforme Iamamoto (2004) a “questão social” é entendida como expressão das disparidades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediatizadas por relações de gênero, características étnico-raciais e formação regional, colocando em causa as relações entre amplos segmentos da sociedade civil e o poder estatal, tendo por base a disputa pela riqueza produzida socialmente e apropriada de forma desigual.

Recursos Humanos - IMPARH, mas para língua espanhola, visto que não tenho afinidade com o inglês, também obtive êxito nesse processo. Esse ano foi desafiador, estava no último ano do ensino médio, estudando para o vestibular, cursando duas línguas estrangeiras, e ainda precisava decidir que caminho queria seguir depois de finalizar o 3º ano, como se não bastasse tudo isso as escolas estaduais entraram em greve.

O tempo transcorreu e é chegada a hora de me inscrever no vestibular, ainda encontrava-me um pouco desorientada sobre qual curso escolher, mesmo sem ter a certeza do rumo profissional que gostaria de seguir decidi por Farmácia na UFC. Reconheço que me direcionei para essa área vislumbrada com o discurso que a saúde proporciona um bom retorno financeiro. Por que exatamente esse curso dentre os outros da área da saúde? Pela razão que já apontei mais acima, e por este ser o menos concorrido dessa área, porém não consegui a aprovação. Ainda, me inscrevi no então Centro Federal de Educação Tecnológica do Ceará - CEFET - CE, para Turismo, área sem nenhuma correlação com minha decisão anterior, talvez essa escolha foi influenciada pelos dois cursos de idiomas que estava cursando e por correlacionar Turismo a viagem, e isso ser uma das minhas paixões, também não logrei êxito.

Continuei os estudos em casa, e no meio do ano seguinte me inscrevi novamente no vestibular, dessa vez tentei para Bacharelado em Química na Universidade Estadual do Ceará - UECE escolhi esse curso, pois continuava vislumbrando Farmácia e o intuito era utilizar essa graduação como um trampolim para meu objetivo, não fui selecionada.

Diante das tentativas fracassadas e por não ter clareza do caminho profissional que queria seguir, conversei com meus pais e os informei que iria me dedicar aos cursos de língua estrangeira e ao concluí-los voltaria a tentar o ingresso na faculdade, e assim o fiz até 2009.

Nesse período, além dos cursos, busquei formas de ajudar financeiramente em casa. Trabalhei dando aulas de reforço escolar, passei um curto período pelo comércio, e posteriormente, adentrei no espaço educacional, levada por minha irmã. Algumas vezes, ela precisava se ausentar,

e a substituía aplicando atividades; outros professores da instituição também começaram me solicitar, quando percebi estava assumindo o exercício da docência. Foi nesse ambiente que comecei a desenhar o caminho profissional que queria seguir. A docência não me chamava muito a atenção, mas o espaço educacional me atraía. Naquele universo uma coisa que me inquietava eram os problemas sociais que ali se manifestavam.

Em 2010, como havia prometido, voltei a estudar para o vestibular, e agora tinha clareza do curso que escolheria: Serviço Social. Para atingir meu objetivo, me matriculei no cursinho pré-vestibular da UECE, e durante esse ano conciliei trabalho e estudo. No fim do ano me inscrevi para seleção desta instituição, mas não escolhi Serviço Social, em razão de ter uma concorrência altíssima, decidi por Letras - Espanhol, afinal havia me apaixonado por esse idioma e acreditava que conseguiria aprovação nesse curso, de fato fui aprovada.

Havia me inscrito também no Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM e no período para cadastro de interesse no curso e universidade desejada no Sistema de Seleção Unificada - Sisu, descobri a existência da graduação em Serviço Social³⁹ no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará - IFCE - campus Iguatu, e o principal: a minha nota do ENEM permitia meu ingresso. No entanto, me deparei com alguns empecilhos, o primeiro deles era a questão financeira, neste momento apenas minha irmã possuía renda fixa, visto que acabava de ser empossada como professora efetiva do Estado e o segundo era a distância dessa cidade para minha residência. Expus a minha família o quanto queria cursar essa graduação, meus pais não se opuseram, mas me lembraram do fator financeiro, e minha irmã mesmo arcando com as despesas de casa me encorajou a ir e se responsabilizou pelos gastos.

Essa decisão me rendeu algumas críticas entre amigos e familiares,

³⁹ O Curso de Serviço Social originou-se no IFCE, campus Iguatu, a partir de 2010, configurando-se como o segundo curso presencial público do estado, sendo o primeiro oferecido pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) com mais de 60 anos de criação (IFCE, 2013, p. 9)

pois acreditavam que eu deveria cursar Letras ou pagar Serviço Social numa instituição privada, afinal o dinheiro que custearia minha permanência em outra cidade daria para pagar a mensalidade de uma faculdade particular. Porém, já conhecia o processo formativo das universidades públicas, a qualidade dos cursos, e as vivências que esse espaço poderia me proporcionar, por essa razão decidi pelo curso de Serviço Social.

No começo de 2011, me mudei para Iguatu, fazendo o fluxo inverso, pois a cidade está localizada na região Centro-Sul do Estado, com população de 102.498 habitantes (IBGE, 2019). Quando realizei a matrícula, já reservei o local para morar. Foi um começo bastante difícil, uma vez que dividia um apartamento de três cômodos com 5 (cinco) pessoas, com personalidades distintas; precisava lidar com a distância de casa e do convívio familiar. No entanto, em meio às dificuldades, duas coisas me ajudaram a me manter firme: a independência que meu pai sempre tentou nos ensinar e um anjo que me foi enviado, Daniel Saraiva, meu namorado, amigo, pilar que me apoia, sustenta e encoraja até hoje.

Iniciei o curso, que por sinal é difícilíssimo e tem uma carga teórica extensa e densa, e comeci a procurar trabalho para me manter na cidade sem a ajuda da minha irmã. Percebi que o mercado de trabalho na região é limitado, o comércio e a Prefeitura são os espaços que mais absorvem mão de obra. Entreguei alguns currículos e nas entrevistas conclui que mesmo o curso sendo no turno da noite não iria conseguir conciliar trabalho e estudo.

O curso de Serviço Social ainda estava nascendo, entrei na segunda turma, por essa razão todos se conheciam e o corpo docente era reduzido, fato que facilitava a aproximação entre discentes e docentes. Dentre os professores existentes, tínhamos uma que além de ser uma excelente profissional, é uma pessoa maravilhosa e muito humana, professora Adriana Alves. Na época era coordenadora do curso, aos poucos fomos nos aproximando e contei sobre minha história, em seguida ela conseguiu uma bolsa acadêmica, modalidade de auxílio estudantil, hoje conhecido como

auxílio formação⁴⁰. Exerci a atividade de bolsista na própria coordenação do curso por um período de 6 (seis) meses, e no contato com os professores que este espaço me proporcionava, fui despertando para o universo da pesquisa.

Deixei a bolsa acadêmica quando fui selecionada para o Projeto de Extensão: “Juventude e Cooperação Agrícola: a utilização das TIC’S no fortalecimento da agricultura familiar”, um projeto que desenvolvia atividades com assentamentos e comunidades rurais da região que possuíam organizações juvenis. Foi um projeto rico em aprendizagem, e apesar da extensão ter duração de 1 (um) ano, permaneci por apenas 8 (oito) meses, pois alcei outros voos.

O IFCE inovava criando seu próprio programa de intercâmbio: o IFCE Internacional⁴¹. Na sua 1ª versão uma das ofertas existentes era para o curso de Serviço Social, e coincidentemente a vaga era para Espanha. Assim, me inscrevi e fui selecionada, no entanto essa vitória não era somente minha, mas de todo o curso. Pela razão que o curso ainda estava sendo gestado e precisava de reconhecimento, e por ser incompreendido, ao contradizer a lógica da instituição com seu perfil crítico e questionador.

Em janeiro de 2013, embarco rumo a Santiago de Compostela com a responsabilidade de representar o curso de Serviço Social do IFCE - campus Iguatu e de apreender a dinâmica do curso nesse país para compartilhar as experiências ao retornar. Em poucas palavras, foi uma experiência acadêmica, cultural, pessoal e profissional indescritível.

⁴⁰ O auxílio formação visa ampliar a formação de discentes, por meio da vinculação a projetos nas áreas de ensino, pesquisa, extensão ou projetos sociais e/ou culturais, que estejam relacionados ao seu curso (IFCE, 2019, p. 3).

⁴¹ O Programa de Bolsas IFCE Internacional visa consolidar a internacionalização do IFCE, propiciando a interiorização destas ações, bem como oportunizar a participação de alunos de diferentes níveis de ensino, oportunizando a participação de discentes do ensino técnico cuja oferta para mobilidade internacional é quase inexistente (IFCE, 2015).

Na metade do ano, retornei a Iguatu, e fiz o repasse da experiência para toda a comunidade acadêmica. Pouco antes de regressar, fui convocada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE para ocupar a vaga temporária de agente de pesquisa e mapeamento, seleção que havia feito anteriormente, e ao chegar assumi o cargo, ficando até a conclusão da minha graduação.

No desenvolver do curso, minha paixão pela educação só aumentou. Quando chegou o período para cursar a disciplina de estágio obrigatório escolhi realizar no IFCE - campus Iguatu, visto que assim estaria inserida na Política de Educação, esse processo me confirmou que era na educação que queria atuar.

Cursar Serviço Social me ressignificou, passei a ter uma visão de mundo diferenciada e a indagar tudo que está posto. Nesse percurso me aproximei de alguns teóricos como: José Paulo Netto, Marilda Iamamoto, Elaine Behring, dentre outros que me fizeram compreender a relação capital x trabalho, a luta de classes, a sociedade capitalista. Nas vivências que o processo formativo me proporcionou construí um perfil crítico e reflexivo e desconstruí conceitos que tinha pré-estabelecido.

No 7º semestre da graduação, em razão das condições objetivas, comecei a me inscrever em concursos para o cargo de Assistente Social, visto que nessa área o setor que mais emprega é o público. Antes de concluir o curso, consegui aprovação na Prefeitura de Boa Viagem, mas não assumi a vaga; depois de várias tentativas sou aprovada, na Universidade Federal da Paraíba - UFPB.

Iniciei meu trabalho como Assistente Social no fim de 2016 na UFPB - *campus* Areia, exatamente na área que almejava: na Educação. Desenvolvia atividades dentro da Política de Assistência Estudantil, com os discentes da graduação. Nesse *campus* permaneci 10 (dez) meses, quando fui removida para João Pessoa. Continuei trabalhando na mesma política, mas agora o público era o ensino técnico.

Fiquei lotada na Escola Técnica de Saúde - ETS, vinculada a UFPB, nesse espaço tive meu primeiro contato com o ensino técnico, enquanto

profissional. Essa modalidade de ensino me trouxe algumas indagações, por essa razão me debrucei sobre as leituras da temática para compreender sua organização e funcionamento, e assim poder exercer meu trabalho com qualidade. Aqui também desenvolvi atividades junto ao Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego - Pronatec.

No entanto, minha passagem por este local foi rápida, com 8 (meses) consegui minha redistribuição para o IFCE - *campus* Cedro, onde estou atualmente. Antes de sair da ETS consegui junto com minha grande amiga psicóloga Jussara Chaves deixar pronto o Regulamento da Política de Assistência Estudantil da Escola Técnica de Saúde, e poucos meses depois foi aprovado pela maior instância deliberativa da UFPB e está em pleno uso atualmente.

Após discorrer sobre esse caminho longo e sinuoso, chegamos ao ponto que mais interessa ao memorial. Por que escolhi o ProfEPT? De acordo com meu pai, o estudar não tem fim. Como já havia concluído a graduação, e estava cursando uma especialização, o próximo passo seria o mestrado. Ainda não havia tentado nenhuma seleção de mestrado por achar o processo seletivo dificultoso para quem está fora dos espaços de produção. No início de 2017, vejo nas redes sociais o edital para o mencionado mestrado e ao ler me identifico com a proposta, me chamando atenção o processo seletivo, que consistia em prova objetiva e subjetiva, e a organização das aulas uma vez por semana, me permitindo conciliar o trabalho com o curso.

Nesse ano, ainda muito ligada ao Ceará me inscrevi para a seleção do IFCE, para a ampla concorrência, sem êxito. No ano seguinte tentei novamente, mas para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB, não obtive aprovação. Como não costumo desistir dos meus objetivos, em 2019, me inscrevi mais uma vez, agora como servidora do IFCE pude concorrer na modalidade de reserva de vagas para servidores, investi nos estudos, e dessa vez fui aprovada.

Sobre o objeto da dissertação e o produto educacional que necessito produzir no decorrer desses dois anos de curso ainda estou perfilando.

Quero trabalhar com a temática da assistência estudantil, visto que esta foi fundamental no meu processo formativo e por compreender sua importância na permanência e conclusão com êxito dos discentes. Durante toda a graduação fui beneficiada com auxílio moradia, e utilizei outras modalidades de auxílio. Ainda, é nessa política que atuo enquanto Assistente Social.

Assim, pretendo analisar a gestão da Política de Assistência Estudantil no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará no que se refere às formas de registros e avaliação dos programas e serviços ofertados, e como produto educacional proponho a elaboração de um sistema de registro de informações e dados integrados dos discentes que acessam os serviços e programas da assistência estudantil do IFCE, a ser utilizado pelos profissionais da equipe multiprofissional.

Conclusão

Concluo explicando que mesmo conseguido vencer as dificuldades impostas socialmente, compreendo que na sociabilidade burguesa, isso não se aplica a todo mundo. As realidades são diversas. Em meu percurso sempre possuí uma rede de apoio para me sustentar, minha família sempre colocou a nossa educação como prioridade, muitas vezes abrindo mão de seus desejos, fatos estes que me permitiram fazer essa caminhada.

Aproveito também para enfatizar a importância da expansão da educação superior pública, pois esta é a única que consegue ofertar o tripé pesquisa-ensino-extensão, importante no processo formativo. Pontuo a importância que foi a criação do curso de Serviço Social no IFCE - *campus* Iguatu para a região, e que apesar de destoar da proposta dos Institutos Federais - IF's, compreendo que esses têm condições de acolher esse curso. E que na atual lógica de mercantilização do ensino é preferível que sua expansão se dê por essa via.

Finalizo expondo que apesar de estarmos no início do mestrado, tem sido desafiador conciliar o curso com a jornada de trabalho de 40 horas e os deslocamentos. Diariamente, me desloco 55 (cinquenta e cinco) quilômetros até o local de trabalho, agora mais 700 (setecentos) quilômetros

- ida e volta - para assistir aula toda sexta-feira. Diante do exposto e considerando os inúmeros *campi* do interior e o nosso direito de aperfeiçoamento, deixo duas sugestões para avaliação: ofertar as aulas em dois dias quinzenalmente ou ofertar o mestrado em um *campus* na Região Sul do Estado, oportunizando o acesso a um número maior de pessoas.

Referências

GUEDES, O. S; DAROS, M. A. *O cuidado como atribuição feminina: contribuições para um debate ético*. Serviço Social em Revista, v. 12, n. 1, 2009. Disponível em <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/10053>>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

IAMAMOTO, M. V. *A questão social no capitalismo*. Revista Temporalis. 2ª ed. Brasília, v. 2, n. 3, 2004.

IBGE. *Cidades*, 2019. Disponível em <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/iguatu/panorama>>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

IFCE. *Resolução Nº 14 de fevereiro de 2019*. Aprova o Regulamento de Concessão de Auxílios Estudantis no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará. Disponível em <<https://ifce.edu.br/espaco-estudante/assistencia-estudantil/regulamento-de-auxilios-estudantis-do-ifce/resolucao-ndeg-14-aprova-o-regulamento-de-auxilios-estudantis-no-ambito-do-ifce.pdf/view>>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

IFCE. *Projeto Político Pedagógico do Curso de Serviço Social*, 2013. Disponível em <<https://ifce.edu.br/iguatu/menu/cursos/superiores/bacharelados/servico-social/pdf/ppp-atualizado.pdf>>. Acesso em 15 de setembro de 2019.

IFCE. *IFCE Internacional*, 2015. Disponível em <<https://ifce.edu.br/instituto/gabinete-do-reitor/ifce-internacional>> Acesso em 15 de setembro de 2019.

RODRIGO, L. M. *O Memorial acadêmico: uma reconstrução póstuma do passado*. Filosofia e Educação (Online) – Revista Digital do Paideia, v. 1, 2009. Disponível em <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8635559/3352>>. Acesso em 12 de setembro de 2019.

Revivendo minhas memórias: trajetos de uma professora questionando os limites do ato de ensinar e de aprender

Silvia Helena Barros Costa⁴²

“Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado”

Rubem Alves

Caro leitor, convido você a viajar comigo. Desejo contar-lhe a história da minha vida pessoal e profissional. Será uma viagem interessante de matizes variados, de tons coloridos e outras vezes de tons menos vibrantes, pois assim são as cores que pintam a tela da nossa existência. Enquanto nos deslocamos, iremos observar a cidade através das janelas, ouvindo os sons, vendo o movimento e as cores, objetivando pensar a escola e a vida.

Nesse momento, me encontro em uma plataforma de metrô aguardando o embarque e lembrando o dia dezanove de junho de 2019,

⁴² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Graduada em Pedagogia e Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), especialista em Gestão Escolar pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), especialista em Gestão da Educação Pública pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFMG) e especialista em Literatura e Formação do Leitor pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Professora aposentada da Rede Estadual de Ensino do Estado do Ceará.

quando recebi uma mensagem via WhatsApp de Paulo César Rocha, professor do Curso Preparatório para o ENA - Exame Nacional de Acesso, prova para o ingresso no Mestrado do IFCE- Instituto Federal de Educação do Ceará.

- Seu nome é Silvia Helena?
- Sim.
- Barros Costa?
- Sim.
- Tenho uma notícia para lhe dar. Você foi aprovada no mestrado do ProfEPT.

Quanta alegria ser aprovada nesse mestrado – etapa de crescimento pessoal e profissional que pretendia há algum tempo e que agora se concretizava, mas meu amigo leitor, o trem já vem se aproximando. Venha comigo, pois, estou realizando uma tarefa para cumprir uma das primeiras disciplinas dos meus estudos. A viagem será rápida e bastante significativa. Estamos na estação Parangaba, nome que nos reporta às origens da nação e também do nosso Estado. Quero lhe falar de minhas raízes.

Nasci na cidade de Quixadá-CE, na década de 60, mas minha família não é propriamente quixadaense. Meu avô paterno Cazuzza Barros é natural de Aurora e nos idos de 1920 era viajante. Vendia fumo e rapadura, trazidos de Crato para Quixadá e daqui para Quixeramobim, Russas, Limoeiro e cidades circunvizinhas. A mercadoria era transportada por animais e nessas viagens conheceu minha avó Calixta, na cidade de Morada Nova, após pedir abrigo na casa daquele que seria meu bisavô. Casaram-se e adquiriram uma fazenda em Quixadá, distrito de Tapuiará e tiveram dez filhos. Meu pai Joaquim Barros (*in memoriam*) é o sétimo filho dessa união. Meu bisavô materno Idelfonso Ferreira natural de Iguatu conheceu minha bisavó Maria às vésperas do casamento. Minha avó, Júlia Ferreira é a segunda filha nessa linha genealógica. Meu avô Inocêncio Pereira, natural de Crato, casou com vovó Júlia e também tiveram dez filhos. Minha mãe é a primogênita, professora formada no Colégio Sagrado Coração de Jesus, título raro

para os anos de 1950. Estou contando isso leitor para que você perceba o lugar do trabalho, da educação e da mulher no Ceará, nos anos finais do século XIX e início do século XX.

Meus pais tiveram quatro filhos: Marcos, Silvia, Ana Paula (in memorian) e André. Estudei quase sempre em escola pública, pois as escolas particulares eram caras e nosso poder aquisitivo não era suficiente para que quatro filhos estudassem na rede privada. No final do ensino fundamental e médio ganhei uma bolsa e fiz o curso Normal trilhando os passos de minha mãe.

O trem avança com velocidade e estamos chegando à Estação Juscelino Kubitschek. Essa estação movimentada assemelha-se à dinâmica que eu enfrentaria na profissão e na vida. Estou aqui pensando nos meus primeiros anos de trabalho. Quero lhe dizer que iniciei em 1982 na escola particular, lecionando em turmas de 4ª série e no segundo semestre desse mesmo ano recebi um contrato de 100h/a do Estado para lecionar em turmas de 5º ao 8º ano na rede municipal. As turmas eram tão cheias quanto esse transporte e chegavam a cinquenta alunos. O quadro de professores das escolas estaduais era composto em sua maioria por professores com formação em Ensino Médio, somente aqueles que se deslocavam para Limoeiro do Norte, Sobral, Crato ou Fortaleza é que eram licenciados. E para que eu pudesse ser aluna do curso de Pedagogia, a interiorização da Universidade no Sertão Central iniciou-se no final da década de 1970, sob o comando do professor Luís Osvaldo Sant'Iago Moreira de Sousa. Inicialmente, nosso professor e grande idealizador do ensino superior da região central cuidou de aspectos relacionados à doação do terreno e construção do prédio com apoio das autoridades e da comunidade. Nas palavras de Sousa retratamos um pouco dessa luta.

A região do Sertão Central a única do Estado que, à época não possuía nenhuma escola superior de formação de professores, e por julgá-la essencialmente necessária à política de capacitação de magistério, sem o que não se poderia melhorar a qualidade de ensino, assumi o compromisso de

lutar por outras formas e recursos de buscar o seu funcionamento. (SOUSA, 1994, P. 13)

O objetivo maior se concretizaria quando nós, os alunos, estivéssemos nas salas de aulas estudando Gadotti, Gramsci, Frigotto, Saviani e especialmente Freire dentre outros. Estava se abrindo um espaço para os filhos dos trabalhadores. Sousa assim explica.

Assim, permaneciam, classe dominante e classes subalternas, 'con-correndo' para uma obra que fenomenicamente parecia a mesma, mas que na essência, se deveria distinguir. Como se fosse um pacto de trégua na luta pela hegemonia. De um lado, a classe dominante crente que dali extrairia seus dividendos eleitorais (...). De outro lado, a classe dominada - cabeça feita pela Ideologia Dominante - na busca de um ponto de referência de algo que a fizesse 'subir na vida', ou seja, que a levasse a ascender aos degraus sociais que lhe dariam a oportunidade de 'conviver' nos círculos de domínio da região. (SOUSA, 1994, p. 16)

E a interiorização se fez realidade. Foi um tempo de muito aprendizado, pois, logo em seguida passei no vestibular de Pedagogia e, amigo leitor, tornei-me aluna pioneira da FUNESC - Fundação Educacional do Sertão Central, hoje denominada Faculdade de Educação Ciências e Letras do Sertão Central- FECLESC.

Eu trabalhava manhã e tarde e estudava à noite. Já vivi tantas experiências na educação, e, essa do Mestrado, não poderia deixar de ser saboreada. É um fruto amadurecido no tempo certo, refrescado pela chuva e pela brisa da tarde que me faz refletir e olhar com alegria para tudo o que aprendi com as pessoas.

O Estado retirou seus professores da rede municipal e eu fui para a Escola de Artes Industriais, onde fui lotada cerca de cinco anos, desempenhei as funções de professora e tive minha primeira experiência em gestão. Já era tempo de aprender mais e prossegui minha viagem nos caminhos da educação.

Divido agora com você leitor, momentos felizes da minha vida pessoal. No ano de 1990 casei com George Duarte Costa e, no ano seguinte, nasceu o nosso George Filho. Lya, nossa segunda filha, nasceu em 2005. Nossos filhos enchem a vida de alegria e por eles damos sentido a muitas ações que fazemos todos os dias. Por eles nós nos inspiramos e acreditamos que também somos inspiradores das coisas boas que a vida traz.

O trem vai diminuindo a velocidade e chegamos à Estação Couto Fernandes. Olho as ruas e percebo crianças nos transportes escolares. Estão limpas, fardadas, mochilas pesadas. Estão a caminho do futuro. Preparam-se para exercer cargos, para serem médicos, professores, artistas? O tempo dirá.

Novas determinações: os professores deveriam ser lotados no Ensino Médio e havia carência na EEEM Coronel Virgílio Távora. Por isso eu fui convidada pelo diretor da época, Ailson Silveira, a ampliar minha carga horária para 200 h/a. Assim encerrei minhas atividades na escola particular. Isso aconteceu em 1990. E agora era: estudar, participar de feiras, aulas de português e de literatura, estudar e estudar, preparar aulas para o pedagógico, Didática do Português, organizar as numerosas turmas de 2º e 3º anos para estágios. Minha parceira era a professora Fátima Viana. Criamos a Escola Magia do Saber para acomodar tantas alunas nos estágios de observação e regência de classe. E as questões pertinentes a essa atividade pedagógica começaram a me inquietar. Educação e trabalho são realmente atividades integradoras na formação humana?

Meu diretor da escola municipal, Cleune Queiroz, lançou um desafio para que eu participasse de uma seleção na rede estadual para a função de Coordenadora Pedagógica. Era o início da gestão democrática nas escolas estaduais. Fiz o concurso, passei e permaneci em cargos de gestão até o ano de 2011. Ora na direção geral, ora na coordenação pedagógica. Aceitei o desafio pensando nas palavras de Freire, que nos diz que “ensinar exige risco e aceitação do novo.”

É próprio do pensar certo a disponibilidade ao risco, a aceitação do novo que não pode ser negado ou acolhido só

porque é novo, assim como o critério de recusa ao velho não é apenas o cronológico. O velho preserva sua viabilidade ou que encarna uma tradição ou marca uma presença no tempo que continua. (FREIRE, 1996, p. 39)

E eu me lembro dos anos de gestão na Escola Pública que trabalhei no bairro Campo Novo. Inicialmente, no fundamental I, com crianças que enfrentavam as mais variadas dificuldades para concretizar o processo de alfabetização e dar continuidade até a 8ª série. Nós estávamos participando da “universalização” do ensino fundamental, da implantação do Ensino em Ciclos, assistindo e ministrando as “capacitações” e, quando as últimas escolas implantaram o modelo de Ciclos, o ensino fundamental foi municipalizado e, não somente a matrícula, mas também os prédios e o patrimônio foram incorporados pela rede municipal.

A preparação dos professores para o trabalho com projetos didáticos de ensino foi uma experiência rica em diversos aspectos. Havia profissionais que se apresentavam com disponibilidade para selecionar os temas e preparar as atividades que pretendíamos desenvolver junto com os alunos, embora o nosso currículo seja formado por disciplinas que têm dificuldade de se comunicar entre si. Havia outros que, temendo o novo ou apresentando dificuldades conceituais para desenvolver novas metodologias, mencionavam obstáculos para viabilizar a proposta, portanto, não era tarefa simples incorporar os projetos à prática docente. Trabalhar sem o roteiro pré-determinado dos textos exigia uma dose extra de criatividade, de vontade de superar as disciplinas com rol de conhecimentos e o livro didático como um ente superior que comanda os conteúdos que serão ensinados em cada série. Alves nos ensina que sair da rotina pode nos levar ao prazer de descobrir como conhecer.

É muito fácil continuar a repetir as rotinas, fazer as coisas como têm sido feitas, como todo mundo faz. As rotinas e as repetições têm um curioso efeito sobre o pensamento: elas o paralisam. A nossa estupidez e a nossa preguiça nos levam a acreditar que aquilo que sempre foi feito de um

certo jeito deve ser o jeito certo de fazer. Mas os gregos sabiam diferente: sabiam que o conhecimento só se inicia quando o familiar deixa de ser familiar; quando nos espantamos diante dele; quando ele se transforma num enigma. ‘O que é conhecido como familiaridade diz Hegel não é conhecido pelo simples fato de ser familiar’. (ALVES, 2002, p. 77-78)

As escolas passaram por muitas mudanças e não somente no pedagógico. A gestão também vivenciou a descentralização da merenda escolar, o conselho escolar foi criado, houve eleições para o grêmio estudantil, tivemos que aprender a fazer licitações e prestações de contas porque as escolas até 600 alunos não dispunham de coordenador financeiro, então acumulávamos as duas funções. E estou me indagando se realmente todos os organismos colegiados garantiram a democracia pretendida na escola. Todas essas experiências aconteceram de 2000 a 2007, na EEF Nemésio Bezerra em que fui diretora geral e coordenadora pedagógica, participando dos editais de concurso da SEDUC- Secretaria de Educação, com provas de conhecimentos e de títulos e eleição pela comunidade escolar.

O trem corre. A metade da viagem se aproxima e a estação é Porangabussu. Segundo Carvalho (1987) no Dicionário Tupi-guarani português, “PORANGA. Adjetivo (pronúncia: pôranga): belo, bonito, de sorte, bom, feliz, formoso. Substantivo: beleza. moranga. Em tüpinambá e em guarani é porã”. O nome está associado à lagoa incrustada nesse bairro. Meu pensamento está distante de qualquer problema ecológico que esses oásis que embelezam a cidade de Fortaleza possam enfrentar. Retomo aqui um pouco da trajetória acadêmica. O governo do estado proporcionou, através de uma parceria com a Universidade Federal do Ceará e a Universidade Vale do Acaraú minha primeira especialização em Gestão Escolar acertando o perfil de gestores para os cargos. Mais à frente cursei a Especialização em Gestão da Educação Pública através da parceria do estado do Ceará com Minas Gerais. Senti a necessidade da segunda graduação e junto com a amiga-irmã Salete Lopes cursamos Letras-

Literatura na FECLESC. Logo em seguida entrei na Especialização de Literatura e Formação do Leitor, sob a coordenação da Profa. Dra. Valdenia Silva. Estamos em 2011.

Estudar é libertador na nossa vida porque nos provoca experiências diversas, nos faz construir pontes para intervirnos com mais sabedoria nas situações que se apresentam no ambiente escolar. Acredito no poder transformador da educação, porém comungamos com as palavras de Freire (2000, p.67) quando afirma que “Se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda.”

Nesse período já estávamos quase completando dezesseis anos de experiência em gestão escolar e isso nos trazia tranquilidade. As lições positivas foram muitas, lembro de várias: os grupos de dança das adolescentes se apresentando nos eventos, a realização de movimentos objetivando arrecadar fundos para comprar o terreno em que seria construída a quadra esportiva Francisco Eduíno na EEF Nemésio Bezerra e depois a luta pela regularização dos documentos para licitar a quadra da EEEM Abraão Baquit, a qual foi denominada Nair Pereira da Silva, minha tia e madrinha materna. Amigo leitor, é muito gratificante ter experimentado tudo isso.

Ao longe se avista um acidente. A ambulância está parada e as luzes piscam, os profissionais da saúde se dedicam às vidas, os guardas trabalham para que o trânsito se restabeleça. Desse lugar é possível ver um conjunto de ações voltadas a um fim comum. Estamos chegando à estação Padre Cícero, mas o trem não para porque ela está fechada para reparos. Foi a última estação a ser entregue aos fortalezenses.

Sabe o que estou pensando leitor? Que muitas vezes precisamos superar as dificuldades que se apresentam na vida e na escola. Elas são muitas e interferem diretamente no resultado do nosso trabalho. Enfrentamos a evasão e a reprovação em todas as modalidades, mas na Educação de Jovens e Adultos as forças da escola são insuficientes para fazer com que o jovem permaneça numa escola que não tem um projeto pedagógico que se adapte ao seu projeto de vida. A participação dos pais na aprendizagem dos filhos, como também sua presença nas reuniões são temas que nos

fazem ter a certeza de que mesmo fazendo um esforço que nos adoece, não podemos tudo e deixamos para trás muitas coisas que gostaríamos que tivessem sido diferentes. A violência, mesmo numa cidade interiorana, ceifa a vida dos jovens que se envolveram em situações de risco ou são vítimas de um sistema que não lhes proporciona oportunidades. Outros desafios se apresentavam: preparar os alunos para participar das avaliações de sistema, de inscrevê-los contra a sua própria vontade para manter a estatística que era cobrada às escolas, mesmo que no dia do ENEM- Exame Nacional do Ensino Médio a frequência não atingisse os números desejados. As ações pedagógicas descritas no PDE- Plano de Desenvolvimento da Escola, financiadas pelo BIRD- Banco Interamericano de Desenvolvimento, eram elaboradas pelo coletivo e nós vencíamos algumas e sentíamos dificuldade em outras, porque por vezes os fatores eram externos à escola. São memórias que ficarão guardadas para sempre. Elas estão sempre acompanhadas da força e da coragem dos profissionais que fazem o “chão da escola”.

É importante para mim, registrar que tive algumas experiências com o ensino superior lecionando em turmas de Pedagogia, inicialmente na UVA – Universidade Vale do Acaraú que funcionou em Quixadá, a convite da coordenadora Goretti Guerreiro. Atualmente trabalho com EAD – Educação à Distância, na tutoria, também com turmas de Pedagogia. Sinto que a aprendizagem é um caminho que nos transforma infinitamente.

As Escolas Profissionais da CREDE 12 são o espaço da minha pesquisa e pretendo investigar a disciplina Mundo do Trabalho para compreender se a preparação para o trabalho e a formação humana integral dos jovens cearenses acontecem de forma complementar, portanto o tema ultrapassa a disciplina em si, pois permite questionar sobre como os ofícios para os quais a classe trabalhadora é treinada são determinantes da divisão social do trabalho.

No ensino médio a sala de aula vai se tornando cada vez mais espaço de discussão. Adolescentes e adultos são capazes de aprender, de

questionar o que está sendo ensinado e como o conhecimento é transmitido. Os alunos identificam, com facilidade, metodologias que proporcionam o conhecimento como construção e compreendem que o conhecimento apenas copiado não é um modelo que vai ajudá-lo a transformar a vida.

Finalmente chegamos à estação Benfica e eu estou de pé. A luz do sol vai sumindo porque essa é uma estação subterrânea. Vamos mergulhando nas descobertas que foram feitas para que pudéssemos desfrutar dos conhecimentos elaborados para responder às necessidades de deslocamento nos grandes centros urbanos e certamente fazendo esse percurso porque outros se dedicaram em longas horas de estudo. Deço aqui para me dirigir ao IFCE- Instituto Federal de Educação do Ceará, onde curso o Mestrado Profissional. Lembro que a última escola que trabalhei foi a EEEP Maria Cavalcante Costa, lotada no Centro de Multimeios e me preparo para a minha aposentadoria. É o ano de 2014.

Agora tenho a possibilidade de estudar um tema que contribua com as inquietações que sempre tive quando trabalhava nas escolas: perceber tantos alunos necessitando trabalhar para completar a renda familiar e ao mesmo tempo estar imersa em uma situação que tornava incompatível as relações entre estudo e trabalho para os discentes. Investigar os motivos da evasão escolar sempre me colocava diante das justificativas que levavam os alunos a se mudarem de cidade em busca de trabalho. Ao estudar a disciplina será possível perceber se a educação profissional ofertada nos cursos técnicos do ensino médio reflete o que se deseja que o aluno compreenda sobre a vida, sobre a sociedade que ajuda a construir com a sua essência.

A partir da formação para o trabalho ofertada aos alunos do ensino médio quero responder à pergunta: Quais as relações entre as práticas pedagógicas desenvolvidas na disciplina Mundo do Trabalho e a constituição da “visão ampliada do trabalho, oportunidade de realização pessoal e profissional e formação cidadã” de jovens estudantes da Escola Profissional, a partir da problematização da realidade na direção da emancipação humana?

Quero contribuir com um produto educacional que reflita as relações entre trabalho e educação, pois nesse processo único enquanto produz o homem também se forma. E como consequência imediata temos a concretização de uma escola para os trabalhadores intelectuais e outra para os trabalhadores manuais. Compreendo que é preciso questionar essa sociedade e essa escola. Enquanto caminho até a sala de aula, vou pensando que educar é um ato desafiador e contínuo e que, talvez, a gente se encontre em outras searas da vida. Até breve, leitor!

Referências

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas - SP: Papirus, 2002.

Carvalho, Moacyr Ribeiro de C331 **Dicionário tupi (antigo) português**. Salvador, 1987. 1. Língua tupi - Dicionário - Português. http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Acarvalho-1987-dicionario/Carvalho_1987_Dic-TupiAntigo-Port_OCR.pdf. Acesso em 12/09/2019.-

https://educacaoprofissional.seduc.ce.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=61&Itemid=165. Guia de Estágio. Acesso em 13/10/2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. .

_____. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. Apresentação de Ana Maria Araújo Freire. Carta-prefácio de Balduino A. Andreola. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

SOUSA, L. O. S. **Educação e Felicidade**: do processo individual de estar-sendo ao projeto coletivo de vir-a-ser-mais. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal do Ceará, 1994.

De volta à pesquisa

Yuri Feitosa Benevides⁴³

“Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”

Gonzaguinha

Introdução

A escrita de um memorial apresenta-se como um desafio interessante de método de análise e de escrita. Comumente aprendemos na academia que o pesquisador deve encontrar uma justa distância entre ele e o objeto analisado. Já na produção de um memorial o autor deve refletir e escrever sobre si, colocando em risco o distanciamento desejável, o que já antecipa ao leitor a compreensão de se tratar de um texto mais intimista, passional, flexível. De acordo com CATROGA (2001, p.39) “a memória sacraliza as recordações” e “sua retrospectiva não põe entre parêntesis as paixões, emoções e afectos do sujeito”. REIS (2010, p.33) ao tratar do pensamento de Paul Ricoeur escreve

Contudo, a fenomenologia da memória ricoueuriana surpreende: a imaginação não é sempre inimiga da memória e, juntas, podem realizar um resgate mais pleno da experiência passada. Se, por um lado, de fato, a memória precisa se precaver contra a presença alucinatória do imaginário, que a torna sem crédito, por outro, ela pode se utilizar e se aliar à imaginação para pôr o passado sob os olhos, para torná-lo visível.

Nesse memorial está contido uma parte do meu trajeto formativo

⁴³ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (PROFEPT) pelo Instituto Federal do Ceará (IFCE). Licenciada em História pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Rede Estadual do Ceará e da Rede Municipal de Fortaleza. Email: yurifeitosa@hotmail.com

que culmina no ingresso ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica – PROFEPT do Instituto Federal de Educação do Ceará- IFCE. Nexos entre vida familiar, social, escolar e profissional serão pertinentes. Deixa-se claro que o ato de descrever memórias não é neutro. Evidenciam-se alguns acontecimentos, exclui-se outros. Um jogo do que pode ser revelado e do que deve ser omitido.

O vestibular

Durante minha vida escolar sempre tive predileção pela disciplina de História. Gostava dos conteúdos estudados e fui aluno de diversos e bons professores de história. Professor Daniel Francis, Evaldo Lima, Adriano Bezerra, dentre outros. Esses fatores motivaram-me a pensar na ideia de entrar no curso de História e indiretamente ser professor.

Ao chegar ao terceiro ano do ensino médio os alunos costumam se deparar com o desespero da escolha do curso, comigo não foi diferente. O último sistema de vestibular próprio da Universidade Federal do Ceará – UFC obrigava que o aluno escolhesse antecipadamente sua opção de curso, o que tornava a decisão ainda mais carregada de responsabilidade. Dividia meu interesse entre o curso de História e o de Jornalismo. Era um ávido leitor de revistas e jornais, com preferência pelos textos de opinião: colunas sobre política, cinema, esportes além das crônicas de Airton Monte no jornal *O povo*. Porém, a ideia de optar pelo curso de História despertou curiosidades e felicidades maiores, era minha disciplina favorita. Fiz o vestibular de 2005 e fui aprovado.

Minha família sempre me deu liberdade e apoio em relação a escolha do curso. O marido de minha tia, por parte de pai, João Alfredo Montenegro era um historiador cearense de certo renome e também professor da UFC. Talvez por isso meu pai não tenha demonstrado, inicialmente, descontentamento com essa minha escolha.

Formação acadêmica

No curso de história existe uma ação muito forte de crítica e desconstrução/reconstrução do conhecimento histórico tradicionalmente produzido/reproduzido. Cito alguns exemplos, na disciplina “História Medieval” buscava-se desconstruir a noção de Idade Média como “Idade

das Trevas”, distante da contemporaneidade e era apresentada uma outra interpretação, que considerava o período como “Bela época⁴⁴”, próxima ao cotidiano, exemplificado na expressão “somos todos da Idade Média”⁴⁵. Na disciplina “História do Brasil” debateu-se diferentes conceitos de populismo, um que considerava as pessoas pobres como manipuláveis, massas de manobra de governos autoritários e outro⁴⁶ que compreendia o povo como atento, não passivo, que valorizaria um governante, a partir de seus interesses, seus ganhos. Na disciplina “Métodos da pesquisa histórica” estudamos uma crítica de Rubem Alves à ideia de ciência como uma entidade acima de tudo. Para ALVES (2000, p.7) “O cientista virou um mito e todo mito é perigoso, porque ele induz o comportamento e inibe o pensamento”.

No âmbito, específico, teórico-metodológico do curso de história da UFC, há uma crítica profunda aos paradigmas da chamada escola metódica ou positivismo histórico que compreende a história como linear, neutra, única, passível de uma só verdade. Valoriza-se no curso de História uma corrente historiográfica que de forma generalista e superficial pode ser definida como Nova História. Para UCHÔA (2011, p. 20) essa concepção tem como uma de suas principais contribuições.

(...) adotar novas dimensões para o papel do historiador: ele não seria um coletor das informações pretensamente disponíveis na documentação – como anteriormente se pensava – aceitando passivamente os dados. Caberia ao seu ofício interpretá-las, questioná-las e confrontar diferentes fontes presentes ao trabalho de investigação.

A chamada Nova História é entendida pelos seus adeptos, a maioria dos professores da instituição, como crítica da escola

⁴⁴ Expressão atribuída à um período da Idade Média pelo historiador Jacques Le Goff.

⁴⁵ Expressão do historiador Hilário Franco Jr.

⁴⁶ Esse outro conceito de populismo foi defendido pelo historiador Jorge Ferreira.

metódica/positivismo e também, em menor grau, do materialismo histórico dialético, embora muito influenciado por essas correntes. Aquela dita “nova história”, porém, também foi alvo de críticas, dentre eles, a fragmentação teórica. Para JANOTTI.

O conceito de historicidade, defendido pela Nova História contra interpretações reducionistas e globalizantes, não está imune às influências historicistas do idealismo. Muitas críticas foram feitas à Nova História, sendo que a mais contundente refere-se à fragmentação do conhecimento: *se tudo é história, nada é história.*

Discorri sobre esses assuntos específicos de minha formação a fim de destacar que na universidade reforcei a compreensão de que o conhecimento é múltiplo e que todas as correntes tiveram suas contribuições e suas distorções. Essa ideia de conhecimento amplo e divergente se estendeu a mim como um paradigma pessoal para várias situações do cotidiano, moldando minha forma de analisar a política, a economia, a cultura e também as situações simples do cotidiano. Essa possível visão ampla, dificulta, mas não impede meu posicionamento teórico, minhas escolhas e opiniões.

Ao longo do curso, erradamente, não concorri a nenhuma seleção de programas de pesquisa, que normalmente ocorriam nos primeiros semestres, ou de atividades de monitoria. Constatei que o estudante que não se insere em uma dessas atividades acaba por ficar relegado a um papel secundário no âmbito da produção mais qualificada, vivendo uma espécie de “solidão acadêmica”. O aspecto de desconstrução do conhecimento, fornecido pelas cadeiras regulares do curso não eram acompanhadas, no mesmo ritmo, de atividades de produção.

Nos últimos semestres busquei otimizar cada disciplina com foco ao aspecto pesquisa. Na cadeira de História do Brasil IV escrevi um trabalho chamado “*Ernesto Geisel: Abertura e fechamento*” que discorria sobre uma contradição entre o histórico de ideias do presidente militar e a imagem criada de seu governo.

Particpei do Grupo de Estudos e Pesquisas em História e Memória

do Futebol Cearense, liderado pelo professor Dr. Frederico de Castro Neves. A partir das discussões realizadas pelo grupo de estudos e da minha pesquisa no acervo da Biblioteca Pública Menezes Pimentel pude escrever e apresentar o trabalho “*Futebol: festa ou manipulação política? As copas do mundo de 1970 e 1982 através de jornais e revistas*” no VII Seminário de pesquisas em História da UFC. Embora o curso de História tenha sido muito enriquecedor no campo teórico, faltou uma maior inserção minha no mundo da pesquisa e da produção escrita.

Vida profissional

Durante os semestres finais do curso de história estagiei no Centro de Referência do Professor – CRP, um equipamento da Prefeitura de Fortaleza que promovia cursos de informática educativa para professores e alunos da rede municipal. Nós, estagiários, fazíamos diversos serviços burocráticos e uma vez ao final do semestre dávamos aulas, da mesma temática, para alunos da rede. Não havia relação direta com os conteúdos da universidade, mas foi uma experiência inicial como docente.

Em 2009 concorri em dois concursos para professor. O primeiro para a Prefeitura de Fortaleza, o segundo para o Governo do Estado. Muitas pessoas da faculdade me aconselharam a não me inscrever nesses certames embora a maioria desses eu tenha encontrado no dia da prova. Fiz um curso preparatório para o concurso do Governo do Estado e estudava diversas vezes no CRP, após realizar todas as obrigações de trabalho. Lembro-me que fui advertido por uma superior. Era preferível para ela que eu ficasse parado, sem nada a fazer, em uma sala vazia do que estar estudando.

Fui aprovado nos dois concursos, porém tomei posse somente no cargo municipal. Acreditava que não daria conta de trabalhar três turnos, ainda mais, quando não havia tido, de fato, uma experiência maior na docência. Em outubro de 2010, três meses após minha colação de grau, comecei a lecionar para turmas de ensino fundamental do 6º ao 9º ano da escola municipal Ismael Pordeus. À tarde, para alunos do ensino regular, à noite para alunos da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Essa foi minha escola de como “ser professor”. Lá, conheci o professor Haroldo

de Oliveira que ocupava o cargo de vice-diretor. Ajudou-me com dicas de sala de aula, dando-me também respaldo para ações disciplinares. Segundo o poeta Mário de Andrade “Não devemos servir de exemplo a ninguém. Mas podemos servir de lição”. Observando-o como gestor e depois, principalmente, como professor, aprendi várias lições sobre educação, ensino, vida, amizade.

Em 2010 fui aluno do curso de especialização na Universidade Estadual do Ceará – UECE em Metodologias do Ensino de História. As aulas do professor Rui Martinho Rodrigues eram convites para o questionamento. Tive a ideia de fazer uma pesquisa sobre a temática da escravidão nos livros didáticos. A discussão teórica relacionaria três obras: “O escravismo colonial” de Jacob Gorender, “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre e “Segredos Internos” de Stuart B Schwartz. Interrompi a fase final do curso devido a problemas de saúde de meu pai, que precisou urgentemente do cuidado dos filhos. Ao longo de muitos anos ele passaria por diversas ocorrências de saúde.

No ano de 2013 resolvi fazer um concurso novamente para o governo do Estado e resolvi experimentar trabalhar três turnos. Tinha curiosidade de lecionar para o ensino médio. Fui aprovado e comecei a trabalhar em uma escola de ensino médio ao final de 2014. Hoje leciono na escola municipal Ismael Pordeus e na Escola estadual Visconde do Rio Branco. Nessa, ministro aulas do 1º ao 3º ano do ensino médio. No mesmo ano realizei um concurso para banco de gestores da prefeitura e do estado. Fui aprovado, porém acabei desistindo dessa ideia profissional. Havia rumores sobre as intensas dificuldades do cargo, principalmente por envolver pressões políticas.

Tive a experiência de ter sido convidado e participado do projeto diretor de turma nas duas escolas. Na escola Visconde do Rio Branco participei do projeto Núcleo de Trabalho, Pesquisas e Práticas Sociais – NTPPS. Embora reconheça as virtudes desses dois projetos, não concorria com algumas características deles e preferi voltar a ministrar aulas apenas na minha área de formação, que é o que me proporciona mais satisfação.

Ser professor significa ter de enfrentar diversos preconceitos. A profissão é desvalorizada por uma parcela da sociedade, mas esse fato não mudou o valor que dou a esse belo ofício. Criaram-se *status* diferenciados: professor de escola, professor de universidade. Por várias vezes sou perguntado se dou aulas em escolas ou universidades, e percebo a aparente decepção no rosto daqueles que me perguntam quando escutam minha resposta. Minha família sempre quis que eu fizesse um mestrado e isso me incomodava um pouco, pois acabava associando esse desejo deles a um reforço àquele preconceito. Por outro lado, ser professor é, também, ter o carinho e o reconhecimento de muitas pessoas. Os preconceitos, para mim, só fortaleceram meu respeito à profissão e também à escola pública.

Desejava retornar a um ambiente de pesquisa, de aprendizado, de criatividade e fugir um pouco da mecânica laboral excessiva. Tinha a devida noção da dificuldade de ingressar em um mestrado acadêmico devido à minha escassez curricular de produção científica, falta de contato com professores e distância temporal do ambiente acadêmico e por isso nunca tentei concorrer a qualquer programa de seleção de mestrado, o que considero um erro. Ao tomar conhecimento do processo de seleção do PROFEPT fiquei esperançoso. A bibliografia era interessante e despertou-me para leituras sobre questões mais estruturais da sociedade. Estudei e concorri nas três seleções. Infelizmente meu pai faleceu em novembro de 2018 e não pôde ter o conhecimento da minha aprovação, o que o faria bastante feliz.

Perspectivas

Nas primeiras aulas do PROFEPT - 2019 alguns professores frisaram o esforço necessário à realização do produto educacional, um dos requisitos de produção do mestrado e aconselharam os discentes a buscar, de preferência, realizar um produto educacional dentro do campo em que cada um tenha prazer e/ou curiosidade de trabalhar, pesquisar.

Lembrei-me de uma das disciplinas que mais gostei na universidade, a cadeira denominada “Lugares de memória e ensino de História” ministrada pelo professor Francisco Régis Lopes Ramos. Dentre as várias temáticas e problemáticas da disciplina havia a da educação museológica. Para isso, comecei a refletir sobre um produto que tenha como objetivo

facilitar o trabalho de professores das escolas médias nos museus de Fortaleza.

Pode-se pensar na criação de um site ou aplicativo que gere uma interface entre professores e os espaços museológicos da cidade. Dentre suas funções estaria o de visualização, caracterização, localização, classificação, tipificação dos museus, além de informações sobre propostas pedagógicas promovidas ou não por cada instituição. É pensável uma área destinada a comentários e avaliações de visitantes e professores.

Além do aspecto facilitador, o produto pensado deverá estar articulado a promover uma proposta educativa crítica e reflexiva da sociedade. Segundo RAMOS (2001, p.123).

Assim como o shopping center, o museu também expõe objetos. É por isso que um dos grandes desafios para a montagem de uma exposição museológica é não fazer vitrinas - romper com a estética de mostrabilidade que caracteriza o mundo das mercadorias. Não se trata somente de diferenças físicas. Ao romper com o design do consumo, o museu deve estar inserido em uma rede mais ampla de táticas educativas, como a sua relação com o saber produzido em sala de aula. Torna-se necessário criar movimentos de "alfabetização do olhar", seja na escola ou em outros grupos de Sociabilidade.

Embora existam ideias iniciais, nada impede de alterações e mudanças de percursos, não seria essa uma metáfora da vida? A trajetória que quero traçar de minha vida acadêmica é seguir, sem receios e medos, o método tentativa-erro⁴⁷.

⁴⁷ *Tentativa e erro* é um método de resolução de problemas em que várias tentativas são feitas para chegar a uma solução. É um método básico de aprendizagem que essencialmente todos os organismos usam para aprender novos comportamentos.

Referências

- ALVES, Rubem. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- ANDRADE. Mário de. "**A lição do amigo**: cartas de Mário de Andrade a Carlos Drummond de Andrade, anotadas pelo destinatário" - Página 201, de Mário de Andrade, Carlos Drummond de Andrade - Publicado por Livraria José Olympio Editora, 1982.
- CATROGA, Fernando. **Memória, História e historiografia**. Coimbra: Editora Quarteto, 2001.
- FERREIRA. Jorge. **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2001.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **As estruturas sociais**. In: A Idade Média: Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- LE GOFF, Jacques, 1924- **O apogeu da cidade medieval** / Jacques Le Goff; [tradução Antônio de Padua Danesi]. — São Paulo: Martins Fontes, 1992. — (O Homem e a História)
- RAMOS, F. R. L. **Museu, ensino de história e sociedade de consumo**. Trajetos (UFC), Fortaleza, v. 1, 2001.
- REIS. José Carlos. **O desafio historiográfico**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.
- UCHÔA. Marcos Uchoa da Silva. **Lendo os Objetos**: a reconstrução do conhecimento histórico no Museu do Ceará. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Estado, 2011. (Coleção Outras Histórias, 63)



Composto e Impresso no Brasil
Impressão Sob Demanda

212236-0844

www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

2020